

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

AÍ, LÁ, ALI E AQUI:
**GRAMATICALIZAÇÃO DE UM PARADIGMA EMERGENTE
NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA ESPECIFICAÇÃO NOMINAL**

FRANCISCO WILDSON CONFESSOR

NATAL

2013

AÍ, LÁ, ALI E AQUI:

**GRAMATICALIZAÇÃO DE UM PARADIGMA EMERGENTE
NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA ESPECIFICAÇÃO NOMINAL**

Por

FRANCISCO WILDSON CONFESSOR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alice Tavares.

NATAL

2013

Catálogo da publicação da fonte. Bibliotecária Verônica Pinheiro da Silva CRB-15/692.

Confessor, Francisco Wildson.

AÍ, LÁ, ALI e AQUÍ: gramaticalização de um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal / Francisco Wildson Confessor. – Natal, 2014.

197 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alice Tavares.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística.

1. Linguística – Tese. 2. Gramaticalização – Tese. 3. Funcionalismo – Tese. 4. Gramática emergente – Tese. I. Tavares, Maria Alice. II. Título.

CDU 81
C748a

FRANCISCO WILDSON CONFESSOR

AÍ, LÁ, ALI E AQUI:
GRAMATICALIZAÇÃO DE UM PARADIGMA EMERGENTE
NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA ESPECIFICAÇÃO NOMINAL

Tese de Doutorado, defendida por Francisco Wildson Confessor, aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na área de Linguística, aprovada pela banca examinadora em 25 de outubro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Alice Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Orientadora

Profa. Dra. Edair Maria Görski

Universidade Federal de Santa Catarina
Examinadora externa

Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Examinador externo

Prof. Dr. Marcos Antonio Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador interno

Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador interno

À minha família,
Esteio em todos os momentos,
Dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor de tudo e razão do meu existir.

À professora Doutora Maria Alice Tavares, pela orientação segura e paciente e pela amizade nesses mais de sete anos entre mestrado e doutorado. Obrigado pela sua confiança no meu potencial e por ter me “aturado” durante todos esses anos.

À banca examinadora, composta pela Professora Doutora Edair Maria Görski e pelos Professores Doutores Marcos Antonio Costa, Edvaldo Balduino Bispo e João Bosco Figueiredo Gomes, pela participação, comentários e sugestões durante a defesa desta tese

Ao Professor Doutor Marco Antonio Martins, por suas contribuições quando do exame de qualificação deste trabalho.

À minha mãe, dona Francisquinha, que sempre me apoiou em tudo.

Aos amigos/colegas de trabalho na EDUFRN, Helton Rubiano, Alva Medeiros e Paula Frassinetti, pelo apoio e incentivo.

À amiga e ex-colega de trabalho (mas ainda colega na revisão de textos), Risoleide Rosa, pelo incentivo constante.

Às amigas Fabíola Barreto, Noelma Rafael, Gilmara Freire, Nádia Costa e Jennifer Cooper , pelas conversas – acadêmicas e não acadêmicas – e pela amizade.

A todos aqueles que me apoiaram e torceram por mim.

Língua

Esta língua é como um elástico
que espicharam pelo mundo.

No início era tensa,
de tão clássica.
Com o tempo, foi-se amaciando,
foi-se tornando romântica,
incorporando os termos nativos
e amolecendo nas folhas de bananeira
as expressões mais sisudas.

Um elástico que já não se pode
mais trocar, de tão gasto;
nem se arrebenta mais, de tão forte.

Um elástico assim é como a vida
que nunca volta ao ponto de partida.

(Gilberto Mendonça Teles)

RESUMO

Sob a perspectiva teórica da Linguística Funcional, em sua vertente norte-americana (HOPPER, 1987, 1991, 1998, 2008, 2010; GIVÓN, 2001; LEHMANN, 2002; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, dentre outros), este trabalho tem como objetivo geral mostrar, com base em propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, que AQUI, AÍ, ALI e LÁ integram, no português brasileiro contemporâneo, um paradigma emergente – de constituição recente e ainda em andamento – de formas indicadoras de especificidade em sintagmas nominais indefinidos. Os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa foram coletados em grandes *corpora* orais brasileiros, a saber: o *Corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), o Banco Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA, 2010), o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA, 2005) e o Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – VARSUL (VANDRESEN, 2002). Inicialmente, descreveu-se o comportamento de AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade no que diz respeito a fatores de natureza morfossintática e semântico-pragmática. Os fatores considerados foram os seguintes: tipo de construção em que os marcadores apareceram; existência ou não de material interveniente entre o item marcador de especificidade e o nome nuclear do SN; tipo do substantivo ao qual AQUI, AÍ, ALI e LÁ se ligam; função sintática do SN especificado e *status* informacional do SN a que se adjungem AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade; ocorrência de implicaturas conversacionais (GRICE, 1982) nos contextos de uso desses marcadores de especificidade. Em seguida, esboçou-se uma possível trajetória de gramaticalização por que AQUI, AÍ, ALI e LÁ teriam passado de sua função fonte como dêiticos espaciais até a indicação de especificidade. Os resultados apontam para a existência de formas com diferentes graus de emergência nesse novo paradigma de especificação nominal, sendo AÍ, provavelmente, o item mais gramaticalizado, seguido por LÁ, e depois por ALI e AQUI, cuja permanência no paradigma ainda não aparenta estar consolidada.

Palavras-chave: AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade. Funcionalismo Linguístico. Gramática Emergente. Gramaticalização. Fatores morfossintáticos e semântico-pragmáticos.

ABSTRACT

In the light of the Functional Linguistic Theory, in its North-American version (HOPPER, 1987, 1991, 1998, 2008, 2010; GIVÓN, 2001; LEHMANN, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, among others), the general objective of this research is to demonstrate, based on morphosyntactic and semantic-pragmatic properties, that *AQUI* (HERE), *AÍ*, *ALI* and *LÁ* (THERE) are part of an emerging paradigm in Brazilian Portuguese – recently constituted and still developing – of forms indicating specificity in indefinite noun phrases (NP). The data that make up the *corpus* of this research were collected in the following large Brazilian oral *corpora*: the *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998), the *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2010), the *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB* (HORA, 2005) and the *Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – VARSUL* (VANDRESEN, 2002). Firstly, the behavior of the specificity markings *AQUI*, *AÍ*, *ALI* and *LÁ* is described with respect to many factors of morphosyntactic and semantic-pragmatic nature: type of construction in which the markers appeared; existence or not of intervening material between the specificity marker item and the NP's nuclear noun; type of noun to which *AQUI*, *AÍ*, *ALI* and *LÁ* are linked; syntactic function of the specified SN; informational status of the NP to which the specificity markers *AQUI*, *AÍ*, *ALI* and *LÁ* are attached; occurrence of conversational implicatures (GRICE, 1982) in the context of use of these specificity markers. Next, a possible grammaticalization trajectory is outlined, according to which *AQUI*, *AÍ*, *ALI* and *LÁ* would have gone from an early spatial deictic indication to the specificity indication. The results point to the existence of forms with varying degree of emergence in this new paradigm of nominal specification, with *AÍ* being, probably, the item most grammaticalized, followed by *LÁ*, then *ALI* and *AQUI*, whose permanence in the paradigm do not yet appear to be consolidated.

Keywords: Specificity markers *AQUI*, *AÍ*, *ALI* and *LÁ*. Linguistic Functionalism. Emergent Grammar. Grammaticalization. Morphosyntactic and semantic-pragmatic factors.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de AÍ, LÁ, ALI e AQUI por *corpus* , p. 113.

Tabela 2: Distribuição dos dados de acordo com o tipo de construção, p. 121.

Tabela 3: Existência de material interveniente entre o núcleo do SN e os marcadores de especificidade, p. 124.

Tabela 4: Tipo de material interveniente entre o núcleo do SN e os marcadores de especificidade, p. 127.

Tabela 5: N aos quais AÍ se adjungiu no *corpus* da pesquisa, p. 128.

Tabela 6: N aos quais LÁ se adjungiu no *corpus* da pesquisa, p. 130.

Tabela 7: N aos quais ALI se adjungiu no *corpus* da pesquisa, p. 131.

Tabela 8: N aos quais AQUI se adjungiu no *corpus* da pesquisa, p. 132.

Tabela 9: Distribuição de AÍ, LÁ, ALI e AQUI de acordo com os tipos de substantivos aos quais se adjungem, p. 132.

Tabela 10: Distribuição de AÍ, LÁ, ALI e AQUI por tipo de substantivo (humano x não humano), p. 136.

Tabela 11: Ocorrências dos marcadores por tipo de substantivo (concreto x abstrato), p. 140.

Tabela 12: Função sintática dos SN aos quais os marcadores se adjungem, p. 149.

Tabela 13: *Status* informacional dos SN aos quais os marcadores se adjungem, p. 151.

Tabela 14: Implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso dos marcadores de especificidade de SN indefinidos emergentes, p. 160.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparação entre Gramática Emergente e Gramática *A Priori*, baseada em Hopper (1998, p. 155-175), p. 74.

Quadro 2: Os parâmetros de gramaticalização, p. 88.

Quadro 3: Correlação dos parâmetros de gramaticalização, p. 98.

Quadro 4: Relação entre categorias, classes de palavras e sintagmas, p. 100.

Quadro 5: Estratificação dos informantes do *corpus* VALPB, p. 111.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da dupla trajetória de gramaticalização de *Aí*, p. 56.

Figura 2: Escala de fronteiras gramaticais, p. 96.

Figura 3: O processo de gramaticalização de *be going to*, p. 104.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 APRESENTANDO A ESPECIFICAÇÃO NOMINAL	24
1.1 O SINTAGMA NOMINAL	24
1.1.1 Tipos de sintagmas nominais.....	26
1.1.1.1 Definitude e especificidade	27
1.1.1.2 A proposta de especificidade de Enç (1991)	32
1.2 O DOMÍNIO FUNCIONAL DA ESPECIFICAÇÃO NOMINAL	35
1.2.1 Informatividade nos contextos de uso de <i>AÍ</i> , <i>LÁ</i> , <i>ALI</i> e <i>AQUI</i>	40
1.2.2 A atuação das implicaturas conversacionais no uso dos marcadores de especificidade de SN indefinidos.....	44
2 ESTADO DA ARTE	49
2.1 UNS TRABALHOS <i>AÍ</i>	49
2.1.1 Martelotta (1994).....	49
2.1.2 Tavares (1999, 2001, 2006).....	52
2.1.3 Braga (2003) e Braga e Paiva (2003).....	54
2.1.4 Confessor (2008a)	56
2.1.5 Paula (2009)	58
2.1.6 Muro (2001)	60
2.2 UNS TRABALHOS <i>LÁ</i>	61
2.2.1 Martelotta e Rêgo (1996, 1998)	61
2.2.2 Pereira (2009, 2011)	62
2.3 UNS TRABALHOS <i>AÍ</i> , <i>LÁ</i> , <i>ALI</i> E <i>AQUI</i>	65
2.3.1 Confessor (2008b)	65
2.3.2 Oliveira e Aguiar (2009)	66
3 REFERENCIAL TEÓRICO	70
3.1 A PROPOSTA DE HOPPER.....	71

3.1.1 A Gramática Emergente.....	71
3.1.1.1 Emergindo, Emergente e Estruturação	80
3.1.1.2 Estruturação na conversação.....	82
3.1.2 Os princípios de gramaticalização.....	84
3.1.2.1 Estratificação	84
3.1.2.2 Divergência.....	85
3.1.2.3 Especialização.....	85
3.1.2.4 Persistência	86
3.1.2.5 Decategorização	86
3.2 PARÂMETROS DE GRAMATICALIZAÇÃO (LEHMANN, 2002)	87
3.2.1 Parâmetros paradigmáticos	89
3.2.1.1 Integridade.....	89
3.2.1.2 Paradigmaticidade	91
3.2.1.3 Variabilidade paradigmática	92
3.2.2 Parâmetros sintagmáticos.....	94
3.2.2.1 Escopo estrutural	94
3.2.2.2 Ligação	95
3.2.2.3 Variabilidade sintagmática	97
3.2.3 Correlação entre os parâmetros.....	97
3.3 MECANISMOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	99
3.3.1 Transferência metafórica	99
3.3.2 Reinterpretação induzida pelo contexto/inferência sugerida.....	101
3.3.3 Reanálise.....	102
3.3.4 Analogia.....	103
3.4 ICONICIDADE SINTAGMÁTICA E PARADIGMÁTICA	104
4 PERCURSO METODOLÓGICO	108
4.1 DESCRIÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	108
4.2 FATORES CONSIDERADOS NA ANÁLISE	113

5	ANÁLISE DOS DADOS	115
5.1	ANÁLISE DOS FATORES MORFOSSINTÁTICOS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS	115
5.1.1	Tipo de construção encontrada	115
5.1.2	Existência de material interveniente	123
5.1.3	Natureza do substantivo ao qual AÍ, LÁ, ALI e AQUI se adjungem	127
5.1.3.1	<i>Types e tokens</i>	128
5.1.3.2	Nomes humanos x nomes não humanos	134
5.1.3.3	Substantivos concretos x substantivos abstratos	137
5.1.4	Função sintática do SN especificado por AÍ, LÁ, ALI e AQUI	141
5.1.5	Status informacional do SN ao qual AÍ, LÁ, ALI e AQUI se adjungem	151
5.1.6	Implicaturas conversacionais nos contextos de uso de AÍ, LÁ, ALI e AQUI	152
6	O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE AQUI, AÍ, ALI E LÁ	161
6.1	A EMERGÊNCIA DE NOVOS MARCADORES DE ESPECIFICIDADE	161
6.2	OS PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	165
6.2.1	Estratificação	166
6.2.2	Divergência	167
6.2.3	Especialização	168
6.2.4	Persistência	169
6.2.5	Decategorização	171
6.3	OS MECANISMOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	172
6.3.1	Transferência metafórica	172
6.3.2	Reinterpretação induzida pelo contexto/inferência sugerida	175
6.4	OS PARÂMETROS DE GRAMATICALIZAÇÃO	177
6.4.1	Parâmetros paradigmáticos	178
6.4.1.1	Integridade	178
6.4.1.2	Paradigmaticidade	179
6.4.1.3	Variabilidade paradigmática	180
6.4.2	Parâmetros sintagmáticos	180

6.4.2.1 Escopo estrutural	180
6.4.2.2 Ligação	181
6.4.2.3 Variabilidade sintagmática	182
6.5 ICONICIDADE PARADIGMÁTICA	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
UMAS CONSIDERAÇÕES <i>AÍ E LÁ</i>	186
UMAS PERSPECTIVAS DE PESQUISAS FUTURAS <i>ALI E AQUI</i>	189
REFERÊNCIAS	191

INTRODUÇÃO

A evolução linguística pode fazer com que novas formas surjam na codificação de uma determinada função linguística para a qual já existem outras formas de codificação mais antigas. Hopper (1991) refere-se a esse fenômeno como estratificação (*layering*) e afirma que ele é muito comum nas línguas em geral. Assim, não raro se encontram na língua determinadas palavras e/ou construções atuando de modo diferente, isto é, com uma função distinta daquela apresentada nas gramáticas e outros materiais que se propõem a descrever a variedade de prestígio da língua, a chamada norma culta. É o que ocorre com os advérbios locativos AQUI, AÍ, ALI e LÁ no português brasileiro. Observem-se as ocorrências a seguir:

- (01) aí num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... um bocado de música aí que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura ... tá por aí jogado em algum lugar ... eu ia tocar ... eu tentei tocar Garota de Ipanema um dia desse ... mas acontece que a música começa num acorde na mão direita e na mão esquerda ... e a mão esquerda você faz acorde pra o ritmo ... e a mão direita você faz o solo ... acontece que o solo era feito em acordes também ... aí eu me atrapalhava ... queria fazer **um acorde AQUI** ... e tinha que ser o mesmo na mão direita ... falta de coordenação né ... aí nesse ... aí eu tô treinando ... bastante pra poder ... pra poder tocar essa música num recital ... mas pra tocar teclado num tem muita manha não ... é só ... num é difí/ num é trabalhoso ... mas só porque é difícil mas num é trabalhoso ... é:: se você tiver muita paciência e ouvido como eu disse antes ... (informante masculino, D&G Natal).
- (02) aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou **uma frase AÍ muito interessante** e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (informante masculino, D&G Natal).
- (03)
- | | | |
|-----|----|--|
| 033 | F2 | então você compra a senha... |
| 034 | F1 | não... |
| 035 | F3 | eu estou apenas... |
| 036 | F2 | não... |
| 037 | | é... |
| 038 | | tem... |
| 039 | | aquele dinheiro ali já está ocupado... |
| 040 | F3 | com quê? |
| 041 | F1 | vou pagar um negócio ALI ... |
| 042 | F3 | que negócio? |
| 043 | F1 | um negócio ALI ... |
| 044 | F3 | esse povo tem uns negócios escondidos... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal). |

- (04) I: enrolou ... disse ... inventou **uma mentira LÁ** que ... parece que ... inventou **uma mentira LÁ** que ... o velho lá que morava vizinho lá tinha levado o gato pra passear num canto ali né ... aí ... aí por enquanto acreditaram né ... mas também foi durante o dia ... mas quando foi à noite né ... foi perguntar de novo pelo gato né ... ele num sabia mais o que dizer né ... aí tava na sala reunido depois da janta ... na sala de estar ... aí chegou ... o gato apareceu na janela ... todo sujo ... sujo de óleo e assim meio caído ... (informante masculino, D&G Natal).

É possível depreender dos dados citados que as formas linguísticas AQUI, AÍ, ALI e LÁ não apontam propriamente para um local onde ocorreram determinadas ações; antes, apontam para o substantivo núcleo do sintagma nominal que acompanham e do qual fazem parte. Em (01), ao enunciar **um acorde AQUI**, o falante parece ter em mente um acorde específico da canção “Garota de Ipanema” – em oposição a todos os outros acordes dessa canção –, que ele precisava executar, tanto com a esquerda quanto com a direita, e com o qual estava tendo dificuldades. Além disso, a partir do contexto apresentado na amostra, não é possível determinar com exatidão se, no momento da entrevista, o informante estava apontando para o(s) local(is) do instrumento musical (no caso do informante, as teclas de um teclado) envolvido(s) na execução desse acorde. Tal fato parece reforçar a leitura de AQUI como um marcador de especificidade.

Em (02), o informante está recontando ao entrevistador a história de um filme a que ele assistiu chamado “Cemitério maldito”. Em determinado momento da narrativa, ele enuncia o sintagma nominal **uma frase AÍ muito interessante** para se referir a uma frase que um personagem diz para o outro antes de falecer. Observe-se que tal frase aparenta ser importante na/para a história relatada, pois o personagem que a ouviu ficou “encucado” e “lembrando né... o tempo todo” dela. Entretanto, o falante, no momento da entrevista, não conseguia se lembrar de qual seria essa frase. Então, utiliza o AÍ para indicar ao seu interlocutor que se tratava de uma frase específica, que possivelmente detinha certa relevância no enredo relatado, em oposição às inúmeras outras frases faladas no filme. Além disso, a relevância da frase é destacada pela utilização do atributo “muito interessante”, o que mostra ao interlocutor que não se tratava de uma frase qualquer.

Em (03), a informante F1, em resposta a F3 e complementando a fala de F2, afirma que determinada quantia em dinheiro já está reservada para “pagar **um negócio ALI**”, isto é, um negócio específico, conhecido por F1 e, possivelmente, por

F2, mas não por F3, sobre o qual F1, aparentemente, julgou não ser relevante apresentar mais detalhes naquele momento, talvez por ser algo que F3 não pudesse saber. Acredito que o uso de ALI nesse sintagma reforce esse fato, e não que esteja apontando para o local do mundo real onde tal “negócio” seria pago. F3 parece ter feito leitura semelhante, pois pergunta apenas “que negócio?”, em vez de perguntar também “onde?”. Ao ouvir como resposta a repetição do SN acrescido de ALI, F3 parece se “contentar” com a resposta e reforçar a interpretação de que se tratava de algo específico que não lhe dizia respeito naquele momento, pois afirma o seguinte: “esse povo tem uns negócios escondidos”.

E, por último, em (04), o informante (o mesmo da amostra (01) narrando outra cena do mesmo filme citado), ao enunciar **uma mentira LÁ** duas vezes, parece que, além de estar apontando para uma mentira específica contada por um personagem do filme para os seus familiares acerca do paradeiro do gato de estimação da casa, está tentando ganhar tempo para lembrar qual foi a mentira contada. A estratégia aparentemente funciona, pois o informante se lembra da mentira – o vizinho teria pegado o gato. Aqui também o LÁ não parece apontar propriamente para o local onde o personagem inventou a mentira em questão, mas parece apontar para a própria mentira, identificando-a dentre um conjunto de mentiras possíveis de ser contadas naquela situação.

A partir das ocorrências apresentadas, é possível afirmar que, de modo geral, os falantes estão se reportando a referentes específicos, cujas identidades são conhecidas pelos próprios falantes, ou que estes detêm pelo menos uma informação a mais acerca desses itens do que o ouvinte e, por algum motivo, optam por enunciá-la apenas fazendo uso de um SN acompanhado de AÍ, LÁ, ALI ou AQUI. A minha proposta é a de que esses itens agem, em contextos semelhantes aos apresentados, como marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos, função que já é desempenhada, no português brasileiro, pelo pronome indefinido CERTO e também pelos adjetivos DETERMINADO, ESPECÍFICO e DADO, dentre outros. Assim, considero os primeiros marcadores mencionados como marcadores de especificidade emergentes, por serem mais recentes na língua do que os últimos. Além disso, é uma das hipóteses fulcrais desta pesquisa a de que ainda está em andamento, no português brasileiro, a constituição de um paradigma de formas marcadoras de especificidade originárias de advérbios dêiticos de lugar.

Reconheço, no entanto, que esses marcadores, tendo surgido de usos adverbiais, parece que conservam em cada instância de uso – em maior ou menor grau – um traço de espacialidade, o que faz com que algumas ocorrências sejam interpretadas como mais ambíguas do que outras.

Considerando o exposto, esta tese tem como propósito investigar, sob o aporte teórico do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana (HOPPER, 1987, 1991, 1998, 2011; GIVÓN, 2001; HOPPER; TRAUGOTT, 2003) – e de outros teóricos que tratam de questões ligadas ao processo de gramaticalização que se coadunam com a abordagem norte-americana, a exemplo de Lehmann (2002), dentre outros –, a atuação dos itens linguísticos AQUI, AÍ, ALI e LÁ como marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos, constituindo, assim, um novo paradigma para a especificação nominal¹.

Justifico a relevância deste estudo, ressaltando que ainda não existem estudos que tratem de AQUI, AÍ, ALI e LÁ enquanto formas integrantes de um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal – nossa proposta nesta pesquisa – o que o torna *sui generis*, em comparação com outros que abordam um ou outro dos marcadores de especificidade. Além disso, estudos como este, que procuram investigar aspectos linguísticos a partir do seu uso em situações reais de produção, podem ser considerados relevantes, uma vez que contribuem para o desenvolvimento teórico da área da linguística e servem como estímulo ao surgimento de outras pesquisas que abordem temas correlatos.

Para uma investigação mais apurada do tema, pretendo, pois, explorar as seguintes questões:

- a) Quais são as principais propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas de AQUI, AÍ, ALI e LÁ quando desempenham a função de marcadores de especificidade de SN indefinidos?
- b) Quais implicaturas conversacionais são perceptíveis nos contextos de uso dessas formas linguísticas? As implicaturas podem ser as mesmas para cada uma dessas formas?

¹ É oportuno lembrar que o surgimento desse novo paradigma não significa necessariamente a eliminação de suas camadas mais antigas, a exemplo de CERTO e DETERMINADO.

- c) Qual o *status* informacional mais recorrente nos SN acrescidos de AQUI, AÍ, ALI e LÁ?
- d) As propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas de AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade podem ser interpretadas como evidências de que essas formas vêm compondo um paradigma emergente no português brasileiro? Em caso afirmativo, qual é o grau de integração de cada uma dessas formas no referido paradigma?
- e) Com base no princípio da persistência (HOPPER, 1991), é possível tomar as propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas de AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade como indícios sincrônicos dos percursos de gramaticalização seguidos por essas formas. Indícios dessa natureza poderiam revelar em que medida um dos marcadores de especificidade está mais avançado em seu processo de gramaticalização do que os demais?

A partir desses questionamentos, apresento o objetivo geral desta pesquisa, qual seja: mostrar, com base em propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, que AQUI, AÍ, ALI e LÁ integram, no português brasileiro, um paradigma emergente – de constituição recente e ainda em andamento – de formas indicadoras de especificidade em sintagmas nominais indefinidos.

Além do objetivo geral, destaco também os objetivos específicos, a saber:

- Descrever e analisar o comportamento de AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade de SN indefinidos frente a fatores de natureza morfossintática e semântico-pragmática: função sintática desempenhada pela construção que contém o marcador; tipo de construção em que os marcadores aparecem; existência ou não de material interveniente entre o item marcador de especificidade e o nome nuclear do SN; tipo do substantivo ao qual AQUI, AÍ, ALI e LÁ se adjungem; *status* informacional do SN adjungido a AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade.

- Identificar as principais implicaturas conversacionais envolvidas nos usos de AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade de SN indefinidos.
- Esboçar, com base em indícios morfossintáticos e semântico-pragmáticos, sincrônicos uma possível trajetória de gramaticalização por que passa(ra)m esses itens linguísticos.

As hipóteses postuladas para este trabalho estão relacionadas aos objetivos listados, sem, contudo, apresentar correspondência total entre eles.

- Espero que os itens AQUI, ALI e LÁ predominem em SN indefinidos que codifiquem a função de objeto direto e apresentem *status* informacional *novo*, já que referentes novos no discurso são geralmente codificados por SN indefinidos que atuam como objeto direto, e que admitam um modificador entre si e o nome núcleo do sintagma, semelhante ao que acontece com AÍ marcador de especificidade, conforme constatei em pesquisas a respeito desse item (cf. CONFESSOR, 2006, 2007, 2008a). No entanto, admito que, como efeito de um possível gradual avanço de seu processo de gramaticalização, os marcadores possam aparecer em SN que codifiquem outras funções sintáticas e com outros *status* informacionais.
- Em estudo anterior (CONFESSOR, 2008a), listei algumas das implicaturas conversacionais mais comuns nos contextos de uso de *AÍ* marcador. Ressalto, porém, que nem todas essas implicaturas ocorrem ao mesmo tempo em todos os contextos de uso do marcador em questão. No trabalho em apreço, as implicaturas encontradas foram as seguintes: *o falante conhece alguma informação mais detalhada sobre o referente do SN ou até mesmo sua identidade; essa informação é apresentada como não sendo necessária para fins da conversação corrente; o referente do SN é pouco importante ou até mesmo insignificante para os propósitos da comunicação; há conhecimento mútuo acerca da identidade do referente em causa; há algo negativo a respeito do referente do SN*. Espero que os contextos de uso dos outros marcadores de especificidade emergentes possibilitem a ocorrência dessas implicaturas, além de outras não listadas.

- Indícios de natureza morfossintática e semântico-pragmática devem revelar que um percurso de gramaticalização semelhante pode ter sido seguido (ou ainda estar sendo seguido) pelos quatro marcadores de especificidade, partindo do uso dêitico locativo de cada um deles. É possível, também, que tais indícios permitam identificar qual dessas formas está mais avançada em seu processo de gramaticalização – e, por tabela, em seu processo de integração ao paradigma emergente dos marcadores de especificidade.

Esta tese se estrutura em cinco capítulos. No primeiro deles, denominado **Apresentando a especificação nominal**, descrevo o fenômeno que constitui o objeto de estudo da pesquisa: o papel de AÍ, LÁ, ALI e AQUI como marcadores de especificidade de SN indefinidos. Para tanto, faço uma breve explanação a respeito de alguns conceitos que são fundamentais no decorrer da pesquisa, a saber: as definições de sintagma, de sintagma nominal, de definitude e indefinitude, e de especificidade. Além disso, discorro sobre o domínio funcional da especificação nominal e sobre a atuação das implicaturas conversacionais nos contextos de uso AÍ, LÁ, ALI e AQUI.

No capítulo 2 – **Estado da arte** – comento, de maneira sucinta e retrospectiva, alguns dos estudos anteriores acerca de itens marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos e apresento suas contribuições para a análise desses itens linguísticos. Em primeiro lugar, destaco os estudos que abordam o processo de gramaticalização de AÍ; depois, alguns trabalhos acerca de LÁ; e, por último, comento alguns trabalhos que abordam a gramaticalização dos quatro marcadores de especificidade.

O capítulo 3 apresenta o **Referencial teórico** desta pesquisa, destacando os construtos teóricos de diferentes vertentes do funcionalismo norte-americano, que se complementam para um estudo mais refinado acerca do processo de gramaticalização de AQUI, AÍ, ALI e LÁ, quais sejam: a Gramática Emergente (HOPPER, 1987, 1998, 2011); os princípios de gramaticalização (HOPPER, 1991); os parâmetros de gramaticalização (LEHMANN, 2002); os mecanismos de gramaticalização (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER 1991 a/b; HOPPER,

TRAUGOTT, 2003); e a iconicidade sintagmática e a paradigmática (GIVÓN, 2001; KRUG, 2001).

O capítulo seguinte é o do **Percorso metodológico**, no qual apresento os passos metodológicos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa. Descrevo, primeiramente, os procedimentos de coleta de dados e apresento, sumariamente, o *corpus* pesquisado; em seguida, elenco os fatores considerados na análise dos dados.

A **Análise dos dados** constitui o quinto capítulo desta tese, em que descrevo e procuro interpretar os resultados que obtive na análise quantitativa dos dados coletados no *corpus* pesquisado. Para tanto, analiso o comportamento de *AÍ*, *LÁ*, *ALI* e *LÁ* marcadores de especificidade de SN indefinidos, considerando fatores de ordem morfossintática e semântico-pragmática.

Em seguida, no capítulo **O processo de gramaticalização de *AÍ*, *LÁ*, *ALI* E *AQUI***, trato da trajetória de gramaticalização desses itens marcadores de especificidade com base nos pressupostos delineados no referencial teórico, relacionando os resultados qualitativos e quantitativos obtidos com a questão da emergência de um novo paradigma de formas marcadoras de especificidade no português brasileiro contemporâneo. Nesse capítulo, relaciono ainda os resultados obtidos com as propostas descritas no capítulo 3.

Por fim, seguem as minhas **Considerações finais** acerca do fenômeno em tela, acompanhadas das referências consultadas durante a construção deste texto.

1 APRESENTANDO A ESPECIFICAÇÃO NOMINAL

Neste capítulo, é apresentada a especificação nominal, domínio funcional que AQUI, AÍ, ALI e LÁ integram quando desempenham o papel de marcadores de especificidade de SN indefinidos. Para tanto, é necessária uma breve explanação acerca de alguns conceitos que serão fundamentais no decorrer da pesquisa, quais sejam: as definições de sintagma, de sintagma nominal, de definitude e indefinitude, e de especificidade.

1.1 O SINTAGMA NOMINAL

Um sintagma pode ser definido como uma unidade sintática básica, menor do que uma oração, constituída, geralmente, mas não invariavelmente, de duas palavras (cf. TRASK, 2006, p. 269). Além disso, um sintagma não apresenta todos os elementos encontrados em uma oração, apesar de a junção de dois ou mais sintagmas produzir uma oração. Todo sintagma é constituído de um *núcleo*, que determina a sua natureza: em um *sintagma verbal* o núcleo é um verbo, em um *sintagma preposicional* a preposição é o núcleo, em um *sintagma nominal*, o núcleo é um substantivo, e assim por diante.

O sintagma nominal (SN) pode ser descrito como uma unidade sintática construída normalmente em torno de um substantivo comum ou próprio, que lhe servirá de núcleo. Os sintagmas nominais, a exemplo dos outros tipos de sintagma, podem conter em si mesmos um SN menor.

A estrutura básica de um SN, em português brasileiro, geralmente apresenta-se da seguinte maneira: **determinante + substantivo + modificador**. Todavia, essa não é a única estrutura possível, uma vez que os SN também podem ser constituídos por um substantivo somente ou apenas por pronomes pessoais, os quais formam, nesse caso, SN pronominais. Os determinantes são codificados por artigos, numerais, pronomes possessivos e demonstrativos; os modificadores são em geral adjetivos ou locuções adjetivas e advérbios.

Os determinantes também costumam ser classificados como *clíticos*, por serem palavras que atuam no nível sintagmático e se unem fonologicamente a uma outra palavra, conhecida como *hospedeiro*, a fim de poderem ser integrados ao discurso, no qual não poderiam ocorrer sozinhos (cf. PAYNE, 1997, p. 22). Ainda de acordo com Payne, uma característica dos clíticos é a de poderem ter como hospedeiro qualquer um dos constituintes do SN. O autor apresenta exemplifica sua afirmação, citando o artigo *the* do inglês (equivalente aos artigos definidos do português), que pode ser cliticizado a membros diversos do SN, conforme pode ser atestado em (01), a seguir.

- (01) *the dog* (o cachorro) – artigo cliticizado ao núcleo do SN;
the big dog (o cachorro grande) – artigo cliticizado ao modificador;
the two big dogs (os dois cachorros grandes) – artigo cliticizado a um determinante (no caso, um numeral).

É importante que seja feita uma distinção entre *modificador* e *especificador* (um subtipo dos determinantes), uma vez que esses elementos podem integrar o sintagma nominal, embora com funções diferentes. Um modificador é “um elemento linguístico que está ligado gramaticalmente a um segundo elemento e traz informações sobre ele” (TRASK, 2006, p. 195), ou seja, um modificador caracteriza a palavra à qual está ligado, sendo geralmente codificado por um adjetivo ou uma locução adjetiva, conforme é atestado em (02) a seguir:

- (02) *O menino travesso do vizinho* quebrou a janela da nossa casa.

Em (02), o SN *o menino travesso do vizinho* é composto pelo núcleo *menino* (já que o sintagma como um todo denota algum tipo de menino), o qual tem dois modificadores: *travesso* e *do vizinho*. Cada um desses modificadores fornece uma informação a mais sobre o menino em questão: entre todos os meninos, aquele de que trata a oração caracteriza-se por ser, ao mesmo tempo, *travesso* e *do vizinho*. Entretanto, a palavra *o* não é um modificador, e sim um determinante com função de

*especificador*²; não dá informações sobre o menino (uma vez que não faria sentido afirmar que o menino em questão é o quando comparado aos outros), mas aponta para o modo como o sintagma se encaixa no discurso: na frase, indica que o menino já foi mencionado antes e é conhecido pelo interlocutor.

A partir do exposto, seria possível concluir que os especificadores também são clíticos, porque não podem ocorrer sozinhos no discurso, como, por exemplo, em resposta a uma pergunta. No entanto, no caso de *ÁÍ*, *LÁ*, *ALI* e *AQUI* marcadores de especificidade, parece-me que, embora tais itens partilhem de algumas propriedades discursivas dos clíticos, como o fato de não poderem ocorrer sozinhos no discurso, sua posição não é tão fixa no interior do SN quanto a dos artigos: como será visto na seção 5.1.2, esses itens admitem, em alguns casos, a presença de um modificador entre si e o núcleo do sintagma. Além disso, do ponto de vista fonológico, os marcadores em destaque também não partilham do mesmo estatuto tônico dos clíticos (como os artigos e os pronomes oblíquos objetos), uma vez que estes são átonos e monossílabos, enquanto aqueles são todos tônicos, sendo três deles – *AQUI*, *ÁÍ* e *ALI* – dissílabos. Assim, proponho agrupá-los sob o rótulo de um outro tipo de **partícula** integrante do SN, dotada de propriedades híbridas de um clítico e de um modificador.

1.1.1 Tipos de sintagmas nominais

Os sintagmas nominais costumam ser classificados como *definidos*, *indefinidos* e *genéricos* (cf. GIVÓN, 1993). Consoante Givón (*op. cit.*, p. 232), um SN é definido quando o falante supõe que um referente é *mentalmente acessível* ou *identificável* pelo ouvinte. Se essa relação não existir, o SN é indefinido. Ademais, conforme Abbott (2004, p. 123), as construções linguísticas que prototipicamente codificam a definitude em inglês³ são constituídas pelo artigo definido *the* (correspondente aos artigos definidos em português) e o SN determinado por ele;

² Os itens reunidos sob o rótulo de *determinantes* podem especificar o referente do SN (caso dos artigos definidos), quantificar o referente do SN (caso dos numerais), estabelecer relações de referência dêitica ou anafórica (caso dos demonstrativos) etc.

³ O mesmo princípio também parece ser válido para o português.

quanto à indefinitude, esta é codificada pelo artigo indefinido *a/an* (*um(s)*, *uma(s)*) e o SN determinado por ele.

Os SN genéricos, por sua vez, referem-se, segundo Givón (*op. cit.*), a um tipo (*type*), uma espécie ou um gênero (*genus*) e não a um indivíduo particular ou a um grupo. Em inglês, SN genéricos geralmente aparecem em quatro formas gramaticais distintas quando ocupam a função de sujeito da oração: definido (03), plural (04), plural quantificado (05) e indefinido (06):

- (03) **The lion** is a dangerous feline.
O leão é um felino perigoso.
- (04) **Lions** are dangerous.
Leões são perigosos.
- (05) **All lions** are dangerous.
Todos os leões são perigosos.
Many lions are dangerous.
Muitos leões são perigosos.
Some lions are dangerous.
Alguns leões são perigosos.
- (06) **A lion** is a dangerous feline.
Um leão é um felino perigoso.

1.1.1.1 Definitude e especificidade

A questão da definitude dos SN é tratada por Abbott (2004) a partir de uma série de propriedades que procuram evidenciar a essência da definitude e, por conseguinte, da indefinitude. Dentre as propriedades apresentadas pela autora, são destacadas duas, que estão mais diretamente relacionadas ao nosso objeto de estudo, quais sejam: *familiaridade* e *especificidade*.

De acordo com Abbott, a abordagem da familiaridade teve destaque especial no trabalho de Heim (1982 *apud* ABBOTT, 2004), para quem a função principal dos SN indefinidos é introduzir novas entidades no discurso enquanto os SN definidos são empregados especialmente para se referir a entidades já mencionadas no discurso, como em (07), a seguir:

- (07) *A woman* sat with a *cat* on her lap. *She* stroked *the cat* and *it* purred.

Uma mulher sentou com um gato em seu colo. Ela afagou o gato e ele ronronou (ABBOTT, 2004, p. 123).

No prisma da autora, a distinção entre SN indefinidos e definidos relaciona-se com as condições de NOVIDADE e FAMILIARIDADE de Heim, respectivamente. SN indefinidos são usados para introduzir uma nova variável, ao passo que SN definidos são interpretados para se referir a uma variável já introduzida no discurso.

No tocante à especificidade, Abbott apresenta um panorama sintético de algumas abordagens acerca dessa propriedade dos SN. Dentre os estudos destacados pela autora, é-nos cara, para fins desta pesquisa, a visão de Haspelmath (1997), segundo a qual um SN indefinido é específico se o seu referente é conhecido pelo falante, isto é, se o falante tem um indivíduo particular em mente. Observe-se a oração a seguir:

- (08) Mary talked to a logician.
Mary falou com um lógico (ABBOTT, 2004, p. 123).

De acordo com o autor, a oração em tela pode apresentar uma leitura específica e uma não específica. A leitura específica ocorrerá se o ouvinte a interpretar inferindo que o falante sabe quem é o lógico em questão. A leitura não específica, por seu turno, será evidenciada se o ouvinte interpretar a oração inferindo que a identidade do lógico não é conhecida pelo falante. Isto é, um sintagma nominal indefinido pode ser ambíguo quanto à interpretação que o ouvinte lhe atribui, como se referindo a algo específico ou não. Em outras palavras, o ouvinte pode não ter certeza de que o falante está se referindo a algo específico ou a algo não específico quando utiliza um sintagma nominal indefinido.

Além disso, nesta análise, aponto que, ao ouvir (08), o interlocutor não é informado sobre se o falante conhece ou não a identidade do lógico, uma vez que o lógico é referido através de um sintagma indefinido; o que é informado, através desse sintagma, é que o falante crê que o ouvinte não conheça a identidade do lógico, ficando em aberto se o falante conhece essa identidade ou não. Ou seja, não são fornecidos ao ouvinte, em (08), indícios acerca de qual leitura é válida, a específica ou a não específica, pois essas leituras dependem do conhecimento do

falante, que não é partilhado com o ouvinte. Assim, o ouvinte pode perceber a existência de duas leituras possíveis para (08), a específica e a não específica, mas não ter informações suficientes para selecionar uma delas.

Todavia, se, na mesma oração, fosse empregado não apenas um sintagma indefinido, mas sim um sintagma indefinido acompanhado por um marcador de especificidade, como CERTAIN no caso do inglês e AQUI, AÍ, ALI e LÁ no caso do português, a meu ver, a interpretação específica seria favorecida, uma vez que a utilização de um desses marcadores indica que o falante pode conhecer a identidade daquilo a que está se referindo, ou pelo menos dispor de mais informações do que o ouvinte. Entretanto, ao ouvinte ainda restariam duas interpretações possíveis: (i) o falante está se referindo a um lógico específico cuja identidade é conhecida por ele (o falante); ou (ii) o falante está se referindo a qualquer lógico, pois não conhece sua identidade, apenas Mary disporia dessa informação.

A questão da definitude e da indefinitude dos SN é abordada de uma maneira um pouco diferente por Payne (1997, p. 261). O autor trabalha com o que denomina de condições pragmáticas⁴ que têm a ver com “as escolhas que os falantes fazem sobre como adaptar seus enunciados ao contexto, incluindo o ‘estado mental’ presumido do destinatário”. Assim, conforme Payne, quando nos comunicamos com outras pessoas, nós, como falantes, constantemente⁵:

“(1) avaliamos o presente estado mental de nossa audiência, por exemplo, o que eles já sabem, do que estão atualmente tratando, em que estão interessados etc. e (2) construímos nossa mensagem para ajudar a audiência a revisar seu estado mental na direção que gostaríamos que ele fosse. Por exemplo, podemos realçar itens aos quais queremos que alguém preste atenção, e aos quais percebemos que ele/ela ainda não está prestando atenção” (PAYNE, 1997, p. 261).

Destarte, nossa tentativa de moldar nosso discurso às idiosincrasias de nossa audiência é refletida na maneira como os SN são codificados no discurso.

⁴ *Pragmatic statuses* no original.

⁵ Todas as traduções são de minha responsabilidade.

Dentre as condições pragmáticas tratadas por Payne, duas são destacadas aqui por representarem um papel significativo nas gramáticas da maioria das línguas e se referem à definitude do SN, quais sejam: *identificabilidade* e *referencialidade*. De acordo com o autor, certos sintagmas nominais referem-se a entidades que o falante supõe que deveriam ser identificáveis pelo destinatário. Payne afirma que o artigo *the* é um dos meios de codificar a identificabilidade no inglês e apresenta a seguinte frase:

- (09) **The** Duke of Wimple trod on **the** princess' toe.
O duque de Wimple pisou no dedo do pé da princesa (PAYNE, 1997, p. 65).

Em (09), o uso de *the* anuncia ao interlocutor que existem um único duque de Wimple e uma princesa, vítima da pisada do duque, a quem o falante está se referindo. Se fosse uma situação real de comunicação, o falante presumiria que o destinatário sabe quem são o duque e a princesa em questão. Em outras palavras, o falante trata os participantes da oração como *identificáveis*, uma vez que ele assume que seu interlocutor tem essa informação disponível. Se em lugar de *the*, o falante usasse o artigo *a*, o efeito seria que não existe um referente único para cada um desses termos, ou seja, haveria mais de um duque de Wimple e muitas princesas que o destinatário poderia identificar, não importando quais (duque e princesa) específicos estavam envolvidos na ação. Na gramática inglesa tradicional, o termo *definido* tem sido usado para descrever o *status* a que o autor se refere como identificável.

No que concerne à referencialidade, o autor afirma que ela é similar, mas não idêntica à identificabilidade. Payne contrasta duas abordagens à noção de referencialidade. A primeira, ele denomina de *referencialidade objetiva*; a segunda é a *referencialidade discursiva*. Uma entidade é objetivamente referencial, conforme Payne, se existe como uma entidade individuada, claramente delimitada no mundo da mensagem. Nesse sentido, a referencialidade é às vezes tratada como *especificidade*. Nas orações a seguir, extraídas de Payne, os SN em itálico referem-se a participantes objetivamente referenciais.

- (10) *Those men are ridiculous.*
Aqueles homens são ridículos.
- (11) *Someday I'd like to buy your cabin by the seashore.*
Algum dia eu gostaria de comprar sua cabana no litoral (PAYNE, 1997, p. 67).

Para Payne, estão de fora dessa definição os SN genéricos⁶ e os não específicos (12). Um referente genérico pode ser identificável no sentido de que o falante supõe que o destinatário possa identificar o tipo do ser, embora não exista nenhum indivíduo específico sendo referido.

- (12) *Someday I'd like to buy a cabin by the seashore.*
Algum dia eu gostaria de comprar uma cabana no litoral (PAYNE, 1997, p. 68).

Segundo Payne, as entidades não identificáveis não precisam ser necessariamente não referenciais (ou não específicas), como em (13), a seguir:

- (13) *Arlyne would like to marry a Norwegian.*
Arlyne gostaria de se casar com um norueguês (PAYNE, 1997, p. 67).

Em (13) há uma ambiguidade. Essa oração pode significar que Arlyne tenha o desejo (peculiar) de se casar com qualquer homem que porventura seja norueguês; ou pode significar que ela tem um norueguês específico em mente, porém o falante acredita que o ouvinte não possa identificá-lo e, então, o apresenta em um SN indefinido. Na primeira leitura, ele é não referencial (ou não específico), ao passo que, na segunda, é objetivamente referencial ou específico.

O caso ilustrado em (13) é similar ao caso ilustrado em (8). Assim, se o sintagma nominal *um norueguês* contivesse um marcador de especificidade como CERTAIN no caso do inglês e AQUI, AÍ, ALI e LÁ no caso do português, a leitura específica (objetivamente referencial) seria favorecida, embora não anulasse de todo a leitura não específica.

A referencialidade discursiva tem a ver, segundo Payne, com a importância contínua em uma porção de texto. Em geral, este é um conceito mais restritivo do

⁶ Vide exemplos apresentados por Givón na seção 1.1.1.

que a referencialidade objetiva, já que é comum que entidades objetivamente referenciais não sejam referenciais discursivamente (por não terem sido mencionadas previamente). Por outro lado, é difícil conceber entidades discursivamente referenciais que não sejam também objetivamente referenciais. Payne afirma que qualquer elemento em uma história pode ser objetivamente referencial e apresenta a seguinte frase:

- (14) She came in through *the bathroom window*.
Ela entrou pela janela do banheiro (PAYNE, 1997, p. 69).

Em (14), *a janela do banheiro* é tratada como existindo objetivamente na cena estabelecida no discurso. Porém, só seria considerada discursivamente referencial se já tivesse sido anteriormente mencionada no discurso; nesse caso, essa entidade passaria a ter, nos termos de Du Bois (1980 *apud* PAYNE, 1997), presença continuadora no estágio discursivo.

1.1.1.2 A proposta de especificidade de Enç (1991)

A partir da teoria da definitude dos SN proposta por Heim (1982), Enç (1991) apresenta sua proposta acerca da especificidade. De acordo com tal teoria, os SN indefinidos devem ser *novos*, no sentido de que devem introduzir referentes discursivos que não estavam previamente no discurso. Os SN definidos, por seu turno, devem ser *familiares*, no sentido de que os referentes discursivos mapeados por eles devem ter sido introduzidos previamente no discurso – nas palavras da autora: “indefinidos não podem ter antecedentes no discurso, enquanto os definidos devem” (ENÇ, 1991, p. 7).

Enç declara também que as propriedades da definitude e da especificidade são fenômenos relacionados, já que tanto definidos quanto específicos requerem referentes discursivos previamente estabelecidos (com uma exceção no caso dos específicos, a qual diz respeito aos marcadores de especificidades – cf. a seguir); por sua vez, tanto indefinidos quanto não específicos exigem referentes discursivos não previamente estabelecidos. Definitude e especificidade diferenciam-se pelo tipo

de relação que apresentam: *relação de identidade*, para aquela; *relação de inclusão*, para esta. Observe-se:

- (15) *Five children* arrived late. *They* had missed their bus.
Cinco crianças chegaram tarde. Elas tinham perdido o ônibus (ENÇ, 1991, p. xx).

De acordo com Enç, o pronome *they* é definido porque mantém uma *relação de identidade* com seu antecedente *five children*. O pronome *they* também é específico por retomar o grupo *five children*, mantendo uma *relação de inclusão* com esse grupo. A autora propõe, então, que não há SN definidos que também não sejam específicos. Quanto aos SN indefinidos, Enç afirma que estes podem ser específicos ou não específicos: serão específicos se receberem interpretação partitiva, isto é, se estiverem relacionados a referentes previamente estabelecidos no discurso. A autora baseia sua descrição em dados do turco, língua em que a ambiguidade entre SN indefinidos específicos e não específicos no papel de objeto resolve-se através da marcação de caso.

- (16) Odam-a birkaç çocuk girdi
my-room-Dat several child entered
'Several children entered my room.'
Diversas crianças entraram no meu quarto (ENÇ, 1991, p. xx).

Em (16), a oração pode ser seguida, de acordo com a autora, por (17) ou (18). Essas duas orações diferem em que o objeto indefinido apresenta marcação de caso acusativo em (17) e em (18) não.

- (17) İki kız-i taniyordum
two girl-Acc I-knew
'I knew two girls.'
Eu conhecia duas garotas.
- (18) İki kız taniyordum
two girl I-knew
'I knew two girls.'
Eu conhecia duas garotas (ENÇ, 1991, p. xx).

A diferença na marcação de caso relaciona-se à diferença na interpretação dessas orações: (17) é sobre duas garotas que estavam incluídas no conjunto de crianças mencionadas em (16) que entraram no quarto, recebendo, portanto, interpretação partitiva e constituindo um SN indefinido específico; já (18) refere-se a duas garotas que não estavam incluídas no conjunto de crianças previamente mencionado, sendo, assim, um SN indefinido não específico.

Enç (1991, p. 2) destaca que adjetivos como *certain*, *specific* e *particular* constituem uma exceção à sua proposta, por sempre levarem a uma interpretação do referente do SN como sendo específico, mesmo sem exigir interpretação partitiva. Portanto, os itens linguísticos sob enfoque são considerados, pela autora, como marcadores de especificidade. A oração em (19), a seguir, pode ter leitura partitiva, se enunciado em um contexto em que os atletas a serem treinados fazem parte de um conjunto estabelecido previamente (isto é, anteriormente mencionado), enquanto (20) não apresenta leitura partitiva, por ser a primeira menção ao político. Em ambos os casos, os SN indefinidos *a certain athlete* e *a certain politician* são interpretados como tendo referente específico.

- (19) Every trainer will train a certain athlete.
Cada treinador treinará um certo atleta.
- (20) Each reporter was assigned to a certain politician by the editor of the paper.
Cada repórter foi designado a um certo político pelo editor do jornal.

Mesmo em (20), apesar de não haver referentes previamente estabelecidos no discurso, a interpretação é de que o referente do sintagma nominal indefinido é específico, interpretação essa motivada pelo uso de *certain*, que indica que o falante conhece a identidade de cada político envolvido (ou conhece informações mais detalhadas sobre esses políticos do que as que revelou), mas que, por alguma razão, optou por não esclarecê-la, fazendo uso de um sintagma indefinido.

1.2 O DOMÍNIO FUNCIONAL DA ESPECIFICAÇÃO NOMINAL⁷

Nesta seção, trato de AQUI, AÍ, ALI e LÁ como itens marcadores de especificidade nos SN indefinidos. Neste estudo, optei por denominar AQUI, AÍ, ALI e LÁ não como *especificadores* e sim como *marcadores de especificidade*, por acreditar que, embora partilhem com determinantes especificadores como *o* e *a* (artigos definidos) a função de apontar o modo como os sintagmas aos quais pertencem se encaixam no discurso, eles não desempenham exatamente a mesma função que esses especificadores; isto é, AQUI, AÍ, ALI e LÁ não indicam que o referente do sintagma já foi mencionado antes e é conhecido pelo interlocutor, e sim indicam, ao ouvinte, que o referente do sintagma, que não foi mencionado antes, não é conhecido pelo ouvinte, apenas pelo falante. Eles marcam, portanto, a especificidade do SN indefinido da perspectiva do falante e informam, ao ouvinte, esse caráter específico que o SN tem para o falante. O domínio funcional da especificação nominal é constituído, dentre outras formas, pelas que a gramática tradicional classifica como pronomes indefinidos, caso de CERTO, ou adjetivos – DADO, DETERMINADO, ESPECÍFICO etc. Nessa função, os itens sob enfoque passam a integrar o SN, acrescentando-lhe um traço [+específico], o que indica que seu referente é específico do ponto de vista do falante, isto é, o falante conhece a identidade do referente em questão ou conhece ao menos alguma informação sobre o referente do SN a respeito da qual, por alguma razão, não quer ou não pode revelar maiores detalhes. Note-se que esses itens marcadores de especificidade têm função semelhante à dos adjetivos *certain* e *specific* no inglês: marcam a especificidade do SN indefinido, sem que seja necessária uma relação de partitividade com referentes discursivos anteriores, como atestam as ocorrências a seguir:

- (21) Em uma CERTA ocasião, quando estavam com fome, a cachorra trouxe uma caça e a sinhá ficou feliz, fazendo uma festa ao beijar a boca da cachorra (*Corpus D&G* Natal – texto escrito).

⁷ Utilizo a expressão domínio funcional no sentido proposto por Givón (1984), isto é, para denominar as áreas funcionais que compõem a gramática, que podem corresponder a áreas funcionais gerais (ou macrodomínios), como TAM (tempo/aspecto/modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas (microdomínios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, a especificação nominal etc.

- (22) A religião católica é boa, no entanto, não admite questionamento, ou seja, não consegue explicar DETERMINADAS coisas, como: se Deus é tão bom, por quê nas ruas encontramos pessoas deficientes sofrendo? se Deus prega a igualdade, por quê essa discriminação de classes? (*Corpus D&G Natal* – texto escrito).

Através do processo de gramaticalização,⁸ outros elementos passaram a integrar esse domínio. De acordo com a proposta aqui advogada, o primeiro deles foi o advérbio locativo *Aí*⁹, que, seguindo a trajetória ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO, passa a atuar também como marcador de especificidade de SN indefinidos, sem deixar de codificar sua função fonte (cf. CONFESSOR, 2008a). O processo de gramaticalização de *Aí* pode, assim, ser representado esquematicamente da forma que segue:

ESPAÇO > ESPAÇO/MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE > ESPECIFICIDADE

Nesse esquema, ilustrado pelas amostras (23), (24) e (25), vemos como deve ter ocorrido a trajetória de gramaticalização de *Aí*: inicialmente esse item exercia apenas sua função fonte de dêitico locativo (ESPAÇO em (23)); posteriormente, passou a desempenhar uma função híbrida, ambígua, um pouco dêitico, um pouco marcador de especificidade (ESPAÇO/MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE em (24)); e por último, passou a atuar inequivocamente como marcador de especificidade de SN indefinidos (MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE em (25)).

- (23) E: você tem feito *cooper*? ultimamente?
 I: Marcos eu ... durante a semana tenho corrido *aí* na praia ... eu corro dois dias e três dias eu faço exercícios parado ... localizados mesmo ... porque nós temos ***muitas barras Aí*** ... nós temos paralelas é ... o ... alguns garotos levam é ... material de halteres ... e então a gente faz é ... um trabalho localizado e na ... eu no meu caso ... quando quero ... eu corro ... eu sinto necessidade de correr também ... na ... na ... *aí* na orla marítima (informante masculino, D&G Natal).
- (24) é ... tava com ele ... *aí* Jor/ *aí* seu Carrilho disse ... “não ... ainda não fui atendido ... eu gostaria é:: de quando o senhor tivesse um tempo é:: o senhor me desse uma

⁸ Processo de mudança linguística lenta e gradual que diz respeito à gênese e ao desenvolvimento de formas gramaticais (HEINE; KUTEVA, 2007 – cf. informações mais detalhadas acerca desse processo no capítulo 3).

⁹ Os argumentos a favor da hipótese de ter sido o *Aí* o primeiro dos itens em apreço a emergir na função de marcador de especificidade são apresentados no capítulo 6.

- certa atenção que eu tô precisando é:: ver **um material AÍ** ... (informante masculino, D&G Natal).
- (25) aí quando é agora né ... a professora me deu **uma partitura de uma música AÍ** ... é:: eu demorei o que ... uns ... umas cinco ... cinco aula ... ou seja ... um mês ... e uma aula ... são quatro ... são quatro aulas por mês ... uma na semana ... aí deixa eu ver ... eu demorei cinco aulas ... pra poder aprender a partitura todinha (informante masculino, D&G Natal).

Em (23), ao enunciar **muitas barras AÍ**, o falante aponta, pelo uso do locativo, para o local do mundo real onde ele costuma fazer exercícios físicos – uma praia da cidade de Natal. Nessa amostra, AÍ não faz parte do SN, apenas é posicionado após ele. Já em (24), a leitura espacial proporcionada por AÍ é mais abstrata e tem-se uma ambiguidade: ao falar **um material AÍ**, o informante pode estar apontando para o próprio local onde pretendia realizar determinada compra, mas também pode estar se referindo ao próprio **material** que pretendia comprar, especificando-o. Essa segunda interpretação parece ser reforçada, a meu ver, pois se trata de uma narrativa recontada – o informante está contando ao entrevistador um episódio que aconteceu com outra pessoa (a qual possivelmente contou a ele) e, por isso, pode não dispor de informações detalhadas acerca do tipo de material que o sr. Carrilho pretendia comprar nessa loja. Dessa forma, AÍ pode ter sido empregado a fim de suprir essa lacuna informacional. Em (25), por sua vez, ao enunciar **uma partitura de uma musica AÍ**, o falante não parece estar apontando para uma partitura de uma música que se encontra nas proximidades; antes, muito provavelmente, está se referindo a uma partitura específica – tanto é que ele, na sequência de sua fala, relata que passou cinco aulas para poder aprender a tocar toda a partitura.

Uma outra característica de AÍ marcador de especificidade é a de que o traço de especificidade acrescentado por ele a um SN indefinido desfavorece a possibilidade de se atribuir uma interpretação genérica a tal SN, evitando, ou pelo menos minimizando, possíveis ambiguidades. Retomemos a frase (13), agora apresentada como (26):

- (26) Arlyne gostaria de se casar com um norueguês.

Como já foi discutido, essa oração é ambígua: pode ter leitura genérica, isto é, Arlyne pretende casar-se com qualquer homem que seja norueguês; pode também ter leitura específica, isto é, Arlyne pretende casar-se com um norueguês cuja identidade é conhecida por ela, e, provavelmente, pelo enunciador da oração. No entanto, essa segunda leitura parece ser a menos provável de ocorrer. Se, contudo, acrescentarmos *AÍ* (ou outro marcador de especificidade) ao SN, o problema da ambiguidade, se não resolvido, é, ao menos, atenuado:

(27) Arlyne gostaria de se casar com um norueguês *AÍ*.

(27) permite, ao ouvinte, preferencialmente, a leitura específica: embora o falante não tenha definido a identidade do norueguês em questão, procurou indicar ao ouvinte, através do uso de *AÍ*, que se trata de alguém específico, cuja identidade é conhecida por ele (o falante), embora ele tenha optado por não a revelar. É importante salientar que apenas o contexto posterior a essa hipotética ocorrência de *AÍ* marcador de especificidade é que mostraria, de fato, se o ouvinte corroborou ou não a leitura específica pretendida pelo falante.

A seguir, em um estágio posterior do processo de gramaticalização de *AÍ*, entram em ação o mecanismo da analogia¹⁰ e o princípio da iconicidade paradigmática¹¹, que promovem a expansão da regra para outros advérbios locativos como *AQUI*, *ALI* e *LÁ* que passam – em contextos de uso semelhantes aos de *AÍ* marcador de especificidade – a fazer parte do domínio funcional da especificação nominal, ao lado de *AÍ*, *CERTO*, *DETERMINADO* e *ESPECÍFICO*, perdendo sua mobilidade como dêiticos e deixando de atuar como advérbios locativos, tendo, a partir de então, uma posição fixa no interior do SN.

As amostras a seguir procuram corroborar tal hipótese, já que neles tanto o item *LÁ* (28) quanto o item *ALI* (29) parecem se comportar como marcadores de especificidade de SN, e não como dêiticos locativos, apontando não para o local

¹⁰ Trata-se de um dos mecanismos de gramaticalização propostos por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a/b) que consiste na expansão da mudança advinda pelo processo de gramaticalização pelo sistema linguístico (cf. mais detalhes na seção 3.3.4 do capítulo teórico).

¹¹ A iconicidade paradigmática diz respeito a um tipo de iconicidade (KRUG, 2001) que atua sobre itens gramaticalizados, promovendo uma paradigmáticação nas formas ou no uso delas (cf. seção 3.4 do capítulo teórico para uma breve explicação acerca do princípio da iconicidade paradigmática).

onde se encontram os referentes dos SN, mas para um *cassetete* e uma *amiga* específicos para o falante que opta por não revelar mais detalhes sobre eles.

- (28) aí falou lá pra ele que ele era ... ir lá em cima na parte desenterrar lá um negócio que tava enterrado lá ... uma pedra lá ... uma pedra sagrada de cima ... aí ... ele foi armado e tudo né ... foi armado com ... com revólver ... com espingarda ... e um cassetete LÁ ... que ele num tinha muita arma ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (29) eu acho por exemplo ... aí eu num sabia nem o que dizer ... eu tinha que dizer “eu fiquei com fulano ... a na festa” ... mas não ... mãe não gosta disso ... aí eu ... tem gente como ... tá certo que tem ... tem muitas pessoa como ... uma amiga minha ALI que ela disse que não gosta de ficar ... ela disse que nunca vai ficar ... mas ... eu ... eu di/ eu também dizia isso ... que eu nunca ia ficar ... aí sempre quando eu vou numa festinha ... tem vez que eu fico ... mas é muito difícil ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

Com relação ao item AQUI, este parece, nos poucos dados que obtive, ainda muito ligado à dêixis espacial, talvez por seu uso-fonte adverbial relacionar-se diretamente ao falante, indicando a posição de algo que se encontra próximo a ele, e não ao ouvinte, como os outros advérbios locativos. No entanto, o dado a seguir parece indicar que AQUI também está adentrando nesse paradigma emergente.

- (30) "Eu me lembrei que eu tenho um negócio AQUI pra resolver" (F., masculino – conversa espontânea).

À primeira vista pode parecer óbvio que esse dado é inequivocamente espacial, porém, quando perguntei ao enunciador dessa frase se o AQUI se referia ao lugar aonde ele iria resolver o que quer que fosse ou se era algo específico que ele não podia ou não queria mencionar, ele concordou que se tratava da segunda opção, pois o tal *negócio* não era no local onde ele se encontrava nem na cidade onde ele morava. Destarte, o fato de uma ocorrência como essa suscitar algum tipo de ambiguidade já é um indício para a possibilidade de que essa forma linguística esteja em processo de gramaticalização como marcador de especificidade.

Na seção a seguir, discorro acerca do *status* informacional dos SN indefinidos aos quais AÍ, LÁ, ALI e AQUI se integram.

1.2.2 Informatividade nos contextos de uso de AÍ, LÁ, ALI e AQUI

Esse fator diz respeito à maneira como os referentes nominais são apresentados no discurso. De acordo com Prince (1981), uma característica universal da linguagem é que a informação não é transmitida em um único plano. Dessa forma, pode-se falar na existência de uma *assimetria informacional* em que algumas unidades parecem transmitir informações mais “velhas” do que outras. Esse *status* informacional das entidades discursivas seria reflexo das hipóteses do falante acerca das pressuposições, crenças e estratégias do ouvinte. Segundo Chafe (1976, p. 30), “a informação dada (ou velha) é aquele conhecimento que o falante assume estar na consciência do destinatário no momento do enunciado”. Já a informação nova “é aquela que o falante assume que está introduzindo à consciência do destinatário pelo que ele diz”.

Para a análise desse fator, valho-me, principalmente, da nomenclatura utilizada por Prince (1981, 1992), que classifica as entidades discursivas (que são codificadas por sintagmas nominais) a partir da noção de *familiaridade presumida*¹², isto é, o que o falante supõe ser “familiar”, conhecido ou que possa ser inferido pelo ouvinte numa interação. A autora classifica essas entidades em três grupos: *novos*, *velhos (ou evocados)* e *inferíveis*.

Conforme Prince (1992, p. 5), a informação pode ser nova ou velha “com respeito às (crenças do falante sobre as) crenças do ouvinte”. Dessa forma, um SN é *novo* quando aparece pela primeira vez no discurso. Os dados a seguir ilustram SN classificados como *novos* nesta análise.

- (31) E* Como você gostaria que Rosildo fosse?
 I* Como eu gostaria?
 E* Sim.
 I* Eu gostaria que ele fosse. *É assim: fosse no dia que ele quisesse sair pra algum canto+ tem certos cantos que ele vai, me leva; tem certos que ele não vai; *Conversar com essas menina0, pelo meu gosto ele já não conversava. *Deixa ver, tem outro. *Tem muita amizade assim (tosse) com **umas pessoas AÍ** que ele + tem hora assim que eu penso que ele gosta maih daquele0 povo do que

¹² Prince (1981, p. 232) utiliza o termo *familiaridade presumida* como sinônimo de *conhecimento partilhado*. No entanto, descarta esse último devido à grande confusão que tem gerado. Segundo ela, falar em conhecimento partilhado é tomar a posição de um “observador onisciente”, o que não ocorre quando “humanos comuns, não clarividentes, interagem verbalmente”.

- pessoalmente eu; *É como eu gostaria que ele fosse, assim do jeito que eu quisesse; mas não pode, né? (informante feminino, VALB).
- (32) Biff tá bem velhinho ... já ... é bisavô de:: do ... do filho de Martin né ... quer dizer é bisavô do ... do ... ai ... meu Deus ... que que eu posso fazer ... tem um vilãozinho lá ... que é guri lá que é bisneto de Biff e esse filho ... esse filho que ele vai lá ... é:: como é que se chama:: é bisavô de ... de ... bisneto de ... de ... do pai dele ... né ... do Martin ... então quando Biff vê isso ai ... no futuro ele chega lá e vê cenas assim próximas a ele que Martin vai ... Martin e o doutor Brown ficam assim na frente dele com a máquina ... então ele lembra daquilo ... aí então eles dão **uma bobeira LÁ** e saem da máquina ... não é ... da máquina do tempo ... aí Biff pega essa máquina ... sim ... tem um negócio de um almanaque ... aí tem um almanaque é:: esportivo que dá resultados do ano de mil oitocentos e cinquenta e cinco até o ano dois mil ... eles vão para o dois mil e quinze ... então até o ano dois mil ... aí no ano dois mil dão um almanaque com o resumo de todos os fatos históricos ... assim ... esportivos ... né ... Biff pega esse almanaque ... pega a máquina do tempo e volta para o passado ... (informante masculino, D&G Natal).
- (33) E Como é que era, tinha alguma regra assim, jogo de pião?
 F Não, .
 E Era só
 F É, só enrolar e atirar, né? Fazia **uma roda ALI**, né? Fazia um risco assim e tinha que acertar dentro [do] <si> do risco, né? Fora não valia e, né? E às vezes [um] um atirava, deixava um rodeando, né? Depois [os outros tudo atiravam] em cima daquele, né? Pra ver se rachava, se quebrava, se acertava, né? ?
 E Tentando acertar o pião que estava rodando ali.
 F É. [Às vezes um] às vezes um descobria outra maneira de fazer ele, como é? ("pirueta, aquilo") e pegava, se estava rodeando assim, pega [no] [a] na própria cordinha, aquela que eles chamavam assim de fieira, né? E levantava e ele ficava ali, conseguia equilibrar ele em cima, né? (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).
- (34) E* Você conhece alguém que fala diferente de você?
 I* Tenho, tenho sim. Pur exemplo: **tem uma uma conhicida minha AQUI**, pur sinal ela tava aqui, ela num sabe falar direito. Ela num sabe chamar você, num sabe chamar Jorge direito, falta uma letra pra ela dizer a palavra certa. Então eu cunheço (informante feminino, VALPB).

Velhos são os referentes que já ocorreram textualmente no discurso ou que representam aspectos salientes do contexto extralinguístico, incluindo os próprios participantes do discurso.

- (35) aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou **uma frase AÍ muito interessante** e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (informante masculino, D&G Natal).
- (36) antes disso acontecer ... de descobrir onde ela tá né ... ela conseguiu algumas noites ... porque ela não aguentava ficar ali né ... porque aí ela não podia beber né ... ela era acostumada ... assim ... a beber né ... bebia muito uísque esse tipo de coisa ... aí teve um dia que ela saiu à noite ... conseguiu sair e levar a noiva né ...

uma noviça do quarto ao lado novinha ... aquela que eu disse que não sabia porque tinha parado no convento né ... não tinha certeza da vocação ... aí ... não ... ela primeiro saiu ... entrou numa boate né ... à noite **um lugar LÁ** ... agora onde ela entrou só tinha homens ... sabe ... foi o primeiro lugar que ela encontrou ... aí quando chegou lá ... pediu uma bebida e tal ... entrou ficou lá ... isso com a roupa de freira e tudo mais ... né ... e o pessoal tudo olhando espantado ... e daqui a pouco entra noviça né ... e ela nunca assim ... nunca tinha visto aquele negócio ... aquela música toda ... achou interessante né ... o som né ... de lá ... que o povo chama de ... a radiola né ... deles ... era assim um lugar um pouco antigo ... era aqueles que tinha (informante feminino, D&G Natal).

- (37) 033 F2 então você compra a senha...
 034 F1 não...
 035 F3 eu estou apenas...
 036 F2 não...
 037 é...
 038 tem...
 039 aquele dinheiro ali já está ocupado...
 040 F3 com quê?
 041 F1 vou pagar **um negócio ALI**...
 042 F3 que negócio?
 043 F1 **um negócio ALI**...
 044 F3 esse povo tem uns negócios escondidos... (informante feminino, Banco Conversacional).

No corpus desta pesquisa, os referentes *velhos* se apresentaram basicamente das três formas ilustradas pelas amostras citadas: em (35), o falante repete o nome (*frase*), acrescido do marcador de especificidade (AÍ) mais atributos (*muito interessante*); em (36), o referente (*boate*) é evocado por um outro nome (*lugar*) seguido pelo marcador (LÁ); e, em (37), o falante repete o SN acrescido do marcador de especificidade (*um negócio ALI*) que havia sido apresentado originalmente como *novo*.

Por último, um referente é *inferível* quando o falante evoca alguma entidade no discurso e supõe que o ouvinte possa inferi-la de outras entidades discursivas, baseado nas crenças do falante acerca das crenças do ouvinte e na habilidade de raciocínio.

- (38) A mentalidade num é só do do da pessoa não do aluno do professor também. Tem professor que pensam desse jeito. Que isso até dói. Isso dói mesmo. Mas tem professor que pensa assim desse jeito. Quer dizer, se fosse privatizado, num ia pensar assim. Tá lá ó, marcado. Todo dia tava lá, entendeu? Dando aula. Pelo menos tava lá aprendendo. Podia assinar logo se tivesse de num dá aula à noite, mas tava lá, incentivando os alunos a comparecerem {inint} às aulas. E não aí essa pouca vergonha aí, já começou segunda-feira. Eu tô falando hoje hoje é vinte vinte e três, né? Hoje é vinte e dois hoje é vinte e dois. Depois do dia vinte e um, ontem,

né? Até até agora, eu num tive aula. Quer dizer, num tive professor ainda pra **uma cadeira AÍ**. Quer dizer, eu já já paguei o básico todinho, vou começar agora o curso de Economia, mesmo. Até agora num sei de nada de economia, vou começar agora as cadeiras de Economia. Paguei o meu básico, né? E justamente, a primeira cadeira que eu que ia é de Fundamentos da Economia II, né? (informante masculino, VALPB).

- (39) I: juventude batista da associação leste do estado ... aí ... sempre todo congresso tem uma nova eleição ... né ... e nesse ... sim ... tava tendo lá ... né ... a gente tinha uma chapa que de última hora desistiu **um cara LÁ** ... Ribamar ... aí desistiu e começou a eleger ... quer dizer ... teve uma discussão lá pra ver se colocava um cara no lugar de Ribamar ou se não ... se o plenário na sessão indicava a pessoa e tudo mais ... e teve uma pessoa que chegou para mim e perguntou ... “Gerson ... você aceita ficar no cargo e tudo” num sei que ... eu disse ... “não ... num aceito não porque ... eu num tô achando que ... acho que num tô preparado para esse cargo não” ... no entanto ... eu tinha vontade de participar e tudo ... fiquei arrependido de ter dito ... né ... porque também num gosto de ser muito convencido não ... sabe ... (informante masculino, D&G Natal).

Em (38) e (39), os informantes, embora enunciem os SN **uma cadeira AÍ** e **um cara LÁ** como se fossem referentes novos no discurso, na verdade se valem do conhecimento prévio do seu interlocutor para a correta interpretação. Dessa forma, em (38), o falante parece esperar que seu interlocutor associe a falta de professores na universidade com determinada disciplina na faculdade. Em outras palavras, ele considera que não precisa explicar ao seu interlocutor, por exemplo, que está cursando uma faculdade pública e que, no ensino superior, em várias regiões do Brasil, as disciplinas são comumente conhecidas como **cadeiras** e que devido à ausência de concursos públicos (na época da entrevista) não havia professores efetivos em quantidade suficiente para lecionarem em todas as turmas do curso, dentre outras informações. Já em (39), o informante também parece considerar que não necessita explicar ao seu interlocutor que, normalmente nas eleições de grupos/associações de jovens de igrejas evangélicas, à semelhança de associações estudantis, é publicitada, com antecedência, uma “relação oficial dos nomes dos candidatos numa eleição, divulgada para conhecimento dos eleitores” (HOUAISS, 2009), as ditas **chapas eleitorais**, compostas por várias pessoas que devem assumir, caso sejam eleitas, cargos específicos dentro daquela organização. O informante apenas informa que, da **chapa** ele apoiava ou da qual ele fazia parte, desistiu um rapaz e que alguém cogitou seu nome para substituí-lo, mas ele não aceitou.

No capítulo cinco, são apresentados os resultados da análise quantitativa desse fator. A seguir, discorro acerca das implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso de AÍ, LÁ, ALI e AQUI, relacionadas com o conhecimento que o falante tem a respeito do referente do SN e das razões pelas quais não revela mais informações sobre ele.

1.2.2 A atuação das implicaturas conversacionais no uso dos marcadores de especificidade de SN indefinidos

O conceito de implicaturas conversacionais foi proposto por Grice (1982) e constitui uma parte importante do trabalho desse filósofo. Segundo Grice (*op. cit.*), existe um PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO geral regendo nossas interações comunicativas diárias, o qual é geralmente observado, ainda que inconscientemente, pelos usuários da língua. Tal princípio consiste em: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”. Desse princípio resultam quatro categorias, representadas por máximas e/ou submáximas mais específicas listadas a seguir.

A categoria da QUANTIDADE relaciona-se com a quantidade de informação a ser concedida numa interação verbal e é representada pelas seguintes máximas:

- Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação).
- Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

À categoria da QUALIDADE corresponde a supermáxima: “trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira” e duas submáximas mais específicas:

- Não diga o que você acredita ser falso.
- Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.

Sob a categoria RELAÇÃO, Grice apresenta apenas uma máxima: “Seja relevante”.

Por último, sob a categoria MODO, correspondente ao modo como o que é dito deve ser dito, Grice propõe uma supermáxima – “Seja claro” e outras quatro submáximas:

- Evite obscuridade de expressão.
- Evite ambiguidades.
- Seja breve (evite prolixidade desnecessária).
- Seja ordenado.

Quanto às implicaturas, Grice distinguiu dois tipos: as *convencionais* e as *conversacionais*. As implicaturas convencionais são aquelas cuja significação é engendrada internamente ao sistema linguístico, a partir do significado das próprias palavras. Assim, na frase: “*Embora fosse rico, vivia na mais extrema penúria*” a conjunção *embora* estabelece uma relação de sentido entre uma oração e outra (na frase, relação de concessão).

Já as implicaturas conversacionais podem ser definidas, de maneira geral, como inferências cuja significação advém do contexto extralinguístico, isto é, a implicatura conversacional não decorre, exclusivamente, das relações entre os constituintes linguísticos e, portanto, pode até mesmo ser cancelada, negada. Observe-se (40):

- (40) A: Maria, você vai ao cinema hoje?
B: João quer ir ao museu.

Em (40), **B** aparentemente abandonou o princípio de cooperação, ao violar algumas das máximas de Grice. Num primeiro momento, pode-se dizer que **B** não seguiu a máxima da QUANTIDADE, pois foi pouco informativo; a da RELAÇÃO, ao ser pouco relevante; e a do MODO, não sendo muito claro em sua resposta, afinal mencionou uma terceira pessoa (*João*) sobre a qual nada foi perguntado. Entretanto, se considerarmos o conceito de implicatura conversacional, tal resposta não pode ser vista como uma transgressão ao princípio de cooperação, uma vez que, ao responder a pergunta de **A**, **B** sabe que **A** a conhece bastante bem, incluindo os fatos de que João é namorado de **B** e de que **B** gosta de acompanhar o namorado nos lugares aos quais ele vai. Assim, **A** pode facilmente concluir, a partir do que

disse **B**, que é pouco provável que **B** vá ao cinema. Destarte, ao fornecer pouca informação, **B** seguiu a segunda submáxima da QUANTIDADE e também a terceira submáxima de MODO, evitando a prolixidade desnecessária. Ademais, não abandonou a máxima da RELAÇÃO, pois sua resposta foi relevante ao que lhe foi perguntado, desde que considerado o contexto extralinguístico.

Em resumo, as máximas conversacionais propostas por Grice guiam o que os interlocutores precisam fazer para conversar de um modo maximamente eficiente, racional e cooperativo: devem falar sincera, relevante e claramente, fornecendo informação suficiente. No caso dos marcadores de especificidade de SN indefinidos emergentes, o ouvinte pode ter a impressão inicial de que o falante está fornecendo informação insuficiente, quebrando assim a máxima da quantidade. Realmente, o falante apenas menciona *um x aí*, um *x* específico, cuja identidade não é esclarecida de modo explícito, o que pode parecer um caso de abandono do princípio da cooperação.

No entanto, quando um marcador de especificidade é usado, o ouvinte, assumindo que as máximas da conversação estão sendo seguidas, pode inferir que, se o falante sabe mais do que disse, é porque, embora conheça a identidade daquilo a que está se referindo através do SN indefinido, não deseja, por alguma razão, fornecer mais detalhes acerca dessa identidade e, por isso, aparentemente, viola a máxima da quantidade.

Nessa perspectiva, Tavares (2001) descreve as principais implicaturas conversacionais que o ouvinte pode perceber nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade.¹³ Uma delas é a de que *o falante conhece a identidade do referente do SN indefinido*, mas, por considerá-la não relevante para os fins da conversação corrente, opta por não revelar mais detalhes sobre ela. Ou seja, o ouvinte conclui que o falante deixou de apresentar informações mais detalhadas por acreditar que elas não são necessárias para a interpretação, embora tenha pretendido, pelo uso de *AÍ* marcador de especificidade, indicar que possui conhecimento dessas informações.

¹³ As ocorrências desta seção foram extraídos de Tavares (2001). Cf. seção 5.1.7 do capítulo 5 para uma análise da atuação das implicaturas conversacionais no uso dos quatro marcadores de especificidade emergentes.

O fato de o falante dar poucos detalhes acerca da identidade do referente do SN pode ainda favorecer a implicatura de que *o referente do SN é de pouca importância, algo que não merece a preocupação do ouvinte.*

- (41) A: Sobre o que tu e a Inara conversaram?
 B: Nada, a Inara só me disse **umas coisas AÍ**.
 A: Sei. Ela levou mais de seis horas pra dizer "**umas coisas AÍ**"?

O falante B em (41), ao utilizar o SN indefinido acrescido de *AÍ*, tenta convencer o falante A de que nada importante foi dito por Inara. Todavia, A não aceita que o SN *umas coisas AÍ*, usado para se referir a mais de seis horas de conversa, indique algo insignificante. A ocorrência a seguir também favorece a leitura de pouca importância para o referente do SN com *AÍ*.

- (42) Vou sair. Vou aproveitar para resolver **um assunto AÍ**. Mais tarde eu volto (novela *Andando nas nuvens*, 12/08/99).

Em (42), a personagem sinaliza ao ouvinte que o assunto que pretende resolver é de pouca importância e que não vem ao caso expô-lo em detalhes. Porém, fatos acontecidos anteriormente na novela permitem ao espectador saber que o falante tinha a intenção de não revelar nada a seu interlocutor. Desse modo, como o falante não pretendia revelar detalhes acerca do que se referia, tenta implicar que se trata de algo pouco importante e que não merece maior atenção ou preocupação por parte do ouvinte.

A terceira implicatura possível nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade é a de que *há conhecimento mútuo acerca da identidade do referente em causa*, o que pode ser conferido em (43):

- (43) Pois é, Pedro. Eu pedi para **uma pessoa AÍ** me trazer o trabalho o mais rápido possível e até agora nada.

(43) pode ser empregado em um contexto em que o falante está contando a Pedro a respeito de um trabalho que ainda não tinha sido entregue até o momento dessa

enunciação e quis dizer indiretamente para uma terceira pessoa, que também estivesse presente no local e pudesse ouvi-lo, que esta já deveria ter trazido o trabalho. Pedro pode conhecer ou não a pessoa a quem o falante se refere, porém este espera ter conseguido ser entendido pela pessoa “alvo”. Em todo caso, como as implicaturas não integram o conteúdo semântico das expressões linguísticas, Pedro ou algum outro ouvinte desavisado pode entender que se trata de alguém cuja identidade parece não vir ao caso naquele momento, e não que o “culpado” esteja por perto.

A última implicatura possível é a de que *há algo negativo a respeito do referente do SN*. É o que ocorre em (44):

- (44) A minha irmã contratou **um arquiteto AÍ** para projetar a casa e só teve dor de cabeça.

(44) pode ter acrescida à ideia de que se trata de um arquiteto específico a de que se trata de um mau arquiteto, um “qualquer”, isto é, a irmã do falante contratou um arquiteto de péssima qualidade, um incompetente, em vez de contratar um bom arquiteto para projetar sua casa. Essa implicatura de valoração negativa também é passível de cancelamento, já que o ouvinte pode fazer apenas a leitura de que se trata de um arquiteto específico e não de um mau arquiteto.

No capítulo de análise, essas implicaturas serão testadas no que concerne aos marcadores de especificidade de nossa amostra, incluindo a sua validade para os outros marcadores emergentes – AQUI, ALI e LÁ – além de AÍ.

2 ESTADO DA ARTE

Neste capítulo, faço um retrospecto de relevantes estudos anteriores acerca dos itens que, neste trabalho, denomino marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos, apresentando suas contribuições para a análise desses itens linguísticos. Destaco que conservei, em cada trabalho apresentado, a denominação proposta pelo seu respectivo autor. Apresento, em primeiro lugar, estudos que abordam o processo de gramaticalização de AÍ; em seguida, alguns trabalhos acerca de LÁ; e finalizo este capítulo, comentando alguns trabalhos que abordam a gramaticalização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade.

2.1 UNS TRABALHOS AÍ

Nesta seção, comento os trabalhos a que tive acesso acerca do item AÍ. Os trabalhos comentados são os seguintes: Martelotta (1994), Tavares (1999, 2001, 2006), Braga (2003), Braga e Paiva (2003), Confessor (2008a), Paula (2009) e Muro (2001).

2.1.1 Martelotta (1994)

O primeiro estudo a abordar esse item a que tivemos acesso é o de Martelotta (1994). Nele, o autor investiga, à luz dos postulados do funcionalismo linguístico norte-americano, o processo de gramaticalização dos operadores argumentativos AÍ, LOGO, DEPOIS, ENTÃO, AINDA e JÁ, descrevendo seus principais usos e suas funções no português brasileiro. Para tal, utiliza dados provenientes de alguns *corpora* orais, a saber: Censo de Variação Linguística, Competências Básicas do Português e NURC.

Com relação ao operador argumentativo *AÍ*¹⁴, Martelotta (1994) propõe que esse item originou duas trajetórias de gramaticalização diferentes, ambas partindo do mesmo ponto inicial: o uso dêitico espacial de *AÍ*. Na primeira dessas trajetórias, *AÍ* dêitico espacial dá origem a *AÍ* anafórico e a *AÍ* sequencial que, por sua vez, engendra os usos *AÍ* introduzindo informação nova e *AÍ* conclusivo, conforme atestam os dados a seguir.

- (01) E: Eu nunca fiz pudim de leite. E como se faz? Nunca fiz. Estou falando sério, Glorinha.
 I: Bom, então eu vou dar, heim! Vê lá heim! Uma lata de leite condensado... mas não vai escrever pelo menos, ora? Lógico, pega *AÍ* o lápis, Tereza.
 E: Manda fundo, vai fundo, vai lá.
 I: Uma lata de leite condensado, cinco ovos... (MARTELOTTA, 1994, p. 108).
- (02) I: Eu sonho com muitas viagens, não é? Eu gostaria sim de viajar, ir a Europa, passear, não é? Correr... conhecer o mundo aí afora. Isso no caso que o dinheiro desse.
 E: E a terra de seus pais?
 I: Também. Essa *AÍ* também (MARTELOTTA, 1994, p. 110).
- (03) E: Onde você gostaria mais de cantar?
 I: Eu queria no Povo na Tevê.
 E: E no Sílvio Santos você iria cantar?
 I: É, porque *AÍ* eu já era cantora, não é? Não ia ser vaiada (MARTELOTTA, 1994, p. 111).
- (04) I: Era uma vez uma formiguinha que estava andando. *AÍ* a cigarra tocava violão. *AÍ* ele falou assim: "vai vim o inverno aí, cigarra, por que você não procura comidinha para você?". *AÍ* ela: "Ah, não, o inverno está muito longe. Não vou procurar não, porque eu não vou ficar perdendo tempo. Eu vou tocar minha viola. *AÍ* o inverno chegou, estava frio, procurando comida. *AÍ* as formiguinha tudo cantando na casa dela. Bebendo, comendo. *AÍ* ela bateu na porta. *AÍ* as formiguinha pegaram ele, botaram o pé dele na água quente. *AÍ* ele bebeu, dançou, tocou a viola. É só isso (MARTELOTTA, 1994, p. 112).
- (05) E: E diz uma coisa... assim que você não gosta quando está passando na televisão e você sai: "Ih, isso eu não quero ver".
 I: É quando dá repórter. Ih, eu não gosto de ver.
 E: Você não gosta não? Vai fazer o quê? Vai brincar?
 I: É. *AÍ*, quando começa a novela, eu venho... e vejo um pouquinho, depois vou brincar (MARTELOTTA, 1994, p. 115).
- (06) E: Qual o personagem que você mais gosta no Sítio?
 I: Eu gosto da Emília, mais.
 E: Da Emília, por quê?
 I: Porque ela é mais engraçada, porque ela fala as coisa muito bonitinha, *AÍ* eu gosto mais dela (MARTELOTTA, 1994, p. 117).

¹⁴ É oportuno ressaltar que, por não ser este o foco desta pesquisa, não serão sumarizadas as descobertas e propostas do autor com relação aos outros operadores abordados na obra citada.

Em (01), a informante, ao empregar *AÍ*, indica o posicionamento espacial do lápis – próximo de seu interlocutor. Trata-se do uso tipicamente dêitico desse item. Já em (02) e em (03), *AÍ* faz alusão anafórica a elementos mencionados previamente no discurso: *a terra dos seus pais*, em (02), o que codificaria um uso anafórico espacial; em (03), segundo o autor, uma leitura anafórica temporal do operador *AÍ* é evidenciada pela presença do elemento *JÁ* na sentença. Nesse caso, a informante estaria implicando a seguinte leitura: *neste momento eu já seria cantora*. Em (04), *AÍ* é empregado para sequenciar os eventos da narrativa contada pelo informante. De acordo com o autor, em alguns casos, *AÍ* sequencial não é usado propriamente para organizar a sequenciação de eventos perfectivos, mas em uma função sequencial mais ampla, qual seja: introduzir trechos de discurso que expressam informação nova. Dessa forma, em (05) não é o elemento *AÍ* que indica o momento em que ocorre o evento, mas a oração temporal que o sucede. Em outras palavras, o operador argumentativo *AÍ* não funciona, nesse dado, como marcador temporal, mas como uma espécie de continuador do discurso, que abre espaço para que novas informações sejam acrescentadas, independentemente da sua relação semântica com o enunciado anterior. Já em (06), o operador argumentativo *AÍ* inicia um trecho discursivo que expressa consequência em relação ao que foi dito anteriormente. Assim, nessa ocorrência, se o elemento *AÍ* fosse substituído por uma conjunção conclusiva, o sentido pretendido pelo informante seria mantido: *ela fala as coisa muito bonitinha por isso eu gosto mais dela*.

Na segunda trajetória, o operador argumentativo *AÍ* passa a fazer parte do sintagma nominal. *AÍ* dêitico espacial tem o sentido de “nesse lugar” e aponta para algo próximo ao ouvinte (cf. (01)). O primeiro fenômeno ocorrido nessa trajetória de gramaticalização de *AÍ*, de acordo com Martelotta (*op. cit.*), é a perda da indicação de proximidade em relação ao ouvinte, passando o *AÍ* a indicar espaço de maneira mais genérica, mais abstrata. A amostra (07) ilustra bem esse fenômeno, já que, tanto na fala do entrevistador quanto na do informante, *AÍ* se refere não apenas a um local próximo ao ouvinte, mas ao bairro onde o informante reside e onde informante e entrevistador estão, assumindo o sentido de “pelas redondezas”.

- (07) I: ... então, sei lá, estou acostumado, sabe? Como o ambiente, conhecimento, tudo aqui.
E: O senhor conhece todo mundo *AÍ*?

I: Eu nasci aqui, não é? Vi essas casas todas nascerem, essas ruas nascerem, pracinha, igreja. E a maioria que tem AÍ eu conheço tudo mocinha, está casado. Então, elas passam **AÍ** na praça: sabe quem é essa? É filha de fulano, é neta do beltrano, e tal. Porque o Grajaú é um bairro que o pessoal nem liga muito, sabe? O pessoal vem pra cá... agora, tem muita gente nova, muito edifício de apartamento, e tal... (MARTELOTTA, 1994, p. 115).

Em seguida, AÍ deixa de assumir o seu valor dêitico prototípico, atingindo um ponto mais alto de abstração com relação à noção de espaço a que se refere. Nesse ponto, conforme Martelotta (*op. cit.*), a medida espacial expressa por AÍ é a própria realidade dos fatos que se apresentam ante os interlocutores (08). A partir desse ponto, AÍ passa a atuar como elemento modificador de substantivos, segundo a classificação adotada pelo autor, integrando o sintagma nominal e deixando de apresentar, na codificação dessa função, sua mobilidade de advérbio espacial.

(08) I: ... tem até uma piada americana AÍ, que diz que o garoto falou: "Poxa o meu pai é bacana, não sei o que, papai me deu uma bicicleta". "Quem é teu pai?". "O fulano de tal". "Ah, foi meu pai no ano passado e tal" (MARTELOTTA, 1994, p. 116).

2.1.2 Tavares (1999, 2001, 2006)

Tavares (1999), seguindo uma perspectiva similar à de Martelotta, mapeou as diversas funções de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO na fala de Florianópolis, utilizando como manancial trinta e seis entrevistas do Banco de Dados VARSUL/UFSC, enfatizando o uso desses itens como conectores sequenciadores retroativo-propulsores (foco da pesquisa da autora). A autora encontrou dados de AÍ modificador de SN indefinidos (denominação proposta por ela para o item em questão), além de evidências de trajetórias de gramaticalização similares às apontadas por Martelotta (1994). De acordo com a autora, AÍ desempenha função modificadora do sintagma que o antecede, com valor de *qualquer, comum* (cf. (09) e (10) a seguir). Na verdade, faz parte do sintagma nominal ao qual modifica, o que pode ser comprovado mediante a alteração da posição ocupada pelo sintagma nominal na oração: AÍ sempre o acompanha.

- (09) Pelo seguinte: porque eu casava como marinheiro e ia destacado por um lugar **AÍ**, [ia <via->]- viajava na [terceira classe]- terceira classe. Mulher lá não (TAVARES, 1999, p. 18).
- (10) Eu [dizia pra eles]- chegava pra eles, dizia: “Não, eu peguei um bicozinho **AÍ** pra uma pintura de uma casa, são dois pintores” “Sim, e o outro?” “O outro está aí (TAVARES, 1999, p. 18).

Já Tavares (2001) propõe a denominação de especificador de SN indefinidos para o **AÍ** sob enfoque. A autora realizou um estudo comparativo com sintagmas nominais indefinidos contendo os itens de especificidade **AÍ** e **CERTO**, com o intuito de averiguar a natureza das semelhanças e diferenças entre esses itens, considerando especialmente os planos sintático, semântico e pragmático. Nessa descrição, a autora baseou-se principalmente em descrições do **CERTAIN** inglês feitas por Hintikka (1986) e Enç (1991), e no conceito de implicatura conversacional de Grice (1982) e Levinson (1983). Suas principais conclusões foram as seguintes: (i) sintagmas nominais contendo **AÍ** e **CERTO** podem estar ou não em relação de partitividade com referentes discursivos anteriores, isto é, podem estar relacionados a referentes já apresentados no discurso. Em ambos os casos, **AÍ** e **CERTO** indicam especificidade; (ii) **AÍ** e **CERTO** integram o SN e são posicionados junto ao nome indefinido (**CERTO** anteposto e **AÍ** posposto ao nome) e qualquer alteração nessa ordem pode resultar em orações agramaticais ou em mudança da função de **AÍ** e **CERTO**, que deixam de ser marcadores de especificidade; (iii) no âmbito semântico, **AÍ** e **CERTO** fornecem ao SN indefinido por eles modificado um traço de especificidade, do que resulta um SN indefinido específico no qual a leitura genérica torna-se barrada; (iv) **AÍ** e **CERTO** envolvem uma série de implicaturas conversacionais acerca da identidade do referente do SN indefinido e dos motivos pelos quais o falante não revela maiores detalhes sobre ele. **AÍ** também pode favorecer uma leitura de insignificância, de depreciação ou de valoração negativa, ao passo que **CERTO** não autoriza tais leituras, comumente apontando para algo importante para o falante por algum motivo; e (v) os itens marcadores de especificidade **AÍ** e **CERTO** geralmente têm o acento mais fraco dentre os itens do SN.

Tavares (2006) faz um levantamento, em linhas gerais, de possíveis propostas de estudos sobre **AÍ** marcador de especificidade que podem ser realizados tomando-se como manancial de dados as entrevistas pertencentes ao

Corpus Discurso & Gramática (D&G). Dentre elas, a autora sugere um estudo minucioso das propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas de *AÍ* marcador de especificidade que podem contribuir para uma definição mais precisa sobre o que é e o que não é prototípico nesse uso da forma em questão. Um outro estudo possível é a descrição e análise comparativa das formas que constituem as camadas do domínio funcional da especificação nominal: *AÍ*, *CERTO*, *DETERMINADO*, *ESPECÍFICO*, *DADO* etc., testando seu comportamento no tocante a princípios funcionalistas como iconicidade e marcação.

2.1.3 Braga (2003) e Braga e Paiva (2003)

Braga (2003), estudando a multifuncionalidade de *AÍ*, denomina as ocorrências de *AÍ* justaposto a um N como afixais devido à posição do *AÍ* posposto ao N (em (11)). A autora considera também que a interpretação atribuída à construção **N+AÍ**, quer depreciativa quer atenuadora, depende aparentemente menos da presença de *AÍ* e mais das propriedades semânticas da palavra à qual ele se liga ou das características do contexto maior em que ele se insere.

- (11) E: Que que tem de bom aqui, o que que tem de ruim?
 F: Olha, bom não tem nada; ruim tem fofoca, tem não tem ninguém na rua, isso é péssimo sei lá, e quando tem (latido de cão) não, sempre tem! Tem um grupinho de mulher ali que fica ali, sabe? (De) antena ligada para ver se sai alguma fofquinha **AÍ** (BRAGA, 2003, p. 163).

A autora constatou também, averiguando dados de informantes cariocas em duas amostras de fala de épocas diferentes, oriundas do Projeto NURC (1980 e 2000), que ocorreu um aumento significativo do número de ocorrências de *AÍ* justaposto a nomes e verbos, de quinze, na Amostra 80, para vinte e cinco, na Amostra 00. No entanto, a autora não distinguiu quantitativamente as ocorrências de *AÍ* modificador de verbos das ocorrências de *AÍ* modificador de nomes.

Braga e Paiva (2003), por sua vez, discutem a hipótese de unidirecionalidade na gramaticalização a partir do item *AÍ*. De acordo com as autoras, os vários usos de *AÍ* decorrem de uma forma-fonte dêitica que remete à circunstanciação locativa (cf.

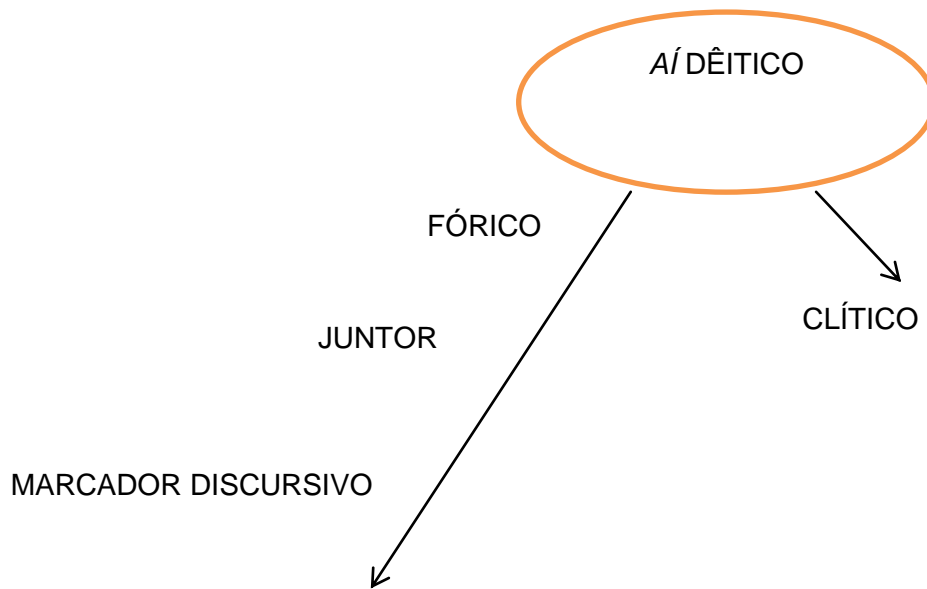
(12)). Para as autoras, a ocorrência de *AÍ* com pronomes demonstrativos neutros, expressões tipicamente fóricas, possibilitou sua reanálise em fórico (cf. (13)). *AÍ* fórico tende a ocorrer à esquerda do verbo, o que contribuiu para sua reanálise em juntor (cf. (14)). A partir do uso de *AÍ* como juntor, surge seu uso como marcador discursivo. Segundo as autoras, os marcadores discursivos são fruto da reanálise que atua em contextos linguísticos específicos, notadamente naqueles em que a oração introduzida por *AÍ* pode ser interpretada ou como uma mera continuação em uma sequência textual, ou como uma continuação que simultaneamente recupera um subtópico, temporariamente interrompido (cf. (15)). Por último, as autoras classificam o *AÍ* em tela como um clítico que se pospõe a um N constituindo com ele um todo fonológico e que repele a interveniência de material linguístico, geralmente codifica informação recuperável e é precedido por um determinante indefinido (cf. (16)).

- (12) Eu tou tomando café aqui, eles [os pássaros] estão comendo **AÍ** na ponta da mesa comigo (BRAGA; PAIVA, 2003, p. 208).
- (13) F: ... minha mãe fala que às vezes assim, dá sete horas assim, dá oito hora assim, não tem mais serviço, ela fica a toa.
E: Hm.
F: Ela queria que tivesse uma televisão lá, que **AÍ** ela via as novela e trabalhava (BRAGA; PAIVA, 2003, p. 208).
- (14) F: ... eu já fui duas vezes e não consegui operá por causa da pressão que sobe, medo, essas horas eu tenho medo, **AÍ** eu chego lá a pressão sobe, **AÍ** manda pra casa, **AÍ** vai outro dia (BRAGA; PAIVA, 2003, p. 208).
- (15) F: Então chegava na hora do almoço, ele não tinha o que fazer e dizia: “Ago, vai ali na casa do Flora e (inint) diz a ele para me mandar um limão”. Ele era muito amigo do Flora, né? **AÍ** eu ia até o meio do caminho, chegava no meio do caminho, eu voltava (BRAGA; PAIVA, 2003, p. 209).
- (16) F: Na época eu devia ter uns... uns dezessete anos, dezesseis. Mas foi muito homem! Já pensou se eles tivessem conseguido me pegar? Eles tinham acabado comigo! Hoje em dia eu tava até com uma AIDS **AÍ**, alguma coisa! Não fizeram nada, foi impressionante. Foi um milagre mesmo! (BRAGA; PAIVA, 2003, p. 209).

As autoras corroboram as propostas de Martelotta (1994) e Tavares (1999) da dupla trajetória de gramaticalização percorrida por *AÍ* e de que o uso clítico de *AÍ* provém diretamente de seu uso dêitico, que sofreu alteração tanto nas fronteiras de constituinte quanto no seu valor semântico, sendo também considerado o último estágio nesse processo de gramaticalização; e defendem ainda o construto da poligramaticalização, segundo o qual uma única forma linguística pode dar origem a

duas trajetórias de gramaticalização diferentes, o que pode ser representado esquematicamente na Figura 1, a seguir.

Figura 1: Representação da dupla trajetória de gramaticalização de AÍ



Fonte: BRAGA; PAIVA, 2003, p. 211.

2.1.4 Confessor (2008a)

Em Confessor (2008a), por sua vez, utilizando dados provenientes do *Corpus Discurso & Gramática – A língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998) e do *Corpus Discurso & Gramática – A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro* (VOTRE; OLIVEIRA, 1995), fiz uma descrição do comportamento de AÍ marcador de especificidade de SN indefinidos com relação a alguns fatores de ordem discursiva e social. minhas principais conclusões estão resumidas a seguir.

AÍ marcador de especificidade é uma das muitas formas linguísticas constituintes do domínio funcional da especificação nominal, cuja função é acrescentar um traço de especificidade a um SN ao qual se adjunge.

Com relação à trajetória de gramaticalização de *AÍ*, defendi que esse item gramaticalizou-se como marcador de especificidade de SN indefinidos, migrando da categoria ESPAÇO (advérbio de lugar) para a categoria QUALIDADE (marcador de especificidade), sem necessariamente passar pelas outras categorias do aclave de gramaticalização proposto por Heine *et al.* (1991b). Propus nessa pesquisa que *AÍ* parece ter sido o primeiro de um grupo de marcadores de especificidade de SN emergentes, que seriam codificados também pelos itens *LÁ* e *ALI*, tendo como estrutura paradigmática a seguinte: **um + N + marcador de especificidade**. Em seu atual estágio de gramaticalização como marcador de especificidade, *AÍ* aparece predominantemente na fala ou em textos que procuram representar a fala mais informal.

No que concerne aos fatores linguístico-discursivos envolvidos no uso de *AÍ* marcador de especificidade, postulei que esse item tende a aparecer predominantemente em SN com função sintática de objeto direto, o que pode ser tomado como indício de que *AÍ* marcador de especificidade deriva do uso do dêitico *AÍ* em construção fonte usada no papel de objeto direto. Além disso, *AÍ* marcador de especificidade pode ser considerado **clítico**, pois atua no nível sintagmático e está preso fonologicamente a um substantivo, ainda que admitindo um adjetivo interveniente entre si e o nome núcleo do SN. Ainda com relação ao *status* informacional dos SN que contêm o *AÍ* marcador de especificidade, destaquei que este tende a aparecer em SN de *status* informacional *novo*, já que referentes *novos* no discurso geralmente são introduzidos por SN indefinidos (cf. GÖRSKI, 1985).

Por último, no que tange às implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade, propus que elas podem ser diferentes em cada ocorrência, sendo as mais comuns (na amostra analisada) as seguintes: *o falante conhece alguma informação mais detalhada sobre o referente do SN ou até mesmo sua identidade; essa informação é apresentada como não sendo necessária para fins da conversação corrente; o referente do SN é pouco importante ou até mesmo insignificante para os propósitos da comunicação; há conhecimento mútuo acerca da identidade do referente em causa; há algo negativo a respeito do referente do SN.*

2.1.5 Paula (2009)

Paula (2009) estudou o processo de gramaticalização do item *AÍ*, focalizando as suas tendências de ordenação, bem como a polissemia de seus usos, em textos orais e escritos do português do Brasil, tendo como *corpus* para a modalidade oral da língua 12 inquéritos do Projeto NURC da Universidade Federal do Rio de Janeiro, gravados nas décadas de 70 e 90 do século XX. Para a análise da modalidade escrita, a autora utilizou 74 entrevistas publicadas pela revista *Veja*. Nessa pesquisa, a autora considerou cinco funções exercidas por *AÍ* (evidenciadas nos dados que se seguem), encontradas em sua amostra, a saber: dêitico espacial (cf. (17)), sequenciador temporal (18), textual (19), especificador de SN indefinidos (20) e integrante de unidade pré-fabricada (21).

- (17) I - (sup.) Não, vou trazer só, v ou trazer pra cá, vou trazer pra cá, não vou falar lá não. Que, que eu vejo? Está aí: as rodas, duas rodas, aqui chamam guidom, aqui chama freio, não é? Isso aqui é o freio dela, aqui está a corrente, está ouvindo, transmissão, aqui está o pedal.
D - E tem umas bicicletas que têm uma partezinha aqui.
I - Mas essa bicicleta que tem essa parte *AÍ* são bicicletas pra homem (PAULA, 2009, p. 11).
- (18) I - Um dia ele chegou lá em casa, eu estava muito cansado, já estava deitado, ele sentou na beira da cama e, e estava me explicando o que eu devia fazer, como eu devia proceder, a menina entrou no, no quarto e foi direto pra penteadeira da avó, apanhou a escova e toca a des... pentear cabelo. Escovava, escovava, escovava, escovava e olhava, ela faz trejeitos no espelho, ela bate, ela olha, eu *AÍ* catuquei o V. e nós ficamos prestando atenção naquilo. Quando ela se deu por satisfeita que ia saindo, ele disse pra ela: você está horrível. Ela virou-se pra ele com a cara acesa e disse assim: não, eu estou linda (PAULA, 2009, p. 11).
- (19) I - Esse pessoal que passa os outros pra trás eu chamo de tram... eu acho que isso é trambique, né?
D - Mas você sabe que, que existem outros nomes pra isso, né? por exemplo um homem que... Um cara está na porta do banco. Um carinha cheio de gíria. Ele inventa uma história e não sei o quê e acaba conseguindo o dinheiro (sup.)
I - (sup.) Eu não, eu não (sup.)
D - (sup.) Sem usar violência.
I - É. *AÍ* eu não uso, eu não uso (inint.) nome pra ele não. Eu uso, eu uso, eu digo que ele deu o conto do vigário, né? Eu uso mais um termo pra pegar a situação toda (PAULA, 2009, p. 12).
- (20) I - Então era bem, era bem grande, apenas como eu não podia estar lá, eu fiquei naquela contingência, ou eu fico dizendo que sou, ou eu fico com o título de dono de um sítio e, de um sítio e fico com um monte de terra *AÍ* pra, pra não ser aproveitada, ou então me desfaço dele e é um problema a menos que eu passo a ter, porque quem tem um, qualquer pedaço de terra pro interior tem sempre problemas com os moradores da região, tem, tem, há sempre gente que entra, porque não vê ninguém, vai entra e como, às vezes pessoas que di... resolvem

ficar morando no lugar, então eu me desfiz desse problema, passando adiante (PAULA, 2009, p. 12).

- (21) I - ... está **AÍ** as duas rodas... duas rodas... aqui o guidon... aqui chama freio... não é? isso aqui é o freio dela... aqui está a corrente... está ouvindo? Transmissão... aqui está o pedal... (PAULA, 2009, p. 12-3).

De acordo com a autora, em (17), **AÍ** faz referência a um lugar físico, concreto, existente no mundo exterior, estabelecendo, assim, uma relação entre o que é dito e sua coordenada espacial, funcionando como um dêitico espacial. Em (18), **AÍ** põe em evidência a ordenação cronológica dos fatos narrados, mostrando que o evento seguinte ocorre depois que o anterior é concluído; em (19), **AÍ** salienta a relação de continuidade discursiva existente entre as informações anteriores e posteriores, indicando que a informação que está sendo introduzida se relaciona com as demais; em (20), **AÍ**, integra o sintagma nominal *um monte de terra*, indicando que o referente de *terra*, apesar de ter sido codificado através de um SN indefinido, é específico para o falante; por fim, em (21), a unidade pré-fabricada *está AÍ* funciona como um elemento mostrativo, isto é, é usada para fazer a apresentação das partes da bicicleta.

A autora destaca que, no desempenho da função de especificador de SN indefinidos, **AÍ** figura em uma estrutura sintática como a seguinte: **um + N + AÍ**, mantendo forte relação com o substantivo ao qual se relaciona. Com relação à trajetória de gramaticalização de **AÍ**, Paula (2009) corrobora as propostas de Martelotta (1994), Tavares (1999) e Braga e Paiva (2003), da dupla trajetória de gramaticalização desse item linguístico: a primeira originando seu uso como conector, e a segunda desembocando no uso de **AÍ** como especificador de SN indefinidos.

Os resultados de Paula (2009) também se coadunam com os de Confessor (2008a) no tocante à restrição de **AÍ** especificador à modalidade oral da língua (pelo menos nas duas pesquisas relatadas). Segundo Paula, essa não ocorrência nos dados de escrita analisados pode indicar que: (i) **AÍ** especificador de SN indefinidos é mais característico da oralidade (possivelmente, pelo seu caráter de informalidade); (ii) esse especificador de SN indefinidos tem, ainda, um menor prestígio, se comparado a outros itens como **CERTO**, **DETERMINADO**, **ESPECÍFICO**, para indicação da especificação de SN indefinidos; (iii) talvez **AÍ**

especificador de SN indefinidos seja uma forma mais recente e, em razão disso, seja mais facilmente mapeada na língua falada.

2.1.6 Muro (2001)

Concluindo a seção de trabalhos acerca de AÍ, aponto que existe, no espanhol sul-americano atual, um caso semelhante ao de AÍ marcador de especificidade. Muro (2001), seguindo também uma perspectiva funcionalista, descreve o uso do item AHÍ em função modificadora de SN, numa amostra de dados do espanhol falado na Venezuela. Para a autora, esse uso modificador provém (da mesma forma que em português) de uma função dêitica e se refere ao conhecimento compartilhado pelos participantes a respeito do referente da informação (o que ambos sabem); este pode ser positivo, quando o falante e o ouvinte partilham a informação, ou negativo, quando não o fazem. Ademais, esse item pode ter um sentido encobridor. Se a resposta de uma adolescente à pergunta da mãe sobre com quem vai sair é *con un tipo ahí* ou a de um marido à sua mulher, que lhe pergunta aonde vai, é a *una fiesta ahí*, há uma intenção de solapamento, isto é, o falante possui uma informação sobre a qual não quer dar detalhes ao seu interlocutor e, por isso, em nossa interpretação, indica, através de *ahí*, que o referente do SN indefinido é específico, isto é, é algo de seu conhecimento, e dispara a implicatura de que o falante não pretende revelar nada mais acerca dele para o ouvinte.

- (22) Inv: El cambio de... le quitaron el piso a la plaza no?
 Hab: Ah sí, sí, le cambiaran... tenia un piso de qué era el piso?
 Inv: De granito no era?
 Hab: Aja, como de granito, era muy bonito el piso, y ahora le pusieron [un pisito **AHÍ**] que... MDC1FA (MURO, 2001).

Nesse dado, segundo Muro (*op. cit.*), há um efeito depreciativo porque se contrapõe o piso que havia anteriormente na praça e o *pisito* que puseram depois. Entretanto, esse sentido negativo é atribuído pelo substantivo no diminutivo e não

pelo *ahí*, que, para a autora, somente busca o consenso do ouvinte e apela à informação que ambos partilham.

2.2 UNS TRABALHOS LÁ

Nesta seção, descrevo sucintamente as pesquisas a respeito do item LÁ a que tive acesso. São elas: Martelotta e Rêgo (1996, 1998), Pereira (2009, 2011) e Oliveira e Aguiar (2009).

2.2.1 Martelotta e Rêgo (1996, 1998)

Martelotta e Rêgo (1996) afirmam que o item LÁ deu origem a duas trajetórias de gramaticalização, ambas partindo do seu uso dêitico espacial e gerando usos diferentes para essa partícula. Uma dessas trajetórias leva a partícula a assumir funções anafóricas e catafóricas, que, por sua vez, geram valores temporais e inferíveis. A outra faz com que essa partícula assuma uma função modalizadora, que funciona como uma marca de afastamento ou desinteresse do falante em relação ao que fala. O passo seguinte nesse processo de mudança, por um lado, dá origem a um uso que os autores convencionaram chamar de LÁ no SN e, por outro lado, LÁ se discursiviza em alguns contextos em que a expressão *sei lá* funciona como elemento que participa da organização do fluxo das informações no discurso oral.

Os autores afirmam também que, atuando no interior do SN, a partícula LÁ perde a mobilidade típica dos advérbios e passa a fazer parte do sintagma nominal, assumindo um posicionamento mais fixo. Para eles, o falante utiliza a partícula LÁ para caracterizar o substantivo como algo que existe, mas a respeito do qual não quer, não pode ou não considera relevante fazer comentários. Como exemplo, apresentam o seguinte dado:

- (23) ...elas falavam com a mãe “mãe... eu estou vendo isso... toda hora... ele... me fica perseguindo assim...” e tudo bem... a mãe dela/ até que mãe dela acreditou... aí a

mãe dela disse “oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...” aí elas foram num centro LÁ... e... fizeram um negócio LÁ que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? aí... ela... fez... uma... reza LÁ... e... sumiu... (MARTELOTTA; RÊGO, 1998, p. 101).

De acordo com os autores, em (23), os casos de LÁ em destaque referem-se aos substantivos que os precedem, refletindo uma atitude por parte do falante de não fornecer informações detalhadas em relação a esses nomes, seja por desconhecimento, descomprometimento ou desinteresse. Nesse caso, o LÁ funciona como uma espécie de pronome indefinido, na medida em que indefine o nome ao qual se refere.

Os autores apresentam ainda outro dado em que se nota mais claramente o desconhecimento do falante em relação ao nome a que o LÁ se refere:

(24) ...primeiro eles saíram num *jet-ski*... que a minha colega falou... foram pra uma ilha LÁ... não sei aonde... deserta... (MARTELOTTA; RÊGO, 1998, p. 102).

Nesse caso, para Martelotta e Rêgo, o item linguístico LÁ está dentro do sintagma nominal, funcionando como elemento caracterizador do substantivo *ilha*, em relação ao qual marca uma imprecisão, evidenciada pela presença da expressão *não sei onde* e principalmente do artigo indefinido *uma*, que é comum nesses casos, como se pode observar em (23).

2.2.2 Pereira (2009, 2011)

Os estudos de Pereira (2009, 2011) se utilizam da abordagem formal para explicar a gramaticalização de LÁ. Embora esta pesquisa não seja realizada sobre o prisma formal, é interessante apresentar as contribuições da autora para a análise desse item, uma vez que seus estudos tenham sido um dos poucos a que tive acesso acerca de LÁ marcador de especificidade de SN indefinidos.

Pereira (2009) denomina o item em questão como LÁ indefinido (cf. (25) e (26)).

- (25) a. Vendi o terreno [...] pra um camarada **LÁ**
 b. Vendi o terreno pra um camarada qualquer. (PEREIRA, 2009, p. 52).
- (26) a. a médica **LÁ** que tava olhando ela falou que o menino tava morto (PEREIRA, 2009, p. 52).

Para a autora, LÁ, tanto em (25a) quanto em (26a), parece revelar o mesmo comportamento sintático (interno ao DP¹⁵; posposto e adjacente ao NP e anteposto ao complexo “demonstrativo+locativo”) e o mesmo traço semântico [-definido]. Assim, mesmo quando o nome é precedido por artigo definido, LÁ atua no sentido de não especificar ou não delimitar o referente.

Segundo Pereira, essa constatação tem duas consequências: primeira, parece possível fornecer a mesma descrição para (25a) e (26a), sendo talvez desnecessária uma classificação diferenciada, como a proposta por Greco e Vitral (2003) (em estudo referenciado pela autora), entre “LÁ indeterminado” e “LÁ determinado”; segunda, a propriedade semântica mais apropriada não seria “indeterminação”, mas “indefinitude”, pois, mesmo em (26a), em que o NP é precedido por artigo definido, LÁ não determina semanticamente o substantivo ‘médica’, ao contrário, exerce a mesma função de indefinição referencial presente em (1a).

Pereira (2011), por sua vez, analisa estruturas com LÁ pós-nominal no português do Brasil, presente em estruturas como *essa/a mulher lá*. Segundo a autora, nesse tipo de estrutura, LÁ é utilizado para se referir a uma entidade específica tratando sua identidade como irrelevante. A autora argumenta que nesse caso LÁ não é um adjunto adverbial, mas uma categoria pertencente à hierarquia funcional do DP.

A fim de descrever e analisar as propriedades sintáticas e semânticas de LÁ pós-nominal não locativo, Pereira (2011) explorou as relações que podem ser estabelecidas entre esse item e estruturas com LÁ locativo pós-nominal, QUALQUER pós-nominal, THIS indefinido específico e partículas de diferentes

¹⁵ DP (*determiner phrase*): sintagma determinante; NP (*noun phrase*): sintagma nominal.

línguas utilizadas para fazer referência a entidades específicas cuja identidade não é considerada relevante pelo falante. A seguir são relatadas as principais conclusões da autora acerca desse trabalho comparativo.

Na relação com LÁ locativo pós-nominal, uma primeira diferença, segundo a autora, é semântica e refere-se ao fato de que LÁ locativo é dêitico, enquanto LÁ não locativo não sustenta valor dêitico; ao contrário, adquire um valor especializado. Com relação às diferenças sintáticas, Pereira afirma que LÁ locativo é agramatical com pronome demonstrativo de segunda pessoa ESSE, com artigo indefinido e com NP nu. Diferentemente, LÁ não locativo pós-nominal não apresenta tais restrições. Outra diferença é apontada pela autora é a de que enquanto 'LÁ' locativo faz parte da estrutura oracional (VP/IP¹⁶), seja como argumento circunstancial ou como adjunto, LÁ não locativo faz parte da estrutura do DP como especificador.

Na relação com QUALQUER pós-nominal, a autora defende que tanto QUALQUER quanto LÁ não locativo são incompatíveis com nome próprio. Outra semelhança entre estruturas com LÁ e QUALQUER é a noção de quantificação. Na estrutura nominal com QUALQUER, é selecionado um único referente em uma classe, enquanto que, na estrutura nominal com LÁ, selecionam-se um único referente ou um subgrupo específico de referentes em uma classe. Por isso, segundo Pereira (2011), tanto LÁ quanto QUALQUER pós-nominal são incompatíveis com expressões genéricas. Do ponto de vista sintático, uma semelhança é que ambos podem preceder ou suceder modificadores, tais como possessivos, adjetivos e genitivos. Entretanto, ambos são diferentes no aspecto em que QUALQUER só pode ocorrer com NP precedido por artigo indefinido, enquanto LÁ apresenta uma distribuição bem mais ampla, podendo ocorrer com NP precedido por diferentes tipos de determinantes (cf. PEREIRA, 2011, p. 634).

De acordo com a autora, na relação com THIS indefinido específico, tanto LÁ quanto THIS são usados quando o falante tem em mente exatamente a entidade que está sendo referida, mas não a identifica. Por sua vez, uma diferença entre esses itens é que THIS é pré-nominal e não coocorre com artigos, por já ser um determinante, enquanto que LÁ é pós-nominal e coocorre com diferentes determinantes em posição pré-nominal, inclusive com artigo definido.

¹⁶ VP (*verb phrase*): sintagma verbal; IP (*inflectional phrase*): sintagma flexional.

Na relação com partículas indicadoras de especificidade, Pereira (2011) investigou esse conceito que, segundo Lyons (1999), consiste no fenômeno segundo o qual o falante tem em mente um certo referente, mas também tem a escolha de não identificá-lo, quando a sua identificação é irrelevante. Muitas línguas, segundo o autor, possuem partículas ou artigos dedicados especialmente a veicular essa noção, é o caso de *se* em samoa, *teetahi* em maori e *bir* no turco. Em inglês e em português, não existem tais artigos ou partículas, mas ambas as línguas utilizam, respectivamente, um demonstrativo e um locativo para esse fim. Assim, esses itens perdem valor dêitico e adquirem um valor especializado.

A hipótese da autora, a partir da comparação entre LÁ pós-nominal e os itens destacados nos parágrafos precedentes, é a de que LÁ é um operador de especificidade e situa-se em uma projeção funcional localizada imediatamente acima do NP e abaixo dos modificadores. A autora não revela exatamente que categoria seria essa, mas supõe que seja um QP por duas razões: (i) porque NPs com LÁ delimitam um único referente ou um subgrupo de referentes específicos em uma classe; (ii) porque, em outras ocorrências de LÁ na estrutura nominal, esse item precede intensificadores e quantificadores universais. Assim, LÁ pós-nominal seria inserido por *merge* também em Spec¹⁷ de uma projeção QP, porém com traços de especificidade.

2.3 UNS TRABALHOS AÍ, LÁ, ALI E AQUI

Nesta seção, comento brevemente os estudos de Confessor (2008b) e de Oliveira e Aguiar (2009), os quais tratam do processo de gramaticalização dos itens AÍ, LÁ, ALI e AQUI.

2.3.1 Confessor (2008b)

Nesse estudo, o qual pode ser considerado o ‘embrião’ desta tese, sinalizei que os itens linguísticos AQUI, AÍ, ALI e LÁ, através do processo de

¹⁷ Spec (*specifier*): especificador; QP (*quantifier phrase*): sintagma quantificador.

gramaticalização, migraram do domínio funcional da dêixis espacial para o da especificação nominal, passando a atuarem também como marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos, constituindo, assim, as camadas mais recentes desse domínio e passando a formar um novo paradigma para a especificação nominal. A hipótese central desse trabalho é a de que, através do processo de gramaticalização, a entrada de *AÍ* nesse domínio funcional serviu como ponto de partida para que outros advérbios locativos também adentrassem o mesmo domínio. Segundo discutido nesse trabalho, para que isso acontecesse, entraram em ação o mecanismo da analogia e o princípio da iconicidade paradigmática, conforme proposto por Krug (2001), que promovem a expansão da regra para os advérbios *AQUI*, *AÍ* e *LÁ*, os quais, em alguns contextos, perdem sua mobilidade como dêiticos, tendo, a partir de então, uma posição fixa no interior do SN. Tais *marcadores de especificidade de SN emergentes* teriam como estrutura paradigmática a seguinte: **um + N + marcador de especificidade**.

2.3.2 Oliveira e Aguiar (2009)

Oliveira e Aguiar (2009), seguindo a proposta de Braga e Paiva (2003), procedem a uma descrição e análise interpretativa do processo de derivação semântico-sintática que conduz à mudança categorial dos quatro mais frequentes pronomes adverbiais locativos da língua portuguesa – *AÍ*, *ALI*, *AQUI* e *LÁ* – para a classe dos clíticos. As autoras partem da hipótese de que a trajetória *advérbio* > *clítico* é resultante de pressões metonímicas, relativas ao contexto de ordenação dos pronomes referidos e sua conseqüente reanálise como parte constitutiva do SN antecedente, e de pressões metafóricas, referentes ao grau de abstratização do sentido locativo desses elementos em tais contextos. As autoras respaldam sua concepção da relação intrínseca entre sintaxe e semântica, entre ambiente estrutural e derivação de sentido, em Traugott e Dasher (2005), para quem metonímia e metáfora são entendidas como dimensões de um mesmo processo.

As autoras consideram também que a função clítica assumida pelos pronomes aludidos é resultante de estratégias de subjetivação, desencadeadas por sentidos produzidos a partir de combinações semânticas no contexto discursivo.

Assim, conforme Oliveira e Aguiar (2009, p. 142), “pela subjetivação, os locutores marcam suas produções linguísticas com termos de sentido mais comunicativo ou textual; nessa marcação, atuam crenças, atitudes, mecanismos de persuasão, de evidencialidade, de modalização, entre outros”. As autoras, então, consideram que a função clítica assumida por AÍ, ALI, AQUI e LÁ tem a ver também com um tipo de efeito primariamente retórico, que, uma vez assumido pela comunidade linguística, regulariza-se nas produções em geral, passando a constituir novo padrão gramatical.

Oliveira e Aguiar (2009) seguem a proposta de Braga e Paiva (2003) de que a trajetória *advérbio* > *clítico* é motivada originalmente pelo uso dêitico dos pronomes adverbiais locativos. As autoras destacam ainda que a interpretação dos dados lhes conduziu à relevância dos parâmetros estruturais, ou metonímicos, para a fixação da função clítica. Destarte, de acordo com Oliveira e Aguiar (2009, p. 149), “ao se colocar o locativo após o SN, num tipo de arranjo sintático fora do uso prototípico adverbial, de tendência pós-verbal, estabelecem-se condições que permitem a reanálise desse constituinte como forma dependente e mesmo integrante do SN, compondo com este um todo de sentido e forma”. As autoras explicitam que tal mudança linguística altera a localização das fronteiras dos constituintes e a sua referência, fazendo com que os locativos passem a compor um SN, geralmente indefinido, codificando informação recuperável.

As autoras adotam o parâmetro da *granulidade* de Batóreo (2000) na interpretação semântica dos locativos situados pós-SN, o qual, segundo as autoras, permite dar conta de um aspecto interessante da referência dos locativos, uma vez que distingue dois grandes subsistemas de regiões de vizinhança dos conjuntos: granulidade vasta e fina/estreita. Dessa forma, consoante Oliveira e Aguiar (2009), no conjunto da granulidade vasta, o pronome LÁ, que possui a marca da imprecisão e da indefinição situacional, é utilizado com maior regularidade. Dessa guisa, a polissemia desse locativo em expressões como “o cara LÁ” poderia ser compreendida por conta de sua vasta granulidade. Já os locativos AQUI, ALI e AÍ participam do subsistema de granulidade fina ou estreita, uma vez que, com esses locativos, a referência de lugar ocorre com maior pontualidade e precisão.

Oliveira e Aguiar (2009) destacam a hipótese de que o sistema de granulidade motivaria a distribuição dos locativos pelos dois conjuntos referidos. Isso

explicaria, de acordo com as autoras, a maior incidência de *LÁ* nas amostras analisadas (*Corpus D&G Rio de Janeiro* e *Corpus D&G Niterói*), com 175 dados no Rio de Janeiro e 49 em Niterói; em segundo lugar, vem *AQUI*, com 52 registros no Rio e 29 em Niterói. Com menor incidência, encontram-se os locativos *ALI*, com 32 registros no Rio e 26 em Niterói, e *AÍ*, com 41 dados no Rio e 12 em Niterói. Para as autoras, esses números apontam que a comunidade estudantil fluminense usa preferencialmente *LÁ* para articular a referência locativa vasta após SN, e *AQUI* para a fina/estreita.

As autoras interpretam ainda a tendência de uso desses itens como resultante de estratégias de subjetivação, uma vez que, segundo Oliveira e Aguiar (2009), ao articular o pronome *LÁ* após SN, o usuário informaria também seu desinteresse ou pouca importância acerca do referente mencionado, que, via de regra, é antecedido por artigo indefinido e se trata de constituinte com menor relevância discursiva. Além disso, consoante as autoras, o uso de *AQUI* concorreria, de maneira contrastiva, para a proximidade do SN referido, como se o usuário tivesse mais adesão ao comentário que desenvolve. As autoras apresentam, então, os seguintes dados para a ilustração desse contraste.

- (27) ‘oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...’ ” aí elas foram **num centro *LÁ***... e... fizeram **um negócio *LÁ*** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? aí... ela... fez... uma... **reza *LÁ***... e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada... (OLIVEIRA; AGUIAR, 2009, p. 151).
- (28) eu sei... eu sei fazer um ((riso)) **uma comida *AQUI***... que... quando eu faço até que... (OLIVEIRA; AGUIAR, 2009, p. 151).

De acordo com elas, em (27), a informante relata um episódio no qual está concentrada efetivamente na linha narrativa, nos acontecimentos; portanto, menciona certos referentes que não conhece de modo vago e que, por outro lado, não necessitam de maior recorte ou precisão: ***um centro LÁ***, ***um negócio LÁ*** e ***uma reza LÁ***. Para as autoras, trata-se de sintagmas que atuam na marcação da pouca adesão ou comprometimento com essas informações, que são na verdade periféricas em relação ao evento maior narrado. Assim, ao fazer uso desses SN, a

informante se refere, conforme Oliveira e Aguiar, a ***um centro QUALQUER, um negócio QUALQUER, uma reza QUALQUER.***

Na ocorrência em (28), Oliveira e Aguiar (2009) pontuam que o informante começa seu relato acerca de uma comida que sabe fazer, utilizando, na primeira menção à referência, o SN ***uma comida AQUI***. Nesse contexto, conforme as autoras, o locativo não somente concorre para a especificação, mas também se torna estratégia de subjetivação, pela proximidade, da relevância do espaço da primeira pessoa propiciado pelo AQUI; assim, ***uma comida AQUI*** não se refere à qualquer comida ou a uma comida irrelevante, mas sim àquela que o informante sabe fazer e agrada aos demais.

As autoras concluem que, do ponto de vista semântico-sintático, no uso gramaticalizado como clítico, os locativos passam a integrar o SN, atuando na modificação do nome, na formação de *unidades pré-fabricadas* (ERMAN; WARREN, 2000 *apud* OLIVEIRA; AGUIAR, 2009). Oliveira e Aguiar (2009) ainda retomam Martelotta (1994), para quem esse uso gramaticalizado é caracterizado por uma perda da noção dêitica de espaço em relação ao falante. Com isso, ocorre a *metáfora*, envolvendo abstratização do sentido dos locativos, em que significados de usos lexicais ou menos gramaticais, como os dêíticos, catafóricos e anafóricos, são estendidos metaforicamente e usados em papéis mais gramaticais, como clíticos, passando a expressar distanciamento subjetivo do falante em relação ao que ele transmite.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A ótica adotada nesta pesquisa é a do Funcionalismo norte-americano, também conhecido atualmente como *abordagem baseada no uso*¹⁸, especialmente no que diz respeito à gramaticalização (cf. HOPPER, 1987, 1991, 1998, 2011; BYBEE, 2010, 2011; LEHMANN, 2002; KRUG, 2001, dentre outros). O funcionalismo concebe a língua como um instrumento de interação social, usada, principalmente, para satisfazer necessidades comunicativas, sendo a linguagem vista como um sistema adaptativo complexo (cf. BYBEE, 2011). Nessa vertente, prioriza-se o estudo das funções que as formas linguísticas desempenham nas diversas situações de interação linguística e considera-se a sintaxe, a morfologia e a fonologia como estando em constante mutação, sendo motivadas, moldadas e/ou restringidas pelo uso. De acordo com Bybee (2011, p. 69), “o uso dos mesmos sons, palavras e padrões ao longo de milhares de eventos de uso tem um impacto sobre o armazenamento cognitivo e sobre o processamento da experiência linguística que dá à linguagem a sua estrutura”.

Destarte, o funcionalismo norte-americano toma como objeto de estudo o discurso, isto é, a língua em situações reais de uso, procurando “explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2003, p. 29). Nessa perspectiva, os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes, já que, para o funcionalismo, as orações de um texto têm dupla função – semântica e pragmática. Assim, o que se comunica em cada situação, além do conteúdo semântico da língua, é a natureza e o propósito do ato de fala como fenômeno cultural e cognitivo.

A linguística funcional concebe a gramática como um conjunto de regularidades convencionalizadas via repetição, isto é, expressões e orações antes inovadoras, por serem muito usadas acabam por rotinizar-se e, assim, passam a fazer parte do repertório linguístico dos falantes e, desse modo, acabam por adentrar na gramática de uma língua. Já que essas mudanças ocorrem durante o uso da língua, e muitas delas dependem da repetição ou frequência de uso, os

¹⁸ De acordo com Bybee (2010, p. 195), a “teoria baseada no uso se desenvolveu diretamente e é, em certo sentido, apenas um novo nome para o funcionalismo norte-americano”.

estudos acerca dos processos de gramaticalização têm demonstrado que a gramática pode ser afetada pelo uso da língua (cf. BYBEE, 2010). O termo *gramaticalização*, por sua vez, foi criado pelo linguista francês Antoine Meillet (um antigo aluno de Saussure e estudioso das línguas indo-europeias), para se referir a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma” (MEILLET, 1912, p. 131 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 19).

Neste capítulo, são combinados construtos teóricos de diferentes vertentes do funcionalismo norte-americano, por serem propostas que se complementam para um estudo mais refinado acerca do processo de gramaticalização de AQUI, AÍ, ALI e LÁ. Assim, são delineadas, nas próximas seções, as seguintes propostas: a Gramática Emergente (HOPPER, 1987, 1998, 2008, 2011); os princípios de gramaticalização (HOPPER, 1991); os parâmetros de gramaticalização (LEHMANN, 2002); os mecanismos de gramaticalização (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991a/b; HOPPER, TRAUGOTT, 2003); a iconicidade sintagmática e a paradigmática (GIVÓN, 2001; KRUG, 2001).

3.1 A PROPOSTA DE HOPPER

3.1.1 A Gramática Emergente

A proposta de gramática emergente apresentada por Paul John Hopper (1987, 1998, 2008, 2011) vem exercendo cada vez mais influência em diferentes áreas de investigação linguística, como a linguística interacional e a linguística cognitiva (cf. GÜNTNER, 2011), além de receber lugar de destaque em estudos sobre o fenômeno de gramaticalização, realizados na esteira de abordagens funcionalistas.

Hopper (1987, 1998, 2008, 2011) desenvolve o construto teórico da Gramática Emergente sempre em oposição às abordagens formais ao estudo da linguagem – estruturalismo e, principalmente, gerativismo – as quais ele denomina de abordagens *a priori* (*A Priori Grammar* – cf. HOPPER, 1987, 1998). Tais abordagens consideram a gramática como um objeto separado do falante e dos

usos que ele possa fazer dela, normalmente consistindo em um conjunto de regras que operam em categorias fixas como substantivos, verbos etc.

O autor toma o termo *emergente* emprestado do trabalho do antropólogo James Clifford, para quem a cultura “é temporal, emergente e disputada” (CLIFFORD, 1986 *apud* HOPPER, 1987, p. 141). Hopper considera que o mesmo parece ser verdadeiro com relação à gramática, a qual, assim como o discurso, deve ser encarada como um fenômeno *online*, social e, por conseguinte, temporal; “sua estrutura é sempre adiada, sempre em um processo, mas nunca chegando, e, portanto, emergente” (HOPPER, 1987, p. 141). Além disso, há o fato de o analista da linguagem poder escolher apenas uma pequena fração de dados para descrever, e qualquer decisão que este venha a tomar com relação à análise da língua (seja na seleção dos textos, seja privilegiando os usos de um grupo específico – etnia, classe social, idade ou gênero) é muito provavelmente uma decisão política que, como tal, pode se contrapor aos interesses de mais alguém. Assim, a gramática também é disputada.

Hopper (1987, p. 141) afirma também que a noção de Gramática Emergente foi proposta para indicar que a estrutura gramatical, ou sua regularidade, emerge do discurso e é moldada por ele em um processo contínuo. O termo também “aponta para uma gramática que não é formulada abstratamente e representada abstratamente, mas sempre ancorada na forma concreta específica de um enunciado”.

Ademais, o adjetivo *emergente*, segundo Hopper, indica um movimento contínuo em direção à estrutura, um adiamento da estrutura, uma visão da estrutura como sempre provisória, sempre negociável. Nessa abordagem, a tarefa do linguista é, basicamente, estudar todo o campo da repetição no discurso, procurando, ao fazê-lo, observar quais regularidades no uso despertam interesse como subsistemas incipientes.

Hopper (1987) também chama a atenção para o papel da repetição na constituição da linguagem. Para ele, o discurso na vida real é abundante em todos os tipos de repetições que não têm nada a ver com a gramática da maneira com a qual ela é normalmente compreendida, como, por exemplo, expressões idiomáticas, provérbios, fórmulas, sintagmas especializados e outros. Segundo ele, não existe nenhum nível de análise gramatical que comporte essas regularidades, já que

muitas delas não são necessariamente frases ou orações com estrutura interna recorrente, mas são frequentemente empregadas holisticamente. Além disso, seus limites podem coincidir ou não com as fronteiras dos elementos constituintes da descrição gramatical tradicional: sujeito e predicado, sintagma nominal, sintagma preposicional etc.

Dessa guisa, a linguagem deve ser vista como uma espécie de pastiche, cujas partes são agrupadas de modo improvisado a partir de elementos já existentes. Corroborando esse ponto de vista, Hopper (1987) faz uso da metáfora do ‘enxerto’ de Derrida, segundo a qual novos atos de fala são ‘enxertados’ sobre os antigos e, por sua vez, servem como hastes sobre as quais atos de fala ainda mais novos são enxertados. Assim, de acordo com essa visão, a gramática não deve ser considerada como a única ou a maior fonte de regularidade, mas como o que resulta quando fórmulas são rearranjadas ou desmontadas e realocadas de modos diferentes.

Como pode ser notado, a intenção de Hopper (1987) não foi a de abolir a noção de gramática, mas de recontextualizá-la, atribuindo-lhe um *status* inteiramente diferente daquele da Gramática *A Priori*, enfatizando os seguintes aspectos (HOPPER, 1987, p. 47):

- (i) A regularidade no discurso pode ser de vários tipos e é dinâmica, não estática. Conseqüentemente não se pode traçar uma linha, separando as regularidades emergentes que podem ser consideradas como gramaticais dos outros tipos de regularidades chamadas de retóricas, formulaicas etc.
- (ii) Uma vez que a gramática é sempre emergente, mas nunca presente, poder-se-ia afirmar que não existe ‘gramática’, mas apenas ‘gramaticalização’ – “movimentos em direção à estrutura que são frequentemente caracterizáveis em modos típicos” (HOPPER, 1987, p. 47).
- (iii) O principal projeto descritivo da Gramática Emergente é “identificar estratégias recorrentes para a construção de discursos – estratégias que têm generalidade interlingüística ou intralingüística (ou ambas) e

as quais se movem em direção à gramaticalização ao longo de linhas paralelas” (HOPPER, 1987, p. 47).

No Quadro 1, a seguir, a partir da discussão exposta em Hopper (1998) são apresentados alguns pontos de comparação entre a perspectiva da Gramática Emergente e a da Gramática *A Priori*.

Quadro 1: Comparação entre Gramática Emergente e Gramática *A Priori*, baseada em Hopper (1998, p. 155-175)

Gramática Emergente (GE)	Gramática <i>A Priori</i> (GAP)
Implicações para a gramática	
<i>Distribuída</i>	<i>Modular</i>
A gramática é mais dispersa, menos unificada. Não consiste de um único sistema delimitado, mas de uma coleção de formas (em aberto) que são constantemente reestruturadas e ressignificadas durante o uso real.	A gramática é modular (há um ‘módulo’ da linguagem separado como repositório da estrutura abstrata).
<i>Histórica-Temporal</i>	<i>Presencial-Transcendental</i>
Existe no tempo e suas formas são materiais; foram usadas antes e serão usadas novamente, em cada ocasião de uso em um contexto diferente e com um sentido diferente. Elas vão e vêm à mente do falante de acordo com a frequência com que as ouve, e não são totalmente e simultaneamente disponíveis ao falante sem considerar o contexto. Estão sujeitas aos caprichos da memória, ao estresse, à conveniência, às mudanças de tópico, ao reforço (ou à ausência dele) por parte dos interlocutores.	Pressupõe a disponibilidade constante de todo o sistema linguístico, tido por conhecido pelo falante sem relação com o tempo ou a situação; a estrutura, o léxico e o significado existem fora de seus contextos, e são selecionados do inventário de regras e formas durante a comunicação de acordo com sua conveniência.
<i>Sociointerativa e Dialógica</i>	<i>Psicológico-Cognitiva</i>
A gramática é entendida como uma repetição significativa, distribuída entre os	É essencialmente monológica e pressupõe um falante-ouvinte perfeito em

<p>vários participantes em um ato de comunicação colaborativo.</p> <p>Estudos mostram, por exemplo, que crianças não aprendem sentenças, mas aprendem a adaptar seu comportamento a ambientes cada vez mais complexos (GREENBAUM, 1988 <i>apud</i> HOPPER, 1998, p. 162).</p>	<p>uma comunidade de fala completamente homogênea.</p> <p>A explicação para as formas não necessita da presença de um interlocutor.</p> <p>Todo o conhecimento linguístico está armazenado na mente do falante individual e pode ser recuperado de lá sem necessidade de referência a atos materiais de comunicação.</p>
<i>Sintagmática</i>	<i>Paradigmática</i>
<p>Enfatiza o arranjo linear, sintagmático das formas, com menos inclinação a generalizações abrangentes, e menos ainda a atribuí-las a uma mente individual.</p>	<p>Enfatiza a metodologia paradigmática de arranjo de formas, tipicamente separando um léxico de uma gramática e encontrando princípios pelos quais as formas (as palavras) podem ser classificadas de acordo com sua distribuição em formas mais extensas (as sentenças).</p>
Implicações para a linguagem	
<i>Comunicação</i>	<i>Expressão Individual</i>
<p>É baseada na ideia de comunicação (no sentido cotidiano do termo).</p> <p>Requer a presença de múltiplos falantes, alguns dos quais são, às vezes, ouvintes.</p> <p>A linguagem é inconcebível de outro modo.</p>	<p>A comunicação não desempenha nenhum papel nessa abordagem.</p> <p>Como todas as formas estão disponíveis no indivíduo, a única função para a linguagem é a autoexpressão individual à parte da fala de outros indivíduos.</p>
<i>Parcial</i>	<i>Completa-Holística</i>
<p>A gramática é vista como uma entidade mais fragmentária. Na verdade, está mais para um grupo de convenções sedimentadas que se rotinizaram a partir dos modos mais frequentes de dizer das coisas.</p> <p>A comunicação é uma questão de negociação.</p> <p>Uma vez que as formas de uma língua não existem hermeticamente fechadas na</p>	<p>As formas da língua constituem um sistema completo de unidades (por exemplo, palavras e morfemas) e regras, que é transcendental e atemporal e, portanto, disponível simultaneamente a cada usuário da linguagem.</p> <p>As formas não requerem a presença de outros falantes. Elas podem e devem ser neutras (política e socialmente) até que sejam empregadas no discurso.</p>

<p>mente do falante, mas são distribuídas durante os atos de comunicação, os signos refletem uma competição constante entre os falantes pelo controle dos significados dos termos, pela definição de palavras e expressões, e pelo status relativo determinado por coisas como sotaque e escolha entre formas alternativas, prioridade na tomada de turno e o reconhecimento da relevância.</p>	
<p><i>Particular</i></p>	<p><i>Geral</i></p>
<p>Uma língua é uma entidade menos disponível por completo e menos restringida do que na perspectiva da GAP.</p> <p>Embora algumas estruturas possam ter um alto grau de consistência através de gêneros e contextos, a tentativa de encontrar um código constante invariável comum a todos os atos comunicativos é vista como artificial ou fútil.</p> <p>A linguagem é vista com uma coleção de dados em grande medida pré-fabricados, disponível para uso em contextos adequados e em jogos de linguagem. Esses exemplares podem ter alguma estrutura interseccional, compartilhar o material relativamente estável e comum a uma ampla gama de gêneros e ocasiões, mas esse grupo é menor e mais restrito do que a gramática considerada na perspectiva da GAP.</p> <p>A língua é um fato emergente tendo como fonte a experiência e a história de vida de cada indivíduo no esforço para realizar uma comunicação bem-sucedida.</p>	<p>A GAP é forçada a assumir o conceito de uniformidade e conceber as diferenças individuais como aberrações.</p> <p>A língua é um bem geral e abstrato, uniforme na comunidade de fala (subjacentemente uniforme).</p>
<p><i>Materialidade</i></p>	<p><i>Regras Abstratas e Formas</i></p>
<p>As formas da língua são vistas como entidades materiais disseminadas de falante para falante na forma de enunciados reais que são assimilados, lembrados e frequentemente mudados</p>	<p>As formas da língua são reproduzidas de acordo com regras abstratas, das quais todos os membros da comunidade de fala dispõem em comum.</p>

<p>em cursos analógicos diretos.</p> <p>Elas também são vistas como encaixadas em construções formulaicas, repetidas com variação local, o que Bolinger chamou de “difusão sintática” (BOLINGER, 1976 <i>apud</i> HOPPER, 1998, p. 165).</p> <p>Os enunciados são, de modo muito próximo, semelhantes a outros já ditos antes. A gramática surge quando certos grupos de formas se tornam rotinizadas, como resultado do favorecimento de determinados tipos de expressão, os quais se revelam usuais, efetivos ou de prestígio.</p>	<p>Enfatiza a singularidade de cada discurso, afirmando que cada sentença é produzida como sendo inteiramente nova.</p>
<p>Implicações para a Linguística</p>	
<p><i>Dados Textuais (“Naturais”)</i></p>	<p><i>Dados construídos</i></p>
<p>A estrutura só pode considerada emergente se as formas forem examinadas em seus contextos naturais de uso. Desse modo, a Linguística tem de voltar sua atenção aos problemas de textualidade, à relação do escritor com o texto, à teoria e à prática da transcrição, dentre outros.</p> <p>Enfatiza sua investigação no que o falante <i>faz</i> em situações naturais de comunicação.</p> <p>Busca, a partir da recorrência de padrões frequentes e da distribuição das formas, mostrar como a frequência afeta essas formas.</p> <p>Bolinger (1976 <i>apud</i> HOPPER, 1998, p. 167) mostra que falar é mais semelhante a lembrar de procedimentos e coisas do que seguir regras. É uma questão de possuir um repertório de estratégias para a construção de discursos, acessando a memória a fim de improvisar e congregá-los. Todo discurso é, de alguma maneira, um discurso especialista, moldado à personalidade do falante, à situação, ao</p>	<p>Os bancos de dados para estudos linguísticos provinham das intuições sobre a gramaticalidade de enunciados corretos conforme reconstruídos pelo linguista (quando falante nativo de determinada língua) ou por outros falantes nativos que o ajudavam.</p> <p>Enfatiza o que o falante <i>pode</i> fazer em condições criadas em laboratório.</p>

<p>registro, ao gênero e ao tópico. Esses aspectos “heteroglóssicos” da linguagem (BAKHTIN, 1981, p. 281 <i>apud</i> HOPPER, 1998, p. 169) tornam-se partes integrantes da descrição linguística e não podem ser colocados à parte como algo irrelevante para o código linguístico e sua estrutura.</p> <p>Pressupõe a existência de uma sistematicidade na língua, mas de forma mais complexa, uma vez que o sistema linguístico não é visto como algo completo e homogêneo, em que fenômenos ‘excepcionais’ são considerados como irregularidades inconvenientes ou exceções, mas como uma junção crescente de formas díspares.</p>	
Retórica	Lógica
<p>Busca restaurar a centralidade da retórica, dispondo a comunicação e a rotinização no âmago do encadeamento implicacional que conduz à estrutura. A gramática seria a retórica vista como partes em escala reduzida de interações como sintagmas, palavras ou mesmo partes de palavras como as que se sedimentaram pelo uso frequente em contextos específicos.</p>	<p>Associa a gramática à lógica, resultando em estudos linguísticos que reduzam a língua a um tipo de esqueleto lógico formal. Há, inclusive, propostas de se construir um sistema abstrato comum a ambos os campos (lógica e gramática).</p>
Metáfora do Projeto	Metáforas do Canal e do Código
<p>A linguagem é vista como um <i>projeto</i>. De posse dele, um engenheiro, mesmo não tendo acesso a detalhes específicos, consegue formar uma ideia geral de como os constituintes podem se combinar na estrutura, a partir das convenções e experiências que já tem com esses constituintes. O que um adulto aprende, quando usa uma forma linguística com sucesso, não é o seu significado intrínseco, mas uma série de contextos nos quais a forma é, ou poderia</p>	<p>Metaforicamente a linguagem seria entendida como um <i>código</i> e um <i>canal</i>.</p> <p>A linguagem é um código, pois suas formas representam significados invisíveis que existem independentemente dele.</p> <p>Também é um canal através do qual as ideias formuladas na mente de um falante são codificadas e transmitidas para a mente de outro falante, onde são decodificadas e reconstituídas como</p>

<p>ser, apropriada. Por causa disso, o significado muda a cada vez que a forma é usada, do mesmo modo que o projeto muda com cada pessoa e contexto material de construção. Se o interlocutor não perceber, ou não for persuadido a perceber, uma analogia entre a situação atual do uso da forma e algum contexto prévio, a comunicação falha.</p> <p>Desse modo, aprender uma língua não é uma questão de adquirir estrutura gramatical, mas de expansão de repertório de contextos comunicativos, não havendo, assim, uma idade em que esse processo poderia ser considerado completo, pois novos contextos, novas ocasiões de negociação de significado ocorrem constantemente.</p> <p>Logo, a língua não é um objeto limitado, mas uma assembleia ampla de experiências sociais sobrepostas.</p>	<p>sendo as mesmas ideias. Seria uma espécie de transmissão de pensamentos.</p>
Escrita e Fala	
<p>Estudo consciente dos traços que diferenciam a fala da escrita e investigação da questão da oralidade e da fenomenologia da ação de falar em culturas diferentes.</p> <p>A complexa interação de gêneros, estilos e registros (graus de formalidade) que se entrecruzam na relação fala-escrita mostra que a natureza da aprendizagem da linguagem é muito mais intrincada do que é implicado no projeto da GAP.</p>	<p>Na GAP, a linguagem oral nunca é estudada explicitamente. A gramática estática de sentenças isoladas que têm pouca conexão com o uso normal é considerada o melhor e o mais típico representante da língua.</p>

Hopper (2011), por sua vez, afirma que a possibilidade de uma perspectiva *online* sobre a gramática sugere uma alternativa ao modelo padrão *item-lexical-e-regras* da descrição linguística. Em lugar de um sistema linguístico disponível uniformemente, ele propõe que se deveria considerar uma associação extremamente grande de recursos linguísticos, que não esteja disponível uniformemente, e umas poucas técnicas lineares simples, uma “caixa de

ferramentas” (HOPPER, 2011, p. 23), para combiná-los em enunciados estruturados. Essa associação é uma coleção que consiste de muitos tipos diferentes de itens, dentre os quais Hopper (2011, p. 23) destaca:

- construções, ou seja, peças formulaicas com *slots* abertos;
- expressões fixas de muitos tipos, que podem ou não corresponder a sintagmas sintáticos no sentido tradicional;
- fragmentos, isto é, enunciados parciais;
- marcadores discursivos, incluindo conjunções como *e*, *quando*;
- intensificadores como *mesmo*, *até* (não necessariamente distintos dos marcadores discursivos);
- itens lexicais (na medida em que eles estão separados dos citados acima).

Segundo Hopper (2011), há uma subestimação do grau no qual o discurso comum é devedor da reciclagem de formas. De acordo com ele, o diálogo informal, visto de uma perspectiva *online*, não consiste de sentenças geradas por regras, mas de uma montagem linear *online* de fragmentos familiares. A gramática é, pois, emergente e um epifenômeno à criação contínua de novas combinações de formas em encontros interativos. Assim, Hopper concorda com Roberts (1944, p. 299 *apud* HOPPER, 2011, p. 26), para quem “o discurso de ontem é a língua de hoje; o discurso de hoje é a língua de amanhã”.

3.1.1.1 Emergindo, Emergente e Estruturação

Com relação ao termo ‘emergente’ e sua nominalização ‘emergência’, Hopper destaca que eles se referem ao fato de que uma estrutura gramatical é sempre temporária e efêmera. Consoante ele, a provisoriedade da gramática decorre diretamente da decisão de se estudar a língua falada no seu cenário natural, que é a conversação informal.

Segundo Hopper (2011, p. 27), muitos linguistas têm usado o termo ‘emergência’ em trabalhos recentes, porém o entendem da seguinte maneira:

Uma língua tem um conjunto de construções fixas. A tarefa do historiador e do investigador da linguagem infantil é mostrar como a presença dessas construções é devida à convergência de mudanças, mudanças que podem não ser elas mesmas interconectadas, mas cujo efeito é resultar em formas linguísticas úteis.

A emergência nessa perspectiva é tratada como uma questão sobre de onde as construções vêm. Assim, uma vez que elas tenham aparecido, adentram o sistema gramatical sincrônico da língua.

Hopper (2011) destaca que o substantivo *emergência* oculta uma ambiguidade que não está presente nos dois adjetivos que ele gera: *emergindo* e *emergente*. Para ele, ‘emergindo’ nos autoriza a entender o desenvolvimento de uma forma a partir de seu meio, sua *epigênese*. Dessa guisa, o termo ‘emergindo’ é adequado para a visão de gramática como um sistema estável de regras e estruturas, que podem ‘emergir’ (vir à existência) a partir de uma mistura menos uniforme. Hopper considera que o trabalho de análise gramatical ao longo das linhas tradicionais é importante, e até indispensável, a fim de prover um ponto de partida para uma perspectiva da estrutura mais *orientada-para-o-discurso*. Entretanto, ele argumenta que, quando o estudo da linguagem é orientado para as interações conversacionais faladas, os resultados relevantes da linguística tradicional se esgotam rapidamente. Entende-se que as categorias não existem previamente ao contexto comunicativo, antes, são elaboradas constantemente na e pela própria comunicação, sendo, portanto, inacabadas e indeterminadas. É nesse sentido que o termo ‘emergente’ é usado. A Gramática Emergente foca mais as fronteiras das categorias do que em seus protótipos, explorando suas margens e o território em volta delas conforme elas se movem.

Por sua vez, conforme Hopper (2011), o termo ‘estruturação’, usado por Giddens e outros sociólogos se parece muito com ‘emergente’, mas tem algumas vantagens sobre este último, sendo a principal delas que o significado ‘emergente’ de estruturação é garantido por seu uso ao longo de várias décadas entre sociólogos com o mesmo significado, protegido de perda ou distorção. Assim, ‘estruturação’ não é suscetível à má interpretação, como o é ‘emergência’, que permite uma confusão entre ‘emergente’ e ‘emergindo’. Por outro lado, ‘estruturação’ carece de um adjetivo correspondente a ‘emergente’. Por isso, Hopper (2011) opta

por preservar o termo 'emergente' em alguns contextos. Hopper também baseia sua posição na reformulação da posição de Giddens com relação à estrutura linguística feita por Linell, segundo a qual

[...] estruturas linguísticas, rotinas culturais, normas etc. não existem anteriormente às interações (mas somente na e através da familiaridade dos interactantes com elas). Ao mesmo tempo, entretanto, essas estruturas, rotinas e normas são intencionalmente geradas, rebaixadas e reconstruídas. Isto é, elas existem anteriormente às interações individuais, ainda que não existissem sem uma continuidade histórica viva de interações. As estruturas sociais são (re)criadas, experimentadas, testadas, negociadas e modificadas a cada vez que são instanciadas ou utilizadas. O hábito é modificado pela acomodação, enquanto a acomodação é habilitada e constringida pelo hábito (LINELL 1998, p. 59-60 *apud* HOPPER, 2011, p. 29).

Assim, a estruturação, como a emergência, implica que não existe um ponto final (*terminus*), nenhum conjunto completo geral de fatos linguísticos e nenhuma entidade sincronicamente limitada. Ao contrário, as estruturas são constantemente modificadas e negociadas durante o uso.

3.1.1.2 Estruturação na conversação

Consoante Hopper (2011), a gramática no nível conversacional não está inscrita em uma forma permanente, mas é o resultado da criação espontânea de novas combinações de formas. Essas formas são fragmentos de expressões ouvidas anteriormente, reunidas durante a interação. Além disso, são improvisadas de maneira muito semelhante ao improviso de uma *performance* de jazz publicamente e em conjunto. Hopper afirma que essa *performance* consiste em variações improvisadas a partir de temas familiares, sendo ligadas e sincronizadas com o desempenho dos outros músicos do grupo. Logo, essas variações não são preexistentes à ocasião de sua realização, tampouco são novas. Igualmente, os falantes compõem juntos enunciados ouvidos anteriormente. Essa ideia é baseada no trabalho de Bakhtin, segundo o qual

quando selecionamos palavras no processo de construção de um enunciado, de modo algum as pegamos do sistema da língua em forma neutra, dicionarizada. Nós geralmente as pegamos de outros enunciados, e principalmente de enunciados que estão relacionados para nós em gênero, isto é, em tema, composição e estilo. Conseqüentemente, escolhemos as palavras de acordo com suas especificações genéricas (BAKHTIN, 1986, p. 87 *apud* HOPPER, 2011, p. 33).

Hopper explica que as *palavras* a que Bakhtin se refere são sintagmas, expressões, fragmentos etc. que foram empregados em ações passadas. Segundo ele, tais ações são “relacionadas para nós em gênero”, porque foram úteis em contextos análogos ao atual. Ademais, para Hopper, muitos enunciados únicos não consistem de nada além de itens holísticos ou *fórmulas*.¹⁹

Hopper conclui, afirmando que um estudo das condições interativas do uso de determinada construção leva à rejeição de duas premissas da análise sintática, a saber: (i) é possível conduzir análises sobre sentenças como objetos estáticos, livres do contexto, existindo somente na mente do indivíduo; (ii) as sentenças são entidades atemporais, totalmente presentes e completas, cujo princípio, meio e fim pode ser pesquisado simultaneamente. Ao invés, Hopper defende que os enunciados devem ser vistos com uma forma de comportamento que se desenvolve no tempo, produzidos por um falante em referência a ouvintes cuja ratificação conforme o enunciado se desenvolve na interação e é inseparável do ato de produção. Assim, à medida que os enunciados se desdobram, estruturam-se de acordo com a hierarquização introduzida pela tomada de turno e com base em textos anteriores, não se acomodando a formas gramaticais fixas prévias, mas se adaptando a normas, o que significa que eles se conformam mais ou menos a padrões reconhecíveis. Logo, podem ser considerados “os produtos emergentes de práticas parcialmente rotinizadas” (PEKAREK DOEHLER, 2007, p. 6 *apud* HOPPER, 2011, p. 42).

¹⁹ Hoper (2011, p. 34) apresenta como exemplo desse tipo de construção alguns enunciados curtos em inglês presentes nas conversações cotidianas, extraídos de diálogos presentes no *Santa Barbara Corpus*, como *that's good, I mean it* e outros, que apresentam pouca ou nenhuma complexidade interna.

É importante salientar, porém, que a “[...] gramaticalização tem seu início na gramática emergente, embora o inverso não aconteça: a gramática emergente pode levar ou não à mudança gramatical” (AUER; PFÄNDER, 2011, p. 14). Destarte, nem todas as estratégias de construção do discurso que emergem nas situações cotidianas de interação serão repetidas com certa frequência, frequência essa que as faria integrar a gramática da língua. Somente algumas delas serão gramaticalizadas: as mais “vivas”, as mais utilizadas pelos falantes (cf. THOMPSON, 1993).

3.1.2 Os princípios de gramaticalização

Hopper (1991) propõe cinco princípios que podem caracterizar tanto os estágios iniciais da gramaticalização quanto os finais. Tais princípios são relevantes para diagnosticar a emergência de formas e construções gramaticais a partir de material já disponível, como também de diferentes graus de gramaticalização nos casos em que ela já é um processo reconhecido como tal. Os princípios são os seguintes: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização.

3.1.2.1 Estratificação

“Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as camadas mais recentes” (HOPPER, 1991, p. 22)

Esse princípio refere-se a um fenômeno muito comum nas línguas em geral que é o da codificação de uma determinada função linguística por formas diferentes. Essa diversidade formal surge, segundo Hopper (1991, p. 23), na medida em que uma forma ou um conjunto delas, ao emergir em um dado domínio funcional, não substitui imediatamente – ou mesmo nunca vem a substituir completamente – o conjunto já existente de formas equivalentes funcionalmente; mas, ao contrário,

esses dois conjuntos de formas passam a coexistir, podendo ser especializados para itens lexicais particulares, classes peculiares de construções ou registros sociolinguísticos; podem ainda ter significados levemente distintos ou apenas serem reconhecidos como alternativas estilísticas.

3.1.2.2 Divergência

“Quando uma forma lexical sofre gramaticalização para um clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais ordinários” (HOPPER, 1991, p. 22).

O princípio da divergência origina pares ou múltiplas formas possuindo a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente, isto é, “o uso fonte e o uso alvo de uma forma em um afixo de gramaticalização podem seguir cada um o seu próprio caminho e continuar coexistindo como reflexos divergentes de uma forma singular por muito tempo” (TAVARES, 2003, p. 72).

3.1.2.3 Especialização

“Dentro de um domínio funcional, em um estágio, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível; quando a gramaticalização acontece, essa variedade de escolhas formais estreita-se e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais” (HOPPER, 1991, p. 22).

A especialização diz respeito à redução na escolha de formas para a codificação de determinada função gramatical e geralmente ocorre em estágios mais avançados da gramaticalização. Nesse processo, uma forma X de um dado domínio funcional predomina sobre as outras no desempenho de uma função e acaba por eliminá-las, adquirindo um sentido mais generalizado, passível de ser empregado em vários contextos de uso.

3.1.2.4 Persistência

“Quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, tanto quanto isso é gramaticalmente viável, alguns traços dos seus significados lexicais originais tendem a aderir a ela, e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos nas restrições a sua distribuição gramatical” (HOPPER, 1991, p. 22).

Esse princípio prega que, no processo evolutivo da gramática, as formas gramaticalizadas conservam resquícios de seus significados anteriores, podendo ser polissêmicas em alguns contextos de uso, chegando, muitas vezes, a interferir na maneira como os usuários utilizam a língua. Em outras palavras, espera-se que uma forma gramaticalizada tenda a ser polissêmica e isso pode restringir sua distribuição em certos contextos de uso.

3.1.2.5 Decategorização

“Formas sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos das categorias²⁰ plenas substantivo e verbo, e assumir atributos característicos de categorias secundárias tais como adjetivo, particípio, preposição, etc.” (HOPPER, 1991, p. 22).

A perspectiva da gramaticalização para a explicação do surgimento da gramática traz como consequência teórica a relativização da noção de *categoria*. De acordo com essa visão, não há distinções muito claras entre as categorias, tanto que se pode falar em decategorização e é preferível substituir a ideia de *categoria* pela de graus de *categorialidade*.

²⁰ Hopper (1991) utiliza o termo *categoria* como sinônimo de classe de palavras, diferente de Heine, Claudi e Hünemeyer. (1991a/b), que o empregam para descrever os domínios básicos para a estruturação da experiência humana (cf. seção 3.3.1, a seguir). Nessa pesquisa, portanto, usamos o termo *categoria* nessas duas acepções.

3.2 PARÂMETROS DE GRAMATICALIZAÇÃO (LEHMANN, 2002)

Lehmann (2002) defende que a gramaticalização não ocorre apenas no eixo diacrônico, afirmando que diferentes formas estruturais sincronicamente presentes em uma língua podem ser organizadas em uma escala de gramaticalização. Assim, para o autor, “enquanto o simbolismo ‘ $x > y$ ’ tem sido usado no sentido de ‘ x é gramaticalizado em y ’, isto é, designando um processo histórico, isso é apenas um caso especial da relação geral ‘ y é mais fortemente gramaticalizado do que x ’ ou simplesmente ‘ y é mais gramatical do que x ’” (LEHMANN, 2002, p. 108).

Segundo o autor, a linguagem é uma atividade que consiste na criação de significados disponíveis interpessoalmente (os signos), e essa atividade pode ser mais livre ou mais regulada. Dessa forma, os meios pelos quais os signos são formados podem depender mais da decisão real do usuário da linguagem (sendo os signos oriundos dessa atividade menos gramaticalizados) ou mais das convenções sociais depositadas na gramática (sendo mais gramaticalizados).

A partir disso, Lehmann (2002, p. 109) propõe o **Princípio da Autonomia do Signo**, afirmando que “com quanto mais liberdade um signo é usado mais autônomo ele é. Portanto, a autonomia de um signo é inversa a sua gramaticalidade, e a gramaticalização prejudica sua autonomia”. Destarte, se quisermos medir o grau de gramaticalização de um signo, determinaremos seu grau de autonomia, o qual apresenta três aspectos principais: **peso**, **coesão** e **variabilidade**.

Tais aspectos podem ser separados em dois grupos de critérios distintos, relacionados aos eixos fundamentais das operações linguísticas: a seleção (**aspecto paradigmático**) e a combinação (**aspecto sintagmático**) dos signos linguísticos. Assim, o peso de um signo, observado paradigmaticamente, é sua **integridade**, seu tamanho substancial, tanto no âmbito semântico quanto no fonológico; observado sintagmaticamente é o **escopo estrutural**, ou seja, a extensão da construção a qual ele integra ou ajuda a formar. A coesão de um signo com outros signos em um paradigma é chamada **paradigmaticidade** – o grau no qual ele adentra um paradigma, é integrado a ele e dele dependente; em um sintagma, a coesão de um signo com outros é sua **ligação** – o grau no qual ele depende de (ou se anexa a) outros signos. No eixo paradigmático, a **variabilidade** de um signo é a possibilidade

de se poder usar outros signos no lugar dele ou de omiti-lo completamente; no eixo sintagmático, a **variabilidade** de um signo é a possibilidade de deslocá-lo ao longo da construção da qual faz parte. A relação entre os parâmetros, os aspectos da autonomia do signo e os eixos das operações linguísticas é resumida no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2: Os parâmetros de gramaticalização

Eixo	paradigmático	sintagmático
Parâmetro		
Peso	integridade	escopo estrutural
Coesão	paradigmaticidade	ligação
Variabilidade	variabilidade paradigmática	variabilidade sintagmática

Fonte: LEHMANN, 2002, p 110.

Lehmann (2002, p. 110) ressalta que alguns desses parâmetros se correlacionam positivamente, enquanto outros, negativamente. À medida que a gramaticalização aumenta, os parâmetros de coesão também aumentam, enquanto os parâmetros de peso e variabilidade diminuem. O autor destaca ainda que, conquanto a gramaticalização seja um processo, os seis parâmetros não o são; antes, são propriedades de signos, embora propriedades variáveis, afirmando também que “estritamente falando, o que esses parâmetros conjuntamente identificam não é a gramaticalização mas a autonomia, ou inversamente, a gramaticalidade de um signo, isto é, o grau ao qual ele está gramaticalizado”.

Além disso, segundo Lehmann, uma vez que os seis parâmetros de gramaticalização têm uma base dedutiva comum, são teoricamente dependentes um do outro. No entanto, cada um dos parâmetros pode ser examinado independentemente dos outros, já que são metodologicamente independentes um do outro.

O autor afirma também que a comparação de dois signos com respeito ao seu grau de gramaticalidade pressupõe que eles são funcionalmente similares. Consoante Lehmann, a **similaridade funcional** diz respeito à pressuposição geral de que, em qualquer comparação, duas coisas, ao serem comparadas uma com a

outra, deveriam ter algo em comum. Assim, o autor considera a similaridade funcional um pré-requisito metodológico tomado como certo em sua pesquisa. Para o autor,

isso equivale a dizer que dois elementos adjacentes em uma escala de gramaticalização realizam a mesma função, mas em diferentes graus. Por exemplo, um pronome demonstrativo e um artigo definido têm a mesma função de determinar, mas o pronome demonstrativo determina mais especificamente do que o artigo (LEHMANN, 2002, p. 112).

Nas subseções a seguir, são apresentados, de maneira resumida, cada um dos seis parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann (2002).

3.2.1 Parâmetros paradigmáticos

3.2.1.1 Integridade

A **integridade** de um signo ou o seu **peso paradigmático** “é sua posse de certa substância que lhe permite manter sua identidade, sua distinguibilidade de outros signos e lhe confere certa proeminência em contraste com outros signos no sintagma” (LEHMANN, 2002, p. 112). Dentre os parâmetros de gramaticalização, este é o fator em que os aspectos semânticos e fonológicos podem ser distinguidos mais claramente. A diminuição na integridade fonológica de um signo é a **atrição fonológica**, e a diminuição na integridade semântica é a **dessemantização**.

A atrição fonológica (erosão) pode ser definida como a perda gradual de substância fonológica, isto é, a subtração sucessiva de traços fonológicos. A atrição fonológica pode levar à perda de segmentos, dependendo de onde os traços são subtraídos, fazendo com que o signo se torne mais curto. A erosão também pode resultar no desaparecimento do significante por inteiro, caso o signo perca até o último traço fonológico. Nesse caso, já que a atrição fonológica e a dessemantização caminham de mãos dadas, o significado também é perdido e o signo deixa de existir.

Um dos casos de atrição apresentados por Lehmann é a redução do artigo *ille* latino para o *le* francês (frequentemente /l/).

A integridade semântica ou **sematicidade** de uma palavra, por sua vez, está relacionada com a representação semântica de um signo, a qual consiste “em um conjunto de proposições tomadas de alguma metalinguagem semântica comumente chamadas de componentes semânticos ou traços, e essas proposições que estão associadas (mais do que dissociadas) contribuem para a complexidade semântica ou sematicidade do signo” (LEHMANN, 2002, p. 114). A dessemantização, ou redução semântica ou desbotamento, é então a diminuição da sematicidade pela perda de tais proposições. A gramaticalização da expressão latina *hāc hōrā* (nesta hora) nos advérbios *agora* em português e *ahora* em espanhol ilustra o fenômeno de dessemantização.

Segundo Lehmann, há, em alemão, alguns termos descritivos disponíveis para o tipo de variação semântica a ser encontrada em um item gramaticalizado: na fonte de um processo de gramaticalização, há o *Grundbedeutung* (significado nuclear) do item; no final, há o seu *Gesamtbedeutung* (significado geral). Essa relação se manifesta tanto diacronicamente, com a gradação semântica, quanto sincronicamente, como um tipo específico de polissemia. Para Lehmann (2002, p. 114),

[...] a gramaticalização rasga os traços lexicais até que somente os traços gramaticais sejam deixados. Conseqüentemente, a relacionalidade de um item é normalmente conservada enquanto a maior parte dos traços semânticos originais é perdida na gramaticalização. Portanto, é frequentemente o caso de que o produto-final do processo significa um pouco mais do que um tipo de relação gramatical.

Um último fenômeno envolvido na diminuição da integridade é a perda na habilidade de se flexionar, que pode ser denominada de **degeneração morfológica**. Nesse caso, o que é perdido não é algum traço arbitrário fonológico ou semântico, mas uma categoria flexional. A perda de todas as categorias flexionais é o sintoma de uma mudança no *status*. Um signo gramaticalizado é rebaixado nos níveis gramaticais, de sintagma para palavra e daí para morfema. Esse último passo, em particular, envolve a transição do signo de uma categoria maior para uma menor.

3.2.1.2 Paradigmaticidade

A **paradigmaticidade** ou coesão paradigmática “é a integração formal e semântica tanto de um paradigma como um todo quanto de uma única subcategoria no paradigma de sua categoria genérica” (LEHMANN, 2002, p. 118). Para o autor, isso requer que os membros do paradigma sejam ligados um com o outro por relações paradigmáticas claras, nomeadamente a oposição e a complementaridade. Além disso, o aspecto mais superficial e evidente da paradigmaticidade é o próprio **tamanho do paradigma**.

No entanto, de acordo com Lehmann, o tamanho de um paradigma é um aspecto superficial e nem sempre confiável da paradigmaticidade, uma vez que, além de seu próprio tamanho, a integração do paradigma contém aspectos mais intrínsecos e menos facilmente quantificáveis. “Ela também compreende a **homogeneidade** formal e funcional do paradigma, ou seja, uma certa quantidade de similaridade entre seus membros e de regularidade entre suas diferenças” (LEHMANN, 2002, p. 120 – grifos do autor).²¹ No âmbito semântico, os membros de um paradigma mantêm uma base semântica comum com diferenças específicas variáveis.

A paradigmaticidade é gradualmente atingida no decorrer do processo de gramaticalização. Assim, categorias pouco gramaticalizadas não constituem paradigmas firmemente integrados. Além disso, entra em cena o processo de integração paradigmática ou **paradigmatização**, que leva a um nivelamento das diferenças com as quais os membros eram equipados originalmente.

No fim de um aclave de gramaticalização, não ocorre a formação de novos paradigmas, mas a redução dos já existentes: as categorias mais gramaticalizadas de um sistema linguístico geralmente se constituem de um paradigma formado por apenas dois membros, isto é, uma oposição binária, como na codificação do número gramatical (singular/plural), do gênero (masculino/feminino), da classe do substantivo (animado/ não animado ou humano/ não humano) etc. Essa oposição,

²¹Lehmann aponta também o problema de se e até que ponto **construções perifrásticas** têm de ser admitidas na constituição de um paradigma. Para o autor, “quando uma forma em um paradigma consiste de duas ou mais palavras ela é perifrástica” (LEHMANN, 2002, p. 121). Isso implica dizer que se não existe paradigma, não existe forma perifrástica, mas meramente a combinação de palavras.

inclusive, pode consistir apenas na presença de um signo *versus* sua ausência, o que constitui o mais alto grau de paradigmaticidade. Se houver um passo a mais nesse auge de gramaticalização, o paradigma deixa de existir, podendo ser chamado o seu destino posterior de **fossilização**.

Um fator adicional que acompanha a paradigmática, segundo Lehmann, é a **irregularidade** crescente, na medida em que as regras que governam o uso do item gramaticalizado são menos semanticamente motivadas e crescentemente arbitrárias, puramente formais, o que inclui a possibilidade de irregularidade crescente como uma consequência da redução do paradigma e da dessemantização. Consoante o autor, a perda de distinções semânticas dentro de um paradigma pode indicar que formas anteriormente opostas uma a outra se tornaram variantes. Às vezes, uma variante não expulsa completamente a outra, mas uma delas se torna fixa em alguns contextos e a outra variante em outros contextos.²²

3.2.1.3 Variabilidade paradigmática

Variabilidade paradigmática “é a liberdade com a qual o usuário da língua escolhe um signo” (LEHMANN, 2002, p. 123). Assim, ele pode escolher entre duas alternativas principais ao escolher algum signo: escolher outro membro do mesmo paradigma ou não escolher nenhum membro daquele paradigma. A variabilidade paradigmática pode ser dividida em intraparadigmática e transparadigmática. Em ambos os casos, a liberdade de escolha entre vários preenchedores de um dado espaço – incluindo zero – é, naturalmente, restringida pelo contexto.

A **variabilidade intraparadigmática** não consiste na variação livre, mas na seleção de alternativas que estão em oposição. Para Lehmann, a variação livre não se correlaciona com o grau de gramaticalidade e talvez não se correlacione com nada, já que é em princípio assistemática. Todavia, a seleção de membros opostos do paradigma é determinada pela gramática de acordo com o grau no qual todo o paradigma está gramaticalizado. Logo, a variabilidade intraparadigmática diminui

²²A proposta de Lehmann parece se coadunar com o princípio de especialização de Hopper (cf. seção 3.2.1.3).

com o aumento da gramaticalização. Lehmann destaca como exemplo desse fenômeno o gênero nas línguas indo-europeias, que é fixo para a maioria dos nomes, com a exceção de alguns nomes animados, como a oposição entre os nomes latinos *lupus* (lobo) e *lupa* (loba). A operacionalização desse parâmetro é difícil porque a própria substitutabilidade é difícil de quantificar e principalmente porque a dependência do contexto varia grandemente de uma categoria gramatical para outra²³.

A **variabilidade transparadigmática**, por sua vez, refere-se à liberdade do usuário da língua com respeito ao paradigma como um todo. O paradigma representa certa categoria gramatical, e seus membros, as suas subcategorias (ou valores). O usuário da língua dispõe de uma certa liberdade em tanto especificar a categoria, ao usar uma de suas subcategorias, ou deixar toda a categoria não especificada. A partir do momento em que a última opção se torna restringida e, posteriormente, impossível, a categoria se torna obrigatória.

Entretanto, Lehmann ressalta que a obrigatoriedade da categoria como um todo e as restrições à variabilidade intraparadigmática são às vezes difíceis de separar, principalmente quando o paradigma contém um membro formalmente não marcado. Ele apresenta, como exemplo, o uso do singular não marcado em vez do plural, que tanto pode ser uma instância de variabilidade intraparadigmática ou indicar a opcionalidade da categoria de número. De acordo com o autor, isso mostra que os parâmetros de variabilidade intraparadigmática e de obrigatoriedade são tão similares que devem ser incluídos sob um parâmetro de variabilidade paradigmática.

Além disso, por causa de suas implicações para a relevância do sistema, a obrigatoriedade torna-se, indubitavelmente, um importante fator na gramaticalização. Contudo, Lehmann apresenta duas considerações que deveriam impedir a sobrevalorização de sua importância:

²³Com relação à dependência que a variabilidade paradigmática tem do contexto, Lehmann (2002, p. 125) destaca que “é um princípio da teoria da informação que a probabilidade condicionada de um signo geralmente difere de sua probabilidade absoluta, e que essas diferenças aumentam proporcionalmente a um aumento no contexto condicionante. Limitando-nos aos contextos favoráveis, podemos dizer que quanto mais ampliarmos o contexto, mais um signo específico se torna obrigatório”. Em amárico, por exemplo, o verbo só dispõe de afixos para a concordância com o objeto, se este for definido.

- (i) Se a obrigatoriedade de um elemento aumenta ao ponto de se tornar onipresente, ela se torna, ao mesmo tempo, sem significado, como o sufixo *-im*, presente em todos os verbos transitivos em tok pisin;
- (ii) A obrigatoriedade não pode ser isolada dos outros fatores de gramaticalidade. Conquanto se possa eventualmente considerar esse único parâmetro suficiente para a determinação do grau de gramaticalidade, não se deve ignorar que os outros são necessários e, dessa forma, essenciais, também: “nada pode se tornar obrigatório na gramática que também não esteja gramaticalizado em um certo grau de acordo com os outros parâmetros” (LEHMANN, 2002, p. 127-8).

3.2.2 Parâmetros sintagmáticos

3.2.2.1 Escopo estrutural

O peso sintagmático ou **escopo estrutural** de uma forma gramatical é “o tamanho estrutural da construção que ele ajuda a formar. O tamanho estrutural de uma construção será considerado, na ausência de critérios mais precisos, como sendo determinado por seu **nível de estrutura gramatical** (o qual, para muitos propósitos, pode ser considerado como seu nível estrutural constituinte)” (LEHMANN, 2002, p. 128 – grifos do autor). Por exemplo, o escopo estrutural de um sufixo de caso em turco é o SN que ele segue, enquanto o escopo de um sufixo de caso em latim é o substantivo. Segundo Lehmann, a redução diagnóstica do nível da estrutura gramatical tem sido considerada por alguns autores como um traço essencial de um processo chamado de **condensação**, o qual pode ser subsumido sob o processo de gramaticalização.

Ainda de acordo com Lehmann, em certos casos, há uma divergência óbvia entre o escopo estrutural e o semântico de um operador gramatical. O exemplo apresentado pelo autor é o do modal inglês *may*, cujo significado se desenvolveu de uma possibilidade física via possibilidade deôntica para uma possibilidade epistêmica. Isso implica um alargamento do escopo semântico da ação verbal à proposição. Para Lehmann, desenvolvimentos similares são frequentes nos

operadores de tempo, aspecto e modo, e esse é um exemplo claro, segundo ele, de que a arbitrariedade, a ausência de iconicidade, acompanha a gramaticalização crescente.

Além disso, no curso de gramaticalização, o encolhimento do escopo estrutural termina no nível do radical. Convém ressaltar que o escopo estrutural diverso dos afixos de uma palavra não reflete a gramaticalidade deles, ou seja, isso não significa necessariamente que os afixos internos de uma palavra sejam mais gramaticais do que os seus afixos externos. Ao contrário, os afixos internos são geralmente derivacionais enquanto os afixos externos são flexionais. Mesmo entre os afixos flexionais, não é observada nenhuma ordem ditada pela gramaticalização.

Por fim, Lehmann destaca a questão da *limitação* ou *incompletude aberta* das escalas de gramaticalização: por um lado, observando a condensação de duas orações em uma, o autor vê-se levado a indagar se a gramaticalização tem qualquer papel a desempenhar acima do nível da sentença; por outro lado, porém, observando afixos gramaticais serem reduzidos a alternâncias fonológicas de morfemas (por exemplo, a apofonia), ele é motivado a perguntar se a gramaticalização tem qualquer papel a desempenhar abaixo do nível do morfema.

3.2.2.2 Ligação

A coesão sintagmática ou **ligação** de um signo é “a intimidade com a qual ele é conectado a outro signo com o qual mantém uma relação sintagmática. O grau de ligação de um signo varia da justaposição à amalgamação, proporcionalmente ao seu grau de gramaticalidade” (LEHMANN, 2002, p. 131).

Qualquer aumento na ligação consistirá no fenômeno chamado de **coalescência**. Segundo Lehmann, como esse processo pode ser observado de modo mais acurado no nível da fonologia, há uma variedade de termos na literatura para designar suas fases, as quais são apresentadas a seguir: (i) o primeiro passo adiante da justaposição é a **cliticização**, isto é, a subordinação do item gramaticalizado sob um acento adjacente; (ii) a fase seguinte é a **aglutinação**, na qual ele se torna um afixo de um outro elemento; (iii) a última fase é chamada de **fusão** ou **amalgamação**, em que o item gramaticalizado perde sua identidade de

morfema, tornando-se uma parte integral de um outro morfema. Alguns desses termos têm sido usados também para nomear todo o processo de coalescência.

Consoante Lehmann, a coalescência normalmente ocorre de acordo com dois princípios potencialmente conflitantes: a primeira possibilidade é a de que a posição de um item gramaticalizado em um sintagma seja determinada pelas relações gramaticais (nesse caso, ele será anexado aos elementos com os quais mantém uma relação gramatical); a segunda possibilidade é a de que a sua posição em um sintagma seja definida por relações de ordem sequencial, as quais tipicamente envolvem o número de constituintes a partir de uma fronteira sintática específica, e mais tipicamente a posição após o primeiro constituinte de uma oração (então a cliticização não refletirá, necessariamente, as relações gramaticais). No primeiro caso, a coalescência procederá pelos cursos trilhados pela gramaticalização, ao passo que, no último caso, ela se encerrará normalmente com a cliticização.

Em suma, a coalescência pode ser descrita como o enfraquecimento e perda final das fronteiras, o que está representado esquematicamente na Figura 2, a seguir.

Figura 2: Escala de fronteiras gramaticais

|| > ## > # > + > Ø

Fonte: LEHMANN, 2002, p. 137.

A leitura da Figura deve ser feita da seguinte maneira: a fronteira da oração inclui a fronteira da palavra que inclui a fronteira da raiz que inclui a fronteira do morfema que inclui a ausência de fronteiras. Há, portanto, uma relação de inclusão transitiva da esquerda para a direita, a qual significa que “se um processo fonológico se aplica através de uma dada fronteira, ele também se aplica às fronteiras a sua direita; e quando uma fronteira é enfraquecida na coalescência, o que é deixado é seu vizinho na direita” (LEHMANN, 2002, p. 137).

3.2.2.3 Variabilidade sintagmática

A variabilidade sintagmática de um signo é “a facilidade com a qual ele pode ser deslocado ao redor em seu contexto. No caso de um signo gramaticalizado, isso diz respeito principalmente a sua mutabilidade posicional com respeito àqueles constituintes com os quais ele entra em uma construção” (LEHMANN, 2002, p. 140). A variabilidade sintagmática, por conseguinte, diminui com a gramaticalização crescente.

Um fenômeno às vezes observado na gramaticalização, associado com a variabilidade sintagmática, é que a ordem na qual um item gramaticalizado é fixado na construção da qual ele agora faz parte difere da ordem que era a mais natural quando ele ainda era um lexema. O desenvolvimento do auxiliar ‘ter’ nos romances ilustra esse fenômeno. Em latim, a sequência não marcada era tanto *epistulam scriptam habeo* (tenho escrito uma carta), com o verbo em posição final, quanto *habeo epistulam scriptam*, com o verbo na frente do objeto. Nenhuma dessas variações sobreviveu no italiano *ho scritto una lettera*. Destarte, ocorre o que Lehmann chama de **ajuste posicional**. À medida que a variabilidade sintagmática do item gramaticalizado diminui, sua ligação com determinada classe de palavras, a qual ele passa a modificar gramaticalmente, se torna mais estreita. Em outras palavras, “sempre que ajustes posicionais ocorrerem, produzirão uma ordem na qual o item gramaticalizado é adjacente ao seu suporte lexical” (LEHMANN, 2002, p. 142).

3.2.3 Correlação entre os parâmetros

No Quadro 3, a seguir, encontram-se sumarizados os seis parâmetros de gramaticalização, a sua atuação nos itens linguísticos quando a gramaticalização é fraca, os processos que a afetam ao longo dos eixos de gramaticalização e atuação desses parâmetros em situações de gramaticalização forte.

Quadro 3: Correlação dos parâmetros de gramaticalização

Parâmetro	gramaticalização fraca	– processo →	gramaticalização forte
Integridade	feixe de traços semânticos; possivelmente polissilábico	– atrição →	poucos traços semânticos; oligo- ou monossegmental
Paradigmaticidade	o item participa livremente no campo semântico	– paradigmatização →	paradigma pequeno, fortemente integrado
variabilidade paradigmática	escolha livre de itens de acordo com intenções comunicativas	– obrigatorificação →	escolha sistematicamente restringida, uso amplamente obrigatório
escopo estrutural	o item se relaciona ao constituinte de complexidade arbitrária	– condensação →	o item modifica palavra ou raiz
Ligação	o item é independentemente justaposto	– coalescência →	o item é afixo ou mesmo um traço fonológico do portador
variabilidade sintagmática	o item pode ser deslocado livremente	– fixação →	o item ocupa um espaço fixo

Fonte: LEHMANN, 2002, p 146.

Segundo Lehmann, o Quadro 3 pode ser tomado como o denominador comum de todas as escalas de gramaticalização. A proposta dele é a de que um processo de gramaticalização normal obedece à seguinte condição: “um item que é gramaticalizado em uma construção ocupará um ponto em cada um dos seis parâmetros de tal forma que os seis pontos estarão mais ou menos em uma linha vertical” (LEHMANN, 2002, p. 146). Para ele, a correlação dos parâmetros paradigmáticos entre si é, até certo ponto, uma necessidade lógica. “O significado, ou a significatividade, implica escolha” (LYONS, 1977, p. 33 *apud* LEHMANN, 2002, p. 146). Assim,

se mais significado deve ser transmitido (semantividade), tanto a escolha deve ser expandida (paradigmática), ou ele deve ser aliviado de restrições (variabilidade paradigmática). Inversamente, se um item é oposto somente a alguns similares ou não pode deixar de aparecer sob certas circunstâncias, sua semantividade será correspondentemente baixa. A bem conhecida correlação entre dessemantização, a abolição das restrições de seleção e o aumento da frequência textual pode ser lembrada aqui. Todavia, a dependência não é completa. Obviamente um paradigma pode conter membros que não são semanticamente bem distintos e assim têm uma relativamente baixa semantividade; isso ocasionalmente ocorre com classes de nomes e adposições. Novamente, existem conexões lógicas entre alguns dos parâmetros de autonomia sintagmática. A variabilidade sintagmática de um item pode aumentar somente se o seu escopo estrutural aumentar da mesma forma (LEHMANN, 2002, p. 146-7).

Todavia, Lehmann alerta que, em alguns casos, os parâmetros não se correlacionam. Por essa razão, a gramaticalização de acordo com um ou outro deles pode se adiantar ou se atrasar. A combinação de *to* + infinitivo em inglês é provavelmente um exemplo da ligação ficando atrás dos outros parâmetros, já que, segundo Lehmann, *to* não é tão ligada, enquanto deve certamente ser considerada altamente gramaticalizada nos termos dos parâmetros de semantividade e variabilidade paradigmática (obrigatoriedade). No entanto, o autor não apresenta nenhuma explicação para esse tipo de fenômeno.

3.3 MECANISMOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Nesta seção, serão apresentados os principais mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização: transferência metafórica, reinterpretação induzida pelo contexto/inferência sugerida (metonímia), reanálise e analogia.

3.3.1 Transferência metafórica

Heine et al. (1991a/b) postulam que existe um processo de *problem-solving* (resolução de problemas) subjacente à gramaticalização, que é metaforicamente

estruturado, isto é, se dá pela expressão de uma coisa nos termos de outra, podendo ser descrita nos termos de algumas categorias básicas, organizadas da seguinte maneira:

PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

De acordo com esses autores, essas categorias representam domínios de conceitualização importantes para a estruturação da experiência, e a relação entre elas é metafórica: qualquer uma delas pode servir para conceitualizar qualquer outra categoria à sua direita, consistindo no que Heine *et al.* (1991b, p. 157) propuseram chamar de *metáforas categoriais*, como ESPAÇO É OBJETO ou TEMPO É ESPAÇO.

Vale ressaltar ainda que as fronteiras entre as categorias não são claramente definidas, existindo um *continuum* entre elas. Assim, no processo de gramaticalização, pode haver estágios de ambiguidade em que uma palavra ou construção pode fazer parte de duas categorias simultaneamente. Além disso, Heine *et al.* (*op. cit.*) defendem o princípio da unidirecionalidade, segundo o qual formas sofrendo gramaticalização tendem a adquirir significados cada vez mais abstratos, nunca ocorrendo o contrário.

Heine *et al.* (*op. cit.*, p. 159) afirmam ainda haver um tipo de correlação entre as categorias metafóricas e a divisão de classes de palavras e os tipos de constituintes sintagmáticos, conforme o Quadro 4, a seguir:

Quadro 4: Relação entre categorias, classes de palavras e sintagmas

<i>Categoria</i>	<i>Tipo de palavra</i>	<i>Tipo de constituinte</i>
PESSOA	nome humano	Sintagma Nominal
OBJETO	nome não humano	Sintagma Nominal
PROCESSO	Verbo	Sintagma Verbal
ESPAÇO	advérbio, preposição	Sintagma Adverbial
TEMPO	advérbio, preposição	Sintagma Adverbial
QUALIDADE	adjetivo, advérbio	Modificador

Fonte: HEINE; CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991b, p. 160.

3.3.2 Reinterpretação induzida pelo contexto/inferência sugerida

O processo de gramaticalização envolve dois componentes básicos: um discreto, metafórico por natureza, e o outro contínuo, dependente do contexto linguístico e extralinguístico, envolvendo um tipo de contiguidade conceptual que, por sua vez, é descrita em termos de uma relação metonímica.

Heine *et al.* (1991b, p. 165) chamam de *reinterpretação induzida pelo contexto* o processo de surgimento da metonímia através da manipulação pragmático-discursiva de conceitos mediante o qual eles são sujeitos a fatores contextuais numa interpretação enunciativa. Esse mesmo processo é denominado *inferência sugerida* por Traugott e Dasher (2005).

Heine *et al.* (1991b) afirmam que, num contexto adequado, conceitos espaciais podem licenciar implicaturas temporais e citam o caso das preposições *from* e *to* do inglês que, de um sentido puramente espacial (03), podem receber uma interpretação temporal ((04) e (05)). “Uma vez que essa interpretação torna-se convencionalizada, o campo está preparado para ainda outra interpretação, de acordo com a qual um conceito que pode ser entendido tanto espacial quanto temporalmente é interpretado exclusivamente como uma entidade temporal” (*op. cit.*, p. 165) em contextos como o de (06).

- (03) From Cologne to Vienna it is 600 miles
De Colônia até Viena são 600 milhas
- (04) From Cologne to Vienna it is 10 hours by train
De Colônia até Viena são 10 horas de trem
- (05) He was asleep all the way/ all the time from Cologne to Vienna
Ele estava adormecido todo o caminho/ todo o tempo de Colônia até Viena.
- (06) To get to Vienna, you travel from morning to evening
Para chegar a Viena, você viaja de manhã até a noite.

Para Heine *et al.* (*op. cit.*), metáfora e metonímia formam componentes diferentes de um mesmo processo, a saber, a gramaticalização, já que, por um lado, esse processo é constituído de uma escala de entidades contíguas que estão numa relação metonímica; e por outro, existem poucas categorias salientes e descontínuas como ESPAÇO e QUALIDADE, cujo tipo de relação para com as

outras categorias é metafórico, mas também pode ser descrito como o resultado de extensões metonímicas. Além disso, apesar de diferirem quanto à sua natureza, tanto a metáfora quanto a metonímia coexistem no processo de gramaticalização, tendo em comum a seguinte estrutura:

$$A \longrightarrow A,B \longrightarrow B$$

na qual (A,B) representa um estágio intermediário na transição de uma entidade conceptual A para uma B, em que essas entidade coexistem lado a lado. Hopper e Traugott (2003), por sua vez, associam a metáfora e a metonímia a outros dois mecanismos de gramaticalização: reanálise e analogia.

3.3.3 Reanálise

Hopper e Traugott (2003) concebem a reanálise como um mecanismo geral de gramaticalização através do qual as propriedades gramaticais – sintáticas e morfológicas – e semânticas das formas são modificadas, constituindo mudanças em interpretação, mas não na forma, a princípio. Para esses autores, a reanálise é o mais importante mecanismo para a gramaticalização.

Uma definição clássica de reanálise é a de Langacker, para quem esta é vista como uma “mudança na estrutura de uma expressão que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação aparente” (1977, p. 58 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 51). A reanálise não é, portanto, diretamente observável.

Na reanálise, o ouvinte pode entender que uma forma tem uma estrutura e um sentido que são diferentes daqueles do falante, isto é, os usuários da língua mudam a percepção de como os diferentes constituintes da língua (os sintagmas) são organizados. Os autores apresentam como exemplo a palavra *hamburger*, que deixa de ser entendida [Hamburg] + [er] ‘o que é originário de Hamburgo’ (nesse caso um tipo de sanduíche) e passa a ser ouvida como [ham] + [burger], em que

burger passa, sozinho, a designar o sanduíche, podendo ser combinado com outras palavras como *cheese*, *beef* e *ham*.

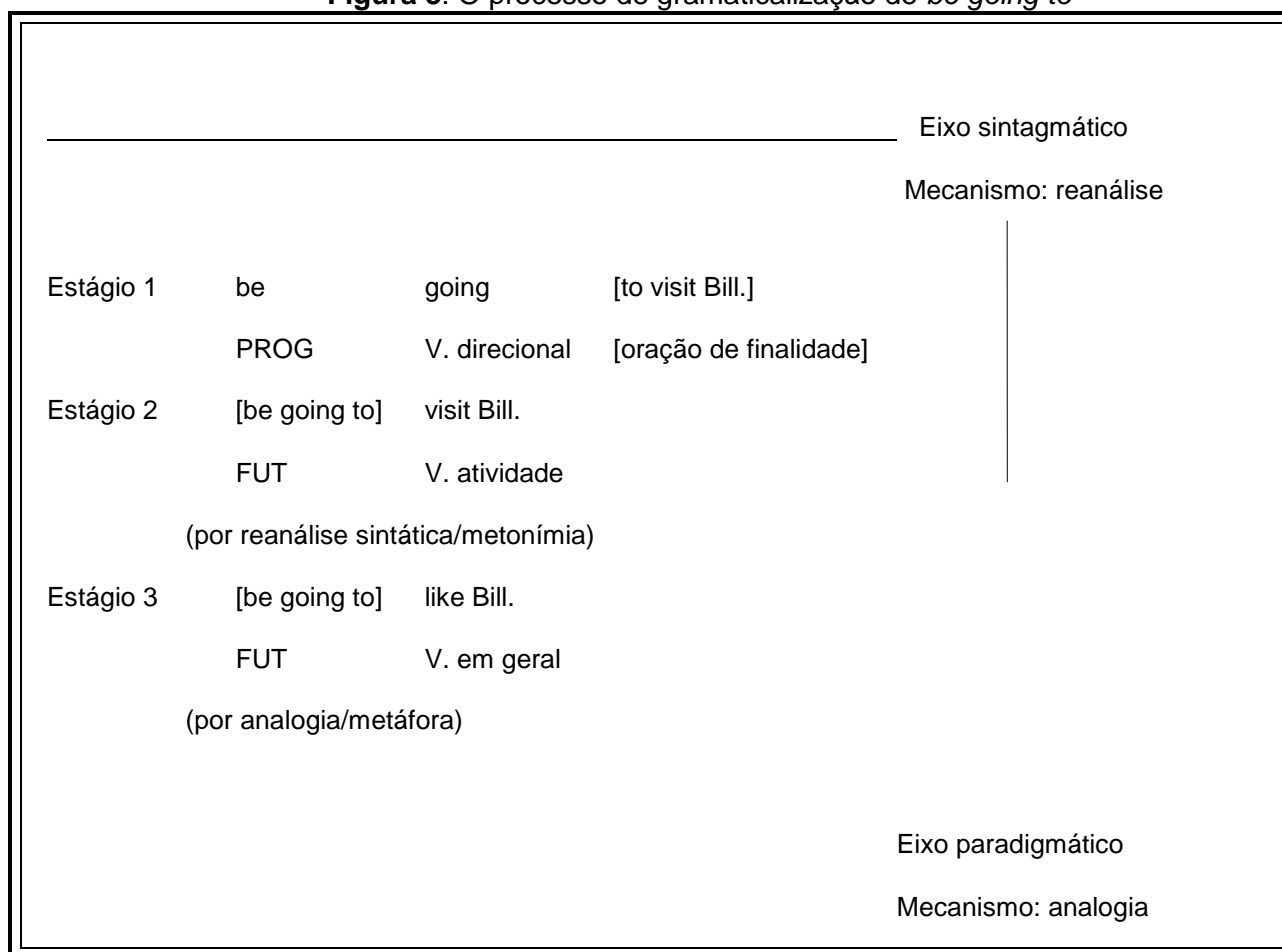
Para Hopper e Traugott (*op. cit.*), a reanálise envolve reorganização sintagmática, linear, frequentemente local, mudança na regra e forte dependência do contexto, que é o desencadeador das mudanças proporcionadas pela atuação desse mecanismo. Por isso, os autores associam a reanálise ao processo cognitivo da metonímia.

3.3.4 Analogia

O mecanismo da analogia não promove mudança na regra, mas possibilita a expansão/divulgação das mudanças trazidas pela reanálise para o interior do sistema linguístico. Enquanto a reanálise refere-se à substituição de estruturas antigas por novas e não é manifesta, a analogia, por contraste, o é, e refere-se à atração de formas preexistentes na língua a construções também já existentes. Em essência, esses mecanismos envolvem inovação ao longo de diferentes eixos. A reanálise opera ao longo do eixo “sintagmático” da estrutura constituinte linear. A analogia, por sua vez, opera ao longo do eixo “paradigmático”, envolvendo mudança nos padrões de uso e está relacionada ao mecanismo cognitivo da metáfora.

Segundo Hopper e Traugott (*op. cit.*), apesar de somente a reanálise poder criar novas estruturas gramaticais, o papel da analogia não deveria ser subestimado no estudo da gramaticalização, já que seus produtos, por serem manifestos, são em muitos casos a principal evidência para os falantes de uma língua – e até para os linguistas – de que uma mudança aconteceu.

O desenvolvimento de *be going to* (mostrado na figura a seguir), de sintagma direcional a indicador de futuro no inglês, é um exemplo apresentado pelos autores para mostrar a interação entre reanálise e metonímia, de um lado, e analogia e metáfora, de outro:

Figura 3: O processo de gramaticalização de *be going to*

Fonte: HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 93.

No primeiro estágio desse processo, tem-se o verbo progressivo junto com um verbo direcional e uma oração de finalidade. No segundo estágio, vemos o auxiliar de futuro com um verbo de atividade, o que é resultado da reanálise/metonímia. O terceiro estágio é o da extensão, através da analogia/metáfora, da classe de verbos direcionais a todos os verbos, inclusive os estativos.

3.4 ICONICIDADE SINTAGMÁTICA E PARADIGMÁTICA

Por considerarem a gramática como um sistema de base biológica, adaptativamente motivada, sendo, em princípio, não arbitrária, os funcionalistas defendem o princípio da iconicidade na língua (cf. GIVÓN, 2001). Esse princípio

advém do trabalho do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce e pode ser definido, de maneira geral, como a propriedade de similaridade entre um item e outro. Peirce fez a distinção entre dois tipos de iconicidade – a imagética e a diagramática (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Iconicidade imagética diz respeito à semelhança sistemática entre um item e seu referente, como uma fotografia ou uma escultura de uma pessoa, que procuram espelhar tal pessoa. Já a iconicidade diagramática refere-se à combinação sistemática de signos na qual vários fenômenos gramaticais refletem vários aspectos do mundo que nos rodeia, do mundo conforme o experienciamos (cf. DUTRA, 2003). Um exemplo bem conhecido de iconicidade diagramática é a tendência de a ordem dos eventos numa narrativa coincidir com a ordem em que ocorreram no mundo real, como na famosa citação de César “Veni, vidi, vici” (Vim, vi, venci), que espelha a ordem em que os fatos mencionados aconteceram.

A iconicidade da gramática não é absoluta, mas apresenta graus. Na maioria das construções, mecanismos mais icônicos (ou *princípios*) combinam-se com mecanismos mais arbitrários, convencionalizados, simbólicos (ou *regras*). Givón (2001, p. 34-35) apresenta alguns princípios que refletem a iconicidade linguística, quais sejam:

(1) Regras de entonação

- a. Acento e previsibilidade: “Fatias de informação menos previsíveis são acentuadas”
- b. Melodia e relevância: “Fatias de informação que conceptualmente estão juntas são embaladas juntas sob um mesmo contorno melódico”
- c. Pausa e ritmo: “O tamanho da quebra temporal entre fatias de informação corresponde ao tamanho da distância cognitiva ou temática entre elas”

(2) Regras de espaçamento

- a. Proximidade e relevância: “Fatias de informação que conceptualmente estão juntas são mantidas em proximidade espaço-temporal”
- b. Proximidade e escopo: “Operadores funcionais são mantidos mais próximos dos operandos aos quais são relevantes”

(3) Regras de sequência

- a. Ordem e importância: “Uma fatia de informação mais importante é colocada na frente (*fronted*)”
- b. Ordem de ocorrência e ordem reportada: “A ordem temporal em que os eventos ocorrem será refletida na reportagem linguística dos eventos”

(4) Regras de quantidade

- a. Expressão zero e previsibilidade: “Informação previsível – ou já ativada – será deixada não-expressa”
- b. Expressão zero e relevância: “Informação não importante ou não relevante será deixada não-expressa”

Krug (2001), por outro lado, defende a existência de uma iconicidade paradigmática, afirmando que a iconicidade não é necessariamente destruída no decorrer do processo de gramaticalização; é apenas transformada. Esse autor propõe um *Princípio da Iconicidade das Categorias Gramaticais*, afirmando que:

quanto mais uma forma se refere ao que é translinguisticamente percebido como um morfema gramatical, mais distinta será sua forma linguística das formas vizinhas e de sua construção fonte sintagmaticamente, e mais semelhante será das formas correlatas paradigmaticamente (KRUG, 2001, p. 322).

Esse princípio destaca que a iconicidade, assim como a gramaticalização, tem uma dimensão sintagmática e uma paradigmática. Logo, quando uma forma se gramaticaliza, perde em iconicidade sintagmática e ganha em iconicidade paradigmática, um tipo ainda mais abstrato de iconicidade. Krug (*op. cit.*) ilustra seu princípio com um grupo de verbos modais do inglês, os quais são denominados por ele de *modais emergentes*, como BE GOING TO, HAVE GOT TO e WANT TO, que, ao se gramaticalizarem, sofrem um processo de univerbação, através do qual há redução em sua estrutura fonológica, resultando num paradigma para esse grupo de verbos: verbos formados por duas sílabas, segundo o padrão /'CVCə/, no qual **C**

representa a consoante, **V** a vogal e **ə** a *schwa* – uma vogal final reduzida. Assim, temos:

(07)	want to	>	wanta	>	wanna
(08)	is/am/are going to	>	's/'m/'re going to	>	gonna
(09)	have/has got to	>	've/'s got to	>	gotta

Os postulados descritos neste capítulo serão retomados no capítulo 6, no qual discorro sobre o processo de gramaticalização de *AÍ*, *LÁ*, *ALI* e *AQUI* como marcadores de especificidade de SN indefinidos.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa. Em primeiro lugar, descrevo os procedimentos de coleta de dados. Em seguida, elenco fatores considerados na análise dos dados.

4.1 DESCRIÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa foram coletados em grandes *corpora* orais brasileiros, a saber: o *Corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), o Banco Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA, 2010), o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA, 2005) e o Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – VARSUL (VANDRESEN, 2002). Nos parágrafos a seguir, são descritos os referidos *corpora*.

O *Corpus* Discurso & Gramática²⁴ Natal (doravante D&G Natal) é formado por depoimentos de 20 informantes, naturais dessa cidade, os quais foram distribuídos conforme três fatores sociais: gênero (masculino e feminino), idade e nível de escolaridade, havendo uma estreita correlação entre esses dois últimos, do que

²⁴ O Banco de dados Discurso & Gramática (*Corpus* D&G) foi produzido por pesquisadores de cinco universidades brasileiras (UFJF, UFRN, UFF, UFRJ e UFRG) e é constituído por depoimentos de informantes nativos de cinco cidades brasileiras: Juiz de Fora (MG), Natal (RN), Niterói (RJ), Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande (RS). A quantidade de informantes varia de acordo com a comunidade considerada e acha-se exposta a seguir:

- Juiz de Fora (MG): 20 informantes;
- Natal (RN): 20 informantes;
- Niterói (RJ): 08 informantes;
- Rio de Janeiro (RJ): 93 informantes;
- Rio Grande (RS): 19 informantes.

Mais informações sobre o *Corpus* D&G podem ser encontradas no site do projeto: <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/>.

Em pesquisa anterior (CONFESSOR, 2008a) efetuei uma busca por ocorrências de AÍ marcador de especificidade de SN indefinidos em cada uma das seções do *Corpus* Discurso & Gramática. No entanto, apenas nos bancos de dados de Natal e do Rio Janeiro foram encontrados dados desse item linguístico (09 e 05 ocorrências, respectivamente). Tal resultado motivou a escolha apenas do D&G Natal e a consequente exclusão do D&G Rio de Janeiro nesta pesquisa, considerando o seguinte pressuposto: se no maior, dentre os bancos de dados que compõem o *Corpus* D&G, apareceram apenas 05 ocorrências do marcador de especificidade emergente mais gramaticalizado (AÍ), a possibilidade de serem encontradas ocorrências dos outros marcadores emergentes seria um pouco remota.

resultou a seguinte distribuição: classe de alfabetização infantil = de 5 a 8 anos; quinto ano do ensino fundamental = de 9 a 11 anos; nono ano do ensino fundamental = de 13 a 16 anos; terceiro ano do ensino médio = de 18 a 20 anos; e último período do ensino superior = acima de 23 anos.

Cada um desses indivíduos produziu textos de cinco gêneros textuais orais distintos e as suas respectivas versões escritas, para assim facilitar a comparabilidade entre as modalidades falada e escrita da língua. Os gêneros textuais produzidos foram os seguintes:

- (i) **narrativa de experiência pessoal:** o informante contou uma história ocorrida consigo que fosse interessante, alegre ou triste;
- (ii) **narrativa recontada:** narração de um fato ocorrido por alguém conhecido do informante;
- (iii) **descrição de local:** o informante descreveu em detalhes o local onde mais gostava de ficar, passear, brincar;
- (iv) **relato de procedimento:** o informante relatou algo que sabia fazer;
- (v) **relato de opinião:** o informante opinou acerca de um dos temas preestabelecidos: a escola, para informantes da classe de alfabetização infantil e do quinto ano do Ensino Fundamental; pressões sociais (família, escola, religião e preconceito) e esporte, para informantes da classe de alfabetização de adultos; pressões sociais e relacionamentos afetivos (amizade e namoro), para informantes do nono ano do ensino fundamental e do terceiro ano do ensino médio; e questões nacionais (educação, economia e política), para informantes do último período do ensino superior.

O Banco Conversacional de Natal (BCN) foi constituído seguindo a orientação da Linguística Funcional, de acordo com a qual a conversação é o uso básico da língua, dispondo de um *status* especial, o que justifica tratá-la como fonte a partir da qual todos os outros usos são derivados. Dessa guisa, o BCN representa uma amostragem diversificada que fotografa usos da língua em situações de fala

espontânea. O BCN é constituído pela transcrição de 20 conversas espontâneas, com quantidade de participantes variada, de ambos os gêneros. Os eventos registrados ocorrem em lugares distintos onde as pessoas se reuniam e onde a atenção não estava voltada diretamente à língua, mas à atividade interacional em curso.

Os símbolos gráficos utilizados na transcrição das conversas seguiram normas específicas, englobando algumas normas utilizadas pelo Projeto Norma Urbana Culta (NURC), outras estabelecidas pelo Grupo de Pesquisa D&G Natal, além das normas de transcrição elaboradas pela Universidade da Califórnia em Santa Barbara.

Uma diferença na forma de transcrição das conversas do BCN em relação aos outros bancos de dados considerados na pesquisa é que aqui os diálogos foram segmentados em unidades entonacionais, isto é, porções de discurso produzidas sob um único contorno entonacional coerente e que são limitadas por pausas que o falante naturalmente produz na fala (cf. CHAFE, 1994 *apud* LIMA, 2011).

O Projeto VALPB (HORA, 2005) foi iniciado em 1993 por pesquisadores da UFPB e foi constituído seguindo a metodologia da Sociolinguística laboviana. Os objetivos do projeto são os seguintes: a) traçar o perfil linguístico dos falantes da cidade de João Pessoa, nos âmbitos fonético-fonológico e gramatical, observando os fatores estruturais e sociais que interferem no uso da língua; b) desenvolver estudos, nesses âmbitos, visando a subsidiar o ensino de Língua Portuguesa nos vários níveis de ensino; c) estabelecer comparações, em âmbito regional e nacional, com outros estudos, enfatizando as divergências e as semelhanças dialetais.

Foi utilizada a técnica de amostra aleatória por área, a partir da qual foram selecionados 60 informantes considerando os seguintes pré-requisitos: (i) ser natural de João Pessoa ou morar nessa cidade desde os cinco anos de idade; e (ii) nunca haver se ausentado da cidade por mais do que dois anos consecutivos. Além disso, os informantes foram estratificados de acordo com os seguintes fatores sociais, listados no Quadro 5, a seguir:

Quadro 5: Estratificação dos informantes do *corpus* VALPB

Fatores sociais/Quantidade de informantes					
Sexo	N	Faixa etária	N	Escolaridade	N
Masculino	30	15 a 25 anos	20	Nenhuma	12
				1 a 4 anos	12
Feminino	30	26 a 49 anos	20	5 a 8 anos	12
				9 a 11 anos	12
		Mais de 50 anos	20	Mais de 11 anos	12

Na coleta dos dados, após a aplicação de uma ficha social, procedimento padrão em pesquisas do tipo, foi utilizada a entrevista sociolinguística como instrumento para obtenção dos dados. Os dados resultantes foram, a partir de março de 1994, transcritos e armazenados eletronicamente. Atualmente, o *corpus* do VALPB encontra-se publicado (cf. HORA, 2005), podendo ser consultado pela comunidade científica interessada em analisar a língua em uso pela comunidade pessoense.

Com relação aos textos produzidos pelos informantes do VALPB, por se tratar de entrevistas orais semiestruturadas, eles não foram instados a produzirem textos de gêneros específicos. Contudo, podem ser encontradas, ao longo de cada interação, porções discursivas narrativas (com ênfase em narrativas de experiência pessoal), outras descritivas, argumentativas e procedimentais.

O Banco de Dados do Projeto VARSUL (cf. VANDERESEN, 2002)²⁵ foi realizado em conjunto por quatro universidades do sul do país (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC-RS), sendo organizado através da documentação do português falado em áreas urbanas dos estados da Região Sul, seguindo os postulados da Sociolinguística variacionista. O armazenamento de amostras da fala de habitantes de áreas urbanas dessa região tem os seguintes objetivos principais: (i) oferecer à comunidade acadêmica um *corpus* de oralidade representativo da Região Sul; (ii) promover a descrição dos vários aspectos do português falado no Sul do Brasil; (iii) fornecer um *corpus* ideal para a investigação de fenômenos de variação e mudança linguística.

Para a constituição desse banco de dados, foram gravadas e transcritas 24 entrevistas de cerca de uma hora de duração com falantes nativos de quatro regiões

²⁵ Mais informações sobre o VARSUL podem ser obtidas no *site* do projeto: <<http://www.varsul.org.br>>.

urbanas socioculturalmente representativas de cada um dos três estados sulistas, totalizando 96 em cada estado, resultando em um total de 288 entrevistas na primeira fase de constituição do Banco VARSUL, iniciada em 1989 e concluída em 1996. As cidades escolhidas em cada estado foram: Curitiba, Londrina, Ivoti e Pato Branco no Paraná; Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages em Santa Catarina; Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja no Rio Grande do Sul. Todavia, nesta pesquisa foram consideradas apenas as entrevistas das capitais²⁶ de cada estado, a fim de se estabelecer uma correlação com os outros bancos de dados que também provieram de capitais.

A estratificação dos informantes ocorreu consoante as seguintes características sociais: sexo, escolaridade (ensino fundamental I – de 1 a 4 anos de escolaridade, ensino fundamental II – de 5 a 8 anos de escolaridade e ensino médio – de 9 a 11 anos de escolaridade) e idade (de 25 até 50 anos e acima de 50), que combinados resultaram em 12 células sociais (dois informantes por células). Nessa primeira etapa, não foram incluídos informantes não escolarizados e os universitários, nem a faixa etária abaixo de 25 anos.

Houve, além dos fatores elencados, alguns pré-requisitos a ser preenchidos pelos informantes: a) falar apenas português (exigência para os entrevistados nas capitais, mas não nas áreas bilíngues); b) haver morado na cidade pelo menos 2/3 de sua vida; c) não haver morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa.

No tocante aos textos produzidos por esses informantes, a situação é semelhante à dos informantes do VALPB, isto é, não houve a produção oral de textos de gêneros específicos, como no caso do D&G Natal. Todavia, aqui também há uma gama de porções discursivas narrativas, descritivas, argumentativas e procedimentais.

Após tomar contato com os *corpora* descritos, iniciei o procedimento de coleta de dados propriamente dito. Para tanto, com o auxílio do recurso **Localizar** do *software* editor de textos Microsoft Word, selecionei todas as ocorrências de AQUI, AÍ, ALI e LÁ presentes em cada texto, destacando-as com cores diferentes. Em

²⁶ No caso de Florianópolis também foi considerada, no estágio da coleta, uma amostra suplementar de 24 entrevistas com informantes florianopolitanos com idades entre 15 e 25 anos, perfazendo um total de 48 entrevistas nessa cidade.

seguida, procedi à leitura atenta de todos os textos que compunham os bancos de dados, selecionei os SN acrescidos de AQUI, AÍ, ALI e LÁ (além, é claro da porção de texto que os circundava para facilitar a compreensão de seu contexto de produção) que, à primeira vista, considerei marcadores de especificidade de SN indefinidos e os salvei em outro arquivo daquele editor de textos. É importante destacar que as ocorrências desses itens codificando outras funções linguísticas não foram consideradas na coleta. Posteriormente, reli as ocorrências selecionadas, procurando excluir aquelas nas quais AQUI, AÍ, ALI e LÁ atuavam inequivocamente como advérbios locativos e mantive apenas aquelas que considerei marcadores de especificidade de SN indefinidos. Quanto às ocorrências ambíguas, essas não foram consideradas na análise quantitativa; entretanto, algumas dessas ocorrências são apresentadas ao longo do trabalho, a fim de ilustrar o processo de gramaticalização dos itens em tela²⁷. Ao fim da coleta, foi obtida a seguinte quantidade de dados, que passou a compor o *corpus* da pesquisa: 128 ocorrências de AÍ, 99 de LÁ, 16 de ALI e 05 de AQUI. Na Tabela 1, abaixo, os dados encontram-se distribuídos de acordo com os bancos de dados de onde foram extraídos.

Tabela 1: Distribuição de AÍ, LÁ, ALI e AQUI por *corpus*

Banco de dados	AÍ	%	LÁ	%	ALI	%	AQUI	%
D&G Natal	08	6,3	36	36,4	3	18,8	1	20
VALPB	25	19,5	32	32,3	4	25	3	60
BCN	6	4,7	4	4	2	12,4	-	-
VARSQL Curitiba	41	32	6	6,1	1	6,2	-	-
VARSQL Florianópolis	18	14,1	17	17,2	3	18,8	-	-
VARSQL Porto Alegre	30	23,4	4	4	3	18,8	1	20
TOTAIS	128	100	99	100	16	100	5	100

4.2 FATORES CONSIDERADOS NA ANÁLISE

Depois da coleta de dados, procedi à descrição e à análise dos dados de acordo com os postulados do Funcionalismo Linguístico descritos no capítulo anterior. Devido à pouca quantidade de dados, não utilizei nenhum pacote para o

²⁷ Além dessas ocorrências ambíguas, selecionei alguns SN indefinidos com CERTO, DETERMINADO e ESPECÍFICO, a fim de destacar as camadas mais antigas do domínio funcional da especificação nominal. Recolhi também alguns SN definidos seguidos de AÍ, LÁ, ALI e AQUI, a fim de contrastar seu uso com os SN indefinidos especificados pelos itens sob enfoque. Ressalto que as ocorrências junto a SN definidos não foram incluídas na análise quantitativa.

seu tratamento estatístico, tendo optado por realizar toda a análise quantitativa de modo manual. Considerei nessa análise alguns fatores morfossintáticos e semântico-pragmáticos, a fim de observar o comportamento de AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade com relação a eles, quantificando os dados. Tais fatores foram escolhidos com o objetivo de caracterizar o uso desses itens, a fim de verificar quais são os seus contextos de uso preferenciais, além de suas características morfossintáticas e semântico-pragmáticas típicas. Os fatores considerados estão elencados a seguir:

- função sintática desempenhada pelo SN especificado por AQUI, AÍ, ALI e LÁ: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, complemento nominal etc.
- tipo de construção em que os marcadores apareceram: construção mais prototípica (um(ns)+N(+A)+marcador), construção existencial (V+um(ns)+N(+A)+marcador), construção com quantificador (Q+N(+A)+marcador), construção com quantificador e pronome indefinido (Q+P+N(+A)+marcador), construção com pronome indefinido (P+N(+A)+marcador) e construção com SN genérico (N(+A)+marcador);
- existência ou não de material interveniente, predominantemente um adjetivo ou uma locução adjetiva, entre o item marcador de especificidade e o nome nuclear do SN;
- tipo do substantivo ao qual AQUI, AÍ, ALI e LÁ se adjungem: se um nome humano ou não humano, se mais genérico ou mais específico, se concreto ou abstrato;
- *status* informacional do SN adjungido a AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade: novo, dado, disponível e inferível;
- implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso desses itens (conforme discutido na seção 1.2.2 do capítulo 1).

Realizada a análise quantitativa, a partir dos fatores listados, é hora de apresentar e descrever os resultados obtidos. Isso é feito no capítulo 5, a seguir.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, descrevo e procuro interpretar os resultados que obtive na análise quantitativa dos dados coletados no *corpus* pesquisado. Para tanto, analiso o comportamento de AÍ, LÁ, ALI e LÁ marcadores de especificidade de SN indefinidos considerando fatores de ordem morfosintática e semântico-pragmática: tipo de construção encontrada; existência de material interveniente entre o núcleo do SN e o marcador de especificidade; natureza do substantivo núcleo do SN especificado por AÍ, LÁ, ALI e AQUI; função sintática do SN em que os marcadores apareceram; *status* informacional dos referentes nominais especificados pelos marcadores emergentes; e implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso desses itens.

5.1 ANÁLISE DOS FATORES MORFOSSINTÁTICOS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS

5.1.1 Tipo de construção encontrada

Na amostra analisada, distingi seis tipos de construção que correspondem às diferentes configurações do sintagma nominal encontradas. O conceito de construção adotado nesta pesquisa refere-se a qualquer porção de língua constituída por mais de uma palavra, abrangendo desde sintagmas a orações, ou mesmo partes mais extensas. No entanto, é possível considerar que a própria palavra seja uma construção, visto ser resultante da combinação de diferentes morfemas (cf. HEYVAERT, 2003). A seguir, apresento cada tipo de construção acompanhado de seus respectivos dados envolvendo AÍ, LÁ, ALI e AQUI.

- **Construção prototípica:** assim denominada por ser a mais frequente – fato que pode ser um indício de que foi o tipo de construção no qual AÍ, LÁ, ALI e AQUI primeiro emergiram como marcadores de especificidade de SN indefinidos. Apresenta a seguinte configuração: determinante indefinido

(singular ou plural – *um(uns)*) seguido de um substantivo (N, que pode ou não ser acompanhado de um adjetivo modificador²⁸ – A) e do marcador de especificidade – *um(uns)+N(+A)+marcador*.

- (01) E* Como você gostaria que Rosildo fosse?
I* Como eu gostaria?
E* Sim.
I* Eu gostaria que ele fosse. *É assim: fosse no dia que ele quisesse sair pra algum canto+ tem certos cantos que ele vai, me leva; tem certos que ele não vai; *Conversar com essas menina0, pelo meu gosto ele já não conversava. *Deixa ver, tem outro. *Tem muita amizade assim (tosse) com **umas pessoas AÍ** que ele + tem hora assim que eu penso que ele gosta maih daquele0 povo do que pessoalmente eu; *É como eu gostaria que ele fosse, assim do jeito que eu quisesse; mas não pode, né? (informante feminino, VALB).
- (02) I: enrolou ... disse ... inventou **uma mentira LÁ** que ... parece que ... inventou **uma mentira LÁ** que ... o velho lá que morava vizinho lá tinha levado o gato pra passear num canto ali né ... aí ... aí por enquanto acreditaram né ... mas também foi durante o dia ... mas quando foi à noite né ... foi perguntar de novo pelo gato né ... ele num sabia mais o que dizer né ... aí tava na sala reunido depois da janta ... na sala de estar ... aí chegou ... o gato apareceu na janela ... todo sujo ... sujo de óleo e assim meio caído ... (informante masculino, D&G Natal).
- (03) 033 F2 então você compra a senha...
034 F1 não...
035 F3 eu estou apenas...
036 F2 não...
037 é...
038 tem...
039 aquele dinheiro ali já está ocupado...
040 F3 com quê?
041 F1 vou pagar **um negócio ALI...**
042 F3 que negócio?
043 F1 **um negócio ALI...**
044 F3 esse povo tem uns negócios escondidos...
045 F4 eu vou ali...
046 ali aonde?...
047 ali...
048 F1 vou pagar ali um negócio...
049 oito...
050 oito reais e...
051 F4 eca...
052 está querendo pegar meu dedo aqui... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
- (04) aí num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... um bocado de música aí que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura ... tá por aí jogado em algum lugar ... eu ia tocar ... eu tentei tocar Garota de Ipanema um dia desse ... mas acontece que a música começa num acorde na mão direita e na mão esquerda ... e a mão esquerda você faz acorde pra o ritmo ... e a mão direita você faz o solo ... acontece que o solo era feito em

²⁸ *A priori*, considero que pode aparecer um adjetivo interveniente entre o nome núcleo do SN e o marcador de especificidade em qualquer um dos oito tipos de construção encontrados no *corpus*.

acordes também ... aí eu me atrapalhava ... queria fazer **um acorde AQUI** ... e tinha que ser o mesmo na mão direita ... falta de coordenação né ... aí nesse ... aí eu tô treinando ... bastante pra poder ... pra poder tocar essa música num recital ... mas pra tocar teclado num tem muita manha não ... é só ... num é difí/ num é trabalhoso ... mas só porque é difícil mas num é trabalhoso ... é:: se você tiver muita paciência e ouvido como eu disse antes ... (informante masculino, D&G Natal).

- **Construção existencial ou apresentacional**²⁹: caracteriza-se pela presença de um verbo existencial ou apresentacional (**haver**, **existir** ou **ter**), seguido pelo SN indefinido³⁰. Na amostra analisada, assumiu as seguintes configurações:

- a) **Construção existencial básica**: é formada por um verbo existencial, seguido por um determinante, um substantivo e um marcador – $V^{exist}+um(uns)+N(+A)+marcador$.

- (05) I* (Hes) o relacionamento com meus vizinho0 é bem né? Assim, eles é : pelo um exemplo: **tem um vizinho AÍ** que eu num falo com ele não, foi uma briga que a gente teve. Porque quando eu deixei meu marido ele gostava deu, aí pediu p' eu fica0 com ele aí eu disse que num ficava porque o marido que eu gostava era o pai do meu filho, somente. Aí ele ficou com raiva e disse que eu num falasse mais com ele, eu peguei num falei não. (informante feminino, VALPB).
- (06) E* Me conta alguma história engraçada desses anos todos.
I* A história engraçada foi, aí nós quando fomos pra Forte Velho saímos, aí quando, é, daqui, daqui pra lá quando se nós fomos, um **teve um menino LÁ** que ele comeu picado antes de nós ir, e no meio do caminho deu uma disenteria nele que ele mandava o caminhão parar quase de metro em metro. E a gente riu pra caramba (informante masculino, VALPB).
- (07) a delegacia de Candelária tá su/ hiper lotada ... fui lá pra fazer a carteira aí eu ... chi ... dei uma ... dei uma olhada lá ... uma coisa incrível num tem ... são ... são dez presos por cela e as celas são ... sei lá ... hiper minúsculas ... isso além de ficarem em condições subumanas ... dá ainda ... há o ... o perigo de um deles a ... endoidar de vez e matar o resto ... sei lá e de repente pode **ter uma ... um daqueles Ø ALI** que é inocente ... daí vai ser uma morte em vão ... eu acho que a pena de morte além de servir pra ... diminuir a super lotação da penitenciárias ... é um () como eu disse antes ... uma forma de inibição pra outros que num ... num venha a fazer isso ... é essa ... é só ... é só essa a minha opinião assim por cima porque ... se for pra englobar tudo o sistema de ... o sistema de polícia aqui do Brasil que é super falho ... só funciona quando ... só faz ... só faz entrar em greve ... por melhores

²⁹ Encontrei ocorrências de ALI e AQUI marcadores de especificidade apenas nos dois primeiros tipos de construção.

³⁰ É oportuno destacar que esse foi o único tipo de construção encontrado no *corpus* analisado em que há a presença de um verbo. Sua inclusão na análise justifica-se devido à grande frequência de ocorrências encontradas, já que se trata do segundo tipo de construção mais frequente no uso dos marcadores emergentes. Entretanto, faz-se necessário um estudo aprofundado acerca do papel semântico dos verbos das orações em que os SN especificados por AÍ, LÁ, ALI e AQUI ocorrem, a fim de verificar sua possível influência sobre o uso desses itens.

- salários ... num sei quê ... daí quando conseguem melhores salários não sabem como ... (informante masculino, D&G Natal).
- (08) Aí, um dia a Dona Alzira, a mãe do João: "Olha, Seu Eduardo, Seu Aron esteve lhe procurando aí." Eu pensei que fosse o meu irmão aqui que veio |com nós|, veio de carona ali, ele é meu mano. Ah! . "Tá, telefone?" "Não é telefone, é lá na rua." Aí eu vim aqui, me dei de cara com o malandro lá. "Daí, velho." ">, rapaz, tudo bem?" "Tudo bem, graças a Deus pra mim está tudo bem." "Mas, [quer] vamos conversar?" "Vamos lá, qual é o problema?" "[Não] não, aqui não, lá na estofaria amanhã." "Tá, vamos lá então." Aí [eu] eu já estava compromissado com Ari, né? aí cheguei lá: ">, Ari, o homem quer falar comigo, que que eu faço?" " vai lá, rapaz, vai lá, tira a febre dele." Digo: "Ari, **tem um detalhe AQUI**, eu não tenho duas caras, ou eu estou contigo, ou eu estou com ele, |duas coisas [não] não vai sair|. É muito sério. Nem que eu fique dois, três meses parado contigo aí atrás de serviço, mas assim não me serve." "Tudo bem." [Não fui <tra>] não fui nem conversar com ele. Não ia haver acerto mesmo, porque eu ia querer no mínimo, sem exagero na época, isso foi em novembro, eu ia querer assim, ó, fora de brincadeira, mil por semana. Ele não ia me pagar, [que um] ele conversou com rapaz que trabalhava com um irmão do Ari tem uma estofaria aqui adiante, [e] [e o] ele ofereceu trezentos pro rapaz: "Não, me dá quinhentos eu venho trabalhar contigo." Ele não aceitou. Não me daria mil, tranquilamente, embora eu calcule que eu mereça, mas não daria não (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).

- b) **Construção existencial com quantificador**³¹: compõe-se de um verbo existencial, acompanhado de um quantificador (uma expressão do tipo **um bocado de, uma porção de** etc., ou um pronome indefinido que expresse quantidade como **muitos, poucos** etc. – Q), um substantivo e um marcador – $V^{exist}+Q+N(+A)+\text{marcador}$.

- (09) E* O que você acha da do avanço das mulheres em em na direção de empresas, e na política, enfim, a libertação geral da mulher.
I* Bem, a mulheø tá tomanø o o lugaø do homem né? em tudo. Eu acho que: elas tão demonstranø isso, porque **têm muitas mulheres experientes AÍ** muitos muito inteligentes (informante feminino, VALPB).

- c) **Construção existencial com SN genérico**³²: composta por um verbo existencial, um substantivo e um marcador – $V^{exist}+N(+A)+\text{marcador}$.

- (10) E E o programa do Lula assim: ele queria que continuassem as estatais, ele queria privatizar

³¹ Não encontrei, na amostra analisada, nenhuma ocorrência de LÁ marcador de especificidade nesse tipo de construção.

³² SN genéricos referem-se, segundo Givón (1993, p. 232), a um tipo (*type*), uma espécie ou um gênero (*genus*) e não a um indivíduo particular ou a um grupo.

F Olha, isso aí [é] é meio complexo, né? Eu não sei, [tem estatais que] [tem] [tem] tem estatais que dão prejuízo [e] [e tem] e tem <pro> firma, por exemplo, passando pra particular [também dá] também tem prejuízo, quer dizer, isso aí é [relativo] relativo. **Tem estatais AÍ**, olha, do governo que estão dando lucro, não é? (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).

- (11) cenas acontecendo ... justamente o que aconteceu no um ... entendeu? e ... quase que ... **tem horas LÁ** que quase ele altera essa mesma história ... ia dar uma confusão maior ... entendeu? mas finalmente ele não consegue alterar isso aí ... então tem uma perseguição lá muito interessante que Biff corre atrás dele e tudo ... é:: e ele com o almanaque de Biff e tudo ... aí finalmente ... ele consegue recuperar esse almanaque ... né (informante masculino, D&G Natal).

- **Construção com quantificador**: formada por uma expressão quantificadora, seguida por um substantivo e pelo marcador de especificidade – Q+N(+A)+M.

- (12) [Por] pra você ver, eu [no meu] no [meu] meu tempo que eu era jovem, se eu ia embarcado [no ônibus] no ônibus (ruído de carro) , então vinha uma moça, moça casada, né? então cedia o lugar pra ela porque o regulamento marca. Nesses ônibus ainda aí, nesses ônibus aí, eu vejo, né? ele de cabelo branco e aquele jovem sentado aí na ("areia"). Eu chamo e dou lugar pra ela sentar.

E É uma questão de humanidade, né?

F É, eu acho é o seguinte: |que hoje em dia, não sei se é todos, né? Eu acho que **um bocado de estudante AÍ**, é um burro carregado de livros (informante masculino, VARSUL Florianópolis).

- (13) E E a senhora já ouviu falar de alguém que tenha sido embruxado?

F Ah, já vi que numa prima, [ela <di>] [ela] agora, eles dizem que é doença de macaco, uma doença que dá na criança, que a criança fica magrinha, magrinha, magrinha, . Lá em São Paulo, eles diziam que é doença de macaco. Aqui eles não falam, não sei como é que eles falam. Aqui dizem outra coisa. Mas lá em São Paulo é doença de macaco, que eles tratam. Então diz que essa minha prima ficou, assim, magrinha, magrinha, magrinha, não sabia o que era. Aí [a minha] a minha tia saiu com ela pra benzer, pra ver o que era, foi num benzedor, o benzedor disse pra ela que a menina estava embruxada. Aí ele mandou dar banho de alho, banho de arruda, e fazer **um monte de coisas LÁ** e aí a menina ficou boa. [Casou] cresceu, casou. Diz que morreu agora, depois de velha. Ela disse que estava embruxada também (informante feminino, VARSUL Florianópolis).

- **Construção com quantificador e pronome indefinido**³³: constituída por expressão quantificadora, seguida por pronome indefinido (que não expressa noção de quantidade – P), substantivo e marcador de especificidade – Q+P+N(+A)+marcador.

³³ Também não foi encontrada nenhuma ocorrência de LÁ marcador de especificidade nesse tipo de construção.

- (14) I: Marcos e ... sinceramente eu acho que eu já ... é ... matei toda a minha curiosidade no campo da filosofia ... no campo da filosofia ... eu estou muito satisfeito ... eu fiz o curso que eu gostaria de ter feito ... tô feliz ... vou terminar muito feliz ... talvez eu num terminasse **em nenhum outro curso AÍ** ... mas vou terminar dizendo assim ... estou realizado ... tô feliz ... fiz o curso que eu realmente queria ... (Informante masculino, D&G Natal).

- **Construção com pronome indefinido:** constitui-se de pronome indefinido, acompanhado por substantivo e pelo marcador de especificidade – P+N(+A)+marcador.

- (15) E Aqui está bom agora?
F Aqui está bom, é. É teve [algum] até posso falar [alguns] um dos motivos, né? Colégio pras crianças, né? Que estava difícil lá [é] aí as gurias cresceram, tinham que trabalhar durante o dia e à noite estudar, a gente não tinha muita condição, né? Pra estudar à noite não daria, né? Afastada, onde a gente morava ficava afastado do colégio, também, tinha bah! [pra pegar] pra ir buscar, também, as gurias, as que trabalhavam, às vezes [chegava] se chegasse de noite também não dava porque ficava longe também, né? Então- E **outros motivos AÍ**, né? que eu não posso citar, né? (riso f) (informante feminino, VARSUL Porto Alegre).

- (16) quando o diabo e Deus se despediram um ano depois ele se casou ... não ... ele ficou bom da doença ... porque era uma doença incurável na época ... sei lá o que diabo era ... uma peste ... ele ... ele curou-se da doença ... recuperou todo o dinheiro dele através de um ... parece que ele serviu a um rei ... aí o rei num tinha a quem deixar a herança dele ... aí deixou a ele ... deixou a herança dele ... herança pra ele como agradecimento a todos os serviços que ele prestou ... ou seja ... ele além de recuperar o ... o dinheiro dele ... se tornou ... tornou-se rei ... é ... casou-se com ... com uma mulher ... filha de um ... de outro rei ... de outra ... **outra terra LÁ** ... como é o nome da terra ... Bel não ... sei lá como era o nome da terra ... e:: teve quatro filhos ... (informante masculino, D&G Natal).

- **Construção com SN genérico:** composta por um substantivo mais um marcador de especificidade – N(+A)+marcador.

- (17) E* Como é :: são essas peladas? Como você sai, joga?
I* De início, pequeno, a gente teim o pessoal conhecido, né? Do mesmo bairro, então a gente dava o horário, a gente se reunia e saía pra jogar. Mais quando você vai crescendo, já vai jogando em times, formando os campeonatos, **torneios AÍ** (informante masculino, VALPB).
- (18) Nessas conversas que a gente tem tido aí, o pessoal sempre fala que, ter estudado até a quarta série antigamente é que nem fazer o ginásio hoje, né?
F É, não, porque era difícil, né? quer dizer, você tinha que estudar a matéria a fundo, tinha, vamos supor assim, tipo **apostila LÁ**. Então, você tinha que estudar em casa, chegar no colégio, e apresentar o que você estudou em casa e a professora ia tomar tabuada, ia fazer essas perguntas de história, geografia, tudo, então você tinha que ter tudo na ponta da língua. Se você errasse, você ficava lá, ia

de castigo antes da aula e depois tinha que responder <tudinho> aqui, pegar o livro e estudar [até acertar] tudo (informante masculino, VARSUL Curitiba).

Na Tabela 2, a seguir, encontram-se sumarizados os resultados da distribuição dos marcadores de especificidade de acordo com os tipos de construção previamente elencados.

Tabela 2: Distribuição dos dados de acordo com o tipo de construção

Tipo de construção encontrada	AÍ	%	LÁ	%	ALI	%	AQUI	%	TOTAIS	%
Construção prototípica	75	58,6	62	62,6	15	93,7	2	40	155	62,5
Construção existencial	36	28,1	24	24,2	1	6,3	3	60	63	25,4
Construção com quantificador	11	8,6	5	5,1	-	-	-	-	16	6,5
Construção com pronome indefinido	3	2,3	5	5,1	-	-	-	-	8	3,2
Construção com SN genérico	2	1,6	3	3	-	-	-	-	5	2
Construção com quantificador e pronome indefinido	1	0,8	-	-	-	-	-	-	1	0,4
TOTAIS	128	100	99	100	16	100	5	100	248	100

Os resultados mostram que AÍ aparece mais bem distribuído do que LÁ, ALI e AQUI, uma vez que ocorre nos seis tipos de construção encontrados, ao passo que LÁ aparece em seis, e ALI e AQUI apenas em duas. Uma explicação possível para a maior extensão de uso de AÍ em termos de construções sintáticas reside no fato de que a gramaticalização é um processo contínuo: as formas gramaticais emergem em contextos de uso bastante específicos, mas, posteriormente, podem ser estendidas para um maior número de contextos (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Quanto maior o número de contextos em que forem empregadas as formas gramaticais, mais rotinizadas na gramática elas estarão. Assim, a presença de AÍ em um maior número de tipos de construção pode ser tomada como indício de um estágio de gramaticalização mais avançado em comparação com os demais marcadores de especificidade.

Talvez essa maior gramaticalização se deva ao fato de que AÍ possivelmente foi a primeira camada, dentre os marcadores emergentes, a se gramaticalizar e, portanto, com o passar do tempo, pode ter tido seu uso ampliado para mais contextos linguísticos em detrimento das demais camadas do domínio, cuja emergência parece ter sido mais recente. Retomarei essa questão no capítulo 6.

Observei, ainda, que AÍ também se destaca na distribuição geral de dados no *corpus*, já que é responsável por 128 ocorrências contra 99 de LÁ, 16 de ALI e apenas 5 de AQUÍ. Esse resultado me permite supor que a emergência desses marcadores no domínio funcional da especificação nominal não ocorreu uniformemente. Isto é, de acordo com a hipótese defendida aqui, AÍ foi o primeiro, dentre os marcadores em tela, a emergir nesse domínio, seguido por LÁ, ALI e AQUÍ. Parece-me que ainda é cedo para afirmar categoricamente que ALI e AQUÍ desempenharão efetivamente a função de marcadores de especificidade, devido a sua baixa frequência. Relembro aqui Auer e Pfänder (2011) e Thompson (1993), para quem nem todas as estratégias de construção do discurso criativas e emergentes levarão à gramaticalização, isto é, a uma mudança gramatical rotinizada na gramática da língua.

Com relação ao tipo de construção preferido por essas formas, AÍ, LÁ e ALI predominam nas construções prototípicas, com frequências de 58,6%, 62,6% e 93,7%, respectivamente; no caso de AQUÍ, as construções existenciais foram as mais frequentes, com uma frequência de 60%. No entanto, a meu ver, o resultado da distribuição pode não estar propriamente relacionado com o comportamento desse último item, mas talvez se deva mais a sua pouca distribuição na amostra analisada, já que foram apenas cinco ocorrências de AQUÍ. Chama a atenção também a alta frequência da distribuição de ALI nas construções prototípicas, o que pode sinalizar o estado de gramaticalização desse item: por ser pouco gramaticalizado, ALI seria utilizado quase que exclusivamente nas construções prototípicas e poderia estar apenas no princípio do processo de distribuição entre as demais configurações sintagmáticas, uma vez que aparece apenas uma ocorrência de ALI em construção existencial.

No que concerne a AÍ e LÁ, os marcadores mais frequentes do *corpus*, AÍ aparece mais bem distribuído do que LÁ, uma vez que ocorre nos seis tipos de construção elencados, enquanto que este último só aparece em cinco. O segundo tipo de construção **mais** frequente para ambos os marcadores é o das construções existenciais, responsável por 28,1% das ocorrências de AÍ e 24,2% das de LÁ, também com uma pequena vantagem para o primeiro marcador, o que pode ser mais uma evidência de que AÍ está em um estado mais avançado de gramaticalização do que LÁ.

5.1.2 Existência de material interveniente

Esse fator diz respeito à possibilidade de existência de um modificador (mais comumente um adjetivo) ocorrer no sintagma nominal entre o nome núcleo e o marcador de especificidade (AI, LÁ, ALI ou AQUI), conforme atestam os dados a seguir.

- (19) dessa última escala estamos chegando em Porto Alegre ... e eu senti uma alegria tão grande ... um ... um ... uma ... era como se eu retornasse a uma terra que eu nunca encon/ que eu nunca tinha deixado de estar lá ... porque ... eu num sei se eu já te falei ... Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) **um fenômeno paranormal AÍ** que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ... mas eu me sentia como que ... chegando em Areia Branca ... minha cidade do ... na/ natal né ... (informante masculino, D&G Natal).
- (20) I: é ... mas ninguém sabia ... né ... aí ele ficou contente e tudo mais ... aí chegou e disse ... tem uma pessoa que pode me ajudar e tudo mais porque no um ... ele só volta através de uma tempestade ... que justamente é nesse dia ... que tá chovendo ... que há tempestades de raios e tudo mais ... com trovões e raios ... então ... ele:: no um ele só consegue voltar para mil novecentos e oitenta e cinco por causa desse raio ... porque eles sabiam que ia cair um raio na torre da igreja ... então eles fizeram uma canalização com ... com **uma ligação elétrica LÁ** ... né ... um fio que ligava no carro né ... que dava justamente para chegar na hora h ... aí o carro tinha que tocar aquele fio ... aí quando tocasse ... aí por causa do raio ... né ... a potência do raio ... levaria o carro para o futuro ... né ... (informante masculino, D&G Natal).
- (21) minha mãe ... não gosta ... quando uma pessoa diz ... eu fiquei ... eu fiquei com fulano ... fiquei com sicrano ... sei o que ... mãe num gosta ... minha mãe tem ódio desse nome ficar ... aí é como que a pessoa vai dizer ... eu num ... eu num sei ... eu acho por exemplo ... aí eu num sabia nem o que dizer ... eu tinha que dizer “eu fiquei com fulano ... a na festa” ... mas não ... mãe não gosta disso ... aí eu ... tem gente como ... tá certo que tem ... tem muitas pessoa como ... **uma amiga minha ALI** que ela disse que não gosta de ficar ... ela disse que nunca vai ficar ... mas ... eu ... eu di/ eu também dizia isso ... que eu nunca ia ficar ... aí sempre quando eu vou numa festinha ... tem vez que eu fico ... mas é muito difícil ... só quando aparece um ... que eu queira ficar ... aí eu quando num quero ... não ... eu digo não meu filho ... eu num quero não ... como uma festa também ... aquela festa ... de Pirangi num foi? aquela festa ali do Pirangi ... a festa de Pirangi ... um chamou pra dançar ... fui dançar com ele duas música ... ele queria ficar comigo eu disse ... não ... eu não quis ficar com ele ... aí já na festa aqui eu fiquei com um ... aí pronto ... aí só fiquei com ele ... (informante feminino, D&G Natal).
- (22) E* Você conhece alguém que fala diferente de você?
I* Tenho, tenho sim. Pur ixemplo: **tem uma uma conhicida minha AQUI**, pur sinal ela tava aqui, ela num sabe falar direito. Ela num sabe chamar você, num sabe chamar Jorge direito, falta uma letra pra ela dizer a palavra certa. Então eu cunheço (informante feminino, VALPB).

Os resultados, expostos na Tabela 3, revelam que há uma tendência de forte integração entre os marcadores de especificidade e o núcleo do SN, já que 93,8% das ocorrências de AÍ, 93% das de LÁ, 87,5% das de ALI e 80% das de AQUI se dão em SN em que há essa integração. Esse alto grau de integração parece ser ainda reflexo do caráter clítico³⁴ de AÍ e LÁ marcadores de especificidade, os quais se integram sintática e semanticamente ao núcleo do sintagma do qual passam a fazer parte.

Tabela 3: Existência de material interveniente entre o núcleo do SN e os marcadores de especificidade

Marcador	AÍ		LÁ		ALI		AQUI	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Com material interveniente	8	6,2	7	7	2	12,5	1	20
Sem material interveniente	120	93,8	92	93	14	87,5	4	80
TOTAIS	128	100	99	100	16	100	5	100

No tocante ao tipo de material interveniente encontrado na amostra analisada, deparei com quatro tipos: adjetivo, locução adjetiva, advérbio+adjetivo e pronome (demonstrativo ou possessivo). Esses elementos são ilustrados nas amostras a seguir. Convém ressaltar que, dentre os tipos de materiais intervenientes encontrados, nem todos aparecem em SN com todos os marcadores emergentes.

a) Adjetivo:

- (23) E: porque eu ... fico olhando pra tela e só imagino essa tela sem a montanha ... mas além desse ... você tá pintando outra coisa?
 I: não ... eu tava brincando com *um quadrinho pequeno AÍ* que tava logo abaixo da ... desse quadro ... e eu ... eu pintei um perfil meu .. de uma fotografia que eu tenho minha ...
 E: há algum tempo atrás você falou que ia se dedicar a isso ... a pintar fotografias ... tinha inclusive feito já uma seleção ... abandonou esse projeto? (Informante masculino, D&G Natal).
- (24) 1068 F1 eu num posso...
 1069 num posso de jeito nenhum...
 1070 [ainda mais que] a chefe de mamãe agora...
 1071 ela num pode nem faltar...
 1072 que a chefe tá pegando no pé dela...

³⁴ De acordo com Payne (1997), os clíticos são morfemas que atuam no nível sintagmático e se unem fonologicamente a uma outra palavra, conhecida como **hospedeiro**, a fim de poderem ser integrados ao discurso, no qual não poderiam ocorrer sozinhos.

- 1073 agora ela tá indo trabalhar até de tarde...
 1074 porque a chefe dela...
 1075 tá com **um serviço acumulado LÁ**...
 1076 num sei de quem...
 1077 num sei de quem...
 1078 e tá querendo que ela vá á tarde também...
 1079 pronto...
 1080 (num vô)... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).

b) Locução adjetiva:

- (25) E* Já aconteceu nessa sua vida de trabalho, né? É alguma história assim que deixou muito chateado?
 F* Já.
 E* Como é que foi?
 F* Deixou eu chateado foi esse foi por exemplo: “ Eu trabalhava numa cozinha, aí o **um dia de pagamento AÍ**, eu tinha as [frito-] passado uns frango lá, né? Aí eu fui tirar os frango pra botar na na cuba pra desce pra os [fun-] pra os fregueses, né? Aí ficou uma [fe-] uma frepa de frango agarrado na na bandeja de assar. Fui, arranquei a frepa e botei na boca. O o dono tava lá embaixo, aí disse que eu tinha comido frango. E eu não comi. Comeu. Aquelas confusão de comeu e num comeu, comeu e num comeu, {inint} aí eu saí de perto dele e vim mais pra cá pele num falar de mim lá debaixo, falar de mim ficar falando pra mim lá debaixo, eu num vou ficar aqui em cima dizendo pra ele não, né? Ele subiu pra reclamar comigo. Eu na hora que ele subiu, eu tava cortando o frango. E ele dizendo que eu comi. Eu: “Rapai, eu num eu num tô dizendo que eu não comi. Eu peguei uma frepa que ficou agarrado no no na bandeja de que de assar. Você comeu foi um inteiro! Diga que comeu um inteiro! Eu digo: “Olhe, eu num num peguei, barquei a faca, eu digo: Olhe, eu num comi porra nenhuma. Aí ele desceu {inint} (ruídos). Eu num comi porra nenhuma! Me levantei cum raiva mesmo, sabe? (informante masculino, VALPB).
- (26) F Né? Tem um de material, que a gente trabalhava com inseticidas. Trabalhei ali. Trabalhei o quê? numa base de uns cinco anos mais ou menos. Isso, encostado. Aí depois de cinco anos é que veio [a] a nomeação [por] pra nós. Tá? É que nós [ficamos] ficamos no quadro <s>. Aí depois do quadro, que [é] aquilo ali era do Ministério da Agricultura, né? que hoje é lá na Lacerda Coutinho.
 E Serra de quê?
 F Lacerda Coutinho, [a rua.]
 E [A rua,] sei!
 F E aí eu estive lá **um período de tempo LÁ**, aí depois Sempre trabalhando de motorista também, né? Depois dali, mesmo fazendo mistura [de] [de] de inseticidas, cuidava naquilo ali e fazia a parte [de] [de] de motorista (informante masculino, VARSUL Florianópolis).

c) Advérbio+Adjetivo:

- (27) E O senhor lembra [<algu>] algo interessante que tenha acontecido [quando] quando era carteiro?
 F Ah, eu lembro de um fato até engraçado. Até que um sujeito que trabalha lá na televisão, o Moacir Pereira, **um Ø [bem] bem conhecido AÍ**, ele morava na Rua Jardim Costa, número vinte. É, vinte e sete, se não me falha a memória. E o carteiro pega muita amizade com as pessoas, né? ele já conhece o destinatário, ele

coloca essas correspondências embaixo da porta. Então um dia estava a senhora dele no varandão, né? e eu fui dar na mão dela as correspondências. Ela [não] não achava que eu tinha que colocar em cima da mesa. Mas eu disse que tinha serviço, né? tentei conversar. Ela [disse] tentou dizer que eu era um empregado dela. [Aí] aí eu: "Não, eu sou empregado do Correio. Eu coloco debaixo da porta quando não tem ninguém pra estar lá e receber, mas se tem alguém" Aí começou a discutir, e ela, ela foi informar para o marido, credo! que eu: "Não é possível!" Ela foi informar para o marido que eu tinha agredido ela, assim, verbalmente, né? [Foi aí] depois eu comentando com a chefia, eu disse: "O cara é um político." Eu também [não] tinha pouco conhecimento. Passou se um tempo, estava ele lá na frente, aí ele [veio] veio me dar de dedo, [veio] assim, que tinha tudo pra me botar pra rua, que ofendi a esposa dele. (informante masculino, VARSUL Florianópolis).

d) Pronome:

- (28) E [E também facilita] é, ficou melhor por causa do Antigamente aqui era mato. Ali era o pessoal que viviam escondidos ali
 F É, é, não, não era propriamente mato, mas tinha ali um terreno baldio, que aliás ainda tem até [<ho>] hoje ali que eles tiraram o trilho ficou agora uma área aberta, mas mato propriamente não tinha, mas [os] os maloqueiros se escondiam atrás [do][do] dos trilhos e assaltavam o pessoal durante a noite, né? Muitas, muitas vezes. Até durante o dia. **Um menino aí de uma amiga nossa AÍ** que ele [não] não vinha de lá pra cá sozinho porque os maloqueiros pegaram ele lá e tomaram relógio, tomaram tudo, né? (informante masculino, VARSUL Curitiba).
- (29) E* Mas nunca discutiu assim não de discordar de...?
 I* Não. Não. **Tem uma amiga minha LÁ**, que ela trabalha na mesma sala. Ela ela:: ela tá terminando Psicologia. Quer dizer, ela parou, né? Aí, eu discuto muito cum ela mais::, só coisa de religião, sabe? Que ela:: acredita muito nesse negócio de espíritos, essas coisa e eu já sou diferente. Que é negócio de encarnação, num sei o quê. Eu num acredito nesse tipo de coisa, né? Eu [go] eu acredito mais na palavra de Deus. Acho que pa mim é a mais certa. (informante masculino, VALPB).
- (30) minha mãe ... não gosta ... quando uma pessoa diz ... eu fiquei ... eu fiquei com fulano ... fiquei com sicrano ... sei o que ... mãe num gosta ... minha mãe tem ódio desse nome ficar ... aí é como que a pessoa vai dizer ... eu num ... eu num sei ... eu acho por exemplo ... aí eu num sabia nem o que dizer ... eu tinha que dizer "eu fiquei com fulano ... a na festa" ... mas não ... mãe não gosta disso ... aí eu ... tem gente como ... tá certo que tem ... tem muitas pessoa como ... **uma amiga minha ALI** que ela disse que não gosta de ficar ... ela disse que nunca vai ficar ... mas ... eu ... eu di/ eu também dizia isso ... que eu nunca ia ficar ... aí sempre quando eu vou numa festinha ... tem vez que eu fico ... mas é muito difícil ... só quando aparece um ... que eu queira ficar ... aí eu quando num quero ... não ... eu digo não meu filho ... eu num quero não ... como uma festa também ... aquela festa ... de Pirangi num foi? aquela festa ali do Pirangi ... a festa de Pirangi ... um chamou pra dançar ... fui dançar com ele duas música ... ele queria ficar comigo eu disse ... não ... eu não quis ficar com ele ... aí já na festa aqui eu fiquei com um ... aí pronto ... aí só fiquei com ele ... (informante feminino, D&G Natal).
- (31) E* Você conhece alguém que fala diferente de você?
 I* Tenho, tenho sim. Pur ixemplo: **tem uma uma conhicida minha AQUI**, pur sinal ela tava aqui, ela num sabe falar direito. Ela num sabe chamar você, num sabe chamar Jorge direito, falta uma letra pra ela dizer a palavra certa. Então eu cunheço. (informante feminino, VALPB).

Os resultados referentes a essa distribuição encontram-se na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4: Tipo de material interveniente entre o núcleo do SN e os marcadores de especificidade

Marcador	Tipo de Material interveniente							
	Adjetivo	%	Locução Adjetiva	%	Advérbio + Adjetivo	%	Pronome	%
AÍ	5/8	62,5	1/8	12,5	1/8	12,5	1/8	12,5
LÁ	2/7	28,6	4/7	57,1	-	-	1/7	14,3
ALI	-	-	-	-	-	-	2/2	100
AQUI	-	-	-	-	-	-	1/1	100
TOTAIS	7/18	38,8	5/18	27,8	1/18	5,6	5/18	27,8

Dentre os elementos intervenientes entre o marcador e o núcleo do SN, o mais frequente, em números absolutos, foi o adjetivo, responsável por 7 das 18 ocorrências desses elementos. O adjetivo também foi o elemento mais frequente nos sintagmas especificados por AÍ, com uma frequência de 62,5%. No caso de LÁ, o material interveniente mais frequente foram as locuções adjetivas, responsáveis por 57,1% das ocorrências. Quanto a ALI e AQUI, os pronomes constituíram as pouquíssimas ocorrências de elementos intervenientes nos SN com esses marcadores. É interessante observar que apenas nos SN com AÍ, houve a ocorrência dos quatro tipos de material interveniente. Tal fato parece-me mais um argumento em favor do caráter mais gramaticalizado de AÍ em relação aos outros marcadores emergentes, uma vez que, aparentemente, um avanço do processo de gramaticalização poderia autorizar o falante a utilizar SN indefinidos não apenas seguidos pelos marcadores de especificidade, mas também acompanhados por diferentes tipos de modificadores entre o núcleo do SN e o marcador.

5.1.3 Natureza do substantivo ao qual AÍ, LÁ, ALI e AQUI se adjungem

O terceiro fator a ser considerado nesta análise refere-se à natureza do substantivo ao qual AÍ, LÁ, ALI e AQUI se adjungem. Considero, na análise desse fator, três subfatores, por assim dizer: quais foram os substantivos aos quais os marcadores se adjungiram, considerando *types* e *tokens*; se os substantivos

constituem nomes humanos ou não humanos; se são substantivos concretos ou abstratos.

5.1.3.1 *Types e tokens*

Na amostra analisada, os marcadores emergentes apareceram em SN com os mais diferentes tipos de substantivos como núcleo, o que pode ser conferido nas Tabelas 5, 6, 7 e 8, a seguir.

Tabela 5: N aos quais AÍ se adjungiu no *corpus* da pesquisa

N	Types	Tokens	Quantidade
1.	frase	frase	1
2.	ginásio	ginásio	1
3.	fenômeno	fenômeno	1
4.	quadro	quadrinho	1
5.	música	música, música, música, música	4
6.	marajá	marajá	1
7.	pessoa	pessoas	1
8.	jeito	jeito	1
9.	cabra	caba	1
10.	curso	curso, curso, curso	3
11.	pessoal	pessoal	1
12.	dia	dia, dia	2
13.	cadeira	cadeira	1
14.	colégio	colégio	1
15.	prova	prova0	1
16.	incorporação	incorporação	1
17.	negócio	negócio, negócios, negócios	3
18.	trocado	trocadinho0	1
19.	coisa	coisa, coisa, coisa, coisa, coisa	5
20.	bimestre	bimestre	1
21.	menino	menino, menina, [menino] ³⁵	3
22.	amigo	amiga, amigas	2
23.	aperitivo	aperitivo	1
24.	conversa	conversa	1
25.	piá	piazinho	1
26.	emprego	emprego, emprego0	2
27.	cliente	cliente	1
28.	dupla	duplinha	1
29.	saída	saidinha	1
30.	artista	artista, artista	1
31.	criança	criança	1
32.	cara	cara, carinha	2
33.	reportagem	reportagem	1

³⁵ Os *tokens* entre colchetes nas Tabelas 5, 6 e 7 referem-se àqueles que estavam elípticos nos dados analisados, tendo sido recuperados a partir do contexto em que as ocorrências foram encontradas.

34.	praia	praia	1
35.	sinaleiro	sinaleiro	1
36.	bronca	brincas	1
37.	pobre	pobre	1
38.	televisão	televisão	1
39.	tempo	tempos, tempo, tempo	3
40.	programa	programa	1
41.	Pão	pãozinho	1
42.	hospital	hospital	1
43.	pesquisa	pesquisas	1
44.	liquidificador	liquidificador	1
45.	plantação	plantação	1
46.	Porto	porto	1
47.	Festa	festinha	1
48.	Lugar	lugar	1
49.	Bico	bicozinho	1
50.	sobrinho	sobrinhas, sobrinha	2
51.	sujeito	[sujeito]	1
52.	professor	professor, [professores], [professores]	3
53.	reunião	reunião, reunião	2
54.	Moço	moça	1
55.	barulho	barulhão	1
56.	sociedade	sociedades	1
57.	parente	parentes	1
58.	passo	passos	1
59.	sujeira	sujeira	1
60.	árvore	árvore, árvores	2
61.	Mato	mato	1
62.	médico	médico	1
63.	engasga-gato	engasga-gatos	1
64.	terreno	terreno	1
65.	campanha	campanha	1
66.	Nome	nome	1
67.	Ponta	pontas	1
68.	empregado	empregada	1
69.	vizinho	vizinho	1
70.	mulher	mulheres	1
71.	homem	homens	1
72.	Gente	gente, gente, gente	3
73.	Taxa	taxa	1
74.	Rico	rico	1
75.	Idoso	[idosos], [idoso], [idosa]	3
76.	senhor	senhora	1
77.	grupo	grupos, grupo	2
78.	projeto	projeto	1
79.	Rapaz	rapazes	1
80.	estado	estado, estado	2
81.	Jovem	jovens	1
82.	Ano	ano	1
83.	Rolo	rolo	1
84.	repórter	repórter	1
85.	problema	problema	1
86.	estatal	estatais	1
87.	época	época	1
88.	museu	museu	1
89.	besteira	besteira	1
90.	jornal	jornal	1
91.	pedaço	pedaço	1

92.	estudante	estudante	1
93.	quermesse	quermesse	1
94.	motivo	motivos	1
95.	Moda	moda	1
96.	torneio	torneio	1
97.	Livro	livros	1
TOTAIS	97	128	128

Tabela 6: N aos quais LÁ se adjungiu no *corpus* da pesquisa

N	Types	Tokens	Quantidade
1.	mentira	mentira, mentira	2
2.	pedra	pedra	1
3.	cassetete	cassetete	1
4.	testamento	testamento	1
5.	menino	meninos, menina, menino, menina, menino	5
6.	cara	cara, cara, cara0, cara	4
7.	bobeira	bobeira	1
8.	ligação	ligação	1
9.	lugar	lugar	1
10.	restaurante	restaurante	1
11.	estrela	estrela	1
12.	meia	meias	1
13.	máscara	máscara	1
14.	cantor	cantores	1
15.	moço	moça, moço, moça	3
16.	pau	pau	1
17.	negócio	negócio, negócio, negócios, negócios, negócio	5
18.	preocupação	preocupação	1
19.	código	código	1
20.	mesário	mesário	1
21.	virada	virada	1
22.	velho	véi	1
23.	bronca	bronca	1
24.	missão	missão	1
25.	sala	sala	1
26.	letra	letra	1
27.	rela	rela	1
28.	frango	frango0	1
29.	jeito	jeito	1
30.	escola	escola	1
31.	sargento	sargento	1
32.	panela	panela	1
33.	fugida	fugida	1
34.	caverna	caverna	1
35.	termo	termo	1
36.	serviço	serviço	1
37.	lasanha	lasanha	1
38.	carro	carrinho	1
39.	Chevrolet	chevroletinho	1
40.	briga	briga	1
41.	nome	nome	1
42.	livro	livro, [livro]	2
43.	música	[músicas], música	2
44.	bebedouro	bebedouro	1

45.	engenhoca	engenhocas	1
46.	Europa	Europa	1
47.	criatura	criatura	1
48.	período	período	1
49.	área	área, área	2
50.	dinheiro	dinheiro	1
51.	coisa	coisa, coisas, coisa, coisa, coisa, coisas, coisa	7
52.	técnico	técnico	1
53.	peça	peça	1
54.	discussão	discussão	1
55.	social	social	1
56.	personagem	personagem	1
57.	vilão	vilãozinho	1
58.	hora	horas	1
59.	perseguição	perseguição	1
60.	palheta	palhetinha	1
61.	mecanismo	mecanismo	1
62.	urso	ursinho	1
63.	cena	cena	1
64.	macumba	macumba	1
65.	terreiro	terreiro	1
66.	amigo	amiga	1
67.	americano	americano	1
68.	Dia	dias, [dia]	2
69.	assunto	assuntos	1
70.	matéria	matéria	1
71.	terra	terra	1
72.	senhor	senhora	1
73.	ocasião	ocasião	1
74.	guri	guri	1
75.	apostila	apostila	1
TOTAIS	75	99	99

Tabela 7: N aos quais ALL se adjungiu no *corpus* da pesquisa

N	Types	Tokens	Quantidade
1.	agenda	agenda	1
2.	amigo	amiga	1
3.	rapaz	rapaz	1
4.	oferta	[oferta]	1
5.	coisa	coisa, coisa0	2
6.	negócio	negócio, negócio	2
7.	Tenente Coronel	Tenente Coronel	1
8.	rolo	rolo	1
9.	cara	cara	1
10.	casa	casa, casa	2
11.	roda	roda	1
12.	nome	nome	1
13.	preso	[presos]	1
TOTAIS	12	16	16

Tabela 8: N aos quais AQUI se adjungiu no *corpus* da pesquisa

N	Types	Tokens	Quantidade
1.	acorde	acorde	1
2.	rapaz	rapaz	1
3.	ano	ano	1
4.	conhecido	conhecida	1
5.	detalhe	detalhe	1
TOTAIS	5	5	5

Os dados apresentados nas Tabelas precedentes podem ser sumarizados na Tabela 9, exposta no que segue.

Tabela 9: Distribuição de AÍ, LÁ, ALI e AQUI de acordo com os tipos de substantivos aos quais se adjungem

Marcador	Types	Tokens
AÍ	97	128
LÁ	75	99
ALI	12	16
AQUI	5	5

Esse resultado mostra que, a princípio, não haveria restrições quanto ao tipo de substantivo ao qual AÍ, LÁ, ALI e AQUI se adjungiriam. Todavia, ainda é necessário refinar essa questão. Os *types* mais frequentes aos quais AÍ se adjungiu foram os seguintes: **coisa** (5 *tokens*), **música** (4), **menino** (3), **negócio** (3), **curso** (3), **professor** (3), **gente** (3), **tempo** (3) e **idoso** (3). No caso de LÁ, por sua vez, os *types* mais frequentes foram: **coisa** (7 *tokens*), **menino** (5), **negócio** (5), **cara** (4) e **moço** (3). Quanto a ALI, os *types* mais frequentes foram: **coisa** (2 *tokens*), **negócio** (2), **casa** (2). Já no caso de AQUI, cada *token* correspondeu a um *type* diferente. Observe-se que houve coincidência entre dois dos *types* mais frequentes para AÍ, LÁ e ALI – **coisa** e **negócio**. Além desses, o *type* **menino** também está entre os mais frequentes para AÍ e LÁ. Os dados que seguem ilustram as ocorrências com os *types* mencionados.

- (32) 2129 F4 isso foi lá em Jucurutu?
 2130 F5 não...
 2131 saiu no jo/no:: no ne/...
 2132 ma/ numa:: **numa coisa AÍ**...
 2133 F1 [minha filha...]
 2134 F4 [num jornal...]

- 2135 já ia dizer não... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
 (33) E Cravo com "k".
 F Eu sempre vi escrito [no] pelos livros com "c", né? Canela também com "c", né? Então bota, né? Cravo e canela, né? <Bu> uma <butique> é cravo e canela [com] com "k". Agora ("o senhor") pega um dia [o] está [escrevendo] [o] traduzindo o alimento que é o cravo, a canela, né? O senhor sempre vê com "c". De repente aparece **uma coisa LÁ** com "k". Agora ("vê que") esse pessoal, a gurizada de hoje que está olhando vê aquilo, aquilo [fica] está em grande e coisa cravo cravo e canela. E vê falando cravo e canela, cravo e canela e coisa, né? Manda escrever. Calca logo o "k" (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).
- (34) E* É, num é?
 I* É. A mesa branca é pura. Num sei se você assiste aquele programa daquele <cadeque>, né? Ele tem **umas umas coisaø ali** que ele explica muito bem e é certo mesmo. Mayø xangô, <não> a corrente de xangô, a maior parte tudo é enrolada. (Huum!) É (informante masculino, VALPB).
- (35) 0329 F2 já li todo o livro...
 0341 F1 depende do que você está chamando de leitura...
 0342 sim...
 0343 o que eu estava dizendo mesmo?
 0344 F2 vixe...
 0345 arrasou comigo...
 0346 F1 hein J.?
 0347 F2 **um negócio AÍ...**
 0348 F1 porque a pessoa que leu o texto...
 0349 e diz assim...
 0350 "é uma merda esse texto..."
 0351 já leu o livro quase todo... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
- (36) E* Como aconteceu o incêndio?
 I* Ele com o cara comprou queroseno + o capanga de do coronel comprou queroseno e: e arrudiu a casa todinha com querosenø, + aí depoiø tocou fogo, + aí pegou fogo. Ainda se o rapaz maiø velho se salvou o irmão dele mais novo, aí foi pegaø a mãe dele que tava no banheiro, quando chegou lá + a mãe dele se agarrou-se com ele começou a chorar aí explodiu **um negócio LÁ**, o bujão aí: + morreu os doiø, + na casa peganø fogo (informante feminino, VALPB).
- (37) 033 F2 então você compra a senha...
 034 F1 não...
 035 F3 eu estou apenas...
 036 F2 não...
 037 é...
 038 tem...
 039 aquele dinheiro ali já está ocupado...
 040 F3 com quê?
 041 F1 vou pagar **um negócio ALI...**
 042 F3 que negócio?
 043 F1 **um negócio ALI...**
 044 F3 esse povo tem uns negócios escondidos...
 045 F4 eu vou ali...
 046 ali aonde?...
 047 ali...
 048 F1 vou pagar ali um negócio...
 049 oito...
 050 oito reais e...
 051 F4 eca...

- 052 está querendo pegar meu dedo aqui... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
- (38) E [E também facilita] é, ficou melhor por causa do Antigamente aqui era mato. Ali era o pessoal que viviam escondidos ali.
F É, é, não, não era propriamente mato, mas tinha ali um terreno baldio, que aliás ainda tem até [<ho>] hoje ali que eles tiraram o trilho ficou agora uma área aberta, mas mato propriamente não tinha, mas [os] os maloqueiros se escondiam atrás [do][do] dos trilhos e assaltavam o pessoal durante a noite, né? Muitas, muitas vezes. Até durante o dia. **Um menino AÍ de uma amiga nossa AÍ** que ele [não] não vinha de lá pra cá sozinho porque os maloqueiros pegaram ele lá e tomaram relógio, tomaram tudo, né? (informante masculino VARSUL Curitiba).
- (39) daí por aí foi o congresso todinho eu querendo fazer amizade com todo mundo ... certo que tem ou ... que tem vez que eu brigo e tudo mais ... brigava com algumas pessoas ... com **uns meninos LÁ** ... que:: que tirava brincadeira sem graça comigo ... aí eu brigava ... discutia ... ficava sem falar com o cara ... teve um cara até que:: que brigou comigo ... de Parnamirim ... brigou comigo mas depois veio pedir desculpas e tudo mais ... não sei que mais lá ... eu também pedi e por aí foi ... né (informante masculino, D&G Natal).

Além dos *types* destacados nas amostras, houve ainda correspondência nas ocorrências de AÍ, LÁ e ALI em outros 2, a saber: **amigo** e **cara**. Houve correspondência nas ocorrências de AÍ e LÁ em outros 9: **música, jeito, dia, bronca, lugar, moço, nome, senhor** e **livro**. O *type* **rapaz** apareceu em SN com AÍ, ALI e AQUI; **rolo** apareceu em SN com AÍ e ALI; e o *type* **ano** apareceu em SN com AÍ e AQUI.

Esse resultado parece-me indicar que há uma tendência de recorrência de uso desses marcadores com alguns substantivos, portadores dos traços semânticos [+indefinido], [+genérico], [+comum], a exemplo dos *types* **coisa, cara** e **menino**, dentre outros. Além disso, o fato de AÍ ter sido o marcador utilizado com a maior quantidade de *types* pode ser mais uma evidência de que ele é o mais gramaticalizado dos quatro marcadores emergentes, seguido por LÁ.

5.1.3.2 Nomes humanos x nomes não humanos

Nesse fator, observei e quantifiquei a ocorrência dos marcadores junto a substantivos que apontam para referentes humanos (amostras (40)-(43)) ou não humanos (amostras (44)-(47)). Os resultados aparecem na Tabela 10, mais adiante.

- (40) F [A segurança] do bairro aqui não O bairro aqui é [muito] muito inseguro, né? (toss) Por exemplo, andar à noite aqui é perigoso, né?

E É?

F Andar certas horas da madrugada aqui é perigoso, é.

E O senhor estava falando que **tem num lugar jovens AÍ** que fumam maconha

F É, [<co>] com a maconha [<nun>] nunca vi, mas [já vi] já vi muitos [<che>] cheirando cola, né?

E Ah, é?

F Mas [não] não era jovem assim. Era mais [é] garoto assim, né? (informante masculino, VARSUL Curitiba).

- (41) vê ... catando lixo não ... assim arrumando alguma coisa ... limpando o carro e tudo ... e vê a nave ... a nave saindo ... então ele fica com aquele negócio na cabeça ... e no futuro as naves/ as ... os carros flu/ voam ... né ... num andam normalmente na pista não ... aí quando ... Biff tá bem velhinho ... já ... é bisavô de:: do ... do filho de Martin né ... quer dizer é bisavô do ... do ... aí ... meu Deus ... que que eu posso fazer ... tem um vilãozinho lá ... que é **guri LÁ** que é bisneto de Biff e esse filho ... esse filho que ele vai lá ... é:: como é que se chama:: é bisavô de ... de ... bisneto de ... de ... do pai dele ... né ... do Martin ... então quando Biff vê isso aí ... no futuro ele chega lá e vê cenas assim próximas a ele que Martin vai ... Martin e o doutor Brown ficam assim na frente dele com a máquina ... então ele lembra daquilo ... aí então eles dão uma bobeira lá e saem da máquina ... (informante masculino, D&G Natal).
- (42) E* Conte um caso de violência que lhe marcou, assim, pode ser no [is-] qualquer lugar, qualquer caso de violência.
I* Aqui perto de casa. Um [as-] foru0 assalta0 **um rapayz ALI**: e: [ale-] além de te0 assaltado, deru0 uma surra nele. Acho que ficô0 cego de um olho. Deru0, meteru0 um chute no, um “mucado” de chute no olho nele, quebraru0 as + as costela0 dele, + só num, só num furaru0 pu0que, com a [fa] pe0xe0ra que a gente chegô0, eu e meus amigo0 (informante masculino, VALPB).
- (43) I* A mulher {inint} o menino aqui que que que num come. Só fayz batê os olhoø. Quando ela passa o ramo, quando chega em casa, já tá comendo. Ela tinha u::m **um rapayz AQUÍ** que ela lavava a roupa aí da mulheø dele. É, a mulher teve uma criançazinha, primeiro menino,{inint} chegô aqui cum o menino quase nu da cintura pra cima. “Seu Antônio o menino tá morrendo.” Eu digo: “[ta] que morrendo o que rapayø”. “Ele num quer cumê nem nada.” Eu digo: “Num come não é? poiø ele,[pe] prepare o cumê que ele vai cumê já, viu?” “{inint} ele. Aí trouxe ele pra aqui, dei uns treyø pinote cum ele aqui, {inint} o menino já começô a sorrir. Aí ela disse: “Esse seu Antônio é fogo!””. Eu digo: “Dê cumê o menino em casa ela vai, ele vai morrer de fome, viu?” Chegô em casa danô cumê, o menino: leco, leco. Aí cum três diaø ele apareceu aqui (informante masculino, VALPB).
- (44) E Mas fora a pintura você trabalhou em outra coisa, também ou não?
F Não, nunca, nunca. [Só] eu entrei com quatorze, quinze anos numa oficina e estou dentro da oficina até hoje.
E E além da pintura, você faz outras coisas também? ou só
F Não, a gente engana **alguma coisa AÍ**, né? mas o forte mesmo é pintura, [onde que a gente [é] é profissional] mesmo é na pintura. [O] o resto é só pra enganar, quebrar o galho de alguém, mas dizer que ali [nem] já nem pego, porque [não] não sei, né? (informante masculino, VARSUL Curitiba).
- (45) quando o diabo e Deus se despediram um ano depois ele se casou ... não ... ele ficou bom da doença ... porque era uma doença incurável na época ... sei lá o que diabo era ... uma peste ... ele ... ele curou-se da doença ... recuperou todo o dinheiro dele através de um ... parece que ele serviu a um rei ... aí o rei num tinha a quem deixar a herança dele ... aí deixou a ele ... deixou a herança dele ... herança pra ele como agradecimento a todos os serviços que ele prestou ... ou seja ... ele além de recuperar o ... o dinheiro dele ... se tornou ... tornou-se rei ... é ... casou-se com ... com uma mulher ... filha de um ... de outro rei ... de outra ... **outra terra LÁ** ... como é o nome da terra ... Bel não ... sei lá como era o nome da terra ... e:: teve

- quatro filhos ... ou seja ... quatro ... quatro herdeiros pra quem ele podia deixar toda ... toda herança ... e os quatro filhos eram mais brilhantes ainda do que outros ... (informante masculino, D&G Natal).
- (46) banco ... entrego conta ... resolvo assim ... por exemplo ... uma entidade manda uma carta lá pra clínica ... dizendo que:: que tá abrindo credenciamento pra médicos ... aí eu vou ter que saber o que que precisa pra gente se credenciar ... pegar relação de documentos e resolver ... sabe ... até ... a gente ter o credenciamento ... é muita responsabilidade ... sabe? é muita mesmo ... porque num é todo mundo que aguenta esse rojão não ... porque se você faz só uma coisa ... é muito bom ... tem vários funcionário ... cada um tem sua função ... é bom demais ... mas você fazer tudo ... você tem que ter **uma agenda ALI** ... bem certinha ... sabe? e num esquecer de nada ... porque se esquecer ... (informante feminino, D&G Natal).
- (47) E* Por que você não brinca mais no carnaval?
 I* Porque eu mehmo num gosto. Às veyø:, + **teve um ano AQUI** que meu marido deixou ir pro clube aí tudinho, mayø agora por caso dessa violência eu tenho até medo de sair de casa, aí num: num brinco mais não, às vezø os meninoø pedeø pra ir eu digo: “Não senhor, você num tá doido.” Que nem o ano passado o ano o ano passado, meus meninoø foi aí pra o clube, aí começaram um tirinete de cadeira lá vem, cadeira vai, e eu fiquei logo nervosa aqui porque eu tinha deixado os meninoø irø. Aí pronto digo mais nunca esses meninoø vão pra canto nenhum, a num ser comigo, aí pronto. Puø isso que eu num gosto dessa violência, os meninoø num querem num quero que os meninoø brinqueø nem eu mesmo nem eu mesmo vou brigar pro caso disso, que a gente num pode tá num canto nem se divertinøo porque vê a hora morrer (informante feminino, VALPB).

Tabela 10: Distribuição de AÍ, LÁ, ALI e AQUI por tipo de substantivo (humano x não humano)

Marcador	Nomes humanos				Nomes não humanos			
	types	%	tokens	%	types	%	tokens	%
AÍ	32/97	33	45/128	35,2	65/97	67	83/128	64,8
LÁ	15/75	20	24/99	24,2	60/75	80	75/99	75,8
ALI	5/13	38,5	5/16	31,3	8/13	61,5	11/16	68,7
AQUI	2/5	40	2/5	40	3/5	60	3/5	60

Os dados demonstram que os quatro marcadores emergentes predominam em sintagmas nominais em que o substantivo é um nome não humano. No caso de AÍ, 67% dos *types* e 64,8% dos *tokens* correspondem a nomes não humanos. Essa frequência chega a 61,5% dos *types* e 68,7% dos *tokens* usados com ALI; e 60% dos *types* e *tokens* utilizados com AQUI. Quanto a LÁ, a predominância de nomes humanos é ainda maior, com 80% dos *types* e 75,8% dos *tokens*. Esse resultado poderia ser um indício de uma tendência de especialização futura de LÁ na especificação de nomes não humanos, ou também pode ser uma evidência de que AÍ é mais gramaticalizado do que LÁ, por atuar com mais frequência na especificação de nomes humanos do que este. De qualquer modo, a verificação dessa hipótese depende de estudos mais aprofundados que considerem uma quantidade ainda maior de dados.

5.1.3.3 Substantivos concretos x substantivos abstratos

Observei, nesse fator, a utilização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI adjungidos a substantivos concretos e abstratos. Considerei nessa análise os conceitos de substantivos concretos e abstratos da gramática tradicional, também adotados por Neves (2000). Baseio-me em Bechara (2004, p.113), que define o substantivo concreto como “o que designa o ser de existência independente [...]. Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas”. O substantivo abstrato, por sua vez, “é o que designa ser de existência dependente [...]. Os substantivos abstratos designam ações [...], estado e qualidade [...], considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual”. No caso de substantivos polissêmicos, como **coisa** e **negócio**, analisei o contexto de uso dos SN cujos núcleos são essas palavras, a fim de verificar se eles se referiam a seres concretos ou abstratos. Assim, verifiquei em alguns contextos que essas palavras referem-se a seres concretos e, em outros, que se referem a seres abstratos, conforme atestam as amostras que seguem.

- (48) 2129 F4 isso foi lá em Jucurutu?
 2130 F5 não...
 2131 saiu no jo/no:: no ne/...
 2132 ma/ numa:: **numa coisa AÍ**...
 2133 F1 [minha filha...]
 2134 F4 [num jornal...]
 2135 já ia dizer não... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
- (49) E Mas fora a pintura você trabalhou em outra coisa, também ou não?
 F Não, nunca, nunca. [Só] eu entrei com quatorze, quinze anos numa oficina e estou dentro da oficina até hoje.
 E E além da pintura, você faz outras coisas também? ou só
 F Não, a gente engana **alguma coisa AÍ**, né? mas o forte mesmo é pintura, londe que a gente [é] é profissional| mesmo é na pintura. [O] o resto é só pra enganar, quebrar o galho de alguém, mas dizer que ali [nem] já nem pego, porque [não] não sei, né? (informante masculino, VARSUL Curitiba).
- (50) E Cravo com "k".
 F Eu sempre vi escrito [no] pelos livros com "c", né? Canela também com "c", né? Então bota, né? Cravo e canela, né? <Bu> uma <butique> é cravo e canela [com] com "k". Agora ("o senhor") pega um dia [o] está [escrevendo] [o] traduzindo o alimento que é o cravo, a canela, né? O senhor sempre vê com "c". De repente aparece **uma coisa LÁ** com "k". Agora ("vê que") esse pessoal, a gurizada de hoje que está olhando vê aquilo, aquilo [fica] está em grande e coisa cravo cravo e canela. E vê falando cravo e canela, cravo e canela e coisa, né? Manda escrever.

- Calca logo o "k". Eu acho que está errado, né? Porque se ele vai pela gramática, pelo livro, é com "c", né? (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).
- (51) E E a senhora já ouviu falar de alguém que tenha sido embruxado?
F Ah, já vi que numa prima, [ela <di>] [ela] agora, eles dizem que é doença de macaco, uma doença que dá na criança, que a criança fica magrinha, magrinha, magrinha, . Lá em São Paulo, eles diziam que é doença de macaco. Aqui eles não falam, não sei como é que eles falam. Aqui dizem outra coisa. Mas lá em São Paulo é doença de macaco, que eles tratam. Então diz que essa minha prima ficou, assim, magrinha, magrinha, magrinha, não sabia o que era. Aí [a minha] a minha tia saiu com ela pra benzer, pra ver o que era, foi num benzedor, o benzedor disse pra ela que a menina estava embruxada. Aí ele mandou dar banho de alho, banho de arruda, e fazer **um monte de coisas LÁ** e aí a menina ficou boa. [Casou] cresceu, casou. Diz que morreu agora, depois de velha. Ela disse que estava embruxada também (informante feminino, VARSUL Florianópolis).
- (52) Agora, se vocês, já que o colégio num ensina como deve ensinar, chegasse em casa, pegasse os livros na mesa, uma bacia d'água no chão, cheia, e os pés dentro, **um guaraná ou coisa ALI** pra tomar e estudasse, vocês iam aprender e iam dar lição. Eu tenho um camarada aqui que é, foi menino comigo, o pai dele se empenhou, estudou no Pio [doz] Pio Pio Décimo daquele tempo. Esse rapaz quando terminou o [co] o Pio Décimo, foi fazer [o o:] dois anos no Lyceu. Mas ele deu lição lá no Lyceu. Ele hoje é engenheiro formado no Rio de Janeiro, é Jamerson. (informante masculino, VALPB).
- (53) E* É, num é?
I* É. A mesa branca é pura. Num sei se você assiste aquele programa daquele <cadeque>, né? Ele tem **umas umas coisaø ALI** que ele explica muito bem e é certo mesmo. Mayø xangô, <não> a corrente de xangô, a maior parte tudo é enrolada. (Huum!) É (informante masculino, VALPB).
- (54) F Foi, no que eu saí ele faliu.
E Ah é? Bem feito, né?
F Bem feito pra eles, me mandaram embora, né? Daí eu pensava: "Meu Deus, eu não vou receber meu dinheiro mais", tenho que pegar [uns] umas máquinas, **uns negócios AÍ**, né? pra me pagarem, mas não daí passou pro Meridional, né? daí recebi direitinho e tal. Daí quando eu tinha uma folguinha eu trabalhava [na] quando eu comecei no Nasser, era na Visconde de Nacar. Daí a gente mudou pro Cristo Rei, né? Então, quando eu estava no Centro, na hora do almoço, eu tinha uma folguinha, eu passava lá no Banco. Mas lá não dava pra você ir. Se você dizia que ia lá falar com fulano só ali e já ia embora, não dava. Você falava, sabe? Era pouco tempo, então eu ia lá e falava o essencial e já me mandava, que a gente se dava muito com o pessoal lá, né? Então aquela época foi boa. Ali a gente saía bastante, e eles são banco do Sul Brasileiro é [do] de Porto Alegre, né? Então é negócio de churrasco, né? Sempre [tinha] [est] um churrasquinho lá. (informante feminino, VARSUL Curitiba).
- (55) 0332 F2 [não...]
0333 [eu li...]
0334 eu li só até aqui...
0335 eu li até aqui...
0336 até esse capítulo aqui...
0337 olha...
0338 até tem grifado oh...
0339 pra num dizer que é minha mentira...
0340 minha mentira é velho...
0341 F1 depende do que você está chamando de leitura...
0342 sim...
0343 o que eu estava dizendo mesmo?
0344 F2 vixe...

- 0345 arrasou comigo...
- 0346 F1 hein J.?
- 0347 F2 **um negócio AÍ...**
- 0348 F1 porque a pessoa que leu o texto...
- 0349 e diz assim...
- 0350 “é uma merda esse texto...”
- 0351 já leu o livro quase todo...
- 0352 bom é quando você diz assim...
- 0353 “o texto [é muito difícil...]”
- 0354 entenda...
- 0355 “é muito difícil...” (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
- (56) E* Como aconteceu o incêndio?
I* Ele com o cara comprou queroseno + o capanga de do coronel comprou queroseno e: e arruiu a casa todinha com querosenø, + aí depois tocou fogo, + aí pegou fogo. Ainda se o rapaz maior velho se salvou o irmão dele mais novo, aí foi pegaø a mãe dele que tava no banheiro, quando chegou lá + a mãe dele se agarrou-se com ele começou a chorar aí explodiu **um negócio LÁ**, o bujão aí: + morreu os dois, + na casa peganø fogo (informante feminino, VALPB).
- (57) E *E vocês fazem assim no colégio algum trabalho diferente de- *(hes) [<sai->]- de sair de sala [<s->]-, de sala, de dentro de sala de aula? *Vocês fazem alguma outra atividade?
F *Às vezes assim o professor dá pra fazer resumo assim no pátio. *Também teve, tem [<tea->]- teve, qual foi? *Porra, qual foi (inint) lá? *Ah, foi também pra fazer **uns negócios LÁ** também de português que ela saiu da aula pra gente recortar, esses trabalhos assim. *Ma0s, [no]- no Remar, por exemplo, no Remar a gente tem acampamentos. *Aí nó0s vamos também numa creche0 que- *Remar é o grupo- (informante masculino, VARSUL Florianópolis).
- (58) 035 F3 eu estou apenas...
- 036 F2 não...
- 037 é...
- 038 tem...
- 039 aquele dinheiro ali já está ocupado...
- 040 F3 com quê?
- 041 F1 vou pagar **um negócio ALI...**
- 042 F3 que negócio?
- 043 F1 **um negócio ALI...**
- 044 F3 esse povo tem uns negócios escondidos...
- 045 F4 eu vou ali...
- 046 ali aonde?...
- 047 ali...
- 048 F1 vou pagar ali um negócio... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).

Considerarei o substantivo **coisa** como concreto em (48), (50) e (52) por se referir a seres concretos. Na amostra (48), a informante tenta se lembrar como ficou sabendo de determinado evento e, respondendo a pergunta de outro falante (F4) se este ocorreu na cidade de Jucurutu/RN, enuncia que foi **numa coisa AÍ**, tendo sua fala complementada por F4 que explica que a história foi publicada em um jornal. Assim, nesse dado, **coisa** foi utilizado para se referir a um **jornal**. Em (48), **coisa** se

refere a uma palavra (provavelmente **cravo** ou **canela**), que o informante viu em algum lugar escrita com a letra **K**. E em (52), **coisa** foi utilizada para indicar uma bebida como **guaraná** ou outro refrigerante.

Já em (49), (51) e (53), classifiquei **coisa** como abstrato. Em (49), ela diz respeito a uma habilidade (artística) que a informante desenvolve, como a pintura, por exemplo. Em (51), **coisa** refere-se a uma série de procedimentos ou ações que certa senhora, conhecida da informante, teve de fazer, a fim de curar sua filha que estava “embruxada”. E, por fim, em (53), **coisa** foi empregada para indicar os assuntos ou temas abordados em determinado programa de televisão com uma “mesa branca”.

No caso do substantivo **negócio**, considerei-o como concreto nas amostras (54), (56) e (58), e como abstrato em (55) e (57). Em (54), **negócio** foi utilizado como sinônimo de máquinas ou equipamentos; em (56) indica algo que explodiu, que logo em seguida a informante se lembra de que foi um botijão de gás; e, em (58), **negócio** se refere, nas duas ocorrências de SN com a palavra, a algo que a informante comprou e que será pago com certa quantia em dinheiro já reservada para isso. Em (55), a informante F2 emprega a palavra **negócio**, acompanhada do marcador de especificidade, para se referir a um acontecimento ou evento que “arrasou” com ela; em (57), **negócio** indica um trabalho ou uma atividade de português a qual o informante relata que teve de fazer.

Após essa breve explicação, apresento os resultados da distribuição dos marcadores especificando nomes concretos e abstratos, os quais estão dispostos na Tabela 11.

Tabela11: Ocorrências dos marcadores emergentes por tipo de substantivo (concreto x abstrato)

Marcador	Substantivos concretos		Substantivos abstratos	
	n	%	n	%
AÍ	106/128	82,8	22/128	17,2
LÁ	77/99	77,8	22/99	22,2
ALI	14/16	87,5	2/16	12,5
AQUI	5/5	100	0/5	0

Os números mostram que os quatro marcadores emergentes predominam na especificação de substantivos concretos. Aparentemente, quanto menos gramaticalizado for o marcador, mais ele será empregado na especificação de nomes concretos, vide o caso de AQUI, cujas ocorrências foram todas em SN cujos núcleos eram substantivos concretos. Uma explicação possível para tal fato é que os marcadores emergentes, especialmente os mais recentes no domínio funcional, conservam traços semânticos de seu uso como advérbios locativos, e espaço é considerado uma categoria mais concreta do que tempo ou qualidade, por exemplo, no aclave de gramaticalização proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991). Assim, conforme o processo de gramaticalização avança, os marcadores teriam seu uso “autorizado” em SN com substantivos abstratos, à semelhança de AÍ e LÁ. O que me surpreendeu, no entanto, foi AÍ ter apresentado uma frequência de uso entre os substantivos abstratos menor do que a de LÁ (17,2% contra 22,2%), uma vez que o considero o mais gramaticalizado dos quatro marcadores emergentes. Tal fato pode indicar uma possível especialização de uso do LÁ, ou mesmo pode se dever à diferença na quantidade de dados de AÍ e LÁ na amostra, até porque, em números absolutos, houve 22 ocorrências de AÍ e 22 de LÁ em SN cujo núcleo é um substantivo abstrato. De qualquer forma, essa questão ainda precisa ser refinada.

5.1.4 Função sintática do SN especificado por AÍ, LÁ, ALI e AQUI

Classifiquei, nesse fator, os SN especificados por AÍ, LÁ, ALI e AQUI de acordo com a função sintática que desempenham. Aqui baseei minha classificação em Castilho (2010), uma vez que esse autor apresenta uma nomenclatura baseada no uso real dos falantes, em uma perspectiva funcional. As funções encontradas foram as seguintes: sujeito, objeto direto, complemento oblíquo, adjunto adverbial, adjunto adnominal, absolutivo, aposto e tópico.³⁶ Apresento, no que segue, uma

³⁶ No tocante a funções sintáticas que não são codificadas por SN, mas geralmente por sintagmas preposicionais, como os adjuntos adverbiais, ressalto que considerei o SN como constituinte do sintagma preposicional maior, vez que qualquer sintagma pode conter um SN menor (TRASK, 2006), o que pode ser conferido no dado a seguir: “meu pai... estava ***numa crise enorme AÍ...***” (informante feminino, *Corpus D&G* Rio de Janeiro).

breve caracterização de cada uma das funções encontradas, acompanhada de suas respectivas amostras exemplares.³⁷

- **Sujeito:** de acordo com Castilho (2010, p. 295): “o sujeito é aquele ou aquilo de que se declara algo. Ele é o ponto de partida da predicação, é o seu tema”. Com relação às suas propriedades sintáticas, o sujeito pode ser expresso por: (i) uma expressão nominal; (ii) uma expressão pronominal; (iii) por toda uma sentença; (iv) por um zero sintático (CASTILHO, 2010, p. 289).

- (59) E Enquanto tiver o mercado.
 F [Enquanto <ti>] enquanto tiver <mer> mercado, sempre vai ter alguém que vai produzir, né? Então isso aí <fa> faz parte de uma conscientização, né? Conscientização toda da sociedade, o que não existe. Por exemplo: hoje [nosso] nosso governo aí não aproveita aí os veículos de comunicação que tem na mão, né? pra justamente lançar uma série de campanhas. Aí por exemplo [a] tem a televisão aí, né? que pega em todo o território nacional. A rede Globo, por exemplo, uma cadeia nacional. O que que ocorre. O governo, ele não se preocupa com isso, né? Agora recentemente estive vendo aí um caso que deu em Porto Alegre: **uma menina AÍ de dezessete anos** morreu de aborto e tal. Quando é que se viu [no] uma campanha nacional aí numa coisa que é básica, né? que é o controle de natalidade. Nem isso se faz, né? [O que que] o que esperar de controle de droga então? Uma coisa simples, né? Como o controle de natalidade e tal pra evitar essa série de abortos aí. Não sei quantos milhões são feitos por ano. Quatrocentas mil mulheres morrem por ano no Brasil em decorrência de abortos mal feitos. Entende? Então <po>, nem isso aí. (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).
- (60) I: juventude batista da associação leste do estado ... aí ... sempre todo congresso tem uma nova eleição ... né ... e nesse ... sim ... tava tendo lá ... né ... a gente tinha uma chapa que de última hora desistiu **um cara LÁ** ... Ribamar ... aí desistiu e começou a eleger ... quer dizer ... teve uma discussão lá pra ver se colocava um cara no lugar de Ribamar ou se não ... se o plenário na sessão indicava a pessoa e tudo mais ... e teve uma pessoa que chegou para mim e perguntou ... “Gerson ... você aceita ficar no cargo e tudo” num sei que ... eu disse ... “não ... num aceito não porque ... eu num tô achando que ... acho que num tô preparado para esse cargo não” (informante masculino, D&G Natal).

- **Objeto direto:** trata-se de um dos argumentos do predicado, selecionado pelo verbo. Apresenta como características sintáticas as seguintes, de acordo com Castilho (2010, p. 300-301): (i) é proporcional aos pronomes pessoais acusativos *ele/o*; (ii) na passiva correspondente, assume a função de sujeito;

³⁷ Saliento que, em algumas das funções sintáticas elencadas, não encontrei ocorrências de todos os marcadores emergentes.

(iii) pode ser preenchido por SN de núcleo nominal ou pronominal; (iv) seu papel temático é /paciente/, mesmo com verbos causativos.

- (61) F Nem o básico. O Presidente, o atual, entrou em um supermercado em Brasília e comprou uma cesta básica pra uma semana.
E Pra dar pra uma pessoa?
F É, pra uma família. Ele achou que com aquela cesta básica uma família passava uma semana, na minha casa não passa dois dias a cesta básica dele; ele gastou mil e quatrocentos, uma coisa assim. Isso semana passada, semana retrasada eu estava vendo **um programa AÍ** um partido político [não lembro o nome mais qual foi]. A mesma cesta básica que custava mil e quatrocentos, [era sete] foi pra sete e seiscentos, a mesma (informante masculino, VARSUL Curitiba).
- (62) E2: e ... e alguma coisa de curioso que você tenha visto lá no carnaval ... num viu nada não ... nenhuma fantasia ... nenhuma coisa engraçada ...
I: a minha tia e a ... uma amiga da gente se fantasiaram ... colocaram **uma máscara LÁ** ... umas roupas de homem ... tudo doido e aí a gente saiu do carro ... a gente foi lá pra rua ... andamos lá ... daí ficou um monte de gente olhando ... daí a ... a minha tia e a nossa amiga saía do ... e os meninos corriam com medo pensando que era de verdade ... uma bagunça total ... (informante feminino, D&G Natal).
- (63) banco ... entrego conta ... resolvo assim ... por exemplo ... uma entidade manda uma carta lá pra clínica ... dizendo que:: que tá abrindo credenciamento pra médicos ... aí eu vou ter que saber o que que precisa pra gente se credenciar ... pegar relação de documentos e resolver ... sabe ... até ... a gente ter o credenciamento ... é muita responsabilidade ... sabe? é muita mesmo ... porque num é todo mundo que agüenta esse rojão não ... porque se você faz só uma coisa ... é muito bom ... tem vários funcionário ... cada um tem sua função ... é bom demais ... mas você fazer tudo ... você tem que ter **uma agenda ALI** ... bem certinha ... sabe? e num esquecer de nada ... porque se esquecer ... (informante feminino, D&G Natal).
- (64) aí num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... um bocado de música aí que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura ... tá por aí jogado em algum lugar ... eu ia tocar ... eu tentei tocar Garota de Ipanema um dia desse ... mas acontece que a música começa num acorde na mão direita e na mão esquerda ... e a mão esquerda você faz acorde pra o ritmo ... e a mão direita você faz o solo ... acontece que o solo era feito em acordes também ... aí eu me atrapalhava ... queria fazer **um acorde AQUI** ... e tinha que ser o mesmo na mão direita ... falta de coordenação né ... aí nesse ... aí eu tô treinando ... bastante pra poder ... pra poder tocar essa música num recital ... mas pra tocar teclado num tem muita manha não ... é só ... num é difí/ num é trabalhoso ... mas só porque é difícil mas num é trabalhoso ... é:: se você tiver muita paciência e ouvido como eu disse antes ... (informante masculino, D&G Natal).

- **Absolutivo:** segundo Castilho (2010, p. 286-289), o absolutivo funciona como o argumento único de uma sentença quando o verbo for **apresentacional** ou **existencial**. Os verbos apresentacionais têm como função mais saliente, de acordo com o autor, introduzir participantes do discurso, e são também monoargumentais, distinguindo-se, assim, dos verbos bi ou triargumentais,

que são predicativos.³⁸ A função desempenhada pelo absolutivo é geralmente descrita nas gramáticas tradicionais como sujeito, objeto direto ou predicativo do sujeito, dependendo do verbo do qual ele serve de argumento. Assim, por exemplo, em uma análise tradicional, absolutivo seria classificado como sujeito em (57), como predicativo do sujeito em (58) e como objeto direto em (59) e em (60). O absolutivo apresenta como propriedades as seguintes: (i) é preenchido por um SN; (ii) desempenha um papel crucial na organização do texto, qual seja, representar os tópicos discursivos novos, que precisamos incluir na corrente da fala; (iii) tem o estatuto de identificável quando preenchido por pronomes pessoais, ou não identificável quando preenchido por substantivos, embora esse traço semântico receba um tratamento dinâmico nos textos.³⁹

- (65) E Tá okay. E dentro disso que o senhor colocou aí, hoje aqui [a] [essa] existem várias agremiações esportivas que praticam não só o futebol, mas outros esportes que o senhor tenha conhecimento? [É] como é que é, digamos, essa vida esportiva aqui, social, além da comunidade [da] da igreja?
F Bom, [eu] [eu] eu, como eu te falei eu pratico esportes, mas o meu esporte hoje se resume ao futebol, quer dizer, vários tipos de futebol, mas só futebol, né? Mas [é] que eu saiba mesmo, [é] claro que existem, **existem** [é] **grupos aí** que participam [na] nessas praças que eu te falei. Então lá tem vôlei, tem basquete [é] às vezes [algum] [<al>] alguns outros tipos de divertimentos, mas [é] eu não tenho tomado tanto conhecimento, hoje, a respeito disso. Mas sei [que] que tem, que existe [essa] essa participação (informante masculino VARSUL Curitiba).
- (66) I* Ave Maria! foi uma briga tão feia, você nem imagina. A minha pressão ficou a vinte e um nesse dia, + vinte e um, só eu só num murri porque as duas num tavam porque num tem que ser as duas, né? a máxima e a mínima num tava + foi. Que ele veio dizeø que eu tinha: eu queria prejudicar ele mayø eu num queria prejudicaø ele não, porque ele saiu porque o secretário num queria mesmo que ele ficasse. Aí ele veio de lá pra cima de mim, comigo num tem boquinha não. + Eu gostava dele, tanto, gostava que só, todo mundo gostava dele. Mas ele veio pra cima de mim querenø, como se fosse dá em mim. + Mayø eu num ia prejudicar ele não, eu ia me prejudicar. **É um código LÁ** que, a menina eu tava de férias quando eu voltei aí esse código tava dentro + da produtividade; e eu não vi que a educação mandou errado, mandou no código duzentos falta, e o código era cento e vinte e cinco, se eu tivesse se tivesse saído isso nas folhaø de pagamento, ia sair umas cinqüenta faltas, das cinquenta pessoas. Eu ia prejudicar ele? Eu ia prejudicar a mim que eu ia eu ia explicar o povo, porque quer dizer, falta de atenção, irresponsabilidade. E

³⁸ Castilho (2010, p. 253) ressalta ainda a distinção entre **apresentar** – “introduzir no discurso um novo participante” – e **predicar** – “atribuir propriedades semânticas ao argumento de um operador”.

³⁹ A esse respeito, Castilho (2010, p. 289) afirma: “Esse tratamento pode ser assim esquematizado: em sua primeira menção, o tópico discursivo novo ainda não se integrou na memória de curto prazo, exibindo o traço semântico de /indefinitude, não identificabilidade/. À medida que o respectivo referente vai sendo retomado, ele se fixa em nossa memória, passando a /definido, identificável/, independentemente de sua articulação por *um* ou *o*”.

eu disse ao Secretário, digo: “Olhe, eu num ia prejudicar ele não, eu ia prejudicar a mim, e na faixa de cinqüenta funcionárioø, somente”, e eu ia teø como é que eu ia dizeø não gente, porque eu eu num olhei, olhe aí. Ele foi burro demais, saiu porque quis. + Ele também ele era muito taxativo assim, ele queria um negócio era o que ele queria (informante feminino, VALPB).

(67) a delegacia de Candelária tá su/ hiper lotada ... fui lá pra fazer a carteira aí eu ... chi ... dei uma ... dei uma olhada lá ... uma coisa incrível num tem ... são ... são dez presos por cela e as celas são ... sei lá ... hiper minúsculas ... isso além de ficarem em condições subumanas ... dá ainda ... há o ... o perigo de um deles a ... endoidar de vez e matar o resto ... sei lá e de repente pode **ter uma ... um daqueles ALI** que é inocente ... daí vai ser uma morte em vão ... eu acho que a pena de morte além de servir pra ... diminuir a super lotação da penitenciárias ... é um () como eu disse antes ... uma forma de inibição pra outros que num ... num venha a fazer isso ... é essa ... é só ... é só essa a minha opinião assim por cima porque ... se for pra englobar tudo o sistema de ... o sistema de polícia aqui do Brasil que é super falho ... só funciona quando ... só faz ... só faz entrar em greve ... por melhores salários ... num sei quê ... daí quando conseguem melhores salários não sabem como ... (informante masculino, D&G Natal).

(68) Aí, um dia a Dona Alzira, a mãe do João: "Olha, Seu Eduardo, Seu Aron esteve lhe procurando aí." Eu pensei que fosse o meu irmão aqui que veio [com nós], veio de carona ali, ele é meu mano. Ah! . "Tá, telefone?" "Não é telefone, é lá na rua." Aí eu vim aqui, me dei de cara com o malandro lá. "Daí, velho." "», rapaz, tudo bem?" "Tudo bem, graças a Deus pra mim está tudo bem." "Mas, [quer] vamos conversar?" "Vamos lá, qual é o problema?" "[Não] não, aqui não, lá na estofaria amanhã." "Tá, vamos lá então." Aí [eu] eu já estava comprometido com Ari, né? aí cheguei lá: "», Ari, o homem quer falar comigo, que que eu faço?" " vai lá, rapaz, vai lá, tira a febre dele." Digo: "Ari, **tem um detalhe AQUI**, eu não tenho duas caras, ou eu estou contigo, ou eu estou com ele, [duas coisas [não] não vai sair]. É muito sério. Nem que eu fique dois, três meses parado contigo aí atrás de serviço, mas assim não me serve." "Tudo bem." [Não fui <tra> não fui nem conversar com ele. Não ia haver acerto mesmo, porque eu ia querer no mínimo, sem exagero na época, isso foi em novembro, eu ia querer assim, ó, fora de brincadeira, mil por semana. Ele não ia me pagar, [que um] ele conversou com rapaz que trabalhava com um irmão do Ari tem uma estofaria aqui adiante, [e] [e o] ele ofereceu trezentos pro rapaz: "Não, me dá quinhentos eu venho trabalhar contigo." Ele não aceitou. Não me daria mil, tranquilamente, embora eu calcule que eu mereça, mas não daria não (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).

- **Complemento oblíquo:** Castilho (2010, p. 304-305) distingue os complementos preposicionados entre objetos indiretos e oblíquos. Segundo ele, são propriedades do objeto indireto as seguintes: (i) é proporcional aos pronomes dativos *me*, *te*, *lhe*; (ii) é preenchido por sintagma preposicionado nucleado por *a* ou *para*; (iii) a construção em que figuram não é conversível à voz passiva; (iv) podem ocorrer juntamente com o objeto direto; (v) seu papel temático é, em geral, /beneficiário/; (vi) sua colocação de base é após o verbo, podendo vir também após o objeto direto, caso este ocorra. Ainda segundo o autor, o complemento oblíquo é uma espécie de “vagalume” nas

gramáticas, que ora aparece com a denominação de complemento relativo ou complemento terminativo, ora desaparece, sendo rotulado de adjunto ou mesmo de objeto indireto. Conforme Castilho, o complemento oblíquo apresenta as seguintes propriedades: (i) é proporcional a pronomes-advérbios dêiticos ou a preposição + pronome; (ii) ocorrem como argumento interno único da sentença ou coocorrem com o objeto direto após este; (iii) ocorre mais frequentemente com verbos de movimento; (iv) seus papéis temáticos mais comuns são /locativo/, /alvo/, /origem/ e /comitativo/. Na amostra analisada, todos os complementos verbais preposicionados foram complementos oblíquos.

(69) no prédio três ... vão ser construídas ... construído também uma ... uma quadra né ... na parte esportiva ... vai ser construído também mais uma ... uma quadra ... um ginásio ... falam **num ginásio AÍ** ... num sei se vai ser lá ... lá dentro ou fora ... e também é ... andaram falando aí que vai ser construída uma ... uma unidade aqui no Jiquí ... né ... (informante masculino, D&G Natal).

(70) eu num ... num tem pra que parar ... então eu continuo e tal e na primeira noite a gente dançando lá ... eu ... Mirtes também ... Júnior ... algumas pessoas lá se mexendo e tudo mais ... aí o pessoal já começava a estranhar ... mas mesmo assim continuava a amizade com a gente ... daí por aí foi o congresso todinho eu querendo fazer amizade com todo mundo ... certo que tem ou ... que tem vez que eu brigo e tudo mais ... brigava com algumas pessoas ... **com uns meninos LÁ** ... que:: que tirava brincadeira sem graça comigo ... aí eu brigava ... discutia ... ficava sem falar com o cara ... teve um cara até que:: que brigou comigo ... de Parnamirim ... brigou comigo mas depois veio pedir desculpas e tudo mais ... não sei que mais lá ... eu também pedi e por aí foi ... (informante masculino, D&G Natal).

- **Adjunto adverbial:** conforme Castilho (2010, p. 309-310), os adjuntos adverbiais tomam por escopo um adjetivo ou um advérbio, desempenhando três grandes funções: (i) predicam seu escopo, atribuindo-lhe uma propriedade semântica nova – adjuntos adverbiais modalizadores, qualificadores e quantificadores; (ii) verificam a veracidade expressa por seu escopo: adjuntos adverbiais de afirmação, negação e focalização; (iii) situam seu escopo numa perspectiva locativa ou temporal: adjuntos adverbiais locativos e temporais.

(71) 184 F4 nunca apareceu...
185 F2 nunca apareceu...
186 e ela continua frequentando naturalmente...

- 187 só que ela ta sem nota...
- 188 e cheia de falta...
- 189 agora...
- 190 ela tem falta **num bimestre AÍ...**
- 191 praticamente todo...
- 192 qui eu num me lembro...
- 193 [eu num] vou atrás não... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
- (72) assim ... gosta ... sei lá ... discoteca ... aquelas música assim bem agitada né? aí eu fui ... aí eu ... a gente queria escolher ... aí a gente almoçou **num restaurante LÁ** ... aí a comida foi por quilo num sabe? aí foi bem divertido ... aí eu fui ... aí o que ia dizer ... sim ... aí a gente ... aí a gente foi lá pra esse bar ... aí a gente chegava ... aí era até Maria Bonita sabe? aí primeiro a gente ia pra Lampião ... mas Lampião era um lugar assim muito aberto num sabe? era aberto ... aí tava chovendo ó ... a chuva pegou a gente ... aí ... aí que droga ... num sei o quê ... aí quando foi o ... o taxista disse ... “ei ... tem o Maria Bonita ... vocês querem ir ... é fechado” ... aí a gente fomos ... aí a gente foi no Maria Bonita ... aí quando chegou lá a gente ficamo lá ... aí foi bom ... aí a gente ficou ... aí no outro dia eu ... o motorista disse ... “ei ... a gente vai pro ... Maria Bonita” ... ah cachorro desgraçado ... mulher ... ele num dançou comigo ... eu tive que chamar o condenado ... pra dançar (informante feminino, D&G Natal).
- (73) F Então [ele] [ele está] ele está fazendo agora o cursinho à noite, ele faz [com um] com **um tenente-coronel ALI** [da] da Aeronáutica que faz curso pra ele assim, particular. Ele vai todo dia, se termina o expediente às [é] o expediente dele é das nove às cinco. Termina o expediente às cinco horas, daí ele vai lá pro cursinho e chega em casa [é <de>] é dez pras dez. Sete e meia às nove, nove e meia. [Tudo dia]. Ele dá [é] Português, Matemática e Física. Que são só [esses três] essas três provas que caem, sabe? pro especialista. É Especialista de Sargento da Aeronáutica. Quer dizer que aquele que passa aqui nisso, daí ele [não] não permanece aqui em Curitiba. Daí ele vai [pra] pra Guaratinguetá, em São Paulo. Fica dois anos lá, assim em regime de semi internato, tipo de uma Escola Militar, daí quando ele volta de lá, daí já volta [daí] daí dois anos [concurando] fazendo curso lá, daí volta como Sargento. Entende como? (informante feminino, VARSUL Curitiba).
- **Adjunto adnominal:** os adjuntos adnominais tomam por escopo, de acordo com Castilho (2010, p. 308-309), um substantivo, predicando-o, classificando-o ou dispondo-o no eixo espaçotemporal. A partir dessa atuação semântica, é possível distinguir três classes de adjuntos adnominais, as quais reproduzem as propriedades semânticas dos adjetivos. São elas: (i) adjuntos adnominais modalizadores; (ii) adjuntos adnominais de verificação – classificadores; (iii) adjuntos adnominais dêiticos.
- (74) F É, esse cara, não sei, né? Não tenho nada contra o PT, mas [todas] todas as prefeituras que têm aí que eles [estão] estão governando aí estão viradas numa bagunça, né? São Paulo, a Erundina lá, está fazendo nada, nem aqui, né? Porto Alegre também, né?

E Não é que a Jane tinha falado há muito tempo atrás que tinha o problema **de uma árvore AÍ**. I Já tem.

F Nós temos aqui ainda aqui. I Até agora é um horror (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).

(75) E* Por que o senhor parou de estudar?

I* Po::r circunstâncias financeiraø, eu não tive ajuda <ma> <pa> paterna ou materna, foi uma uma dificuldade em que:: que eu fui criado po::r em casa do outros, outras pessoas, isso aqui era pessoas que me criaram, eu um de minha educação, um pouco não, mais de noventa por cento da minha educação é dependente desse pessoal que me criou. Minha família tem outro nível, minha mãe:: é muito mais educada que meu pai em em níveø social e tudo; meu pai é um homem mais objetivo, mais era um homem que não tinha:: assim, vamos dizer, ele num tinha perseverança de criar família, mesmo assim ele, mulher num dizia duas palavra com ele, ele largava e saía, casava com outra como no caso meu pai é casado com minha mãe, posterior casado com **outra senhora LÁ** e mais na frente já é casado com outra, que diria no caso em vez de uma bigamia, seria trigamia, mays ele nunca morô <do>, quer dizer, com as duas mulheres, quer dizer no caso seria as três, mais ele nunca ficou com duas, entendeu como é, né? (informante masculino, VALPB).

- **Tópico:** consoante Castilho (2010, p. 279-286), os tópicos podem consistir em sintagmas nominais anacolúuticos, isto é, fragmentos soltos, sem conectividade sintática com o restante da sentença, ou SN que funcionam como constituintes sentenciais deslocados para a esquerda. Para o autor, do ponto de vista discursivo, tais itens fornecem um quadro de referências para o que vai ser elaborado no texto, atuando na hierarquização tópica. Do ponto de vista semântico, por sua vez, eles veiculam uma informação ainda não integrada na memória de curto prazo.

(76) F Eu entrei dentro da FUCABEM. Nós fomos fazer um negócio lá, da [nossa] nossa religião lá, e a gente saiu de lá, assim, arrasada. Aquilo ali, sei lá, aquilo ali [não é] não é tratamento [pra] pros [os] marginais que estão se dando ali na rua. Aquilo ali enterra mais a criança à marginalidade. Então, o negócio disso aí é carinho. É colocar num lugar que realmente tu te dediques pra aquelas crianças. Ali é que estás fazendo uma criança, o amanhã. Mas como é aqui em Florianópolis, lamentavelmente, não tem. **Um professor AÍ**, numa Universidade aí fora, que abriu ("avicultura") lá não sei onde, [que não] eu não sei bem o lugar, que na hora, me esqueço o nome. Aquele cara lá está fazendo a coisa certa. Ele está [tratando] tratando bem aqueles os viciados nas drogas [e está] e está dando êxito (informante feminino, VARSUL Florianópolis).

(77) *A mestra de noviça era muito autêntica mesmo. *Aí ela me falou pra: “*Porque [cê-] num vai seø é Franciscana?” *Eu disse: “*Olhe, eu sei o que é uma Franciscana e sei o que é uma carmelita. *Eu frequento aqui há muitos anos, desde a idade que eu morava aqui perto. *Eu tinha uma tia que era carmelita e queria entraø, mais casamento é pra num aborrecer marido, né? Porque tem aquelas reuniõeø, aquele aí pra num haver confusão, né? Deixei. *Quando eu fiquei viúva aí entrei. *Aí ela disse: “*Não, pode ser que eu {inint} ser Franciscana”. *Eu disse: “*Não”. *Aí

depois ela falou cum um que era da mesa, ele chegou, disse: “*Ave-Maria, Ivonete? Aquele é gente fina, pode ingressar lá na ordem terceira que ninguém vai se arrepender não.” ***Um mesário LÁ**, aliás esse já morreu. *Aí ela foi lá em casa, me pediu mil desculpas, a mestra de noviça, né? *O nome dela é Da Paz, me pediu mil desculpas, eu disse: “*Olhe, eu só vou lhe garantir uma coisa: eu vou entrar na ordem de cabeça erguida e vou sair quando chegar meu meus últimos dias de cabeça erguida” (informante feminino, VALPB).

- (78) minha mãe ... não gosta ... quando uma pessoa diz ... eu fiquei ... eu fiquei com fulano ... fiquei com sicrano ... sei o que ... mãe num gosta ... minha mãe tem ódio desse nome ficar ... aí é como que a pessoa vai dizer ... eu num ... eu num sei ... eu acho por exemplo ... aí eu num sabia nem o que dizer ... eu tinha que dizer “eu fiquei com fulano ... a na festa” ... mas não ... mãe não gosta disso ... aí eu ... tem gente como ... tá certo que tem ... tem muitas pessoa como ... **uma amiga minha ALI** que ela disse que não gosta de ficar ... ela disse que nunca vai ficar ... mas ... eu ... eu di/ eu também dizia isso ... que eu nunca ia ficar ... aí sempre quando eu vou numa festinha ... tem vez que eu fico ... mas é muito difícil ... só quando aparece um ... que eu queira ficar ... aí eu quando num quero ... não ... eu digo não meu filho ... eu num quero não ... (informante feminino, D&G Natal).

Na Tabela 12, a seguir, encontram-se os resultados da distribuição dos marcadores de acordo com a função sintática do SN ao que se ligam.

Tabela 12: Função sintática dos SN aos quais os marcadores se adjungem

Marcador	AÍ		LÁ		ALI		AQUI	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sujeito	7	5,5	5	5,1	-	-	-	-
Objeto direto	43	33,6	38	38,4	11	68,8	2	40
Absolutivo	37	28,9	31	31,3	1	6,2	3	60
Complemento oblíquo	3	2,4	3	3	-	-	-	-
Adjunto adverbial	22	17,2	15	15,2	3	18,8	-	-
Adjunto adnominal	8	6,2	3	3	-	-	-	-
Tópico	8	6,2	4	4	1	6,2	-	-
TOTAIS	128	100	99	100	16	100	5	100

Fica claro a partir dessa distribuição que as funções sintáticas preferidas dos SN especificados pelos marcadores emergentes são as de objeto direto e absolutivo, uma vez que, juntas, correspondem a 62,5% das ocorrências de AÍ, 69,7% das de LÁ, 75% das de ALI e 100% das AQUI. Essa predominância dos marcadores acompanhando SN objetos diretos e absolutivos se coaduna com o resultado de minha pesquisa anterior a respeito de AÍ marcador de especificidade

(CONFESSOR, 2008a, p. 70),⁴⁰ na qual, embora a quantidade de dados tenha sido bem menor do que nesta, também houve essa predominância. Acredito que, quanto mais gramaticalizado estiver um marcador de especificidade, mais ele será empregado junto a SN de funções sintáticas variadas, deixando de estar restrito a SN objetos diretos e absolutivos. Os SN objetos diretos e os absolutivos possivelmente representam os contextos sintáticos preferenciais para a emergência dos marcadores de especificidade, já que é nesses contextos que os quatro marcadores de especificidade em tela são mais empregados, além de serem os únicos em que AQUI aparece, e dois dentre os três em que ALI aparece. Portanto, os SN com função de objeto direto e de absolutivo podem representar o ponto de partida para o uso de um marcador de especificidade, que, depois de aí emergirem, podem passar a ser empregados em outras funções sintáticas.

A razão de considerar os SN objetos diretos e absolutivos como contextos de emergência de marcadores de especificidade se tornará mais clara quando forem correlacionados os resultados referentes às funções sintáticas com aqueles relacionados com a questão do *status* informacional, o que será feito na subseção 5.1.5, a seguir. De antemão, antecipo que tanto o objeto direto quanto o absolutivo são introdutórios por excelência da informação nova em uma oração (cf. CASTILHO, 2010). Assim, faz sentido que os marcadores de especificidades predominem em SN com essas funções sintáticas, vez que elas são as funções em que os SN indefinidos aparecem mais frequentemente, em contraposição à função sintática de sujeito, em que é mais frequente a apresentação de informação velha e, assim, de SN definidos. Como os marcadores de especificidade modificam SN indefinidos, é esperado que apareçam mais em SN objetos diretos e absolutivos. Os marcadores podem ter emergido em SN com essas funções sintáticas, porque elas são lócus propícios semântico-pragmáticos, e também sintaticamente: é comum encontrar AÍ, LÁ, ALI e AQUI dêiticos nas proximidades de um SN indefinido com a função de objeto direto ou de absolutivo, como em *Colocaram uma máscara lá (na mesa)* ou em *Tem uma pessoa aí (fora)*, por exemplo.⁴¹

⁴⁰ Ressalto que, na referida pesquisa, apareceu apenas um dado que corresponde à função que nesta classifiquei como absolutivo. Na época, classifiquei-o como objeto direto.

⁴¹ Retomo, no capítulo 6, essa discussão acerca dos contextos que devem ter favorecido, de acordo com a hipótese que advogo, a reinterpretação de AQUI, AÍ, LÁ e ALI como marcadores de especificidade.

5.1.5 Status informacional do SN ao qual AÍ, LÁ, ALI e AQUI se adjungem

Como já explanado na seção 1.2.1, esse fator diz respeito à maneira como os referentes nominais são apresentados no discurso. Na análise desse fator, utilizei a nomenclatura utilizada por Prince (1981, 1992), que classifica as entidades discursivas em três grupos: *novos*, *velhos (ou evocados)* e *inferíveis*. Na Tabela 13, detalho os resultados concernentes ao *status* informacional dos SN acompanhados por AÍ, LÁ, ALI e AQUI.

Tabela 13: Status informacional dos SN aos quais os marcadores se adjungem

Marcador	AÍ		LÁ		ALI		AQUI	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Status informacional								
Novo	87	68	73	73,7	14	87,5	5	100
Velho	32	25	19	19,2	02	12,5	-	-
Inferível	09	7	07	7,1	-	-	-	-
TOTAIS	128	100	99	100	16	100	5	100

Os resultados obtidos mostram que o *status* informacional predominante entre os quatro marcadores emergentes é o **novo**, responsável por 68% das ocorrências de AÍ, 73,7% das de LÁ, 87,5% das de ALI e 100% das de AQUI. Esse resultado apresenta distribuição próxima à do fator anterior – função sintática dos SN aos quais os marcadores se adjungem –, que revelou como prevalecente as funções de objeto direto e absoluto, com frequência de 62,5% das ocorrências de AÍ, 69,7% das de LÁ, 75% das de ALI e 100% das AQUI. Dessarte, é possível concluir que, como os marcadores emergentes são mais frequentes em SN com *status* informacional novo, esses sintagmas tendem a predominar nas funções sintáticas de objeto direto e absoluto, responsáveis por introduzir essas informações novas no discurso.

Um outro aspecto saliente dessa distribuição é o de que, aparentemente, quanto menos gramaticalizado estiver o marcador de especificidade, maior será sua frequência em SN de *status* informacional novo: comparem-se, por exemplo, as frequências dos SN novos acompanhados por ALI e AQUI com as daqueles seguidos por AÍ e LÁ. Conseqüentemente, quanto mais gramaticalizado estiver o marcador, mais frequentemente aparecerá em SN com outros *status* informacionais:

observe-se que os SN inferíveis ocorreram apenas com AÍ e LÁ, com distribuição similar.

5.1.6 Implicaturas conversacionais nos contextos de uso de AÍ, LÁ, ALI e AQUI

Nesse fator, procurei observar e quantificar as implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso dos marcadores de especificidade emergentes, conforme o exposto na seção 1.2.2. Encontrei seis implicaturas nas ocorrências analisadas, as quais passo a apresentar a seguir. É necessário, porém, ressaltar que: (i) embora uma mesma ocorrência possa suscitar – e via de regra o faz – mais de uma implicatura conversacional, nas amostras que seguem, destacarei apenas uma implicatura a cada vez; e (ii) nem todas as implicaturas ocorreram com os quatro marcadores.

- **Implicatura 1:** O falante conhece alguma informação mais detalhada sobre o referente do SN ou até mesmo sua identidade.

- (79) E* A senhora podia cantar um pouquinho a música de Luiz Gonzaga?
 F* Eu: De Luiz Gonzaga? Eu posso, posso. Eu posso cantar qualquer uma, posso?
 E* Pode.
 F* {inint} Ai, parece que num vou conseguir não (risos).
 E* Tá bom.
 F* Ai meu Deus do Céu, eu tenho até **uma música AÍ**, acho que num vou conseguir não (Informante feminino, VALPB).
- (80) I: juventude batista da associação leste do estado ... aí ... sempre todo congresso tem uma nova eleição ... né ... e nesse ... sim ... tava tendo lá ... né ... a gente tinha uma chapa que de última hora desistiu **um cara LÁ** ... Ribamar ... aí desistiu e começou a eleger ... quer dizer ... teve uma discussão lá pra ver se colocava um cara no lugar de Ribamar ou se não ... se o plenário na sessão indicava a pessoa e tudo mais ... e teve uma pessoa que chegou para mim e perguntou ... “Gerson ... você aceita ficar no cargo e tudo” num sei que ... eu disse ... “não ... num aceito não porque ... eu num tô achando que ... acho que num tô preparado para esse cargo não” ... no entanto ... eu tinha vontade de participar e tudo ... fiquei arrependido de ter dito ... né ... (Informante masculino, D&G Natal).
- (81) F Então [ele] [ele está] ele está fazendo agora o cursinho à noite, ele faz [com um] com **um tenente-coronel ALI [da] da Aeronáutica** que faz curso pra ele assim, particular. Ele vai todo dia, se termina o expediente às [é] o expediente dele é das nove às cinco. Termina o expediente às cinco horas, daí ele vai lá pro cursinho e chega em casa [é <de>] é dez pras dez. Sete e meia às nove, nove e meia. [Tudo dia]. Ele dá [é] Português, Matemática e Física. Que são só [esses três] essas três

provas que caem, sabe? pro especialista. É Especialista de Sargento da Aeronáutica. Quer dizer que aquele que passa aqui nisso, daí ele [não] não permanece aqui em Curitiba. Daí ele vai [pra] pra Guaratinguetá, em São Paulo (Informante feminino, VARSUL Curitiba).

(82) E* O senhor acredita em mau-olhado?

I* Mau-olhado mata, menina!

E* Mata.

I* A mulher {inint} o menino aqui que que num come. Só fayz batê os olhoø. Quando ela passa o ramo, quando chega em casa, já tá comendo. Ela tinha u::m **um rapayz AQUI** que ela lavava a roupa aí da mulheø dele. É, a mulher teve uma criançazinha, primeiro menino,{inint} chegô aqui cum o menino quase nu da cintura pra cima. “Seu Antônio o menino tá morrendo.” Eu digo: “[ta] que morrendo o que rapayø”. “Ele num quer cumê nem nada.” Eu digo: “Num come não é? poiø ele,[pe] prepare o cumê que ele vai cumê já, viu?” “{inint} ele. Aí trouxe ele pra aqui, dei uns treyø pinote cum ele aqui, {inint} o menino já começô a sorrir. Aí ela disse: “Esse seu Antônio é fogo!”. Eu digo: “Dê cumê o menino em casa ela vai, ele vai morrer de fome, viu?” Chegô em casa danô cumê, o menino: leco, leco. Aí cum três diaø ele apareceu aqui. Ele disse: “Seu Antônio é fogo, né?” Eu digo: “O menino ficô bom, rapayø?” “Ficô”. Eu digo: Então, graças a Deuø, né? Num fiz nada, só fiø pegar nele (informante masculino, VALPB).

Nos dados apresentados, é perceptível que os falantes conheciam a identidade dos referentes dos sintagmas nominais acompanhados pelos marcadores de especificidade emergentes. Em (79), a falante, ao ser questionada se poderia cantar uma música de Luiz Gonzaga, responde que conhece “**uma música AÍ**” desse cantor, mas que, provavelmente não conseguirá cantá-la. A utilização do marcador AÍ parece implicar que, dentre todas as músicas que compunham o repertório de Luiz Gonzaga, a informante selecionou uma em particular, cuja identidade, porém, não precisa ser revelada ao ouvinte. Em (80), o falante também conhece a identidade de “**um cara LÁ**” que desistiu de última hora da eleição que estava sendo narrada, tanto que, logo em seguida, diferentemente do dado anterior, decide revelar ao entrevistador a identidade desse indivíduo: Ribamar. Ocorrências como essa me fazem pensar que às vezes os falantes podem considerar que os ouvintes talvez não se satisfaçam apenas com a introdução, no discurso, de determinado referente, acompanhado de um marcador de especificidade, e decidem acrescentar mais detalhes acerca dele e, por vezes, também a sua identidade. Na amostra (81), também é perceptível que, ao enunciar “**um tenente-coronel ALI da Aeronáutica**”, a falante, se não conhece a identidade do referido militar, dispõe de pelo menos mais informações sobre ele, uma vez que está discorrendo a respeito de um curso que uma pessoa conhecida (no caso, seu filho) está fazendo. O mesmo se dá com “**um rapaz AQUI**”, em (82): o falante parece se utilizar do marcador para

implicar que conhece a identidade do rapaz mencionado ou pelo menos mais informações sobre ele do que menciona. Entretanto, essa informação talvez não fosse necessária naquele momento, o que nos leva à implicatura 2.

- **Implicatura 2:** A informação é apresentada como não sendo necessária para os fins da conversação corrente.

- (83) F Eu não enfrento. [[Se alguém]] se alguém me disser alguma coisa, eu faço de conta que não é comigo. Ah, não. Já [na] no meu tempo a gente baixava a cabeça, se o mais velho falasse, a gente baixava a cabeça Não era covardia, mas [era o <s>] era a maneira de ser, quer dizer, era o respeito que a gente tinha. Hoje não se tem respeito. Começa a tirar com crianças, né? dentro de casa, [na] [é] existe um troço: eu tenho [umas] **umas sobrinhas AÍ** e tal, a gente fala Hum, quem é que diz?" E eles ficam só olhando, né? mas não é, eu fui acostumado assim. Eu tenho respeito pelas pessoas. Eu não vou discutir uma coisa, por exemplo, que Não, não vou. Se eu tiver razão, eu vou conversar, não vou discutir. Eles, não, eles já vêm agredindo, né? Eu acho que mudou muito [esse] essa parte [da] de relações humanas (informante masculino, VARSUL Florianópolis).
- (84) Então [ela tinha] ela mudava de roupa, dois trajes, né? depois outra, aí, fomos na mala e cadê a roupa? Faltava a saia, a blusa tinha, mas a saia não tinha, a saia era rasgada até aqui, quer dizer, não era rasgada, ("era costurada, né?") Era rasgada até aqui. Cadê a saia? Não tinha. E agora tudo, né? Conforme for vamos. Aí os caras estão lá, com os instrumentos, tocando e coisa, né? afinando os instrumentos deles, aí o cara larga **uma música LÁ** e eu pá! Gritei o nome da música e eu pá! Daqui a pouco se levantou um Tupamaro, mas era um baita Tupamaro: "<O! Muchacho yo soy el cantor, usted no é nada cá">, ." Aí, nós tivemos que sair correndo, né? Aí saímos. A guria disparou. Fui [encontrar ela] na pensão, que a pensão ficava umas quatro quadras ("numa") rua reta lá (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).
- (85) banco ... entrego conta ... resolvo assim ... por exemplo ... uma entidade manda uma carta lá pra clínica ... dizendo que:: que tá abrindo credenciamento pra médicos ... aí eu vou ter que saber o que que precisa pra gente se credenciar ... pegar relação de documentos e resolver ... sabe ... até ... a gente ter o credenciamento ... é muita responsabilidade ... sabe? é muita mesmo ... porque num é todo mundo que aguenta esse rojão não ... porque se você faz só uma coisa ... é muito bom ... tem vários funcionário ... cada um tem sua função ... é bom demais ... mas você fazer tudo ... você tem que ter **uma agenda ALI** ... bem certinha ... sabe? e num esquecer de nada ... porque se esquecer ... (informante feminino, D&G Natal).
- (86) aí num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... um bocado de música aí que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura ... tá por aí jogado em algum lugar ... eu ia tocar ... eu tentei tocar Garota de Ipanema um dia desse ... mas acontece que a música começa num acorde na mão direita e na mão esquerda ... e a mão esquerda você faz acorde pra o ritmo ... e a mão direita você faz o solo ... acontece que o solo era feito em acordes também ... aí eu me atrapalhava ... queria fazer **um acorde AQUI** ... e tinha que ser o mesmo na mão direita ... falta de coordenação né ... aí nesse ... aí eu tô treinando ... bastante pra poder ... pra poder tocar essa música num recital ...

mas pra tocar teclado num tem muita manha não ... é só ... num é difí/ num é trabalhoso ... mas só porque é difícil mas num é trabalhoso ... é:: se você tiver muita paciência e ouvido como eu disse antes ... (informante masculino, D&G Natal).

Nesses dados, os falantes parecem considerar que, ao enunciarem os SN destacados, acompanhados dos marcadores de especificidade, não necessitam apresentar mais informações acerca dos referentes em questão. Assim, quando o falante em (83) enuncia “**umas sobrinhas AÍ**”, parece implicar ao seu interlocutor não ser necessário informar quantas são as sobrinhas a que ele se refere, quais são seus nomes e/ou suas idades, dentre outras informações. Em (84), o falante parece implicar, ao utilizar “**uma música LÁ**”, que, embora esteja se referindo a uma música específica, cujo nome ele gritou no relato feito ao entrevistador, não é necessário que ele diga o nome dela no momento da entrevista, para fins da conversação corrente. Por sua vez, em (85), a informante, ao falar “**uma agenda ALÍ**”, provavelmente opta por evitar fornecer mais detalhes acerca da sua agenda de trabalho, dentre os quais: se está se referindo ao próprio objeto no qual precisa registrar itens diversos, qual a sua aparência, tamanho, formato etc., ou se está enfatizando os itens que registra na agenda. E, por último, “**um acorde AQUÍ**”, enunciado pelo informante em (86), pode implicar que, apesar de ele se referir a um acorde específico realizado com a mão esquerda, não é necessário que detalhe ao interlocutor, por exemplo, quais notas musicais estão envolvidas nesse acorde, ou quais movimentos são requeridos para a sua produção, dentre outras informações.

- **Implicatura 3:** O referente do SN é pouco importante ou até mesmo insignificante para o falante.

(87) [...] Aí minha sogra ficou logo choranço, né? Disse: “Vá meu filho logo pelo amor de Deus.” Só que Adailton foi procurar o carro, passou um tempão um tempão danado e nada dele chega. *Aí mãe disse assim: “Cido arruma **um jeito AÍ** de levar Vânia pra maternidade que Vânia num tá aguantanço mais não.” Ele, do jeito que tava pintanço o carro, que o o carro todo mole, mulher, do jeito que tava eu entrei e levei, aí levou pra maternidade. Quando eu cheguei lá, tinha, olhe, descanso nove mulher normal na minha frente, e eu morrenço de do que num agüentava mais e as mulher tudo parinço, teve uma que pariu no quarto que eu tava, + tava lotada a maternidade. Aí mãe disse: “Vânia, vamo pra outra maternidade.” Aí eu disse: “Vou não mãe, vou não porque a senhora num vai poder ficar lá, + melhor fica aqui mesmo.” Aí fiquei (informante feminino, VALPB).

- (88) E *E vocês fazem assim no colégio algum trabalho diferente de- *(hes) [<sai->]- de sair de sala [<s->]-, de sala, de dentro de sala de aula? *Vocês fazem alguma outra atividade?
 F *Às vezes assim o professor dá pra fazer resumo assim no pátio. *Também teve, tem [<tea->]- teve, qual foi? *Porra, qual foi (inint) lá? *Ah, foi também pra fazer **uns negócios LÁ** também de português que ela saiu da aula pra gente recortar, esses trabalhos assim. *Ma0s, [no]- no Remar, por exemplo, no Remar a gente tem acampamentos. *Aí nó0s vamos também numa creche0 que- *Remar é o grupo- *É o grupo- (informante masculino, VARSUL Florianópolis).
- (89) 033 F2 então você compra a senha...
 034 F1 não...
 035 F3 eu estou apenas...
 036 F2 não...
 037 é...
 038 tem...
 039 aquele dinheiro ali já está ocupado...
 040 F3 com quê?
 041 F1 vou pagar **um negócio ALI...**
 042 F3 que negócio?
 043 F1 **um negócio ALI...**
 044 F3 esse povo tem uns negócios escondidos...
 045 F4 eu vou ali...
 046 ali aonde?...
 047 ali...
 048 F1 vou pagar ali um negócio...
 049 oito...
 050 oito reais e... (informante feminino, Banco Conversacional).
- (90) E* Por que você não brinca mais no carnaval?
 I* Porque eu mehmo num gosto. Às veyø:, + **teve um ano AQUI** que meu marido deixou ir pro clube aí tudinho, mayø agora por caso dessa violência eu tenho até medo de sair de casa, aí num: num brinco mais não, às vezø os meninoø pedeø pra ir eu digo: “Não senhor, você num tá doido.” Que nem o ano passado o ano o ano passado, meus meninoø foi aí pra o clube, aí começaram um tirinete de cadeira lá vem, cadeira vai, e eu fiquei logo nervosa aqui porque eu tinha deixado os meninoø irø. Aí pronto digo mais nunca esses meninoø vão pra canto nenhum, a num ser comigo, aí pronto (informante feminino, VALPB).

Nas quatro amostras apresentadas, os informantes parecem sinalizar, pelo uso dos marcadores de especificidade, que os referentes dos SN em destaque são tidos como de pouca importância. A própria escolha lexical nas três primeiras amostras, tendo os falantes selecionado nomes polissêmicos, parece reforçar esse fato. Dessa guisa, o uso de “**um jeito AÍ**” em (87) parece implicar que o **jeito** que Cido precisaria “arrumar” para levar a informante à maternidade onde esta daria à luz o filho do casal não seria importante, contanto que ele o fizesse. Em (88), a utilização de “**uns negócios LÁ**” para se referir a trabalhos ou atividades de língua portuguesa que o informante realizou no pátio da escola onde estudava também

parece sinalizar que se trata de algo sem importância para ele, tanto que opõe esse tipo de atividade ao de outro colégio – o Remar – onde as atividades extraclasse incluem até um acampamento. Em (89), a informante, respondendo a outra interlocutora, informa que determinada quantia em dinheiro seria usada para pagar “**um negócio ALI**”, procurando possivelmente implicar que não se trata de algo de grande relevância. Inclusive, ela chega a repetir o SN acrescido de ALI ao ser questionada sobre que “negócio” seria aquele. E, por último, em (90), a informante parece implicar, ao utilizar o SN “**um ano AQUÍ**”, que não se tratava de um ano importante, uma vez que ela não apresentou detalhes acerca dele: a menção a ele serviu apenas para que a informante o contrapusesse à época atual, em que a violência está muito alta, e, em razão disso, ela não deixa mais seus filhos “brincarem” o carnaval sozinhos.

- **Implicatura 4:** Há conhecimento mútuo acerca da identidade do referente em causa.

(91) E Bom, [é] Sobre religião, você frequenta a igreja ou não? (silêncio) (latidos)
 F Ih, rapaz, agora você pegou **um cara AÍ** [que] que não é muito católico, nem muito crente, nem sei lá o que que eu sou até! [Eu] eu frequento a igreja, [a última vez] até um tempo atrás eu fui na igreja. É a [minha] minha menina fez primeira comunhão, daí fui lá, mas fazia uns dez anos que eu não ia. E daí foi a última vez também que eu fui.
 E Que que você acha da religião hoje, não igreja, né? religião mesmo e coisa, e até de surgimento de várias congregações (informante masculino, VARSUL Curitiba).

Nesse dado, o falante se utiliza do SN “**um cara AÍ**” para se referir indiretamente a si mesmo, implicando que o seu interlocutor descubra sem nenhuma dificuldade a identidade do “cara”, uma vez que este está respondendo a uma pergunta direta daquele.

- **Implicatura 5:** Há algo negativo a respeito do referente do SN.

(92) E Adubo já serviu
 F É, já serve de adubo. Então já não polui o Rio Barigui, o Rio Passaúna, aliás. Porque poluía todo o Rio Passaúna, né? Que passa por Santa Felicidade E agora

acabou essa poluição, aí. Aqui no bairro também tem um fundo de vale aqui que ainda hoje falei com o conselho do prefeito aí pra ver se elimina esse negócio ou continua esse É o Jardim Ambiental Del Rey aqui, né? **Tem rato, uns negócios AÍ**, então já viu, né? Mau cheiro. Vamos ver com o tempo se sai isso aí, né? (informante masculino, VARSUL Curitiba).

- (93) E* Por que você não gosta muito de televisão?
 I* Bem, prime0ro po0que eu num tenho lá em casa. Eu assisto [na] na: assim, num bá0: + Quan0o eu assi:sto, aí: só + tá passan0o negóç0o de + é **um vé0y LÁ**, aí num assisto nada que preste, po0que o ve0y só coloca negóç0o + que num presta prá mim, por isso que num dá prá mim assisti0. Por isso que eu tam0ém num gosto muito não (informante masculino, VALPB).

Nessas amostras, os marcadores de especificidade aparentemente foram empregados para atribuir uma valoração negativa aos referentes dos SN, visto que não há nada que seja intrinsecamente negativo no sentido das palavras **negócio** e **velho**. Assim, em (92), o falante parece pretender implicar com “**uns negócios AÍ**” que se trata de algo – de cuja identidade ele não tinha muita certeza, mas que devia ser algo bastante desagradável – que estava produzindo mau cheiro na região do Jardim Ambiental Del Rey em Curitiba. Já em (93), o informante parece se utilizar do SN acrescido de **LÁ** para expressar seu descontentamento com o dono de um bar onde, de vez em quando, ele assistia a TV, por não gostar dos programas que aquele senhor sintonizava em seu estabelecimento. Logo, “**um vé0y LÁ**” foi usado para se referir a um senhor que o falante considerava desagradável.

- **Implicatura 6:** O falante não conhece a identidade do referente do SN.

- (94) Eu num vou dizer a você que eu acho certo você: teø um filho aí sem pai, de qualquer um, quando você dá um erro, tem um filho de um caba que você gostou muito, deixou um fruto daquele amor, mayø só porque tu quer ser mãe tu vai pegar **um caba AÍ**, vai ter um filho, num acho futuro não, quem quiseø que me ache cafona. Essas menininhaø hoje aqui de dezesseis anoø, tudinho. Você pode fazer aí uma sondageø aí pra ver quem + num tem futuro não, é logo sexo, sexo, sexo. Você tira <on-> onde você estuda, que é contado de dedo, + num soø a favor não (informante feminino, VALPB).
- (95) E *Em termos de política?
 F *Política? *É ruim hum! (risos geral) *(falando rindo) *[Política]- política é- está- (f) tanta corrupção, tanta coisa ruim. *Eu acho [<ca->] vai ficar cada vez pior. (est) *Que0 parece que ("já") está tão enraizando esse negócio de corrup0ão, né? de robalheira e tal que0 quanto mais eles cutucam0 [mais aparece]-0 [mais aparece]- mais aparece e vai ser toda a vida assim eu acho. *Vai sempre aumentar0 e quem a gente menos espera-0 toda a vida foi assim, eu acho, política, a gente elege **uma criatura LÁ** que é bom,

porque é isso, que é aquilo. *Quando eles têm o poder na mão eles mudam de0 tal forma que0 parece que estraga. (est) *Do poder, o dinheiro, a fama, sei lá, parece que estraga as pessoas (informante feminino, VARSUL Florianópolis).

- (96) a delegacia de Candelária tá su/ hiper lotada ... fui lá pra fazer a carteira aí eu ... chi ... dei uma ... dei uma olhada lá ... uma coisa incrível num tem ... são ... são dez presos por cela e as celas são ... sei lá ... hiperminúsculas ... isso além de ficarem em condições subumanas ... dá ainda ... há o ... o perigo de um deles a ... endoidar de vez e matar o resto ... sei lá e de repente pode **ter uma ... um daqueles Ø ALI** que é inocente ... daí vai ser uma morte em vão ... eu acho que a pena de morte além de servir pra ... diminuir a superlotação da penitenciárias ... é um () como eu disse antes ... uma forma de inibição pra outros que num ... num venha a fazer isso ... é essa ... é só ... é só essa a minha opinião assim por cima porque ... se for pra englobar tudo o sistema de ... o sistema de polícia aqui do Brasil que é super falho ... só funciona quando ... só faz ... só faz entrar em greve ... por melhores salários ... num sei quê ... daí quando conseguem melhores salários não sabem como... (informante masculino, D&G Natal).

A última implicatura encontrada indica que o falante nem sempre dispõe de uma informação a mais a respeito do referente dos SN aos quais os marcadores de especificidade se adjungem: às vezes o falante, em vez de se referir a um ser específico que tem em mente, aponta para qualquer ser dentre um conjunto de seres. Por exemplo, em (94), a falante não aparenta se referir a alguém em específico, ao enunciar “**um caba AI'**”, até porque está descrevendo uma situação hipotética na qual uma moça decide ter um filho com qualquer homem apenas porque deseja ser mãe. Em (95), a informante também não parece estar se referindo a algum político específico, quando diz “**uma criatura LÁ**”, novamente em uma situação hipotética em que qualquer pessoa, mesmo sendo “boa”, acaba por se corromper ao ser eleita para um cargo político. Por fim, ao enunciar “**um daqueles Ø ALI'**” em (96), o informante também se refere a uma situação hipotética na qual qualquer um dos presos em uma cela superlotada poderia ser inocente.

Na Tabela 14, a seguir, são apresentados os resultados da distribuição das implicaturas conversacionais nos contextos de uso dos marcadores emergentes.

Tabela 14: Implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso dos marcadores de especificidade de SN indefinidos emergentes

Marcador	AÍ		LÁ		ALI		AQUI	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Implicatura 1	117/128	91,4	98/99	98,9	15/16	93,8	05/05	100
Implicatura 2	105/128	82	62/99	62,6	13/16	81,2	03/05	60
Implicatura 3	59/128	46,1	53/99	53,5	11/16	68,8	01/05	20
Implicatura 4	07/128	5,4	-	-	-	-	-	-
Implicatura 5	03/128	2,3	04/99	04	-	-	-	-
Implicatura 6	11/128	8,5	01/99	01	01/16	-	-	-

Os resultados mostram que a Implicatura 1 – o falante conhece alguma informação mais detalhada sobre o referente do SN ou até mesmo sua identidade – é a mais frequente, tendo aparecido em 91,4% das ocorrências de AÍ, 98,9% das ocorrências de LÁ, 93,8% das de ALI e 100% das de AQUI. Esse resultado parece indicar que tal implicatura pode estar em um processo de integração ao significado da expressão nominal acompanhada por um marcador de especificidade. A segunda implicatura mais frequente foi a Implicatura 2 – essa informação é apresentada como não sendo necessária para fins da conversação corrente –, presente em 82% das ocorrências de AÍ, 62,6% dos casos de LÁ, 81,2% das instâncias de ALI e 60% das de AQUI. Tal resultado também é significativo, pois, embora os falantes, na maioria das vezes, conheçam a identidade do referente do SN, consideram não ser necessário fornecer mais detalhes aos seus interlocutores. É relevante também destacar que, dentre os quatro marcadores, os contextos de uso de AÍ são os que permitem o maior número de implicaturas – os seis tipos encontrados –, seguidos pelos contextos de uso de LÁ, que possibilitaram a leitura de cinco implicaturas. Tal distribuição parece ser ainda mais uma evidência do caráter mais gramaticalizado de AÍ em relação aos outros marcadores emergentes, uma vez que este foi empregado em uma diversidade maior de contextos linguísticos, seguido por LÁ.

Realizada a análise dos dados de acordo com os fatores morfossintáticos e semântico-pragmáticos apresentados, tratarei, no sexto capítulo, da trajetória de gramaticalização desses itens marcadores de especificidade com base nos pressupostos teóricos delineados no referencial teórico, relacionando os resultados qualitativos e quantitativos obtidos com a questão da emergência de um novo paradigma de formas marcadoras de especificidade no português brasileiro.

6 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE *AÍ*, *LÁ*, *ALI* E *AQUI*

Neste capítulo, relaciono os resultados obtidos (cf. capítulo 5) com as propostas de Hopper (1987, 1991, 1998, 2008, 2011), Lehmann (2002), Heine *et al.* (1991a/b) e Krug (2001), expostas no capítulo três, que traz o referencial teórico desta pesquisa.

6.1 A EMERGÊNCIA DE NOVOS MARCADORES DE ESPECIFICIDADE

Conforme comentei na seção 3.1.1, a proposta de Hopper para a gramática é a de que esta deve ser encarada como um fenômeno social, *online* e temporal, cuja estrutura “é sempre adiada, *sempre em um processo*, mas nunca chegando, e, portanto, *emergente*” (HOPPER, 1987, p. 141 – grifos meus). Dessa forma, o autor destaca o caráter provisório da gramática, sempre sujeito a mudanças e a importância da gramaticalização nesse processo. Hopper (1987) também enfatiza o papel da repetição (= frequência de uso) na constituição da linguagem e, conseqüentemente, da gramática.

Quanto aos marcadores de especificidade de SN indefinidos *AÍ*, *LÁ*, *ALI* e *AQUI*, minha proposta é a de que esses itens emergiram/estão em processo de emergência no português brasileiro em graus diferentes. Se considerarmos a importância da frequência na verificação da gramaticalização, *AÍ* deve ter sido o primeiro desses marcadores a emergir no domínio funcional da especificação nominal e é o mais gramaticalizado dentre eles, seguido por *LÁ*. Reforça esse argumento a distribuição dos dados na amostra analisada, uma vez que encontrei 129 ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade contra 99 de *LÁ* e apenas 16 de *ALI* e 5 de *AQUI*. Além disso, de acordo com o que foi discutido no capítulo anterior, *AÍ* apresentou uma distribuição mais diversificada do que *LÁ*, tendo aparecido em mais tipos de construção do que *LÁ*, já que aquele ocorreu em seis tipos, enquanto este, em cinco. Com relação à existência de material interveniente entre o marcador e o núcleo do SN,⁴² embora tenha havido uma leve predominância de dados com

⁴² Cf. seção 5.1.2.

LÁ, perfazendo uma frequência de 7%, contra 6,2% de dados com AÍ, ressaltando que houve maior diversidade no tipo de material interveniente entre AÍ e o núcleo do SN, com quatro tipos de material (adjetivo, locução adjetiva, advérbio+adjetivo e pronome), ao passo que, nos SN com LÁ, ocorreram apenas três – adjetivo, locução adjetiva e pronome.

No caso da ocorrência dos marcadores junto a nomes humanos e a nomes não humanos,⁴³ os resultados mostraram que os quatro marcadores emergentes predominam em sintagmas nominais em que o substantivo é um nome não humano, o que pode ser tomado como um indício de que esse deve ter sido um dos contextos de emergência desses itens. Todavia, com relação à especificação de nomes humanos, AÍ foi mais frequente do que LÁ: 33% dos *types* e 35,2% dos *tokens* aos quais AÍ se adjunziu correspondiam a nomes humanos; no caso de LÁ, porém essa distribuição foi mais baixa, vez que apenas 20% dos *types* e 24,2% dos *tokens* aos quais LÁ se ligou eram nomes humanos. Esse resultado pode ser mais uma evidência de que AÍ é mais gramaticalizado do que LÁ, por atuar com mais frequência na especificação de nomes humanos do que este.

Com relação ao *status* informacional predominante entre os marcadores emergentes, embora o **novo** tenha sido o prevaiente, a distribuição de AÍ em SN com *status* informacional **velho**, que possivelmente estaria associado a um maior grau de gramaticalização, é maior do que a de LÁ, pois, enquanto este apresentou uma frequência de 19,2%, aquele obteve um resultado de 25%. No âmbito das implicaturas conversacionais, os contextos de uso de AÍ permitiram a verificação de seis implicaturas, ao passo que os contextos de uso de LÁ autorizaram somente cinco, o que também pode indicar que os contextos de uso de AÍ são mais amplos do que os de LÁ e, conseqüentemente, do que os dos outros marcadores emergentes.

Uma outra provável evidência de que AÍ é o mais gramaticalizado dentre os marcadores emergentes é a sua presença em textos escritos que procuram representar a fala informal.⁴⁴ Aliás, os dados mais antigos a que tive acesso com AÍ

⁴³ Cf. seção 5.1.3.2.

⁴⁴ Pintzuk (2003) afirma que pesquisadores afiliados à linguística histórica geralmente defendem que as inovações chegam à escrita de acordo com a ordem em que surgiram na fala, mas com uma defasagem de tempo indeterminada. Em outras palavras, para tais pesquisadores, os textos escritos tendem a refletir a fala de épocas mais antigas da língua.

((01)-(03) a seguir) vieram da tradução para o português do romance *As vinhas da ira* (*The grapes of wrath*), do escritor norte-americano John Steinbeck, realizada por Ernesto Vinhaes e Herbert Caro e publicada em 1940. De acordo com Tavares (2003), os tradutores se valeram das marcas do dialeto das classes populares do estado do Rio Grande do Sul, dos arranjos e rearranjos gramaticais lá em voga por volta de 1940, a fim de manter o tom de oralidade do original e o destaque à presença de traços de língua não padrão na fala dos personagens, uma vez que, sendo integrantes das classes socioeconomicamente desfavorecidas, eles utilizam a “[...] linguagem chã dos homens de sua condição” (STEINBECK, 1940, p. 10).

- (01) Todos com quem tenho falado têm tido razões mais do que boas pra se meterem na estrada. Mas onde é que o país vai parar desse jeito? Um homem já não pode ganhar a vida decentemente. Nem as terras se pode cultivar mais. Eu lhe pergunto: como é que isto vai acabar? Não faço a menor ideia. E ninguém, dos que interroguei a respeito, soube me dizer nada. **Um sujeito AÍ** quis vender até os sapatos pra poder ir mais umas milhas adiante. Francamente, não sei, não compreendo nada (STEINBECK, 1940, p. 131-132).
- (02) – Tem muita gente que quer saber o que seja isso. – Ele riu. – Um dos nossos rapazes descobriu a coisa. – Alisava cuidadosamente a terra com a pá. – Tem **um sujeito AÍ** que se chama Hines. É o dono de uns trinta mil acres de terra, com pêssegos e uvas, e tem uma fábrica de frutas em calda e uma cantina. Bem, êle vive gritando o tempo todo contra “uns danados duns vermelhos” (STEINBECK, 1940, p. 318).
- (03) – Tu não vai ao baile? – perguntou Mãe.
– Vou, sim – disse Tom. – ‘Tou num comité. A gente ‘tá preparando um brinquedinho pra **uns caras AÍ**.
– Mas tu chegou agora e já ‘tá num comité? – admirou-se Mãe (STEINBECK, 1940, p. 360-361).

Esses dados fornecem uma pista de que o processo de gramaticalização de **AÍ** como marcador de especificidade, no português brasileiro, deve ter se iniciado pelo menos na primeira metade do século XX. Possivelmente, tal uso também pode ter influenciado a emergência, por analogia, dos outros advérbios locativos **LÁ**, **ALI** e **AQUI** como marcadores de especificidade. Os dados a seguir são reveladores da expansão dos usos de **AÍ** em vários gêneros e suportes: em (04), ele aparece em uma tirinha publicada em um jornal de grande circulação nacional; (05) e (06) foram recolhidos de telenovelas, um gênero híbrido, uma vez que o texto é escrito para ser encenado, e os autores usualmente procuram representar, na fala de seus personagens, a linguagem falada no dia a dia; (07) é oriundo de um livro de contos em forma de cartas, muitas delas apresentando um tom coloquial; e (08) foi coletado

de um livro didático de língua portuguesa, mais especificamente de uma atividade que procurava simular uma situação em que um advogado se dirige a um juiz fazendo uso de um variedade linguística extremamente coloquial.

- (04) A: Orelha, seu sumido! Faz tempo que não aparece!
B: Sei lá, tenho andando ocupado, fazendo **umas paradas importantes AÍ** (*Folha de São Paulo*, 03/07/2001).
- (05) A: Você quer jantar?
B: Eu jantei com um amigo. Tínhamos que conversar sobre **um negócio AÍ** que tá pintando (*Novela Páginas da Vida*, 10/07/2006).
- (06) A: Você anda tão tenso, né?
B: Tô tendo **uns problemas AÍ**, mas vai passar (*Novela Malhação*, 13/04/2007).
- (07) Velho, fiz uma coisa que não é do meu feitio. Procurei **uma mulher AÍ**, uma tal que recebe espíritos e psicografa cartas dos que se foram. Você imagina eu num lugar desses? (MEDEIROS, 2007, p. 98).
- (08) Dr. Geraldo entra esbaforido na sala de audiência e se dirige ao juiz:
– Ó meu! Desculpa o atraso, tá? Mas eu estou parado **num mulherão AÍ** e ela não me dava bola. Hoje, justo quando eu estava vindo para a audiência, ela me ligou. Num deu pra deixar pra lá, você entende, né chapa? (TRAVAGLIA; ROCHA; ARRUDA-FERNANDES, 2009, p. 94).

Com relação a ALI e AQUI, os poucos dados coletados desses marcadores parecem sugerir que esses itens iniciaram seu processo de emergência posteriormente a AÍ e LÁ, pois há pouca diversidade em seus contextos de uso: ALI e AQUI só apareceram em dois tipos de construção – as construções prototípicas e as existenciais; esses marcadores também predominaram junto a substantivos concretos, com uma frequência de 87,5% para ALI e 100% para AQUI; ALI apareceu em SN que codificavam apenas três funções sintáticas – objeto direto, absoluto e adjunto adverbial –, ao passo que AQUI apareceu em SN que codificavam apenas duas funções – objeto direto e absoluto; ambos os marcadores predominaram em SN com *status* informacional **nov**, com uma frequência de 87,5% para ALI e 100% para AQUI.

Por fim, acredito que o estatuto de ALI e AQUI entre os marcadores de especificidade ainda não parece estar plenamente assegurado, visto que seu processo de emergência ainda me parece bastante incipiente, podendo vir a se intensificar no futuro, ou não. Talvez a utilização em maior escala de AÍ e LÁ possa desestimular o uso desses itens como marcadores de especificidade. No entanto, essa hipótese ainda necessita ser testada com base em dados mais recentes e/ou em testes de atitude com falantes.

6.2 OS PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Nesta seção, ocupo-me da atuação dos princípios de gramaticalização de Hopper (1991) no processo de gramaticalização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI como marcadores de especificidade de SN indefinidos.

6.2.1 Estratificação

De acordo com a proposta aqui defendida, AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade de SN indefinidos emergiram como as camadas mais recentes do domínio funcional da especificação nominal no português brasileiro e convivem com as camadas mais antigas, codificadas pelo pronome adjetivo indefinido CERTO e adjetivos como DETERMINADO, o que pode ser depreendido das ocorrências a seguir. Ressalto, evocando Hopper (1991), que, quando, em um dado domínio funcional, emergem novas camadas, as mais antigas não são necessariamente descartadas, havendo um período de convivência entre as camadas mais recentes e as mais antigas que pode durar indefinidamente, caso os falantes continuem utilizando tanto as formas mais recentes quanto as mais antigas. No que concerne ao domínio funcional da especificação nominal, aparentemente, o uso das camadas mais recentes predomina na fala, enquanto os outros marcadores de especificidade, por serem formas mais prestigiadas, costumam ocorrer tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral.

- (09) aí **um CERTO dia** ... ele avista esse soldado que tinha espancado ele ... e a ... na mente dele veio a vontade de bater no soldado ... depois ele pensa e diz ... “não ... é melhor ... não bater” ... eu sei que o soldado já fica com medo dele ... porque o soldado também imaginava que ele fosse descontar o que ele tinha feito né ... (informante masculino, D&G Natal).
- (10) Como se não bastasse há **uma DETERMINADA hora** na história que acontece um assassinato o de um professor muito querido dos alunos da escola. Em um de seus ataques de ciúmes Isabel vai para um laboratório da escola. Lá ela vê o assassinato do seu professor e fica no dilema de entregar o assassino e, talvez, ser assassinada também (informante feminino, D&G Natal – parte escrita).

- (11) ... aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou **uma frase AÍ muito interessante** e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (informante masculino, D&G Natal).
- (12) I* Ave Maria! foi uma briga tão feia, você nem imagina. A minha pressão ficou a vinte e um nesse dia, + vinte e um, só eu só num murri porque as duas num tavam porque num tem que ser as duas, né? a máxima e a mínima num tava + foi. Que ele veio dizeø que eu tinha: eu queria prejudicar ele mayø eu num queria prejudicaø ele não, porque ele saiu porque o secretário num queria mesmo que ele ficasse. Aí ele veio de lá pra cima de mim, comigo num tem boquinha não. + Eu gostava dele, tanto, gostava que só, todo mundo gostava dele. Mas ele veio pra cima de mim querenø, como se fosse dá em mim. + Mayø eu num ia prejudicar ele não, eu ia me prejudicar. É **um código LÁ** que, a menina eu tava de férias quando eu voltei aí esse código tava dentro + da produtividade; e eu não vi que a educação mandou errado, mandou no código duzentos falta, e o código era cento e vinte e cinco, se eu tivesse se tivesse saído isso nas folhaø de pagamento, ia sair umas cinquenta faltas, das cinquenta pessoas. Eu ia prejudicar ele? Eu ia prejudicar a mim que eu ia eu ia explicar o povo, porque quer dizer, falta de atenção, irresponsabilidade. E eu disse ao Secretário, digo: “Olhe, eu num ia prejudicar ele não, eu ia prejudicar a mim, e na faixa de cinquenta funcionárioø, somente”, e eu ia teø como é que eu ia dizeø não gente, porque eu eu num olhei, olhe aí. Ele foi burro demais, saiu porque quis (informante feminino, VALPB).
- (13) Agora, se vocês, já que o colégio num ensina como deve ensinar, chegasse em casa, pegasse os livros na mesa, uma bacia d’água no chão, cheia, e os pés dentro, **um guaraná ou coisa ALI** pra tomar e estudasse, vocês iam aprender e iam dar lição. Eu tenho um camarada aqui que é, foi menino comigo, o pai dele se empenhou, estudou no Pio [doz] Pio Pio Décimo daquele tempo. Esse rapaz quando terminou o [co] o Pio Décimo, foi fazer [o o:] dois anos no Lyceu. Mas ele deu lição lá no Lyceu. Ele hoje é engenheiro formado no Rio de Janeiro, é Jamerson. Quando vem aqui sempre vem na minha casa, me visita, tudim, sou amigão. O camarada é de cor, mas é gente fina. Sabe onde tem a [sa] quando ele saiu do Pio Décimo, foi dar lição, foi fazer esses dois anos, os [pré] o pré né? No Lyceu, que lá num fazia, ele lá deu aula à professora: “Mas rapaz [lá você] e ensinaram tudo isso lá?”. “Tudo isso! Sei de tudo isso”. Quando o professor vinha com aquela matéria no quadro: “Professor! isso aí num é assim não!”. “Mas como é não é o quê? Você nunca estudou isso!” Eu digo: “Eu já sei disso tudim!”. “Mas num é possível! Venha, demonstre!”. E ele fazia! + Era assim. Hoje é engenheiro no Rio de Janeiro. + (informante masculino, VALPB).
- (14) E* Por que você não brinca mais no carnaval?
I* Porque eu mehmo num gosto. Às veyø:, + **teve um ano AQUI** que meu marido deixou ir pro clube aí tudinho, mayø agora por caso dessa violência eu tenho até medo de sair de casa, aí num: num brinco mais não, às vezø os meninoø pedeø pra ir eu digo: “Não senhor, você num tá doido.” Que nem o ano passado o ano o ano passado, meus meninoø foi aí pra o clube, aí começaram um tirinete de cadeira lá vem, cadeira vai, e eu fiquei logo nervosa aqui porque eu tinha deixado os meninoø irø. Aí pronto digo mais nunca esses meninoø vão pra canto nenhum, a num ser comigo, aí pronto. Puø isso que eu num gosto dessa violência, os meninoø num querem num quero que os meninoø brinqueø nem eu mesmo nem eu mesmo vou brigar pro caso disso, que a gente num pode tá num canto nem se divertinø porque vê a hora morrer (informante feminino, VALPB).

6.2.2 Divergência

O princípio da divergência torna possível o surgimento de origem a pares ou múltiplas formas possuindo a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente. É o que ocorre com os marcadores de especificidade emergentes. No caso de *AÍ*, apesar de esse item gramatical ter dado origem a duas cadeias de gramaticalização diferentes (cf. MARTELOTTA, 1994; BRAGA; PAIVA, 2003)⁴⁵ e desempenhar diversas funções que convivem entre si no português brasileiro atual, tais como anafórico, marcador de especificidade e conector (cf. TAVARES; GÖRSKI, 2006), ainda continua codificando sua função original de advérbio locativo (em (15)). No tocante a *LÁ*, de acordo com Martelotta e Rêgo (1996, 1998)⁴⁶, esse item, partindo do seu uso dêitico espacial, adquiriu várias funções, anafóricas e catafóricas, que, por sua vez, geraram valores temporais e inferíveis, e também a função de marcador de especificidade (que os autores denominam “*LÁ* no SN”), sem, contudo, deixar de atuar como advérbio locativo (em (16)). Quanto a *ALI* e *AQUI*, embora estejam começando a desempenhar a função de marcadores de especificidade, continuam atuando como advérbios locativos (em (17) e (18)).

- (15) e ... mas aí quando amanheceu o dia ... dessa viagem ... quando acabamos de namorar ... é:: cada um virou pro seu lado ... e tentou dormir um pouco ... descansar ... e quando eu ... pensava que ... porque tava amanhecendo o dia a gente ia começar a conversar ... ela disse ... “olha ... logo mais eu vou descer ... já está próximo da minha parada e ... eu vou descer ... foi muito bom te encontrar” ... aquelas despedidas né? aí eu disse ... a ... “quem sabe eu não venho ***AÍ na tua cidade*** ... é tão fácil” (informante masculino, D&G Natal).
- (16) E aí, teve uma noite que a gente foi e ficou contando (hes) histórias mal-assombradas, né? um contava a sua cada um contava a sua pøo outro, e minha irmã ficou muito assustada, né? aí no dia seguinte, era assim noite de de de lua cheia, né? e a gente isto [inven-] queø dizeø inventei a história de lobisomem, né? e fiz assim uma espécie de de de cara assim com o papel uma coisa bem bem horrível, e coloquei ***numa área LÁ do quintal*** e disse pra ela que tinham mandado entregæ pra ela, né? e ela chorou muito, eu escrevi um bilhete com a letra toda feia assim, quer dizeø toda feia num precisa nem (risos) (falando rindo) nem treinaø, né? Escrevi, ai: levei pra ela, né? e ela chorou muito assim foi muito engraçado, porque eu num pensei que ela fosse caiø numa numa coisa tão tão besta, né? porque, sei lá, né? um papel com dois olhos, né? um bilhete assim, um o

⁴⁵ Cf. as seções 2.1.1 e 2.1.3 para mais informações acerca das propostas dos autores para a dupla trajetória de gramaticalização de *AÍ*.

⁴⁶ Cf. a seção 2.2.1 para outras informações a respeito da proposta dos autores para a gramaticalização de *LÁ*.

- lobisomem, eu eu fiz poø fazeø, num pensei que ela fosse acreditaø, né? mays ela chorou muito, chorou demais assim, até que eu contei a verdade, né?
- (17) E* O que acha do carnaval de João Pessoa? (informante feminino, VALPB).
I* O carnaval de João Pessoa é muito fraco. Um um um o carnaval de João Pessoa é pra sêø uma coisa mais animada. O + aqui a gente tem a gente tem muito espaço. Tem tem o Bahamas, podia fazêø muita coisa **ALI no Espaço cultural**. Podia sêø uma coisa bem diversificada. Mais não, é sempre a mesma coisa. Vai Turma do Bobô, vai Muriçocas do Miramáø, vai as Virgens, aí acaba. Pronto num tem mais nada. Num é uma coisa diversificada. Num é como o carnaval de Pernambuco, num é como o carnaval da Bahia, num num. E por aí afora. Num é como o carnaval do Rio, que é um carnaval bem animado. Aqui num tem escolas de de desfile, num tem aqui num tem desfile. A gente podia ter. Tem espaço, tem muita coisa, tem lugáø demais até pra fazêø esses desfiles, mays infelizmente aqui num tem, ninguém aqui tem iniciativa pra fazêø nada. Se num fôø cópia, aqui ninguém tem iniciativa (informante masculino, VALPB).
- (18) E* Já enfrentô0 alguma situação de perigo de morte, (gaguejo) numa situação assim que você (gaguejo) pensô0: é a minha vez? Você já teve perto da morte? Como foi?
I* Já. O boi. Quan0o eu ia mata0 a vaca, aí eu ia te0 que tira0 <da> do: do local dela lá, aí o boi veio e me deu **uma chifrada AQUI**:, pegô0 me0mo, bem no meu peito aqui, pegô0 também o ô0t0o pegô0 na boca do meu estômago. Aí parei no hospital, aí fiquei lá um tempão. Aí, quase que morria (informante masculino, VALPB).

6.2.3 Especialização

O princípio da especialização refere-se à diminuição na seleção de formas disponíveis para a realização de determinada função linguística e normalmente ocorre em estágios mais avançados do processo de gramaticalização. No domínio funcional da especificação nominal, talvez não seja possível falar, ao menos por enquanto, na aplicação desse princípio, uma vez que, dentre os vários marcadores de especificidade, nenhum parece ter se especializado no desempenho dessa função e todos coocorrem no português brasileiro atual.

Por outro lado, além da *especialização por generalização* proposta por Hopper, Tavares (2003, p. 68) aponta a possibilidade de *especialização por especificação*, segundo a qual

as formas adversárias adquirem significados mais específicos e/ou passam a ser empregadas em contextos semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos, eliminando-se assim a competição. Nesse caso, nenhuma forma seria excluída ou generalizada para cobrir todas as funções pertinentes a um domínio particular, mas

cada uma seria empregada em certas funções e/ou contextos particulares pertinentes ao domínio.

Assim, de acordo com essa proposta, é possível que *AÍ*, *LÁ*, *ALI* e *AQUI* venham a se especializar como marcadores de especificidade de SN indefinidos em contextos predominantemente informais, notadamente na modalidade oral da língua, ficando os outros constituintes do domínio funcional da especificação nominal à disposição dos usuários da língua para utilização em ambas as modalidades, em contextos de maior formalidade. Contudo, ressalto que essa hipótese poderá ser confirmada ou não apenas com a análise de dados de fala e escrita de um recorte sincrônico posterior ao atual.

6.2.4 Persistência⁴⁷

Esse princípio preconiza que as formas gramaticalizadas tendem a preservar resquícios de seus significados anteriores, podendo ser polissêmicas em alguns contextos de uso. No que concerne a *AÍ*, *LÁ*, *ALI* e *AQUI* marcadores de especificidade, o princípio da persistência parece explicar a ocorrência de dados ambíguos no *corpus* analisado, em que há dúvida se os itens são dêiticos ou marcadores de especificidade (em (19), (20) (21) e (22)). Tal princípio também pode estar subjacente à predominância de ocorrência de *AÍ*, *LÁ*, *ALI* e *AQUI* em SN indefinidos, contexto em que provavelmente teve origem seu uso como marcadores de especificidade. Esses itens linguísticos parecem não se integrar de forma muito efetiva aos SN definidos, atuando preferencialmente como dêiticos ou anafóricos quando aparecem junto a esse tipo de sintagma (em (23) e (24)).

- | | | | |
|------|-----|----|--|
| (19) | 354 | F5 | é o que... |
| | 355 | | doente? |
| | 356 | F2 | eu tô com dor de barriga... |
| | 357 | | mãe... |
| | 358 | | tem uma graninha <i>AÍ</i> não... |

⁴⁷ Vale salientar, uma vez mais, que os itens *AÍ*, *LÁ*, *ALI* e *AQUI*, presentes nas amostras elencadas nesta seção não foram incluídos na análise quantitativa, uma vez que se constituem em: (i) dados ambíguos ou (ii) ocorrências em SN definidos, que codificam outras funções que não a de marcadores de especificidade.

- 359 mamãe?
360 F6 não (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
- (20) E* Você tem alguma aventura de carnaval pra conta0?
I* Te:nho. + Eu tinha um + foi a primeira + a primeira vez que eu saí. + Inexperiente, tal. + Conheci **uma menina LÁ**, né? + Aí, primeira vez, né? a gente foi lá, foi dançô0, né? se engraçô0 prum lado, aí fui dá0 uma voltinha na praia. + Aí + pinteí e roleí, né? deiteí e roleí, como di0 a história (informante masculino, VALPB).
- (21) E *E aí como é que pra ti tem que ser um professor?
F *Eu acho que um professor assim, ele tem que se esforçar ao máximo, né? pra explicar a matéria para os alunos, se não entendeu fa0z os alunos pesquisarem, (hes) fa0z trabalhos, esses negócios assim, né? ma0s tem que explicar mesmo, saber explicar porque não é **qualquer um Ø ALI** que pode ir lá pra frente dar aula, porque se fosse assim qualquer um ia lá, explicava e deu, fazia prova. *Agora não, tem uns aí que [estão]- ainda estão estagiando vão pra lá querendo dar aula assim, querem, acham que sabem dar aula e não sabem nem explicar. *Que é o caso de uma professora que eu tive de religião, que ela era horrível (informante feminino, VARSUL Florianópolis).
- (22) E, também num me arrependo de num ter casado não, sabe? De jeito nenhum. Porque quem sabe se eu tivesse casado, hoje eu tinha quatro, cinco filhoø, né? Tava aí acabada, derreada, né? Porque modéstia à parte, né? Cum trinta e cinco anoø, o pessoal ainda acha que eu sou muito nova pra isso, né? Mays porque, eu sou nova? Porque eu só tive um filho, só um filho. + Mays se eu tivesse quatro, cinco, aí pronto, tava eu aí derreadona, acabadona, o marido quem sabe até bebia, né? Que eu detesto quem bebe. Fiquei cum trauma de bebida, num sabe? Porque meu pai bebia, eu via ele arengaø cum a minha mãe, então eu fiquei, eu num quero um homeø que beba na minha vida <ma-> a não ser beber assim, né? Toma **uma cerveja AQUÍ**: e tal e tal. Agora, beber pra chegar aqui caído, num quero de jeito num quero de jeito nem não não não não, de jeito nenhum. Deuø me livre! + De jeito nenhum (informante feminino, VALPB).
- (23) ... o pessoal de lá num tem aonde treinar ... então com essa ... **essa unidade AÍ** que será construída ... futuramente ... no Jiquí vai melhorar muito ... pra gente ... pena que eu num vou tá mais lá (*Corpus D&G Natal – parte oral*)
- (24) uma outra coisa assim foi foi um vaso que eu quebrei, né? no fim de semana que eu tinha ido passaø com meus pais, e aí eu tava correnø, brincanø com outras meninas, passei e bati, o o vaso caiu quebrou, e eu entrei assim na maioø cara de pau e disse: Oh mainha, num sei quem quebrou o teu vaso. né? E eu e **a criatura LÁ** que num tinha nada a veø com a história ficou neganø, dizenø que não, não e eu: foi você, foi você, né? foi horrível isso, (risos F) mays foi muito engraçado (informante feminino, VALPB).

Em (19), não fica claro se a informante, ao enunciar **uma graninha AÍ**, está se referindo a uma quantia de dinheiro específica (ou uma quantia qualquer) ou se está apontando para o local onde o dinheiro estaria (no bolso da mãe, por exemplo). Em (20), ao utilizar **uma menina LÁ**, o falante pode estar se referindo a uma garota específica que ele conheceu durante o carnaval ou pode estar se referindo ao local (ou à ocasião) onde a conheceu. Em (21), a informante pode estar com um professor particular em mente (ou qualquer um dentro de um conjunto de professores conhecidos por ela), ao enunciar **qualquer um Ø ALI**, ou ainda

apontando, por exemplo, para a escola onde esses professores lecionam. E, em (22), quando fala **uma cerveja AQUI**, a informante pode estar se referindo a cerveja específica (ou uma quantidade específica) ou está enfatizando o local onde essa cerveja é consumida ou até mesmo à periodicidade desse consumo: de vez em quando.

Em (23) e (24), ainda que os falantes estejam tentando particularizar os referentes **unidade** e **criatura** com a utilização de **AÍ** e **LÁ**, respectivamente, o traço adverbial desses itens é, aparentemente, muito forte para que se faça uma leitura sem levar em consideração o caráter locativo deles.

6.2.5 Decategorização

A decategorização preconiza que, no decorrer do processo de gramaticalização, os itens linguísticos tendem a migrar de categoria, perdendo ou neutralizando características de categorias plenas, como substantivo e verbo, e assumindo atributos de categorias secundárias como adjetivo, preposição e outras (cf. HOPPER, 1991, p. 22). De acordo com essa perspectiva, as distinções entre as categorias são menos absolutas, por isso é possível falar em decategorização. Além disso, conforme Hopper (*op. cit.*), é preferível substituir a ideia de *categoria* pela de graus de *categorialidade*.

AÍ, **LÁ**, **ALI** e **AQUI** se gramaticalizaram – ou estão em processo de gramaticalização – a partir de uma categoria já secundária (o advérbio), tendo se tornado, quando exercem a função de marcadores de especificidade, partículas de posição relativamente fixa no interior do SN: sempre após o nome núcleo, nunca o contrário.

6.3 OS MECANISMOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

6.3.1 *Transferência metafórica*

No que diz respeito a AÍ, LÁ, ALI e AQUI, em seu processo de gramaticalização como marcadores de especificidade de SN indefinidos, e considerando as categorias propostas por Heine *et al.* (1991a/b), apresentadas na seção 3.3.1, parece-me que esses itens migraram da categoria ESPAÇO (advérbio de lugar) para a categoria QUALIDADE, sem necessariamente passar pelas outras categorias. A QUALIDADE, segundo Heine *et al.* (1991a, p. 49), "é a mais genérica e difusa das categorias, podendo se referir, entre outros, a situações estáticas em oposição a dinâmicas, a conceitos não físicos em oposição a físicos". Sendo assim, a princípio, é possível considerar a especificação de SN indefinidos como vinculada à categoria QUALIDADE. Embora um marcador de especificidade não desempenhe a mesma função que um modificador (o tipo de constituinte frasal que prototipicamente está relacionado à categoria QUALIDADE – e às classes de palavra *adjetivo* e *advérbio*), acredito que, dentre as categorias propostas por Heine *et al.*, a QUALIDADE seja aquela em que podemos melhor encaixar o AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcador de especificidade.

O processo de gramaticalização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI pode, portanto, ser representado esquematicamente da forma que segue:

ESPAÇO > ESPAÇO/QUALIDADE > QUALIDADE

Também é possível representarmos o processo de migração de AÍ e LÁ de forma mais específica como ESPAÇO > ESPAÇO/MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE > ESPECIFICIDADE.⁴⁸

⁴⁸ Heine *et al.* (1991a) também propõem trajetórias mais específicas para certos processos de gramaticalização. Por exemplo, apresentam a seguinte trajetória como tipicamente envolvida na gramaticalização de conjunções: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO. Segundo essa proposta, elementos indicadores de espaço externo, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, por fim, como organizadores do espaço textual, sendo possível um percurso

Ilustrarei esse esquema com as ocorrências de (25) a (30), a seguir, que tratam da trajetória de gramaticalização de *AÍ* e *LÁ*, e que, a princípio, representam contextos semelhantes aos da gramaticalização de *ALI* e *AQUI*. Ressalto, porém, que devido à pouca ocorrência de dados desses últimos, mesmo em contextos ambíguos, não foi possível apresentar dados da provável trajetória de gramaticalização aqui defendida. Inicialmente *AÍ* e *LÁ* exerciam apenas sua função fonte de dêitico locativo (ESPAÇO – (25) e (26)); posteriormente, passaram a desempenhar uma função híbrida, ambígua, um pouco dêiticos, um pouco marcadores de especificidade (ESPAÇO/MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE – (27) e (28)); e por último, passaram a atuar inequivocamente como marcadores de especificidade de SN indefinidos (MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE – (29) e (30)).

- (25) E: você tem feito *cooper*? ultimamente?
 I: Marcos eu ... durante a semana tenho corrido *aí* na praia ... eu corro dois dias e três dias eu faço exercícios parado ... localizados mesmo ... porque nós temos **muitas barras *AÍ*** ... nós temos paralelas é ... o ... alguns garotos levam é ... material de halteres ... e então a gente faz é ... um trabalho localizado e na ... eu no meu caso ... quando quero ... eu corro ... eu sinto necessidade de correr também ... na ... na ... *aí* na orla marítima (informante masculino, D&G Natal).
- (26) E* Como era o como, me fala um um pouco do da história desse filme, Duro de Matar. Só um pouco, resumindo.
 I* É: que ele + tava no + no no prédio, né? Dent0o do prédio, **numa festa *LÁ*** , né? os terrorista0 foru0 lá, tumaru0 o prédio, + p0a rouba:0. + *Aí* tinha um um [pulia-] um policial só lá. Num tinha nada a ve0 cum a história, a mulhe0 dele <também> tava lá no meio, + tava como refém. Ele foi lá:, <como era o mocinho, né?> + *aí* conseguiu vence0 o terrorista e matô0 tudinho (informante masculino, VALPB).
- (27) é ... tava com ele ... *aí* Jor/ *aí* seu Carrilho disse ... “não ... ainda não fui atendido ... eu gostaria é:: de quando o senhor tivesse um tempo é:: o senhor me desse uma certa atenção que eu tô precisando é:: ver **um material *AÍ*** ... (informante masculino, D&G Natal).
- (28) F* Pouco, que eu trabalhava mais escondido, saca? Onde eu tinha mais relacionamento cum os cliente foi no Rango, que eu trabalhava de ajudante de garçom, então eu tinha mais, sabe? Intimidade cum os cliente, eu me divertia um bocado mesmo ali, sabe? E ainda bate um pouquinho de saudade desse emprego porque tinha você você conhece o ator Piancó? O o tem Piancó e tem o rapaz que faz o papel de Zé, Zeca Paraíba Zé Paraíba. Então eles frequentava esse ambiente, então *aí* me divertia mesmo. Quando eles chegavam lá, ele divertia legal. Piancó contava piada que né brincadeira e ele também, né? E eu sempre me envolvi. Teve um show de Piancó lá no no Rango que eu té me meti no no no no ensaio, né? Ele cantava uma coisa, eu repetia daqui ei tal, era o tipo do embola, né? Então ele dizia **uma coisa *LÁ*** , eu dizia de cá, *aí* tinha uma garota que tinha ido cum ele pra assistir o ensaio, né? Que ela num quase morri de rir cum a gente. Ele

do espaço externo diretamente para o espaço textual. Os autores consideram a categoria TEXTO como pertinente à categoria QUALIDADE (um de seus subtipos).

- dizia uma coisa, ela dizia uma coisa de cá, aí buteram um uma peruca de palhaço em mim, um um nariz de palhaço aqui também, pronto. Eu fiquei sendo o palhaço da da da história, né? (informante masculino, VALPB).
- (29) aí quando é agora né ... a professora me deu **uma partitura de uma música AÍ** ... é:: eu demorei o que ... uns ... umas cinco ... cinco aula ... ou seja ... um mês ... e uma aula ... são quatro ... são quatro aulas por mês ... uma na semana ... aí deixe eu ver ... eu demorei cinco aulas ... pra poder aprender a partitura todinha (informante masculino, D&G Natal).
- (30) Quando cheguei ali na outra casa lá em cima (choro de criança) [Aí disse] aí bati na porta, minha senhora aí abriu a porta, quando ela disse: "Tu aqui uma hora dessas?" Eu disse: "É." Eu disse: "O que é que está acontecendo aqui?" Diz ela assim: "Não, [eu] já está tudo resolvido." Eu disse: "Não! O que que é isso?" Aí o rapaz, que com o engenheiro ficou me esperando [segunda feira] que eu voltasse segunda feira para nós seguirmos viagem. Aí, não voltei mais. Eu disse: "Não! Prefiro devolver todas as diárias, que eu ia ganhar, mas não volto mais." Acho que, revoltado com aquilo, eu disse: "Agora eu tenho que resolver." Aí fui lá [na] na Universidade, né? aí fui lá, já aí entrei em contato lá e, eu disse: "É, nós temos que resolver **um negócio LÁ** e tal". Mas [o] o tratorista que esteve ali que ele estava cavando o terreno do lado, aí ele disse que ia botar a cerca no chão e tal [e] e que ia botar a casa no chão, e ela ficou apavorada, né? ficou apavorada (informante masculino, VARSUL Florianópolis).

Dos dados apresentados com AÍ, é possível depreender o seguinte: em (25), ao utilizar AÍ na expressão **muitas barras AÍ**, o falante está se referindo ao local do mundo real onde ele costuma praticar exercícios localizados – em uma praia da cidade de Natal. Nesse dado, AÍ significa “nesse lugar”. Em (27), por sua vez, a interpretação espacial de AÍ junto ao SN **um material AÍ** é apenas uma das possibilidades: o falante tanto pode estar focalizando o local (uma loja) onde ele desejava comprar determinado material quanto pode estar se referindo ao próprio material, isto é, um material específico que ele desejava adquirir naquela loja. E, finalmente, em (29), o falante parece estar se referindo não ao local onde se encontra determinada partitura de música, mas à partitura de uma música específica que lhe custou cinco aulas para aprender a tocar.

Acerca dos dados com LÁ, é consentâneo afirmar que: em (26), ao enunciar **numa festa LÁ**, o informante parece estar apontando para o local onde se realizava certa festa (dentro de um prédio), significando “naquele lugar”. Em (28), o falante tanto poderia estar apontando para o local onde se encontrava seu interlocutor, quando enunciou **uma coisa LÁ**, quanto poderia estar se referindo ao conteúdo da fala de seu interlocutor, ou seja, estaria se referindo a algo específico dito por ele. Já em (30), com a utilização de **um negócio LÁ**, o falante aparenta estar se referindo a

um negócio específico que ele teria de resolver, sobre o qual, provavelmente, não seria necessário apresentar mais informações naquela situação de comunicação.

O processo de gramaticalização de AÍ e LÁ (e dos outros marcadores) parece vir a reforçar o princípio de unidirecionalidade preconizado pelos estudos de gramaticalização, visto ser o significado de AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade bem mais abstrato do que seu significado fonte de advérbio de lugar, e a categoria QUALIDADE ser a última da trajetória de gramaticalização proposta por Heine *et al.* (1991a/b), portanto a mais abstrata.

6.3.2 Reinterpretação induzida pelo contexto/inferência sugerida

O processo de gramaticalização dos marcadores de especificidade também é metonímico, na medida em que envolve mudanças por contiguidade, induzidas pelo contexto. Esse processo parece ocorrer da seguinte forma: num primeiro estágio, AÍ, LÁ, ALI e AQUI dêiticos locativos apontam para um lugar do mundo real e têm o sentido de “nesse lugar”. Em certos contextos, AÍ, LÁ, ALI e AQUI dêiticos locativos licenciam implicaturas de espaço mais abstratas, isto é, deixam de apontar apenas para um lugar do mundo real e passam a apontar para um ser que está nas redondezas ou um ser dentre um conjunto de seres num espaço próximo ao falante. Da mesma maneira, outros contextos autorizam esses elementos a apontar, de maneira ainda mais abstrata, para um ser que não está necessariamente presente no momento de produção do enunciado, mas que é específico para o falante. Embora esse percurso seja difícil de mapear, as amostras a seguir, com AÍ e LÁ, apresentam contextos em que esse tipo de mudança poderia ter tido lugar.

- (31) Marcos eu ... durante a semana tenho corrido **AÍ na praia** ... eu corro dois dias e três dias eu faço exercícios parado ... localizados mesmo ... (informante masculino, D&G Natal).
- (32) E* É? E bebe?
I* Bebe. Tem ôøtøa aqui, ôøtøa irmã dela qui também num quéø nada cum a vida, se interessa em nada, só quéø, comø é que se diø, <eu digo tá logo> + só vadiaø no meiø do mundo aí, não quéø nada com a vida + é já mãe de num sei **quantos filho AÍ**. Tava moranø com um camarada, e tá pa lá, tomanø conta dos filhoø dela, ela voltoø pra qui pra dentø de casa pra atanazar mais ainda. (informante masculino, VALPB).

- (33) o sistema falho de ... de ... de ... de polícia ... a corrupção que tem dentro da ... das ... da polícia é ... por exemplo tem o ... um cara que tá ... sei lá ... fazendo um serviço pra um ... um barão ... **um marajá AÍ** ... sei lá ... daí o cara mata ... aí "ó cê" ... o ... o marajá "ó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá" (informante masculino, D&G Natal).
- (34) E* Conte um jogo inesquecível do Flamengo.
I* Inesquecível foi quando o Flamengo tava jogando com o Vasco, no Maracanã, casa lotada. + O Vasco + tava, tava pressionando muito o Flamengo, né? mais + tinha {inint} o Flamengo tinha Zico, + fez **um gol LÁ**, um golão + e ganhou o campeonato + carioca, [may-] mais uma vez (informante masculino, VALPB).
- (35) voltando ao assunto eu tava desanimado né e quando eu cheguei no ônibus ... o ônibus lotado e tudo e já tinha algumas amigas minhas ... tavam lá atrás e foram logo me chamando ... "Gerson ... vem pra cá ... pra cá cantar" ... não sei que ... não sei que mais lá ... e eu tava com um menino ... o Sandrinho ... né ... o Sandrinho tava com o violão e com Hélio também ... aí:: tava com o Sandrinho ... com o Hélio no violão né ... então eu já puxei o Sandrinho e tava sem violão lá atrás e tudo no ônibus ... e eu puxei Sandrinho pra lá e comecei a cantar corinho e tudo ... cantar **música LÁ do Catedral** e tudo mais ... (informante masculino, D&G Natal).
- (36) Então [ela tinha] ela mudava de roupa, dois trajes, né? depois outra, aí, fomos na mala e cadê a roupa? Faltava a saia, a blusa tinha, mas a saia não tinha, a saia era rasgada até aqui, quer dizer, não era rasgada, ("era costurada, né?") Era rasgada até aqui. Cadê a saia? Não tinha. E agora tudo, né? Conforme for vamos. Aí os caras estão lá, com os instrumentos, tocando e coisa, né? afinando os instrumentos deles, aí o cara larga **uma música LÁ** e eu pá! Gritei o nome da música e eu pá! Daqui a pouco se levantou um Tupamaro, mas era um baita Tupamaro: "<O! Muchacho yo soy el cantor, usted no é nada cá">, ." Aí, nós tivemos que sair correndo, né? Aí saímos (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).

No dado apresentado em (31), AÍ aponta para um local do mundo real, possivelmente um lugar próximo dos interlocutores, que é nomeado pelo o sintagma **na praia** que segue o advérbio, constituindo um uso prototípico do advérbio AÍ. Entretanto, em (32), a circunstância de espaço expressa por AÍ é bem mais abstrata, pois o informante parece não se referir a um lugar específico do mundo, mas parece apontar para uma situação que ocorre na realidade próxima dele, em lugares diversos. Essa abstratização da noção espacial pode ter motivado usos como o de (33), no qual o informante, ao utilizar **um marajá AÍ**, parece estar apontando não para o local onde se encontra esse marajá, mas para a própria pessoa, especificando-a.

Os dados com LÁ parecem seguir uma trajetória semelhante: em (34), **um gol LÁ** aponta para um lugar do mundo real – o estádio Maracanã – ao mesmo que o retoma anaforicamente no discurso. Em (35), por sua vez, o informante não parece estar apontando para o local do mundo onde ele estava cantando **música LÁ do Catedral**; antes, aparenta estar apontando para uma banda de *pop rock* (conhecida,

principalmente, entre os jovens evangélicos) que existe na atualidade. E, por fim, em (36), ao dizer *uma música LÁ*, o informante parece estar apontando mais para uma música específica tocada na situação descrita do que para a própria situação em que a música em questão foi tocada. Tanto é assim que, na continuidade de sua fala, ele afirma que, imediatamente após ouvir os primeiros acordes da canção, gritou o nome dela.

Assim, acredito que contextos semelhantes aos apresentados nas amostras devam ter estimulado uma mudança nos usos de *AÍ* e *LÁ* (e dos outros marcadores de especificidade emergentes), permitindo-lhes a marcação da especificação nominal em SN indefinidos.

6.4 OS PARÂMETROS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Como foi apontado na seção 3.2, os parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann (2002) foram concebidos para verificar o grau de gramaticalidade, isto é, de gramaticalização de um item ou de um conjunto de itens na língua. Para o autor, há uma correlação inversa entre autonomia (que, segundo Lehmann, refere-se à liberdade de utilização dos signos) e gramaticalidade: quanto mais gramaticalizado for determinado item menos autônomo ele será, e vice-versa. Conforme Lehmann, o grau de autonomia e, conseqüentemente, de gramaticalidade de um item apresenta três aspectos principais: peso, coesão e variabilidade.

Os parâmetros podem ser separados em dois grupos de critérios, de acordo com os eixos básicos das operações linguísticas – o eixo da seleção (paradigmático) e o eixo da combinação (sintagmático). No Quadro a seguir, retomado da seção 3.2, apresento os parâmetros e sua relação com os aspectos da autonomia do signo e os eixos das operações linguísticas.

Quadro 3: Os parâmetros de gramaticalização

Parâmetro \ Eixo	Paradigmático	Sintagmático
Peso	integridade	escopo estrutural
Coesão	paradigmaticidade	ligação
Variabilidade	variabilidade paradigmática	variabilidade sintagmática

Fonte: LEHMANN, 2002, p. 110.

Nas subseções que seguem, discuto, concisamente, a gramaticalização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI à luz dos parâmetros retrocitados.

6.4.1 Parâmetros paradigmáticos

6.4.1.1 Integridade

A integridade de um signo é o seu tamanho no âmbito fonológico e semântico. No decorrer do processo de gramaticalização, podem ocorrer processos que diminuem a integridade de um signo, a saber: a **atrição** (ou erosão) fonológica – a perda sucessiva de traços fonológicos; a **dessemantização** ou redução semântica – perda gradual de traços semânticos; e a **degeneração morfológica** – perda da habilidade de se flexionar.

No caso dos marcadores sob enfoque, em seu atual estágio de gramaticalização, não se pode falar ainda em perda de traços fonológicos, uma vez que AÍ, ALI e AQUI permanecem dissílabos, sem haverem perdido sua tonicidade, ao passo que LÁ, embora seja formado por apenas uma sílaba, constitui um monossílabo tônico. Entretanto, destaco que ainda há a necessidade de se realizarem testes fonético-fonológicos com o intuito de verificar se tais itens apresentam um acento mais fraco do que os outros elementos do SN, ou não, e se esse acento difere daquele que apresentam quando funcionam como advérbios locativos.

No âmbito semântico, porém, é possível afirmar que houve uma perda no significado espacial original de AQUI (= **neste lugar**, local próximo ao falante), AÍ (=

nesse lugar, local próximo ao ouvinte), ALI (= **naquele lugar**, local distante do falante e do ouvinte) e LÁ (= **naquele lugar**, local ainda mais distante do falante e do ouvinte), quando esses itens desempenham a função de marcadores de especificidade, já que eles deixam de apontar para um local do mundo real, passando a apontar algo ou alguém no plano discursivo, especificando-o.

Quanto ao plano morfológico, AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade se gramaticalizaram (ou pelo menos estão em processo de gramaticalização) a partir de advérbios, uma categoria linguística que não se flexiona em português. Desse modo, não é possível falar de degeneração morfológica no que concerne a esses itens. Todavia, cabe destacar que eles migram de uma categoria mais ampla e difusa (a dos advérbios) para uma mais restrita e menos abrangente (a dos marcadores de especificidade, mais especificamente a subcategoria dos marcadores de especificidade emergentes).

6.4.1.2 Paradigmaticidade

O parâmetro da paradigmaticidade preconiza um maior grau de autonomia aos itens linguísticos participantes de paradigmas mais abrangentes, e maior grau de gramaticalidade aos participantes dos mais restritos. Em outras palavras, a tendência natural do processo de gramaticalização é a redução do tamanho do paradigma: segundo Lehmann (2002), em um cenário de gramaticalização fraca, os paradigmas tendem a ser formados por muitos membros, ao passo que, em um quadro de gramaticalização forte, a tendência é a de que a quantidade dos membros de determinado paradigma diminua. Assim, as categorias mais gramaticalizadas de uma língua normalmente constituem um paradigma formado por dois membros apenas, constituindo uma oposição binária.

No âmbito da especificação nominal, o paradigma emergente é composto por quatro marcadores – AÍ, LÁ, ALI e AQUI – com frequências de uso díspares, como foi evidenciado na análise quantitativa. Enquanto AÍ e LÁ foram os marcadores emergentes mais produtivos na amostra analisada (este com 99 ocorrências, aquele com 128), ALI e AQUI apresentaram uma distribuição discreta (16 e 05 ocorrências, respectivamente). Esse fato, a meu ver, é passível de dupla explicação: (i) ALI e

AQUI estão ainda em um processo incipiente de integração ao paradigma dos marcadores emergentes, o que poderia explicar a baixa frequência na ocorrência desses itens; (ii) mesmo estando ainda em fase de constituição e regularização, o paradigma dos marcadores pode já estar passando por um processo de **paradigmatização**, isto é, redução no tamanho do paradigma, o que o reduziria às formas AÍ e LÁ somente. De qualquer forma, parece-me ainda precipitado tecer especulações a respeito do futuro desse paradigma.

6.4.1.3 Variabilidade paradigmática

A variabilidade paradigmática diz respeito à possibilidade de, em um dado paradigma, se poder alternar entre um signo e outro(s). Ao longo de uma trajetória de gramaticalização, pode ocorrer um processo de **obrigatorificação**, mediante o qual a liberdade de escolha entre os constituintes de um paradigma é sistematicamente restringida, fazendo com que um deles se torne amplamente obrigatório nos contextos de uso daquele paradigma.

No que tange ao paradigma emergente da especificação nominal, parece-me prematuro atestar a ocorrência desse processo, uma vez que o paradigma emergente parece ainda estar em um estágio de consolidação, já que há uma distribuição desigual entre os seus membros.

6.4.2 Parâmetros sintagmáticos

6.4.2.1 Escopo estrutural

O escopo estrutural de um item gramatical é o tamanho da construção da qual ele faz parte. De acordo com Lehmann (2002), esse escopo tende a diminuir conforme a gramaticalização avança, por meio de um processo denominado **condensação**.

No caso de AÍ, LÁ, ALI e AQUI, quando atuam como advérbios, seu escopo é a própria oração. Entretanto, quando eles agem como marcadores de especificidade de SN indefinidos, seu escopo é o núcleo do sintagma ao qual eles se referem e ao qual acrescentam um traço de especificidade, o que indica que, na trajetória de gramaticalização de cada um desses itens – de advérbio a marcadores de especificidade – eles passaram pelo processo de condensação, tendo seu escopo estrutural diminuído.

6.4.2.2 Ligação

A ligação, consoante Lehmann (2002), refere-se ao grau conexão de um signo com outro com o qual mantém uma relação sintagmática. Essa conexão pode variar da simples justaposição à amalgamação. Dessarte, em um cenário de gramaticalização fraca, certo item linguístico pode ser livremente deslocado, ao passo que, em um estágio de gramaticalização forte, a ligação entre dois signos aumenta mediante um processo denominado **coalescência**.

No que concerne à gramaticalização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI como marcadores de especificidade emergentes, acredito que a ligação desses itens com o núcleo do SN aumentou se comparada com a relação que eles estabelecem quando atuam como advérbios locativos, já que esses itens tendem a normalmente seguir o núcleo do SN, revelando uma tendência de forte integração com ele, conforme pode se depreender da análise quantitativa que apresentou o seguinte resultado: 93,8% das ocorrências de AÍ, 93% das de LÁ, 87,5% das de ALI e 80% das de AQUI se dão em SN em que há essa integração.

Todavia, ainda é necessária a realização de testes prosódicos, a fim de que seja possível determinar com precisão se essa integração dos marcadores com o núcleo do SN também se verifica no âmbito fonológico, isto é, se os marcadores apresentam um acento mais fraco em relação ao núcleo do SN, o que os caracterizaria como clíticos.

6.4.2.3 Variabilidade sintagmática

A variabilidade sintagmática de um signo é a possibilidade de deslocá-lo ao longo da construção da qual ele é parte integrante. De acordo com Lehmann (2002), a variabilidade sintagmática diminui conforme a gramaticalização aumenta. Dessa forma, quanto mais gramaticalizado estiver um item linguístico, mais fixa será sua posição em uma determinada construção. Lehmann chama esse processo de **fixação**.

No que diz respeito a AÍ, LÁ, ALI e AQUI, esses itens, ao se gramaticalizarem como marcadores de especificidade, perdem a mobilidade típica dos advérbios – que podem ocorrer no início ou no fim da oração – e ganham uma posição relativamente fixa no interior do SN: após o núcleo do sintagma, nunca o contrário (cf. seção 6.5, a seguir). Tal fato corrobora o chamado **ajuste posicional**: de acordo com Lehmann (2002), conforme a variabilidade sintagmática de um item gramaticalizado diminui, sua ligação com determinada classe gramatical que passa a ser modificada gramaticalmente por ele se torna mais estreita. Além disso, conforme apresentado na seção 5.1.2, e retomado na seção anterior, ainda que, em algumas ocorrências na amostra, esses itens permitiram a existência de material interveniente entre eles e o núcleo do sintagma, a tendência é a de que eles se liguem diretamente ao substantivo.

6.5 ICONICIDADE PARADIGMÁTICA

Na trajetória de gramaticalização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI, é possível também perceber, ainda que de maneira não tão explícita como no caso dos modais emergentes estudados por Krug (2001), a diminuição de iconicidade sintagmática e o consequente aumento de iconicidade paradigmática, visto que esses itens linguísticos passam a fazer parte do grupo dos marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos, ao lado de CERTO, DETERMINADO e DADO, e perdem sua mobilidade como dêitico, passando a ter uma posição fixa no interior do

SN. Além disso, conforme a proposta que advogo nesta tese, AÍ parece ter sido o primeiro desse grupo de marcadores de especificidade de SN, os quais estariam em processo de constituição de um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal. Tal paradigma, como tem sido demonstrado na pesquisa em tela, é formado pelos itens AÍ, LÁ, ALI e AQUI e apresenta como uma de suas características mais salientes a ocorrência dos marcadores pospostos ao núcleo do SN, diferentemente dos marcadores canônicos CERTO, DETERMINADO e DADO, os quais se antepõem ao núcleo do SN (vide ocorrências a seguir).

- (37) I* Eu gostaria que ele fosse. *É assim: fosse no dia que ele quisesse sair pra algum canto+ tem **CERTOS cantos** que ele vai, me leva; tem **CERTOS Ø** que ele não vai; *Conversar com essas menina0, pelo meu gosto ele já não conversava. *Deixa ver, tem outro. *Tem muita amizade assim (tosse) com umas pessoas aí que ele + tem hora assim que eu penso que ele gosta maih daquele0 povo do que pessoalmente eu; *É como eu gostaria que ele fosse, assim do jeito que eu quisesse; mas não pode, né? (informante feminino, VALPB).
- (38) O que eu posso dizer delas é que elas são inteligenteø, muito divertidas, né? diferem um pouquinho de mim no sentido de que saem muito, né? gastam muito, (risos) (hes) Eu acho que elas curtem mais a vida que eu, mays isso também não me tráys nenhum problema, sabe? porque eu fico pensando que: que tem a vez com com com a família, com a criação, com (hes) com podeø aquisitivo, né? fazem coisas que eu não consigo fazerø ainda, ou ou porque não quero ou porque não sei bem se não quero, talvez seja mais porque não posso, porque não consigo ainda lidarø com **DETERMINADAS coisas**, mays nada que nos afaste (informante feminino, VALPB).

Assim, a estrutura sintagmática mais comum desse paradigma, conforme demonstrado na seção 5.1.1, é a seguinte:

artigo indefinido + N + marcador de especificidade

A seguir, apresento amostras exemplares dessa estrutura.

- (39) E* Como você gostaria que Rosildo fosse?
I* Como eu gostaria?
E* Sim.
I* Eu gostaria que ele fosse. *É assim: fosse no dia que ele quisesse sair pra algum canto+ tem certos cantos que ele vai, me leva; tem certos que ele não vai;

- *Conversar com essas menina0, pelo meu gosto ele já não conversava. *Deixa ver, tem outro. *Tem muita amizade assim (tosse) com **umas pessoas AÍ** que ele + tem hora assim que eu penso que ele gosta maih daquele0 povo do que pessoalmente eu; *É como eu gostaria que ele fosse, assim do jeito que eu quisesse; mas não pode, né? (informante feminino, VALB).
- (40) I: enrolou ... disse ... inventou **uma mentira LÁ** que ... parece que ... inventou **uma mentira LÁ** que ... o velho lá que morava vizinho lá tinha levado o gato pra passear num canto ali né ... aí ... aí por enquanto acreditaram né ... mas também foi durante o dia ... mas quando foi à noite né ... foi perguntar de novo pelo gato né ... ele num sabia mais o que dizer né ... aí tava na sala reunido depois da janta ... na sala de estar ... aí chegou ... o gato apareceu na janela ... todo sujo ... sujo de óleo e assim meio caído ... (informante masculino, D&G Natal).
- (41) 033 F2 então você compra a senha...
 034 F1 não...
 035 F3 eu estou apenas...
 036 F2 não...
 037 é...
 038 tem...
 039 aquele dinheiro ali já está ocupado...
 040 F3 com quê?
 041 F1 vou pagar **um negócio ALI...**
 042 F3 que negócio?
 043 F1 **um negócio ALI...**
 044 F3 esse povo tem uns negócios escondidos...
 045 F4 eu vou ali...
 046 ali aonde?...
 047 ali...
 048 F1 vou pagar ali um negócio...
 049 oito...
 050 oito reais e...
 051 F4 eca...
 052 está querendo pegar meu dedo aqui... (informante feminino, Banco Conversacional de Natal).
- (42) aí num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... um bocado de música aí que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura ... tá por aí jogado em algum lugar ... eu ia tocar ... eu tentei tocar Garota de Ipanema um dia desse ... mas acontece que a música começa num acorde na mão direita e na mão esquerda ... e a mão esquerda você faz acorde pra o ritmo ... e a mão direita você faz o solo ... acontece que o solo era feito em acordes também ... aí eu me atrapalhava ... queria fazer **um acorde AQUI** ... e tinha que ser o mesmo na mão direita ... falta de coordenação né ... aí nesse ... aí eu tô treinando ... bastante pra poder ... pra poder tocar essa música num recital ... mas pra tocar teclado num tem muita manha não ... é só ... num é difí/ num é trabalhoso ... mas só porque é difícil mas num é trabalhoso ... é:: se você tiver muita paciência e ouvido como eu disse antes ... (informante masculino, D&G Natal).

Uma outra característica do paradigma em questão é a de que, em alguns casos, os marcadores admitem a existência de material interveniente (adjetivo, locução adjetiva, pronome) entre esse itens e o núcleo do SN, conforme discutido na seção 5.1.2, sem, no entanto, deixarem de se referir ao núcleo do sintagma. Essa estrutura é representada pelos dados a seguir.

- (43) dessa última escala estamos chegando em Porto Alegre ... e eu senti uma alegria tão grande ... um ... um ... uma ... era como se eu retornasse a uma terra que eu nunca encon/ que eu nunca tinha deixado de estar lá ... porque ... eu num sei se eu já te falei ... Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) **um fenômeno paranormal AÍ** que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ... mas eu me sentia como que ... chegando em Areia Branca ... minha cidade do ... na/ natal né ... (informante masculino, D&G Natal).
- (44) I: é ... mas ninguém sabia ... né ... aí ele ficou contente e tudo mais ... aí chegou e disse ... tem uma pessoa que pode me ajudar e tudo mais porque no um ... ele só volta através de uma tempestade ... que justamente é nesse dia ... que tá chovendo ... que há tempestades de raios e tudo mais ... com trovões e raios ... então ... ele:: no um ele só consegue voltar para mil novecentos e oitenta e cinco por causa desse raio ... porque eles sabiam que ia cair um raio na torre da igreja ... então eles fizeram uma canalização com ... com **uma ligação elétrica LÁ** ... né ... um fio que ligava no carro né ... que dava justamente para chegar na hora h ... aí o carro tinha que tocar aquele fio ... aí quando tocasse ... aí por causa do raio ... né ... a potência do raio ... levaria o carro para o futuro ... né ... (informante masculino, D&G Natal).
- (45) minha mãe ... não gosta ... quando uma pessoa diz ... eu fiquei ... eu fiquei com fulano ... fiquei com sicrano ... sei o que ... mãe num gosta ... minha mãe tem ódio desse nome ficar ... aí é como que a pessoa vai dizer ... eu num ... eu num sei ... eu acho por exemplo ... aí eu num sabia nem o que dizer ... eu tinha que dizer “eu fiquei com fulano ... a na festa” ... mas não ... mãe não gosta disso ... aí eu ... tem gente como ... tá certo que tem ... tem muitas pessoa como ... **uma amiga minha ALI** que ela disse que não gosta de ficar ... ela disse que nunca vai ficar ... mas ... eu ... eu di/ eu também dizia isso ... que eu nunca ia ficar ... aí sempre quando eu vou numa festinha ... tem vez que eu fico ... mas é muito difícil ... só quando aparece um ... que eu queira ficar ... aí eu quando num quero ... não ... eu digo não meu filho ... eu num quero não ... como uma festa também ... aquela festa ... de Pirangi num foi? aquela festa ali do Pirangi ... a festa de Pirangi ... um chamou pra dançar ... fui dançar com ele duas música ... ele queria ficar comigo eu disse ... não ... eu não quis ficar com ele ... aí já na festa aqui eu fiquei com um ... aí pronto ... aí só fiquei com ele ... (informante feminino, D&G Natal).
- (46) E* Você conhece alguém que fala diferente de você?
I* Tenho, tenho sim. Pur ixemplo: **tem uma uma conhicida minha AQUI**, pur sinal ela tava aqui, ela num sabe falar direito. Ela num sabe chamar você, num sabe chamar Jorge direito, falta uma letra pra ela dizer a palavra certa. Então eu cunheço (informante feminino, VALPB).

Concluído o aspecto qualitativo da análise, resta-me agora apresentar as considerações finais acerca do tema sob enfoque. Isso será feito a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

UMAS CONSIDERAÇÕES AÍ E LÁ

Após o percurso percorrido, entre emergência e gramaticalização, é o momento de tecer mais algumas considerações a respeito de AÍ, LÁ, ALI e AQUI. Em primeiro lugar, volto ao objetivo geral deste trabalho, qual seja mostrar, com base em propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, que AQUI, AÍ, ALI e LÁ integram, no português brasileiro, um paradigma emergente – de constituição recente e ainda em andamento – de formas indicadoras de especificidade em sintagmas nominais indefinidos. Considero que tal objetivo foi alcançado satisfatoriamente, conforme será comentado a seguir, em uma síntese de cada um dos capítulos que compõem esta tese. Na sequência, apresento sugestões de propostas para estudos futuros envolvendo AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade de SN indefinidos, bem como os outros elementos constituintes do domínio funcional da especificação nominal.

No primeiro capítulo, tratei de apresentar o fenômeno da especificação nominal, especialmente do papel de AÍ, LÁ, ALI e AQUI como marcadores de especificidade, abordando conceitos como definitude, indefinitude e especificidade, e também discorri sobre as implicaturas conversacionais que podem estar presentes nos contextos de uso desses itens.

No segundo capítulo, fiz um breve retrospecto de estudos anteriores acerca da gramaticalização de AÍ na função que, nesta pesquisa, denomino como marcador de especificidade de sintagmas nominais indefinidos. Comentei também alguns trabalhos a respeito de LÁ em função semelhante, além de relatar algumas pesquisas que versavam sobre AÍ, LÁ, ALI e AQUI atuando no interior do sintagma nominal, sempre procurando destacar as principais contribuições desses estudos para a investigação dos itens linguísticos em tela.

Expus, no terceiro capítulo, os principais postulados teóricos do funcionalismo norte-americano, e de outras propostas teóricas correlatas, que me serviram de

base para o desenvolvimento desta pesquisa, especialmente os que se relacionam ao processo de mudança linguística via gramaticalização.

No quarto capítulo, por sua vez, descrevi o *corpus* consultado para a realização da pesquisa e os procedimentos de coleta de dados. Além disso, elenquei os fatores morfossintáticos e semântico-pragmáticos considerados na análise quantitativa, bem como relatei os demais passos seguidos na execução deste trabalho.

O quinto capítulo foi o da análise dos dados, em que avaliei quantitativa e qualitativamente as ocorrências de AÍ, LÁ, ALI e AQUI recolhidas no *corpus* pesquisado, relacionando-as com os fatores elencados, pertinentes aos contextos de uso dos marcadores.

Finalmente, no sexto capítulo, tratei da trajetória de gramaticalização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade com base nos pressupostos delineados no referencial teórico, especialmente a proposta da gramática emergente, os princípios de gramaticalização; os mecanismos de gramaticalização; os parâmetros de gramaticalização e a questão da iconicidade paradigmática.

Ao término da análise realizada, foi possível concluir que:

AÍ, LÁ, ALI e AQUI atuam como as camadas mais recentes que emergiram/estão em processo de emergência no domínio funcional da especificação nominal no português brasileiro, constituindo um novo paradigma nesse domínio, no qual os marcadores se pospõem ao núcleo do SN, ao contrário de outros itens como CERTO e DETERMINADO, que se antepõem a ele. Assim, a estrutura paradigmática mais comum dos marcadores emergentes seria a seguinte: **artigo + N + marcador de especificidade**. A função desses itens é acrescentar um traço de especificidade a um SN ao qual se adjungem.

Devido a sua diversidade de contextos de uso, e também pela sua distribuição geral na amostra analisada, AÍ parece ter sido o primeiro desse grupo de *marcadores de especificidade de SN emergentes* e é o que aparenta estar mais gramaticalizado. Inclusive, esse marcador já aparece em textos escritos que procuram reproduzir a fala coloquial. O segundo marcador mais gramaticalizado seria LÁ, que também apresentou uma distribuição expressiva em quase todos os contextos em que AÍ ocorreu. Quanto a ALI e AQUI, parece que esses itens estão

ainda em um processo inicial de emergência, com uma distribuição pouco significativa e em contextos de uso mais prototípicos. Dessa guisa, sua presença no domínio funcional da especificação nominal ainda não parece haver sido consolidada.

No que tange à trajetória de gramaticalização dos marcadores emergentes, e considerando as categorias propostas por Heine *et al.* (1991a/b), acredito que eles tenham migrado da categoria ESPAÇO (advérbio de lugar) para a categoria QUALIDADE (marcador de especificidade), sem necessariamente haverem passado por outras categorias intermediárias.

Os marcadores emergentes tendem a aparecer, pelo menos na amostra analisada, predominantemente em SN com as funções sintáticas de objeto direto e absoluto, o que pode ser tomado como indício de que o uso de AÍ, LÁ, ALI e AQUI como marcadores de especificidade deriva do uso dos dêiticos AÍ, LÁ, ALI e AQUI em construções fontes usadas nos papéis de objeto direto e de absoluto.

Considerando a atuação dos marcadores emergentes no interior do sintagma nominal, os dados sugerem que eles constituem uma categoria intermediária entre clítico e modificador que, na falta de designação mais precisa, chamei de **partícula**. Esses itens, embora atuem no nível sintagmático, relacionando-se ao núcleo do SN, admitem, em alguns casos, material interveniente entre si e o nome nuclear do sintagma. Além disso, não aparentam estar presos fonologicamente ao substantivo, sendo, a princípio, tônicos.

Os marcadores de especificidade tendem a aparecer em SN de *status* informacional *novo*, já que referentes *novos* no discurso geralmente são introduzidos por SN indefinidos. Entretanto, acredito que, conforme discutido na seção 5.1.5, quanto mais gramaticalizado estiver o marcador, mais sua presença será possível em SN com *status* informacionais outros que não o *novo*.

As implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso dos marcadores de especificidade emergentes podem ser diferentes em cada ocorrência. Todavia, as mais frequentes foram as seguintes: *o falante conhece alguma informação mais detalhada sobre o referente do SN ou até mesmo sua identidade; essa informação é apresentada como não sendo necessária para fins da*

conversação corrente; o referente do SN é pouco importante ou até mesmo insignificante para os propósitos da comunicação.

UMAS PERSPECTIVAS DE PESQUISAS FUTURAS ALI E AQUI

A pesquisa aqui realizada pode servir como ponto de partida para outros estudos, como, por exemplo, um estudo mais amplo do domínio funcional da especificação nominal no português brasileiro, incluindo tanto as formas emergentes – AÍ, LÁ, ALI e AQUI – quanto as formas canônicas – CERTO, DETERMINADO, ESPECÍFICO e DADO etc., a fim de verificar suas similaridades e diferenças no que concerne às propriedades morfosintáticas e semântico-pragmáticas, incluindo o tipo de implicaturas conversacionais presentes em seus contextos de uso.

Também pode ser realizada a análise da distribuição dos marcadores emergentes com relação a fatores linguístico-discursivos não contemplados nesta pesquisa, como: sequência textual na qual o SN está inserido e tempo verbal da oração na qual se encontra o SN especificado por AÍ, LÁ, ALI e AQUI. A análise desses fatores poderia revelar se determinada sequência textual motivaria o uso dos marcadores de forma mais frequente do que as outras e se há influência do tempo verbal, e também de seu papel semântico, na escolha do marcador de especificidade, o que poderia revelar uma possível especialização de uso de um ou mais desses itens.

Outra possibilidade de estudo diz respeito à percepção que os falantes dispõem dessas formas, mediante a aplicação de questionários e/ou testes de atitude. Tal procedimento visa a verificar a valoração – positiva, negativa ou neutra – que os usuários da língua atribuem aos marcadores emergentes, além de verificar, por exemplo, em quais contextos os falantes admitiriam o uso de um marcador emergente no lugar de um marcador canônico, ou se os marcadores são intercambiáveis entre si. Nessa pesquisa também poderiam ser controlados os fatores sociais (gênero, escolaridade e idade), a fim de averiguar sua possível influência sobre os usos de AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade.

Acredito que também seja possível realizar um estudo prosódico dos sintagmas nominais que contêm os marcadores emergentes, para determinar com

acurácia o tipo de acento que os marcadores apresentam, em comparação com os outros elementos do sintagma, e verificar o grau de ligação deles com o substantivo que especificam. Esse estudo poderá ser realizado, por exemplo, utilizando-se dados do Banco de Dados FALA-Natal,⁴⁹ ainda em processo de constituição, uma vez que os arquivos de áudio das entrevistas orais que o compõem devem ser disponibilizados, via Internet, à comunidade acadêmica.

Finalizando o percurso sem, contudo, concluir a jornada, reitero que ainda é possível dizer mais **umas coisas AÍ, LÁ, ALI e AQUI** a respeito desses itens linguísticos em uma próxima viagem...

⁴⁹ O Banco de Dados da Fala de Natal (FALA-Natal) contará com 48 entrevistas sociolinguísticas de cerca de 60 minutos de duração cada, feitas com informantes natalenses estratificados homogeneamente quanto ao sexo, a idade e o nível de escolaridade (cf. FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012).

REFERÊNCIAS

ABBOTT, B. Definiteness and indefiniteness. In: HORN, L. R.; WARD, G. (Ed.). **The handbook of pragmatics**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 122-149.

AUER, P.; PFÄNDER, S. Constructions: emergent or emerging? In: AUER, P.; PFÄNDER, S. (Ed.). **Constructions emerging and emergent**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 1-21.

BATORÉO, Hanna. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRAGA, M. L. E aí se passaram 19 anos. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2003. p. 159-174.

_____; PAIVA, M. C. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.) **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 206-212.

BYBEE, J. L. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C. N. (Ed.). **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 27-55.

CONFESSOR, F. W. Aí especificador de SN indefinidos: fatores linguísticos e sociais. In: LINS, J. N.; BEZERRA, R. A.; NEGREIRO, C. A. de (Org.). **Linguagem e discussões culturais**. v. 1. Olinda: Livro Rápido, 2006. p. 115-126.

_____. *Status* informacional de SN Indefinidos acrescidos de Aí especificador: um estudo funcionalista. **Interdisciplinar**: Revista de estudos de língua e literatura, Itabaiana, v. 04, p. 84-93, 2007.

_____. **Aí marcador de especificidade de SN indefinidos**: um estudo funcionalista com implicações para o ensino. 100 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008a.

_____. Por um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal. In: SEMANA DE HUMANIDADES, 16., 20 a 24 de outubro, Natal/RN, 2008b.

DU BOIS, J. W. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In: CHAFE, W. L. (Ed.). **The Pear Stories**: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production. Norwood, NJ: Ablex, 1980.

DUTRA, R. **O falante gramático**: introdução à prática de estudo e ensino do português. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ENÇ, M. The semantics of specificity. **Linguistic Inquiry**, v. 22, n. 1, p. 1-25, 1991.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Corpus Discurso & Gramática**: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. (Org.). **Banco conversacional de Natal**. Natal: EDUFRN, 2010. [CD-Rom].

_____; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____; TAVARES, M. A. (Org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

_____. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. I e II. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

_____. **English grammar**: a function-based introduction. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. The functional approach to grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.) **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 41-66.

_____. **Syntax**. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GÖRSKI, E. M. Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais. 1985. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

GRICE, H. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. v. 4. Campinas: UNICAMP, 1982.

GÜNTNER, S. Between emergence and sedimentation: projecting constructions in German interactions. In: AUER, P.; PFÄNDER, S. (Ed.). **Constructions emerging and emergent**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 156-185.

HASPELMATH, M. **Indefinite pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (Ed.) **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 624-647.

_____; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991a.

_____; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar: evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, 1991b. p. 149-188.

_____; KUTEVA, T. **The genesis of Grammar**: a reconstruction. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HEYVAERT, L. **A Cognitive-Functional Approach to Nominalization in English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

HINTIKKA, J. The semantics of *A certain*. **Linguistic Inquiry**, 17, p. 331-336, 1986.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistic Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

_____. On some principles of grammaticization. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.) **Approaches to grammaticalization**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

_____. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.) **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum. 1998. p. 155-175.

_____. Emergent serialization in English: pragmatics and typology. In: GOOD, Jeff. (Ed.) **Language universals and language change**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 253-84.

_____. Emergent Grammar and Temporality in Interactional Linguistics. In: AUER, P.; PFÄNDER, S. (Ed.). **Constructions emerging and emergent**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011, p. 22-44.

_____; TRAUOGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HORA, D. (Coord.). **Projeto variação linguística no estado da Paraíba**. João Pessoa: Ideia, 2005. [CD-Rom].

HOUAISS, A. (Coord.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRUG, M. G. Frequency, iconicity, categorization: Evidence from emerging modals. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. J. (Ed.) **Frequency and the emergency of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 309-335.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEHMANN, C. Grammaticalization and related changes in contemporary German. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.) **Approaches to grammaticalization**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 493-535.

_____. **Thoughts on grammaticalization**. 2nd ed. Erfurt: Universität Erfurt, 2002.

LEVINSON, S. C. Conversational implicature. In: **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 97-166.

LIMA, L. C. de O. Amostras da língua em uso. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Banco conversacional de Natal**. Natal: EDUFRN, 2010. [CD-Rom].

LYONS, C. **Definiteness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MARTELOTTA, M. E. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

_____; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Linguística funcional**: teoria e prática. RJ: DP&A, 2003. p. 17-28.

_____; RÊGO, L. M. R. Gramaticalização de lá. In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, S.J.; CEZÁRIO, M.M. **Gramaticalização no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 237-250.

_____; RÊGO, L. M. R. Gramaticalização de lá. Impresso, 1998.

MEDEIROS, Martha. Vasco. In: _____. **Tudo o que eu queria te dizer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 97-101.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. Rio de Janeiro: Contexto, 2003.

MURO, A. A. La expresión del consenso en dos marcadores venezolanos. **Oralia**, n. 5, 2001. p.7-28.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EDUNESP, 2000.

OLIVEIRA, M. R. de; AGUIAR, M. T. de. A trajetória de gramaticalização *advérbio > clítico* no uso dos pronomes *aí, ali, aqui e lá*. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. (Org.). **Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências**. v. 1. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009, p. 142-152.

PAULA, V. B. de. **Usos do *aí***: polissemia e gramaticalização em entrevistas orais e escritas. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

PAYNE, T. **Describing morphosyntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PEREIRA, B. K. A posição de 'lá' na projeção nominal contribuições para o mapeamento da estrutura funcional. **SOLETRAS**, São Gonçalo, n. 17, 2009.

_____. Do VP (dêixis) ao DP (especificidade): a sintaxe de 'lá' pós-nominal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., Curitiba, 2011. **Anais...** Curitiba: Abralín, 2011.

PINTZUK, S. Variationist approaches to syntactic change. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. (Ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 509-528.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.) **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

_____. The ZPG Letter: Subjects, Definiteness and Information Status. In: THOMPSON, Sandra; MANN, William (Ed.). **Discourse Description: Diverse Analyses of a Fundraising Text**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 295-325.

STEINBECK, J. **As vinhas da ira**. Tradução Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de *aí, daí, então* e *e* como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

_____. Um especificador *aí*. **D.E.L.T.A.**, n. 17, v. 2, p. 209-235, 2001.

_____. **A gramaticalização de e, aí, daí e então:** estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

_____. Um elemento *Aí* que pode ser encontrado no *Corpus* Discurso & Gramática. **Anais do X Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática.** Natal: EDUFRN, 2006. CD-Rom.

_____; GÖRSKI, E. Sociofuncionalismo: da teoria à prática pedagógica. In: SILVA, C. R.; HORA, D.; CHRISTIANO, M. E. A. (Orgs.) **Linguística e práticas pedagógicas.** Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 127-148.

_____; CONFESSOR, F. W. *Aí* especificador na fala, na escrita e na escola. **Odisseia,** Natal, 2007.

THOMPSON, Sandra. O discurso e a gramática. Entrevista de Rosália Dutra. **D.E.L.T.A.,** v. 9, n. 2, p. 217-236, 1993.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística.** 2. ed. Traduzido por: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, L. C.; ROCHA, M. A. de F.; ARRUDA-FERNANDES, V. M. B. **A aventura da linguagem.** 8º ano. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e Mudança no Português Falado na Região Sul.** Pelotas: EDUCAT, 2002.